

Vidas Trocadas

COMO ENCARAR O SEU
FUTURO QUANDO O SEU
PASSADO É UMA MENTIRA?

KATIE DALE

Benvirá



KATIE DALE

*Trocas
de Vidas*

Tradução
Cleci Leão

Benvirá

Para meus pais maravilhosos. MUITÍSSIMO obrigada por tudo.

E para todos aqueles cuja vida foi tocada pela sombra da doença de Huntington. Sua coragem e força são dignificantes e verdadeiramente inspiradoras.

Que a cura possa ser encontrada em breve.

Prólogo

— Isso está te deixando excitada? — Josh sussurra no escuro, respirando tão perto que me faz cócegas no ouvido.

— Shhh — eu o censuro, com os olhos grudados na tela enquanto Patrick Swayze e Demi Moore estão sentados diante do torno de cerâmica, deslizando as mãos sobrepostas no barro escorregadio. — É tão romântico...

— E muito sugestivo... — diz ele, fazendo descer um arrepio delicioso e eletrizante pelas minhas costas ao me tocar no escuro: algo secreto e sensual.

É essa a sensação?

Meus olhos estão fixos na tela enquanto o beijo dos dois amantes vai se tornando mais intenso, profundo, a cerâmica vai sendo esquecida, e o meu corpo, todo arrepiado, chega a formigar quando a pele de Josh se cola à minha.

Mordo o lábio. *Era isso que eu vinha esperando?*

Fico ali assistindo, enquanto os amantes se encontram pela última vez nesta vida — seu amor real e apaixonado, e sofregamente visível.

É isso que sentimos? Amor verdadeiro?

Olho para Josh.

Um amor que vai durar para sempre, aconteça o que acontecer...?

Ele sorri, com os olhos castanhos e profundos brilhando no escuro, e segura suavemente meu rosto com as mãos.

— Meu Deus, como eu te amo! — sussurra, com os olhos mergulhados nos meus.

Contemplo-o. Meu coração bate loucamente contra o peito. Ele nunca havia dito isso antes. Nem eu.

É isso...

— Também te amo — digo, com um sorriso estampado no rosto, sentindo o coração na boca até me soltar nos seus braços, trazendo-o para mais perto do que jamais estivemos.

Realmente, é isso...

PARTE I

“O que há num nome?
Aquilo que chamamos de rosa,
sob qualquer outra designação,
teria o mesmo perfume.”

William Shakespeare, *Romeu e Julieta*.

Capítulo um

Raios de sol dançam sobre os cachos morenos da menininha enquanto ela arrisca passos desajeitados pela grama seca. Suas bochechas rosadas fazem covinhas quando ela abre um sorriso. Os olhos verdes cintilam enquanto ela avança os dedinhos em direção à câmera.

De repente, ela tropeça.

A imagem imediatamente sofre um solavanco, focando agora a grama, e continua num ângulo distorcido, mostrando uma mulher de cabelos castanhos correndo até a criança. Mas a pequenina não está chorando. A cena é inundada de risadinhas abafadas enquanto a mãe recolhe a menina, exibindo no belo rosto uma feição cheia de ternura ao dar à filha um abraço apertado, protetor, tão firme que faz parecer que ela jamais a soltará.

Tudo começa a ficar confuso...

Aperto um botão do controle remoto, e as cenas começam a pular, até que a sala fica toda escura. Paro os olhos na tela vazia. É estranho assistir a sua própria vida na TV, como se fosse um filme. Parece que em algum lugar, num mundo maravilhoso, aqueles momentos ficaram presos, guardados, para que pudessem mais uma vez ser contemplados. Fico imaginando se o paraíso será assim — se ali você tem a chance de escolher os melhores momentos da sua vida e revivê-los repetidamente. Espero que sim.

O mundo lá fora já parece diferente. Um deserto todo branco — a primeira noite de Natal com neve em Sussex em vários anos. A neve esconde todas as coisas, reluzindo sobre todas as protuberâncias, depressões e tufo, transformando tudo em uma superfície lisa e suave. Como a elegante cobertura de pasta americana dos bolos natalinos. E, no entanto, tudo ainda está lá embaixo. O cascalho sujo que sibila e salta sob as rodas do carro, as pedras chanfradas do jardim, o caminho lamacento onde nada floresce — ainda permanecem todos ali, adormecidos, por trás da máscara de neve.

Assim como a minha mãe.

Nada mudara *por dentro*, diziam os médicos. Ela ainda conseguia compreender o que dizíamos; somente não podia responder como antes. Não podia mais me abraçar e dizer que tudo ficaria bem, como sempre fizera. E eu precisava que ela dissesse. Porque não estava tudo bem.

Puxo o cobertor mais para perto, mas não faz diferença. Já estou vestindo três casacos. Desde que mamãe adoeceu, estou sempre sentindo frio ou calor

— não consigo explicar. Ontem foi um dos dias em que senti calor, embora tenha nevado praticamente sem parar. As pessoas olhavam para mim como se eu fosse louca, no cemitério coberto de neve, ali sobre o salto alto das sandálias *stiletto* que eram da minha mãe e usando meu vestido de veludo vermelho em meio ao mar de desaprovações sussurradas como se fossem sopros de fumaça dissipados no ar gelado. Mas eu não ligava: as pessoas podiam tagarelar quanto quisessem. Ela era a *minha* mãe, e o vestido era a roupa que ela mais gostava de ver em mim. Ela me chamava de Rose Red.*

Os sapatos também eram seus favoritos — lembro-me dela dançando com eles no casamento da prima Lucy. Eu tinha uns quatro ou cinco anos na época, e me escondia atrás da mesa do bufê, em protesto contra o vestidinho fúcsia-merengue que me obrigaram a usar como dama de honra. Mas quando mamãe começou a dançar, eu esqueci toda a história. Engatinhei para fora do esconderijo e fiquei ali paralisada, olhando para ela. Meu Deus do céu, como ela era charmosa! Todos pararam para vê-la girar e rodopiar, deslizando pelo salão, com aqueles saltos estalando como castanholas.

Parou quando acabou a música, sem fôlego e ligeiramente tonta, e olhou à volta como se não tivesse muita certeza de onde estava. Então, alguém começou a aplaudir. Com as bochechas vermelhas de constrangimento, ela passou as mãos nos cabelos e me içou do chão num abraço apertado, os olhos marejados e brilhantes. Só mais tarde fui descobrir que aquela tinha sido a primeira música que ela e papai haviam dançado no casamento deles.

As sandálias *stiletto* foram um dos primeiros sinais de desolação do diagnóstico. Lembro-me de ouvir minha mãe chorando em seu quarto um dia e de, ao entrar, vê-la sentada na cama, colocando os saltos em uma caixa prateada revestida por um lindo papel cor-de-rosa, como se fosse um caixão. Os médicos disseram que usar salto alto seria simplesmente pedir para sofrer um acidente, e isso, como tudo o mais, era algo que ela não precisava naquele momento. Eu a vi beijar cada uma das sandálias antes de fechar a caixa cuidadosamente e amarrá-la com uma fita azul. O primeiro de muitos sacrifícios da doença de Huntington.

Mas isso já faz muito tempo. Aquela mãe morreu depois que seu coração parou de bater na última quinta-feira. A mãe de verdade. E a maneira como vou me lembrar dela é dando vida àquelas sandálias preciosas, girando e rodopiando para longe daquilo que seu coração carregava. E não deitada ali, sozinha, pequena, frágil e vazia, em uma cama de hospital.

O som agudo do telefone me assusta. Começo a contar cada toque — um,

dois, três —, e entra a secretária eletrônica.

— Alô! — cantarolando, surge a voz de minha mãe, e meu coração dispara. — Você ligou para a casa das Kenning. Trudie e Rosie estão fora no momento, mas se quiser deixar uma mensagem, já sabe o que fazer!

Engulo em seco, triste. Tia Sarah já tinha insistido comigo para trocar a mensagem, e eu sei que deveria fazê-lo, mas não consigo pensar em apagar a voz dela. Ela parece tão feliz, tão viva!

A pessoa do outro lado da linha limpa a garganta com certa insegurança. Aquilo era um traço familiar, apesar de ter ficado algum tempo sem ouvi-lo. Meu olhar voa para o telefone.

— Hum, oi, Rosie? É o Andy. Já faz um... bem, um tempão, hein? — Pausa desconcertada. — Olha, eu... sinto muito pela sua mãe, deve estar sendo... — outra pausa. — Merda. Olha, eu realmente gostaria de te ver. Me liga, tá? Sem pressa. Como amigos. Tá? Você sabe que estou por aqui se... bom, você sabe onde me encontrar. Tchau.

Nossa! Andy! Ele está certo, já faz um tempão.

— Você sabe que deveria ligar pra ele.

Ao me virar, vejo tia Sarah à porta. Já é aquela hora do dia? Sarah trabalha longas horas no hospital local, o que não a impede de verificar se estou bem sempre que pode — para checar se ainda não cortei os pulsos ou queimei a casa toda, ou algo do gênero.

Encolho os ombros.

— Talvez. — *Não*, repenso, *não, não, não*.

— E por que não? — Ela se recosta no batente da porta de uma forma inquisitória.

— Eu não disse *não*, disse *talvez* — protesto.

— É a mesma coisa — retruca. — Eu te conheço.

Verdade, ela me conhece. Acompanhou a minha vida inteira — literalmente. Eu era a última esperança que minha mãe tinha de ter um filho, aos quarenta e dois anos de idade — o bebê miraculoso —, e Sarah é que fizera o meu parto naquela noite. A noite em que meu pai jamais voltou.

Ela não é minha tia de verdade, e nem sequer temos algum grau de parentesco, mas era a melhor amiga de mamãe e nossa vizinha mais próxima, além de ter estado conosco em todos os eventos importantes de nossa vida. Nosso anjo da guarda — mais nova que mamãe, porém mais velha e mais sábia do que eu: fato que nunca me permitiram esquecer.

— Sério, Rosie, você deveria sair, ver gente, aproveitar a neve! Deus sabe

que não vai durar muito.

— Estou bem — respondo.

— Eu sei que você está bem, querida... Mas seria bom para você, sabe?

Detesto quando as pessoas me dizem o que seria bom para mim: “Tome uma boa xícara de chá, você vai se sentir melhor. Vai, Rosie, chora bastante, é bom chorar!”. Ah é, porque isso vai trazer minha mãe de volta.

Levanto e vou até o aparelho de som.

— Olha, Rosie, não é fácil para nenhum de nós, sabia? — Sarah suspira, passando a mão no rabo de cavalo maltratado. — Mas você não deveria se retrair desse jeito; é véspera de Natal. Você deveria estar rodeada de gente... da família. Eu sei que você vai para a casa da sua vovó amanhã e que ela adoraria que você ficasse lá com ela, e não apenas para as festas.

Pulo de estação em estação no rádio.

— Rosie...

Consigo ver o reflexo de Sarah na cristaleira. Ela parece cansada, esgotada — e envelhecida. Sarah nunca tinha sido velha. Mas não me importo. Como ela podia ser igual a todos os outros? Paternalista e cheia de clichês, me dizendo o que fazer? Aumento o volume até deixá-lo bem alto, e um coro entoia forte a canção “Joy to the world”.

— Rosie! — Ela protesta contra o barulho. — Rosie, abaixa o volume!

— É, também não gosto desta! — grito de volta. — Que tal esta? — “Rockin’ around the Christmas Tree” substitui então o canto do coral. Aumento ainda mais o volume. “*Have a happy ho-o-liday!*”

— Rosie! Abaixa o volume!

— O quê? — berro para ela, com as mãos tapando os ouvidos. Talvez agora ela entenda como eu me sinto.

— Rosalind Kenning, trate de me escutar! — Sarah grita, e eu desligo o rádio imediatamente, enquanto sua voz ecoa no silêncio repentino. Eu me viro. Ela está vermelha e sem fôlego, e a luz do hall de entrada brilha por detrás de seu cabelo todo frisado, como se formasse um anel frenético ao redor de sua cabeça.

— Tomei uma decisão — digo com calma, racionalmente. — Preciso saber. — Respiro fundo. — Preciso saber se tenho a doença de Huntington.

Pronto. Disse de uma vez.

As bochechas de Sarah perderam a cor.

— Rosie...

— Estou decidida — digo, engolindo seco. — Não consigo ficar assim

como estou, sem saber. Preciso saber se vou ter isso também, se eu vou... — As palavras estavam grudadas na minha garganta. — Preciso saber a verdade.

— Rosie. — Sarah engasga, chegando mais perto. — Você tem que pensar melhor sobre isso, dê mais um tempo...

— Já pensei. — Dou uma volta ao redor dela. — Você acha que não pensei?

— Olha, eu sei que, com a perda da sua mãe, tudo parece estranho e assustador...

— Você não sabe de nada! — berro com ela, já com as pernas trêmulas. Nunca havia gritado com Sarah, nunca levantei a voz, nunca... mas de repente todos aqueles sentimentos que tinham ficado ali presos por mais tempo do que deviam agora transbordavam em uma total confusão. — Você *não* sabe. — Balanço a cabeça. — Você não sabe... você não pode... — Desvio o olhar.

Sarah suspira.

— O que eu estou dizendo é que é muito cedo para fazer escolhas como essa, submeter-se ao teste.

— Muito *cedo*? Quando você *quer* que eu descubra? Quando eu também tiver filhos? Não sou mais criança, Sarah. Tenho quase dezoito anos!

— Eu sei, Rosie, mas estamos falando de uma decisão que vai mudar sua vida. Não existe cura, e, depois que você descobre, não tem como voltar atrás.

— Eu já não tenho como voltar, de qualquer forma! — Engasgo nas palavras. — E não, na verdade: não é uma decisão que vai mudar minha vida, porque nada *realmente* muda, não é? Já está decidido se eu vou viver ou morrer. Eu só gostaria de poder saber qual dos dois me espera, pode ser?

Sarah parecia vencida, desesperançosa.

— Que tipo de vida eu posso ter, se não for esta? — pergunto calmamente. — Se não souber? Se não souber se um dia *vou* acabar como...

— Você não vai.

— Sarah, é genético — suspiro. — É cara ou coroa.

— Não. — Ela abraça meus ombros com suavidade, olhando-me com tristeza. — Rosie, querida, você não tem a doença de Huntington. Você não precisa fazer o teste.

— Não estou te pedindo permissão, Sarah — respondo, tranquila. — Tenho uma consulta na clínica quarta-feira, e...

— Não — ela diz. — Você não está entendendo. — Ela respira fundo. — Rosie, você não tem a doença.

— Sarah — digo com gentileza, como se estivesse falando com uma criança. — Tenho cinquenta por cento de chance de ter, é um fator genético.

— Pois é isso que eu quero dizer — Sarah diz lentamente, sem olhar para mim. — Não há chance.

— Eu... — pisco os olhos — não estou entendendo...

— Rosie... — ela suspira, esfrega as mãos sobre as pálpebras. — Ah, meu Deus!

Eu fico imóvel, nem mesmo ousando respirar.

— Rosie, você não tem Huntington, não existe a possibilidade, porque... — Faz uma pausa desesperada. Engole em seco. Respira. — Porque Trudie não era sua mãe.

Seus olhos encontram os meus, que eu imediatamente desvio.

Há uma mancha vermelha no carpete, perto da porta, onde mamãe havia derrubado vinho tinto quando estava servindo numa noite de Ano-Novo. Ela disse que estava um pouco bêbada, mas eu sabia que ela não tinha bebido uma gota naquele dia.

Agora aquilo parecia sangue.

— Rosie, eu queria te contar isso há muito tempo, principalmente quando Trudie vinha piorando a cada dia. Queria te deixar mais tranquila, te dar um motivo a menos para se preocupar, e porque você merecia... e *merece*... saber. Mas não podia fazer isso enquanto ela estava viva, você entende? Você era tudo para ela.

Começo a repuxar meu suéter. De novo está ficando quente. Insuportavelmente quente.

— Ah, meu Deus, isso é terrível, mil desculpas, minha querida. Não era assim que eu queria te contar, de maneira alguma. Mas se você fizer esse teste, pode ser que eles comparem seu DNA, e eu... Eu não queria que você ficasse sabendo por outra pessoa. Eu tinha que te contar, te explicar. — Ela se cala. — Rosie?

Comprimo os olhos, tentando me concentrar, recobrar o foco.

Ela dá um suspiro.

— Rosie, você tinha que saber. Você *tem* que saber. Porque é a única forma de você poder tocar adiante a sua vida, uma vida que será longa e saudável.

A sala não para de girar, cada vez mais rápido.

— Não estou entendendo.

Outro suspiro. A mesma voz gentil.

— Rosie, você não herdou essa doença. Ela não era sua mãe.

— Não! — eu grito, chocada com o volume da minha própria voz. — Ela era. Ela é, sim!

— Rosie... — Sarah se aproxima.

— Não! Você estava lá! — eu a acuso, afastando-me. — Você estava lá quando eu nasci, você fez o meu parto. Como você pôde...? — Busco mais fôlego.

Ela inclina a cabeça. Aquele sorriso fraco de novo.

— Sim, sim, eu estava, e por isso eu sei que Trudie não era...

— Pare! Pare de mentir para mim! — berro. — Isso é doentio! Isso é só uma forma doentia que você inventou para evitar que eu faça o teste, admita! — Meus olhos suplicam aos dela, desesperados por algum sinal de que nada seja verdade, de que ela tenha inventado tudo aquilo, mas vejo nela simplesmente tristeza e cansaço.

Eu me sinto exausta, com vertigem. *Ela era! Ela era a minha mãe. Não era? Fecho os olhos. Ela teria me dito. Teria me dito se eu fosse adotada. Não teria...?*

— Rosie, sente-se, você está tremendo. Vamos conversar, por favor, deixe-me explicar... — Sarah se aproxima, guiando-me, prestativa.

Eu me esquivo e saio correndo, simplesmente corro. Pela porta dos fundos, passo o portão, atinjo o matagal, precipito-me barranco abaixo em direção ao campo, arrancando os suéteres e disparando cegamente sobre a neve. Não consigo respirar. Faíscas giram à minha volta cada vez mais rápidas, dançando, rodopiando e se retorcendo na minha cabeça junto à mãe que perdi.

Eu a perdi, e ela nem mesmo era minha.

As palavras despencam desajeitadamente numa dança, frias, pesadas e duras.

Ela nem mesmo era minha mãe para que eu a perdesse.

* *Rose Red (A casa adormecida)* é uma minissérie de TV americana de 2001, que no Brasil foi lançada em 2002 como filme. Direção de Craig R. Baxley e roteiro de Stephen King. [N. T.]



Vou perdê-lo.

As palavras de Josh recaem dolorosamente sobre a minha cabeça.

— Precisamos conversar.

Eu sei o que *conversar* significa.

Desde que entrei na faculdade, vinha esperando, receando, temendo essas palavras.

— Você vem nadar? — Melissa sorri, apertando o passo ao meu lado. — Vamos apostar uma corrida?

— Hoje, não. — Balanço a cabeça. — Estou sem ânimo para isso.

Ela suspira.

— Você anda mal-humorada já faz alguns dias. Já deve ter batido o recorde!

Abraço forte o meu próprio corpo.

Sua expressão se suaviza, e ela engancha o braço à minha volta.

— Já tentou uma garrafa de água quente?

— O quê?

— Para mim, funciona. Ou então chá de camomila?

Encaro-a. Por que todo mundo acha que qualquer coisa pode ser resolvida com uma xícara de chá?

— Também li que óleo de lavanda pode ajudar, se você usar para massagear.

— *Onde?* — pergunto, totalmente estupefata.

— Na barriga, boba. Ajuda a aliviar as cólicas.

Cólicas. De repente eu compreendo.

— Não, eu não tenho... — As palavras grudam como espinhos na minha garganta enquanto penso rapidamente.

— Ah, já sei! — Melissa abre uma risada larga. — Você está só com medo que eu te derrote, né? Você tem medo de um pouco de competição?

Sorrio de leve. Minha cabeça lateja de dor.

Cinco semanas... Quase seis.

— Venha! Não seja infantil.

Ela me arrasta pelas ruas. Entorpecidas, minhas pernas ameaçam travar de vez a qualquer momento, enquanto o sangue corre para meus ouvidos de maneira ensurdecadora.

Não seja infantil...

Capítulo dois

O chão rapidamente me encontra, e só agora, caída na neve, percebo onde estou.

As silhuetas rígidas dos esqueletos de árvore emolduram as primeiras estrelas do anoitecer. A vastidão da neve está coberta de fileiras e fileiras de lápides negras.

E ali está ela.

“Gertrude Kenning, amada filha, esposa e mãe.”

— Mentirosa! — O grito irrompe da minha garganta. As palavras de Sarah me apunhalam o cérebro enquanto tento fechar os olhos para emudecer a sua voz, a sua feição de pena. Então a expressão de Sarah muda para outra, sorridente, e nesse momento o rosto que vejo é de minha mãe, com seus olhos castanhos brilhando com o calor, com o amor, com a vida.

— Mentirosa! — Já estou soluçando, arranhando o chão para arremessar blocos de neve e barro ao túmulo, nas mentiras estampadas naquela pedra, atirando com cada vez mais força, os dedos já sangrando, os olhos enevoados, até que finalmente minhas pernas se dobram e as lágrimas quentes se alastram até as bochechas. — Você não era minha mãe!

Mas ela era! Ela era minha mãe. A única que eu tinha. E agora isso... isso era tudo o que restava.

Encolho-me ali sobre a neve. Uma dor aguda castigando minha pele enquanto minhas lágrimas se misturavam ao gelo.

Tenho saudade de você. Tanta saudade!

Fecho os olhos, lembrando-me de como nós gostávamos de deitar assim, fazendo figuras na neve — mamãe anjinho e bebê anjinho.

As lágrimas inundam a memória.

Ela nunca foi minha mãe, nunca foi minha. A minha vida inteira — minha vida inteira — é uma grande mentira.

Contorço-me até os pés, bombardeada por um caleidoscópio de memórias — claras, berrantes, memórias falsas.

Tudo falso — tudo mentira.

Minha garganta queima com as lágrimas.

Por que ela não me disse? Por que ela mentiu? Eu tinha o direito, eu tinha o direito de saber quem sou.

O cemitério gira à minha volta.

Quem sou eu...?

Fecho os olhos.

— Rosie?

Olho em volta, com a respiração presa na garganta.

Ele está diferente, mais velho, seu queixo pontilhado pela barba por fazer, os cabelos mais longos, mas eu ainda podia reconhecê-lo em qualquer lugar.

— Pensei mesmo que fosse você. — Andy sorri, hesitante. — Tudo bem? Recebeu meu recado?

Balanço a cabeça silenciosamente, aliviada pela escuridão que esconde minhas lágrimas.

— Eu ia te ligar de novo, mas... — Ele cruza os pés. — Não tinha certeza se... se você... — Ele engole em seco, os ombros arqueados, as mãos entocadas no fundo dos bolsos.

Abraço meu próprio corpo contra a brisa gelada e olho para os sapatos.

— Além disso, estava preso em casa. Vovó está nos visitando. — Andy pigarreia. — Acabamos de vir da missa de Natal.

Vejo-o olhar para a igreja toda acesa, as janelas de vitrais coloridos derramando luzes de todas as cores sobre as famílias que tagarelam amontoadas do lado de fora.

De repente tenho um calafrio.

— Caramba, Rosie, você está congelando. Toma. — Ele arranca o casaco e me protege, uma garrafa cai do seu bolso. — Vodca. Isso também vai ajudar. — Ele ri de nervoso, recolhendo a garrafa.

Olho para ele, surpresa.

— Sabe — diz ele encolhendo os ombros —, a missa às vezes pode ser meio entediante... — Ele abre um sorriso, aquele sorriso de lado, tão familiar, e o meu coração balança. — Na verdade, não, é que estou indo para uma festa. Esse negócio todo de Natal em família me deixa louco, e... — Muda rapidamente a feição, franzindo as sobrancelhas. — Quero dizer...

Tomo a garrafa nas mãos e levo-a à boca. O líquido queima a minha garganta e me faz enjoar. Dou mais um gole.

— Fraca! — Andy sorri. — Eu te conheço. Duas taças de vinho, e você já era.

Olho para ele. *Eu te conheço.* Meu peito dói.

— Bom, foi... bom te ver, Rose. — Ele sorri com aqueles olhos incrivelmente azuis, fazendo minhas entranhas se retorcer, minha cabeça a mil por hora, cheia de memórias. Memórias reais, claras, felizes. — Já faz

tanto tempo...

Sim, faz tempo, mas de repente sinto como se fosse ontem.

— Posso te dar uma carona para casa? — oferece.

Casa. Estremeço, pensando naquela casa vazia e escura, cheia de mentiras. Balanço a cabeça. Aquela não é a minha casa. Não mais.

— Tudo bem... — Ele se vira, preparando-se para ir embora. — Bom...

— Espere! — eu digo rapidamente. Ele volta.

Hesito. A escuridão e o gelo da noite nos envolvem. Seu casaco quente me cobre os ombros, a vodka penetrante corre pelas minhas veias.

— Você falou em festa?

A porta se abre, e eu me rendo à música. O lugar inteiro vibra — tum, tum, tum —, consumindo e obliterando todos os pensamentos e as conversas. Acho bom. Deixo a garrafa no canto da porta e me junto à multidão.

Rostos anônimos enchem o lugar por onde Andy nos faz trançar em meio aos relances de cabelos loiros e brincos brilhantes; góticos com os olhos carregados de maquiagem e boca cheia de gloss; corpos, piercings, garrafas, fileiras de drinques, risadas esganiçadas, e, envolvendo tudo isso, um cheiro inconfundível de maconha.

— Quer comer alguma coisa? — pergunta Andy, gesticulando.

Balanço a cabeça, escolhendo um dos drinques em vez de comida. Ele desce tão fácil que eu quase não sinto arder a garganta. Pego mais um, mas Andy me segura pelo braço, apontando sobre meu ombro:

— Olhe ali a Bex!

Viro-me e tento enxergar através da multidão, mas a massa escura de corpos se contorcendo faz todos se entrelaçar anonimamente. Olho de volta para Andy, confusa, e de repente alguém me atropela, fazendo minha cabeça bater contra seu ombro, e minhas costas ficam encharcadas de cerveja.

— Ei! — Andy empurra o sujeito que me atingiu. — Preste atenção!

O cara sai cambaleando e despenca no sofá.

— Ai... — digo, gemendo baixinho, com um gosto salgado de sangue na língua e o cheiro da loção pós-barba de Andy fazendo cócegas no meu nariz.

Andy me olha, preocupado.

— Você está bem?

Ele limpa meus lábios cuidadosamente com o polegar, e a minha mente mergulha de novo em mais lembranças.

— Você está ensopada! — ele diz, enxugando a cerveja do meu cabelo. —

Venha, vamos achar um lugar para você se limpar.

Exceto pela pilha de casacos, o banheiro está vazio, e o som abafado — tum, tum, tum — pulsa distante através do piso. Andy arruma um pano úmido e com cuidado começa a limpar o meu corte, suas sobrancelhas sulcadas de concentração; ele chega mais próximo, o que me deixa meio tonta. Então segura minhas bochechas, que eu sinto ferver, o coração já trepidando quando seus olhos encontram os meus.

Sem pensar, avanço até tocarmos os lábios.

Ele se esquiva, surpreso.

— Rosie!

Busco seus olhos com ansiedade e encontro-os profundamente focados nos meus.

Logo depois, de repente, estamos nos beijando, e sinto o gosto de seus lábios suaves, tão doces e familiares, enquanto meu coração martela freneticamente as costelas.

Ah, meu Deus, eu não era beijada — nem tocada — havia tanto tempo...

Chego mais perto, e os beijos vão se intensificando, se alongando, minha cabeça cai no esquecimento, o corpo ardente.

É isso. É disso que eu preciso. Uma escapatória. Simplesmente me perder por completo. Esquecer.

Beijo-o mais forte, pressionando o peito contra o dele, minhas mãos descendo para seu zíper.

— Hum... — geme ele.

Chego ao fecho metálico.

— Rosie...

Chego ainda mais perto, minha língua deslizando contra a dele, escorregando as mãos dentro do...

— Rosie, não! Rosie! — ele exclama, afastando-me e deixando meus lábios vazios no ar. — Desculpe — suspira, passando as mãos no cabelo. — Desculpe, não posso... não posso fazer isso.

— O quê? — Pisco os olhos, e seu rosto flutua diante de mim. — Como assim? O que tem de errado?

Ele desvia o olhar, e eu tento encará-lo, franzindo a testa, mas ele não para quieto, não foca.

— Andy?

— Rosie, é que... Eu não posso. — Ele me olha, pesaroso, depois vira a cabeça e suspira.

Então eu me dou conta.

— Você não me deseja. — Engulo em seco, dolorosamente, com a garganta amarga e sentindo um calafrio repentino. — Nunca me quis.

— Rosie, não, eu não quis...

Com o peito apertado, empurro-o para poder sair. A sala toda se transforma em um borrão, e cambaleio atordoada até a porta.

— Rosie, espere! — diz ele, tentando me alcançar.

— Sai de perto de mim! — Eu me desvencilho, disparando corredor afora.

Há vultos por toda parte — debruçados contra as paredes, estatelados no chão, gritando comigo a cada encontrão que lhes dou, e minhas pernas ameaçam travar a qualquer momento. Apoio-me contra a parede, tateando para achar meu caminho, tentando continuar em direção à saída, manter-me de pé, sair dali, *respirar*.

De repente, a parede acaba. Sinto-me caindo sem parar. Protejo-me, pronta para a dor da pancada, mas ela não vem.

— Opa, mocinha! — O rosto do rapaz parece flutuar diante de mim, enquanto ele me puxa de volta para cima, apoiando-me na parede. — Você está bem? Quase levou um tombinho ali.

— Mais uma caída por você, Kyle? — dispara o amigo.

Kyle ri, e logo me vejo rindo também. Ele toma um gole de cerveja e em seguida me oferece a garrafa. Bebo ávida, muito depressa, o vidro até bate contra meus dentes, e acabo derramando cerveja na blusa. Kyle dá uma risada, eu também sorrio, lambendo dos lábios aquele gosto amargo e gelado.

— Como é mesmo o seu nome? — pergunta, arrumando meus cabelos, que cobriam meus olhos. — Já nos conhecemos?

— Eu... — Tento me concentrar, mas o seu rosto insiste em parecer desfocado. — Humm... Ro...

— Ro? — Ele faz covinhas quando sorri. — Então, Ro — diz, inclinándose em minha direção —, você tem olhos muito bonitos.

Faz um gesto para prender meu cabelo atrás da orelha, e de repente já o estou beijando profundamente. Ele sorri, surpreso, depois me beija, faminto, apertando o corpo contra o meu. Bato a cabeça com força na parede, mas a dor é bem-vinda, e os beijos vão ficando cada vez mais intensos, desesperados, a barba áspera arranhando meu rosto, a língua se contorcendo toda na minha boca. Ele me segura mais forte e aperto ferozmente suas costas, com os olhos bem fechados, como se pudesse apagar tudo à minha volta.

De repente ele é arrancado da minha frente, me deixando com os lábios ardendo e a respiração ofegante.

— Ei! Qual o problema, Andy? — Kyle esbraveja.

Andy. Merda.

— Deixe-a em paz, Kyle.

— Foi ela! Ela é que não conseguiu resistir.

Andy agarra meu braço.

— Vem!

— Ei, cara! Ela já é grandinha, Hunter, ela sabe escolher o que quer. — Ele dá uma piscadela para Andy. — E é a mim que ela quer.

— Ela bebeu demais.

— O que você é, a mãe dela?

Estremeço.

— Só... deixe-a em paz, tá? — responde Andy.

— O que te importa? — Kyle desafia.

— Eu falei... — Andy chega bem perto — para deixá-la em...

— Ora, Andy! — debocho. — O que te importa?

Andy para. Está olhando para mim, mas não consigo ver seus olhos. Kyle dá risada.

— Ah, meu amigo Hunter. Parece que você está dispensado, não? Faça um favor para nós todos, companheiro. Cuide da sua vida. — Kyle passa o braço pelos meus ombros. — Venha, bonitinha, vamos encontrar um lugar onde não seremos perturbados. — Ele empurra Andy para passarmos.

— Espere! — Andy segura de novo meu braço.

— Dá licença, Hunter!

— Rose — ele chama. — Rose, olhe para mim.

Olho para o chão.

— Rosie!

— Opa, espere aí! — O braço de Kyle despenca do meu ombro. — Rosie? Você é Rosie *Kenning*? — Ele afasta o cabelo da minha testa e olha com mais atenção para mim. — Meu Jesus! — Abre um sorriso. — O que a filha da malucona da Kenning está fazendo aqui, perdida?

O quê? Meu rosto queima.

— Ei, pessoal! É a filha da Kenning maluuuca!

— Kyle! — Andy agarra-o, e Kyle levanta os braços como se estivesse se rendendo.

— Ela é toda sua, Hunter. Erro meu, parceiro. — E sai cambaleando

bêbado pelo corredor, indo de uma parede para outra.

— A gente devia ter reconhecido pelo andar, não é, galera? Igualzinho ao da mãe. Quem se lembra da formatura? — Todos riem numa certa algazarra.

— U-hu!!! E aquela quedinha, ops! — Kyle se joga contra um rapaz gordo, que está pronto para segurá-lo. — Marca registrada.

— Eu... — Não consigo pensar. Não consigo respirar.

— Desculpa, gatinha. — Ele dança e passa os braços em volta do meu pescoço. — Nada pessoal. Você é bem bonita, de verdade. É só uma questão de genes maluuucos.

Calor. Calor demais.

— Ah, é? — responde Andy, rosnando. — Por que você não vem aqui pra falar isso?

— Olha — murmura Kyle —, Hunter, cara. Sem ressentimentos, tá? Ela é toda sua, eu vou respeitar. — Dá um tapinha no ombro de Andy. — Na verdade, fico te devendo uma, parceiro. Se fosse mais adiante, teria pegado alguma coisa...

Andy avança sobre ele, mas Kyle se esquivava a tempo, gargalhando.

— Uhhh, parece que temos mais um maluco para a coleção, hein, galera? E eles não formam um belo casal? Ele, o honrado machão, e ela... Eca...

Minhas articulações estão pungindo, a sala toda roda sem parar, e nesse estado sinto minhas costas bater contra a parede até eu despencar completamente no chão, de onde ainda consigo ver Kyle bater a cabeça no balcão de bebidas.

Feliz Natal, consigo pensar, até que tudo escurece.



Sento-me ali mesmo, no chão do banheiro, e Melissa tranca a porta.

— Tudo bem, manda.

Mastigo um biscoito seco com gosto de nada, que só me faz barulho na boca, simplesmente ganhando tempo.

— Amiga, me conta? — Passa o braço em volta dos meus ombros. — Você ficou quieta o dia inteiro. Não faz o seu gênero.

Fecho os olhos. *Como posso contar para ela?*

— Como se eu já não soubesse... — suspira.

Abro os olhos, erguendo as sobrancelhas.

— Te conheço. — Ela sorri com alguma melancolia. — E você não está lidando direito com essa história toda. Você precisa se reerguer, voltar para a festa, beber um pouco e se divertir.

Olho-a fixamente.

— Você precisa mostrar para o tonto do meu irmão que ele é um sortudo por tê-la.

Desvio o olhar e respiro aliviada. *Ela não sabe...*

Alguém bate à porta.

— Só um minuto! — Melissa responde. — Lindinha, pode acreditar em mim, ficar aqui escondida acumulando quilos extras realmente não vai te ajudar em nada.

Confisca o pacote de biscoitos e me puxa a camiseta, escondendo minha barriga, toda confiante.

— Josh vai conhecer meninas de faculdade, isso é inevitável. Ele já está na faculdade.

Concordo com tristeza, recuando ainda mais quando a batida na porta vira quase um espancamento.

Meninas da faculdade. Mais velhas, mais sofisticadas e *descomplicadas*.

— Eu disse só mais um minuto, caramba! — Melissa se esgoela, agora ela própria esmurando a porta. — Mas, amiga, você não tem motivo algum para se preocupar — abraçando-me com força —, porque tem outro fator muito mais importante. — Sorri. — Josh te ama. Assim, do jeito que você é.

Não, eu penso, fechando os olhos e escutando a martelada que permanece na minha cabeça.

Assim, do jeito que eu era.

Capítulo três

Meus olhos se abrem como se alguém desse uma martelada na minha cabeça.

Aaah! Que foi? Merda! Ai!

Comprimo a cabeça com as mãos, tentando ganhar foco para enxergar à minha volta. *O que é isso?*

De repente, a porta se abre totalmente até bater na parede.

Aaaaaaaaiii! Merda!

— *Andy!* — Agarro o cobertor enquanto minha cabeça explode de dor. — O que você... Como...?

— Eu bati. Umas cinco vezes. Seu café está esfriando.

— Mas... O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui. — Ele arremessa uma pilha de coisas no canto e suspende a cortina, deixando a violenta luz do dia arder meus olhos, ao que me encolho mais ainda debaixo da coberta. Um cobertor azul. O cobertor de Andy. Na cama de Andy. *Merda!* Confiro rapidamente minhas roupas: blusa e jeans amassados. Pelo menos já é alguma coisa.

A xícara tilinta na minha cabeça. *Ai.*

— Café.

— Humm... Obrigada — murmuro, espiando em volta.

— Agradeça à minha mãe. Foi ela que fez.

— Pode deixar.

Ele fica ali parado por um momento, contra a luz da janela, o que me faz enxergá-lo como se fosse uma sombra alta, sem conseguir ver direito seu rosto.

— Olha, Andy, eu... — Engasgo e limpo a garganta. — O que eu... quer dizer, como...?

— Ah, você não se lembra? — ele pergunta, incrédulo. — Você não se lembra da noite de ontem?

— É que eu... — hesito, depois balanço a cabeça, desistindo.

Ele me olha por um momento, depois dá um suspiro profundo e se agacha perto da cama. Arruma uma mecha de cabelo que cai sobre o meu rosto.

— Você bebeu pra caramba... — diz ele, com gentileza.

Acredito mesmo. Quase não consigo enxergar, e meu corpo dói inteirinho. Principalmente a cabeça.

— Você não se lembra de nada? — pergunta, tentando focar meu olhar

perdido naqueles olhos. Aqueles olhos azuis, azuis...

— Por acaso eu... — começo a falar, sentindo o calor do cobertor que me envolve.

— O quê?

— Eu...? — Olho para ele. — A gente...?

A suavidade do seu rosto desaparece.

— Não — ele diz. — A gente não fez nada.

Ele se levanta abruptamente e dá uma olhada no relógio.

— Merda, minha avó vai me matar. Olha, toma o café, e eu te encontro no carro — diz ele, jogando-me o celular. — Você tem umas oito ligações perdidas.

O telefone pisca como se estivesse me acusando. Vovó. Fecho os olhos, cheia de culpa.

— Eu prometi para ela que ia te deixar lá no caminho.

Levanto a cabeça.

— No caminho?

— Para a igreja. Hoje é Natal. — Ele aponta para a pilha de presentes abertos que tinha trazido: um monte de livros de viagem, uma câmera e uma mochila enorme.

— Vai fazer uma viagem? — arrisco.

— Não, é meu ano sabático. Mais alguma pergunta? — ele dispara.

Olho para cima, surpresa. *Ano sabático?*

— Você tem cinco minutos.

Ele bate a porta, e minha cabeça parece se estilhaçar.

O que aconteceu?

Passo os olhos pelo quarto, pelo pôster antigo dos Arctic Monkeys e o Wii que ele tanto adora, a cesta de basquete para roupa suja e a coleção de CDs empilhados em uma coluna torta, até chegar à montagem de fotos que eu mesma o tinha ajudado a fazer em volta do espelho acima da pia. Na verdade, pouco mudara desde a última vez que eu estivera ali, dezoito meses atrás.

Puxo o cobertor até cobrir a cabeça, sentindo o cheiro de almíscar característico da loção pós-barba de Andy, que faz cócegas no meu nariz, e de repente me lembro de tê-lo beijado na noite anterior, o cheiro da pele, do cabelo, ele me segurando bem perto, o gosto familiar de seus lábios colados nos meus. Fecho os olhos, a cabeça já está girando de novo. *Ah, como senti saudades dele!* Andy. Seu quarto, sua cama. Aconchegantes, quentes, confortáveis, bem como eu me lembrava.

Não que já tivéssemos... Nós jamais... Não é que nunca tivéssemos *desejado*, mas... Eu não queria que fosse uma coisa estabanada e desajeitada depois da escola, prestando atenção a qualquer barulho da porta de entrada e correndo para vestir o uniforme escolar caso alguém chegasse em casa. Tinha que ser especial. Perfeito. E tínhamos planejado a ocasião perfeita.

Após o vestibular, a escola organizou uma formatura, uma grande despedida formal antes que cada um tomasse seu rumo mundo afora: alguns de nós logo arranjaríamos um emprego, outros fariam estágios; e alguns, como eu, tirariam seis gloriosas semanas de férias — seis maravilhosas semanas em que Andy e eu iríamos explorar a Europa — antes de eu finalmente me juntar a ele na Maybridge Sixth Form College.

Isso foi o que me fez aguentar as provas, para dizer a verdade. Todas aquelas horas desgastantes de revisão, as discussões intermináveis com minha mãe sobre qualquer assunto, só haviam sido possíveis graças à perspectiva dessa viagem incrível, assim como a da noite anterior a ela, em que haveria a formatura e eu iria poder vestir uma roupa linda para a festa, dançar com Andy, e então... Bem, os pais dele iam viajar no final de semana...

E foi tudo do jeito que eu tinha desejado. Quando as carteiras que haviam sido usadas para a organização das provas foram retiradas, a escola foi transformada em um salão vazio de baile, com estrelas brilhantes penduradas por toda parte, e nós ali, dançando ao som da banda, carregando o segredo que nos iluminava por dentro e nos fazia reluzir os olhos.

Saímos mais cedo.

A casa de Andy estava escura e vazia. Subimos a escada sem fazer barulho, guiados pela luz do luar, eu já com os sentidos aguçados, consciente de cada toque, de cada som, o coração batendo loucamente, até que chegamos ao quarto. De repente, ele acionou um interruptor, e eu quase dei um pulo com as centenas de luzinhas pisca-pisca que ganharam vida sobre o espelho, em volta da janela e da cama, a qual estava salpicada com pétalas de rosa. Estava tudo lindo. Perfeito.

Ele se virou para mim com um brilho no olhar, me beijou, um beijo longo e sem pressa que me arrepiou toda a coluna e me fez entrar totalmente em órbita, quando caímos na cama. Beije-o intensamente, gostando de sentir seu corpo sobre o meu, deslizando aqueles dedos suaves nas minhas costas, na cintura, no quadril, até entrarem na minha calcinha, o que me fez buscar de novo o ar. Suave, carinhoso e muito, muito delicado.

Ele começou a avançar cada vez mais... e de repente eu agarrei sua mão, impedindo-o.

— Desculpa... — Arfei, com dificuldade de respirar. — Me desculpa.

— Ei... — Ele sorriu, beijando-me. — Não precisa pedir desculpa, — Colocou meu cabelo para trás, olhando bem dentro dos meus olhos. — Você é quem dá o ritmo. Tá?

Concordei, e nos ajeitamos para sentar ali um pouco. Puxei o vestido de volta para baixo, abraçando os joelhos, com as bochechas fervendo.

E agora?

Levantando-se, Andy disfarçou:

— Chocolate, *mademoiselle*? — disse com sotaque francês, pegando uma caixa bonita sobre o criado-mudo e oferecendo-a com um floreio. — Escuros, cremosos como nos sonhos, os mais finos chocolates belgas, fresquíssimos, diretamente dos *chocolatiers* de... hum... Tesco.

— *Magnifique!* — zombei, vendo-o rasgar a embalagem e admirando suas bochechas iluminadas pela luz baixa, os cabelos loiros deliciosamente despenteados caindo sobre a roupa amarrotada. Ele estava tão bonito, tão *sexy*, tão Andy!

— *Voilà* — anunciou, abrindo a caixa. Agora, *mademoiselle* gostaria de desfrutar o prazer de uma trufa? Ou a sensação de um caramelo? Talvez ainda a mais controversa das iguarias, um morango cremoso?

Ele sorriu com o canto da boca quando peguei a caixa inteira das suas mãos, colocando-a de lado.

— Você é maravilhoso! — eu disse.

Ele me respondeu, sorridente:

— Você também.

Então eu o beijei intensamente, deixando os dedos escorregar até os botões da sua camisa.

— Rosie... — Ele se afastou de repente, buscando meus olhos. — Rosie, você não precisa...

Coloquei um dedo sobre seus lábios e abri um sorriso.

— Mas eu quero.

Montei no seu colo e beijei-o de novo, abrindo-lhe um botão de cada vez, afastando a camisa do seu corpo quente, suave e firme, erguendo os braços para que ele tirasse o meu vestido e o transformasse num lago lilás sobre o chão, estremecendo ao percurso dos seus dedos nas minhas costas nuas. Finalmente, nossos olhos se encontraram.

— Você é tão, mas tão bonita! — ele disse, beijando-me. — Eu te amo. — Afagou meu rosto. — Mas você tem certeza...

Minha resposta foi beijá-lo de volta, colocando a mão dele no meu seio e depois buscando a fivela do cinto. Não precisei repetir. Ele me puxou ainda mais para perto. A temperatura do seu corpo já me fazia tremer descontroladamente, os beijos foram ficando cada vez mais quentes, e nós, mais ofegantes. Eu sentia o desejo de agarrá-lo mais forte, de tê-lo todo para mim. Suas mãos já percorriam todas as partes do meu corpo: cabelo, costas, seios, pernas — e então ele parou de repente.

— Você ouviu?

— Não — respondi ofegante, puxando-o de volta.

Ele me beijou e em seguida parou de novo.

— Escuta.

Era um zunido fraco tocando dentro da minha mochila. O celular.

— Ignora, vai... — sussurrei, com os dedos recobertos por seus cabelos, que eu despenteava. — A pessoa vai deixar mensagem.

— Mas é tarde da noite, pode ser importante.

O toque não continuou.

— Viu? Não deve ser tão importante.

— É, acho que não. — Ele abriu um sorriso e me rolou por baixo de si, o que me fez soltar um gritinho feliz. — Onde é que a gente estava? — Sua boca me encontrou de volta.

O zunido começou de novo.

Andy me olhou.

— Tá bom — resmunguei, tateando para pegar o telefone.

Brilhavam no escuro as letras verdes: *Bex*.

— Típico. — Sorrindo, desliguei o aparelho. — Relatório de progresso: tenho certeza de que é isso que ela quer.

— Então é melhor a gente pensar em alguma coisa pra você dizer depois — Andy sussurrou, mordiscando meu pescoço e me causando risadas.

De repente, o som estridente do telefone da casa fez com que nós dois pulássemos.

— Mas que será... — Andy já estava perdendo o bom humor, verificando as horas. — É uma da madrugada!

— Ignora — implorei, beijando sua orelha. — Não tem ninguém aqui.

Ele me beijou, mas já um pouco ausente, com a atenção no telefone.

— É melhor eu ir.

— Andy... — Outro beijo.

— Eu volto logo, prometo. — Sorriu com carinho, desvencilhando-se dos meus braços. — Tudo bem?

Fiz um biquinho de desagrado, e ele me beijou de novo.

— Tudo bem?

— Tudo. — Desmanchei a careta. — Mas vai logo!

Os toques pararam, e eu fiquei ali deitada, escutando, mas não conseguia decifrar nada. Peguei a camisa ainda quente, banhada daquele perfume delicioso de Andy, agarrando-a e me contorcendo sedutora na cama no momento em que ele voltou.

— E aí? — ronronei. — O que era...?

Andy me entregou o telefone.

— É para você.

— Para mim?

— É a Bex. — Ele revirou os olhos.

— Não acredito. Ela ligou para a sua casa? — Saltei da cama para pegar o aparelho. — Bex, se não for importante eu te mato, hein?

— Rosie! Ah, finalmente! Eu liguei cinco vezes para o seu celular.

— Desculpa, não escutei. Estava ocupada... — Lancei uma risadinha para Andy. — O que você quer falar de tão importante?

— É a sua mãe — disse Bex. — Ela está aqui.

— Merda! — Meu humor mudou completamente. — Ela quer que eu vá para casa? Bom, fala pra ela que eu tenho dezesseis anos e faço o que...

— Não, Rosie — interrompeu ela, com a voz mais dura. — Ela sofreu um acidente.

A buzina do carro de Andy me acorda de sobressalto. Droga. Arranco as cobertas e pulo para fora da cama — rápido demais. O quarto começa a girar, e eu me apoio na pia para não cair, fechando os olhos e rezando para não vomitar. Fico ali um minuto.

Nada. Abro um dos olhos com cautela e sou recebida por uma figura pálida no espelho, para o qual olho fixamente.

Ficou para trás a estudante de bochechas rosadas que costumava se olhar nesse espelho. A menina cheia de amigos, que tinha um namorado incrível, a menina que mal podia esperar pela viagem de verão sem quaisquer preocupações — assim como pelo resto de sua vida. Ela desapareceu dezoito meses atrás.

Bato os olhos nas fotos em volta do espelho, para ver se a encontro, mas, embora dúzias de rostos sorridentes irradiem ali a felicidade diante de mim, não conheço nenhum deles. Também ficaram para trás as fotos que tínhamos colado ali juntos, dos amigos de escola, dos nossos encontros, de nossas memórias — todas substituídas por estranhos: amigos na balada, nos feriados, no parque. Lá estava Andy, cercado por pessoas que eu jamais havia conhecido, divertindo-se ao máximo. Aproveitando a vida. *Vivendo. Viajando*, lembro, com o coração apertado.

Não foi comigo.

Sinto uma dor no peito. De repente ele está a anos-luz de distância. E eu estava errada. As coisas haviam mudado, sim. Nós havíamos mudado. E tudo mudou naquela noite. A última noite em que eu estivera ali.

Mas ele me beijou ontem, lembro-me com certo desespero. Isso deve ter algum significado.

Percorro cada uma daquelas fotografias, desesperada para encontrar uma foto minha, uma foto nossa: uma festa, um encontro — *qualquer coisa* —, algum sinal de que ele tenha pensado em mim durante todo esse tempo, de que ele tenha sentido saudades de mim tanto quanto eu senti dele. De repente meu coração para, e meus olhos simplesmente congelam em uma foto de Andy abraçando uma menina, feliz da vida, olhando para a câmera enquanto ela o beijava com ternura.

Uma *loira* bonita.

Arranco a foto do mural, com os dedos trêmulos, e ainda consigo ver nela as mãos entrelaçadas, as camisetas do casal combinando e, além disso, o estádio em que aconteceram os jogos da Eurocopa dois anos atrás!

Algo me ataca o peito. Algo arrasador.

O verão de dois anos atrás. Logo depois que a gente terminou. *O verão em que iríamos viajar juntos*.

O verão em que ele foi sem mim.

Não consigo respirar. Meu peito fica apertado, trazendo de volta toda a dor de quando ele foi embora — a insegurança cáustica de que eu não era tudo isso, de que nunca tinha suprido suas necessidades, de que ele tinha cansado de esperar até que eu estivesse pronta — ou pior, de que, depois que ele tinha me visto nua, não me queria mais.

Você não me quer. Minha voz ecoa de repente em meus ouvidos, meu rosto queima, movido pela lembrança da noite anterior, em que ele me dispensou, deixando meus lábios pungentes de rejeição. *Você nunca me quis*.

Abro a torneira para jogar água no rosto quente. As lágrimas me fazem arder os olhos, enquanto sinto a esperança de tê-lo de novo se reduzir a nada.

Então foi isso que aconteceu. Por isso ele insistiu em parar tudo quando tocou o telefone naquela noite, por isso ele foi viajar sem mim. Ele já tinha me esquecido. Partiu para outra, procurando alguém novo. *E encontrou essa menina...*

Abro bem os olhos, para procurar entre as fotos e ver se a encontro de novo em alguma delas, ou outras meninas, outras namoradas. *Quantas devem ter sido?* Vasculho todas as temporadas, os momentos, as festas, as pessoas, os lugares. E de repente um rosto familiar sobressai, sorridente ao fundo de uma foto. Seu olhar dançante me atrai, e imediatamente o resto da noite anterior me vem à mente, pesadamente. *Kyle... A festa... o beijo de Andy... o beijo de Kyle... Kyle zombando... sua impressão sarcástica da minha mãe...*

Sinto um solavanco como se fosse choque elétrico.

Mamãe.

As palavras de Sarah me atormentam, e o banheiro inteiro começa a girar de novo.

Trudie não era sua mãe.

Preciso me apoiar, encosto-me na beirada da pia, com o estômago embrulhado e o pesadelo da noite anterior me assombrando novamente, ainda mais violento, mais doloroso, mais real ainda sob a perspectiva da luz do dia.

Trudie não era... nunca foi minha mãe...

E ela nunca havia me dito. Como... *como* ela pôde manter segredo de uma coisa como essa — depois de tudo o que passamos com a história da doença?

Principalmente quando ela descobriu a doença...

O quarto ainda gira, e eu mergulho a cabeça na água, tentando afogar as dúvidas, a dor, as cenas que invadem a mente...

Depois da ligação de Bex naquela noite, peguei um táxi de volta para a escola — se a minha mãe estava brava por eu estar na casa de Andy, ele seria a última pessoa que ela iria querer ver —, mas, na hora em que eu cheguei, ela já tinha ido embora.

Mamãe tinha aparecido na formatura me procurando, disse Bex. Aparentemente ela havia se esquecido de que eu lhe avisara que ficaria na casa de Bex, e aí, quando não me encontrou na escola, ficou louca. Invadiu os corredores, andando para lá e para cá com seus sapatos de salto preferidos e o vestido chique, na frente de todo mundo, me procurando, me chamando em

voz alta com toda a capacidade dos pulmões. Bex tentou explicar, tentou me ligar, mas — é claro — eu não atendia ao telefone.

Então ela voltou para o carro. Os professores tentaram impedi-la, dizendo que ela não estava em condições de dirigir, mas ela simplesmente varreu cada um do seu caminho.

Em seguida deu de cara com uma árvore, caiu no chão e quebrou o tornozelo. Um dos professores a levou para o hospital, e foi lá que eles perceberam que ela não estava bêbada. Que havia algo errado, bem errado. E a partir daí a vida mudou para sempre. A dela e a minha.

Andy escancara a porta do quarto.

— Tenho mais o que fazer no dia de Natal do que ficar te esperando, sabia? — dispara.

— Aposto que sim — respondo, jogando no chão a foto que ainda estava na minha mão.

Ele olha para a foto que caiu perto dos seus pés, surpreso.

— Rosie, eu... Não é o que você está pensando.

— Ah, deixa pra lá... — olho para outro lado.

— Foi só uma diversão, tempos atrás...

— Na verdade, cerca de dezoito meses atrás.

— Rosie... — ele gagueja. — Ela não é... A gente não está... Não foi nada de mais.

— Para mim tanto faz. — Engulo em seco e tento passar por ele.

— Rosie — Ele segura meu braço, com um toque gelado.

— Me deixa!

— Rosie, eu...

— Andy...

— O que você queria que eu fizesse?

Paro ali, com a respiração presa na garganta.

— O que você queria que eu fizesse, Rosie? Que ficasse aqui esperando por dezoito meses uma chance remota de que você pudesse eventualmente me telefonar? Que a gente pudesse voltar?

Minha voz não saía.

— Fala para mim, Rosie, o que eu deveria ter feito?

— Não sei — murmuro já sem esperança. — Pensei que você me amasse.

— Eu te amava — diz Andy de um jeito triste. — Mas você me dispensou.

— Estala os dedos. — Simples assim! Eu não entendia por quê, você não me

dizia, não me atendeu nas cinquenta vezes em que eu liguei tentando descobrir por que você não estava naquela estação, como tínhamos combinado. Fiquei lá, parado na plataforma, como um idiota, Rosie. E quase perdi o trem.

— Mas não perdeu — completei, baixinho. — Você foi embora.

— Sim, eu fui embora. Estava magoado, estava bravo, e tinha gastado todo o dinheiro que juntei em um passe de trem que estava prestes a ser desperdiçado. Você não queria me dizer por que não ia comigo, não me deu um motivo para ficar, simplesmente me mandou uma mensagem de texto, *de texto!*, pedindo desculpas por não ir. Sem explicação, nada.

Olho para outro lado.

— Essa foi uma maneira bem filha da puta de largar alguém, Rose.

Olho firme para ele.

— Eu não estava te largando! É que eu tinha que... tinha que lidar com um monte de coisas. Não podia...

— Não podia falar comigo sobre esse assunto? Não podia ter me contado?

— Não, não podia! — protesto. — Não naquela época.

— Por quê? — Andy explode. — O que poderia ser tão terrível que você não poderia ter me contado?

Sinto dificuldade para respirar, e mesmo agora é impossível encontrar palavras para descrever a horrível incerteza, confusão e terror daquele dia implacável que mudou a minha vida, quando minha mãe foi finalmente diagnosticada.

Ele suspira.

— Como se eu não soubesse.

— O quê?

Ele desvia.

— Era óbvio, Rose. O momento... O que aconteceu... ou não aconteceu. — Dá um passo desajeitado e ruboriza. — Peço desculpas se fiz algo errado, se eu te forcei demais a quase fazer o que não queria...

Olho para ele, aturdida.

Ele devolve o olhar, pesaroso.

— Mas você podia ter simplesmente me dito, sabe? Eu te esperaria feliz.

— O quê? Não! — protesto, já sentindo de novo o calor nas bochechas. Ele acha que eu o larguei por causa daquela noite? — Não, eu não estava... — Respiro fundo para escolher direito as palavras. — Andy, não foi você, e não teve nada a ver com você. Foi a minha mãe...

— Então por que motivo você não teria me contado? Por que você não podia me ligar?

— Eu estava no hospital com o telefone desligado, não dava...

— Se você tivesse tentado, daria sim, Rose. Você poderia ter me ligado, poderia ter explicado, poderia ter me avisado sobre o que estava acontecendo para que pelo menos eu não ficasse alimentando esperanças...

Não tiro os olhos dele, estou absolutamente sem palavras.

— Em cada cidade, em cada estação que eu parava, Roma, Atenas, Barcelona, eu rezava para que você tivesse mudado de ideia e estivesse ali me esperando para explicar tudo e terminar a viagem comigo, a aventura que havíamos planejado por tanto tempo. — Arqueia os ombros. — Mas você não aparecia. Você não aparecia, e começou a ficar óbvio que isso nunca iria acontecer. — Suspira. — Então me cansei de esperar por você.

— Mas você nem esperou por tanto tempo, esperou? — gesticulo, apontando para a foto. — Foram o quê? Algumas semanas? Não é possível que você me amasse tanto assim.

Ele hesita.

— Eu é que estava esperando por *você* — digo. — Não conseguia acreditar que você tinha ido sem mim. O verão inteiro fiquei *esperando* que você me ligasse, que você viesse me ver quando voltasse. Precisava de você — engoli em seco. — Mas você nunca apareceu.

Ele desvia o olhar.

— Eu achava... achava que você tivesse me largado.

— E eu achava que *você* tivesse me largado — digo com tristeza. — Mas nem por isso me joguei na cama com o primeiro cara que apareceu.

— Ela não era...

— E o que te dá o direito de dizer com quem eu posso ou não posso ficar *agora*?

— O quê?

— Você é tão hipócrita, Andy! Olha você aqui com outra garota, imediatamente depois de a gente se separar, e ainda agora, *um ano e meio* depois, você enlouquece porque eu estava com outra pessoa.

— Não foi nada disso!

— O quê? — pergunto, incrédula. — Você praticamente arrancou Kyle de mim.

— Bom, é verdade. Mas foi porque fiquei preocupado com você.

— *Preocupado* comigo? Esse foi também o motivo por que você me

beijou?

— Na verdade, *você* é que me beijou — Andy me lembra.

— Ah é? É porque eu estava bêbada — replico com amargura e sentindo o rosto arder de calor.

— Exatamente!

— O quê?

— Rosie... *você* estava fora de si. Não sabia o que estava fazendo... Depois da última vez... — engasga. — Desculpe. Isso não devia ter acontecido. Foi um erro.

Um erro. Meu coração se comprime, viro para outro lado e dou de cara com uma foto bem na ponta da montagem, quase escondida atrás das outras. Sou eu. Andy e eu. Nosso primeiro encontro. Tínhamos ido patinar no gelo, depois havíamos comido peixe com fritas, fizemos um monte de outras coisas, entre elas sentar-nos sob as estrelas em tapetes de jornal. Concentro-me na foto: rostos corados, olhos brilhantes de alegria. Parecemos tão felizes. Fecho os olhos, deixando as lágrimas rolar.

— Rosie — suspira. — Olha, me desculpa, tá? Eu só estava mesmo tentando cuidar de *você* ontem à noite. Não queria que *você* fizesse algo de que pudesse se arrepender.

Sinto um nó na garganta.

— Mas, tem razão, se quiser sair com Kyle, ou com qualquer pessoa... — Andy respira. — *Você* é quem sabe.

Aperto ainda mais as pálpebras, olhando para o alto. *A única pessoa é você. Sempre foi só você...*

— Eu sei que *você* teve momentos difíceis nos últimos tempos, com a sua mãe e tudo o mais... — retoma, com delicadeza. — Mas eu realmente queria que *você* tivesse me contado sobre ela. Eu teria entendido, Rosie. Teria te apoiado.

Já me sinto arrependida. *Se eu ao menos tivesse telefonado para ele aquele dia, para explicar. Ele tem razão. O que poderia ter pensado? O que eu esperava que ele fizesse? A culpa é toda minha. Se eu tivesse lhe dito a verdade, as coisas poderiam ter sido tão diferentes...*

— Mas eu consigo entender por que *você* não me ligou — admite. — É um pouco constrangedor, não é?

Volto a olhar para ele.

— Só estou dizendo que não deve ter sido nada fácil — conserta rapidamente. — Desistir de estudar na Sixth Form para tomar conta de uma

mãe alcoólatra.

Fico boquiaberta.

— O quê?

— Rosie... — ele hesita. — Eu sei que você tentou manter a coisa toda discreta, mas todo mundo via, né? Ela cambaleava nas ruas, falava arrastado e derrubava as coisas em tudo quanto era canto.

Encaro-o emudecida, sentindo o corpo inteiro gelar, entorpecido, como se meu estômago estivesse sendo esmagado. A cena de Kyle imitando o andar cambaleante de minha mãe emerge da minha memória.

Ele suspira.

— Eu sei que você não tinha como controlar, que era um vício, mas veja o que ela te fez passar perdendo suas provas, perdendo seus amigos por dezoito meses da sua vida!

— Não! — interrompo, sentindo o rosto ferver. — Andy, minha mãe não era alcoólatra!

— Ah, vá, Rosie...

— Não acredito... Como você *pôde* achar isso?! — Enfrento-o, incrédula. — Uma coisa é o Kyle falar, mas *você*? Como você pode ter acreditado que ela... Você conhecia minha mãe, você sabia quem ela era.

Empurro-o e desço a escada em disparada.

— Rosie! — Andy corre, tentando me alcançar. — Rosie, me desculpa!

Escancaro a porta para sair.

— Rosie, espera! — Ele agarra meu braço. — Desculpa, eu sei que ela era sua mãe e que você a amava. Não queria...

— Você não sabe de nada! — grito, desvencilhando-me, sentindo a ira me invadir. — Ela não era alcoólatra!

Ele suspira com tristeza e pena.

— Rosie...

— Ela tinha *doença de Huntington*, entendeu? E era esse o motivo por que eu não pude simplesmente me enfiar em um trem, esse é o motivo de eu ter abandonado a Sixth Form. Ela não era *alcoólatra*. Não era culpa dela. Ela era portadora da doença de Huntington.

Meu coração dispara, corro porta afora, alcanço a rua, cada vez mais rápido, sentindo as lágrimas inundar meu rosto.

Não dá para voltar atrás. Jamais poderei fazer as coisas voltar a ser como eram. Andy já não me quer — ele tem pena de mim. Tem pena porque pensou que minha mãe fosse *alcoólatra*! Aquela noite — aquela noite terrível

e devastadora — mudou a vida dela para sempre e fez a minha acabar de vez.

E agora ela não está mais aqui. Ela se foi, e aqui estou eu, sem que nada tenha me restado: sem amigos, sem vida, sem futuro.

E ela nem ao menos era minha mãe.



Com o coração disparado, corro pelo jardim, com o estômago agitado, até que me jogo no canteiro de flores.

— Ai, amiga... — Melissa surge do meu lado, tirando meu cabelo da testa. — Foi o ponche? Fiz muito forte? Quer que eu chame o seu pai?

Balanço a cabeça com veemência, depois me arrependo, porque em seguida esvazio o estômago de novo. Ela esfrega minhas costas.

— Oh, querida. Quer um copo d'água? Café?

— Água — concordo, ainda fraca, apertando a barriga.

— É pra já! — Ela sorri, despenteando meu cabelo. — Não se preocupe, da próxima vez eu não ponho vodca. Ou o rum, talvez. — Ela me dá um beijo na testa. — E talvez nenhum dos dois seja uma boa ideia pelos próximos dias, pra falar a verdade.

Dá uma piscadela e desaparece no caminho da casa.

Apoio a cabeça na parede e fecho os olhos.

Eu nem provei o tal do ponche.

Capítulo quatro

A guirlanda de Natal vai direto para o chão quando eu atropelo a porta de casa, encostando a cabeça no vidro gelado. Fecho os olhos, tentando recuperar o fôlego e juntar forças para entrar e encarar aquela casa que não é mais o que eu chamo de lar.

Quase tudo teve que ser removido, eliminado ou trancado depois do diagnóstico: qualquer coisa em que minha mãe pudesse tropeçar ou bater, à medida que progrediam os movimentos involuntários — *coreia* —, qualquer coisa com que ela pudesse se machucar, ou aos outros, quando se instalou a paranoia: todos os nossos badulaques e enfeites, tapetes, porta-retratos e memórias, encaixotados e guardados na garagem, que também havia sido esvaziada ao vendermos o Mini.

O carro foi o pior golpe. A lei determinava que o Departamento de Trânsito tinha que ser avisado sobre o diagnóstico, e eles a faziam renovar os exames periodicamente. Quando ela não passou, foi o fim.

— Isso é loucura! — mamãe gritava no centro de provas. — Até *Jenson Button* foi reprovado na prova da autoescola da primeira vez! — Eu exijo um segundo exame!

Eles recusaram. E, sem o carro, morando na nossa pequena vila rural, ela perdeu a independência.

Assim, eu desisti da Sixth Form. Apesar dos protestos da Nana e dos discursos sobre a importância da minha educação, eu não conseguia conviver com a ideia de mamãe viver presa em casa e sem companhia. Queria estar por perto quando ela precisasse, cuidar dela, fazer tudo o que eu pudesse para alegrá-la. Não foi fácil. Eu odiava os olhares das pessoas em todos os lugares aonde íamos, cutucando-se, sussurrando que ela era maluca ou estava bêbada. Mas as mudanças de humor eram a pior parte.

Ela podia estar superbem num minuto e, no seguinte, cair na mais profunda e incontrolável ira, por qualquer coisa. Ficou tão brava porque *Neighbours* não foi apresentado em um feriado bancário que resolveu arremessar coisas na TV e esmurrou a tela. Tentei acalmá-la, explicar, mas não havia meios de usar a razão com ela — a rotina era algo de que ela precisava, e ela não conseguia entender por que não ia poder assistir à novela querida naquele dia. No final, o marido de Sarah teve de contê-la, para impedir que ela própria se machucasse. Então, quando minha mãe finalmente se acalmou, acabou

chamando a polícia, mostrou as contusões no corpo, e ele foi preso por agressão.

A única coisa que parecia acalmá-la eram os cigarros, mas, assim como o temperamento, também não sabia quando ou como parar. Fumava um atrás do outro, chegando a cinquenta em um só dia, tragando compulsivamente até queimar os dedos. Então, se não houvesse mais uma dúzia de maços cheios à disposição no armário (coisa que ela verificava compulsivamente), aquilo também era motivo para uma crise de nervos.

Havia vezes em que ela ficava extremamente deprimida, desesperada com a situação toda por que estava passando, assustada com o futuro, paranoica com a ideia de que eu iria abandoná-la. Mas eu não fui a lugar algum. Ela era minha mãe, meu mundo inteiro.

E eu me sentia muito culpada. Ela vinha batalhando havia anos, e eu nunca tinha entendido o que realmente estava acontecendo, nunca percebi. Então aprendi a conviver com aquilo tudo: manter a rotina, ter todos os episódios da novela gravados, por precaução, comprar pilhas de maços de cigarro e deixar cinzeiros por tudo quanto era canto. Para evitar que ela queimasse os dedos, comprei até uma piteira à moda antiga, que ela amou de paixão — disse que estava se sentindo a própria Audrey Hepburn.

Nana e Sarah me ajudavam tanto quanto podiam, preocupadas com a minha desistência da Sixth Form, com a perda dos amigos e da perspectiva de futuro. Nana queria que eu fizesse o teste para diagnosticar a doença desde o começo, mas eles nem permitiram — aos dezesseis, era muito nova para isso. Além do mais, havia outros fatores a serem considerados.

Bex me bombardeava com perguntas: o que eu faria se pudesse fazer o exame? Será que não valeria mais a pena ir para a faculdade, será que não seria bom aprender a dirigir? Será que eu deveria realmente pensar em me casar? Ou em ter filhos, considerando que eles também poderiam herdar a doença? Ou isso poderia ser cruel, irresponsável, egoísta? Perguntas infundáveis, dolorosas e impossíveis e que me deixavam confusa, tonta e cansada.

Depois delas, eu ficava quieta e mandava Bex também se calar — eu tentava ser normal, manter as amigas que tinham começado a cursar a Sixth Form sem mim, tentava sair com elas, mantinha contato por telefone, pelo Facebook. Mas sentia que elas só falavam de fofocas internas sobre os novos colegas, soltavam risadinhas com histórias de meninos, reclamavam das matérias, e tudo parecia tão imediatista... tão sem sentido... Na verdade eu

senti um grande alívio quando elas finalmente pararam de me telefonar.

E, além disso, eu tinha novos amigos — amigos on-line da Huntington's Disease Youth Association. Adolescentes que entendiam aquilo por que eu estava passando, que tinham convivido com a doença por anos, presenciando o esgotamento de cada sinal de independência dos seres que amavam, dia após dia. Apesar de naquele momento já podermos compreender que minha mãe vinha apresentando sintomas havia anos — desde antes do diagnóstico —, conhecemos pessoas no grupo de apoio que estavam em estágios muito mais avançados da doença; pessoas cuja família as havia abandonado por causa de seu comportamento volátil, sem perceber que elas tinham DH; famílias devastadas em nome da rejeição; pais cujos filhos não iam visitá-los com medo de testemunhar o próprio futuro; aposentados que tinham previsto passar o último estágio da vida aproveitando as atividades de que gostavam, curtindo os netos — e não visitando os outrora saudáveis e valentes cônjuges, ou filhos adultos, para vê-los minguar no leito de uma instituição.

Minha mãe tinha muito medo de se tornar um fardo como aquele... Ela não podia nem imaginar que algum dia iria precisar de ajuda para se alimentar, para se limpar — isso não tinha nada a ver com sua personalidade. E, embora me doa dizer isso, de certa forma ela teve sorte.

Por um período ela ficou razoavelmente bem. Os médicos receitaram uma medicação que controlava os acessos de raiva, a depressão e a coreia, e, nos melhores dias, ela desenvolveu uma atitude feliz de *carpe diem*, jogando para o alto as preocupações quando íamos nadar no mar, andar de barco no rio ou fazer piquenique nos gramados dos Downs. Em seu aniversário, Nana, Sarah e eu a levamos a Paris para comer um bolo ao pé da Torre Eiffel. Ela até ia participar como paciente voluntária em um estudo clínico de uma droga nova que eles esperavam que pudesse retardar a progressão da doença.

Mas então, poucas semanas depois, ela subiu para pegar alguma coisa no meio da noite, perdeu o equilíbrio e despencou violentamente escada abaixo, batendo a cabeça contra a parede, o que lhe causou uma hemorragia cerebral. Foi o princípio do fim. Os sintomas pareceram avançar bem mais rápido depois do episódio. Ela se tornou muito mais dependente; engolir a comida virou uma luta, e logo depois veio a pneumonia.

Foi horrível. Nana e Sarah ajudavam como podiam, sempre por aqui de dia ou de noite, e os cuidadores se revezavam, mas eu era a única que estava ali vinte e quatro horas por dia, todos os dias. A única que via a vida de minha mãe escorrer por entre os dedos. A única que testemunhava aquilo que

poderia acontecer comigo.

O que eu *achava* que poderia acontecer comigo.

Mas ela sabia que isso nunca aconteceria.

Esse pensamento veio como uma foice cortar meu peito quando eu ainda estava focada nas barras de segurança, nas travas de criança, na poltrona em que ela ficava — coisas que haviam assombrado a minha perspectiva de futuro, coisas de que eu nunca vou precisar... *e ela sabia!*

Apanho uma tesoura da gaveta trancada com trava infantil e avanço para a poltrona, gritando e enfiando as pontas agudas no estofamento, retalhando aquela superfície limpinha em golpes seguidos, deixando profundas fendas que sangravam o enchimento de espuma. Como eu detesto essa poltrona! Detesto os braços cuidadosamente almofadados, o apoio dobrável para as costas, o revestimento à prova de urina. Tão prática! Tão funcional! Tão feia e intimidadora, e ali, esperando por mim — meu destino! Não mais! Tombo a cadeira de lado, chutando e arrancando pedaços com toda a força e vontade, até que um braço se solta, arremessando-me contra a parede, o que me machuca um pouco, mas eu não me importo. Nunca mais, nunca mais alguém vai se sentar nessa cadeira, depender dela, sucumbir a ela.

Meus olhos percorrem avidamente o ambiente inteiro, em busca de mais alvos; então, de repente, a porta de entrada é escancarada, e um homem irrompe, empunhando um bastão de críquete.

— Já chega, seu... — Steve para ao me ver. — Rosie?

— Rosie?! — Sarah passa por ele. — Rosie! Mas o que você está fazendo? — Ela olha atônita para a poltrona esfaļalhada e para a tesoura. — Você está bem?

— Está tudo bem. — Encaro-a com frieza, sentindo a tesoura gelada nas mãos e o coração pulsar até as tēmporas.

— Escutamos a barulheira e pensamos... — ela dá uma olhada para Steve — ...pensamos que fosse um ladrão.

— Bom, não é — digo. — Então vocês já podem ir embora.

Olhando novamente para Steve, Sarah lhe toca o braço.

— Vai você.

Ele franze as sobrancelhas.

— Tem certeza?

— Vai você também — eu lhe peço.

— Vai, vai indo. — Sarah sorri para o marido enquanto ele vai para casa. — Vou ficar.

— Não precisa — ranjo os dentes. — Pode ir também.

Ela cruza os braços e me fita.

Grito:

— *O que você quer de mim?*

— Não quero nada.

— Então se manda! Some! Esta é a minha casa, e eu não quero você aqui, nem você e nem as suas mentiras. Você me faz mal. Você é... você é... — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Você é igual a ela.

— Rosie... — Ela segura meu braço.

— Me larga! — grito, desvencilhando-me. — Como você foi capaz? Como você conseguiu? — Encaro-a com a raiva que lateja no meu corpo inteiro. — Durante dezoito meses eu vi minha mãe sofrer, vi sua vida escapar, assisti à sua morte. — As lágrimas escorrem. — Sempre com medo de que eu também fosse passar por isso, de que algum dia isso poderia acontecer comigo. Mas não podia, não é mesmo? Isso nunca iria acontecer comigo... *porque ela não era minha mãe!*

— Rosie...

— E o tempo todo ela sabia! Dezoito meses, e ela nunca pensou em mencionar nada para me reconfortar? *Ah, Rosie, só para você saber, você não corre o risco de ter a doença de Huntington.* Só isso já teria sido suficiente: uma frase simples para apagar a sentença de uma vida. *Dezoito meses!* E se ela não tivesse contraído a pneumonia, teria sido mais tempo, não é? Isso poderia ter se prolongado por anos e anos. E será que algum dia ela pretendia me contar?

— Rosie — Sarah começa, agora perturbada. — Rosie, ela não sabia.

— Ah, até parece que ela não sabia! Eu é que não sabia! Você nem sabia que ela tinha doença de Huntington, e você é enfermeira, pelo amor de Deus! Mas, quando ela foi diagnosticada, deveria ter me contado. Como ela conseguiu esconder isso de mim? Ficar sentada naquela poltrona horrorosa, sabendo que eu nunca herdaria a doença, *e não me falar nada? O que ela achava que eu ia fazer? Abandoná-la?* Como ela pôde ser tão egoísta?

— Para, Rosie, para! Ela não sabia!

— Sabia, sim! Sabia que não existia chance alguma de que eu desenvolvesse a doença, e mesmo assim...

— Não, Rosie, não sabia. — Ela me agarra pelos pulsos, totalmente concentrada em mim. — Ela não sabia que você não era filha dela!

Encaro-a, estancando a raiva que me dominava o corpo.

— *O quê?*

Ela mantém os olhos nos meus, arfando.

— Rosie, sente-se.

Abro a boca para tentar falar, mas não sei nada, e, assim que me jogo no sofá, as pernas não respondem mais. Minha cabeça gira. Fico tentando imaginar se perdi alguma parte da história, o que ela estava querendo dizer — cada vez um muro a mais para transpor.

Ela não sabia...?

Sarah senta-se perto de mim, segura minhas mãos.

— Rosie — diz ela com todo o cuidado, buscando cada palavra —, me escuta por favor, me deixa explicar sem me interromper. Pode ser?

Concordo, mesmo porque já nem tenho certeza de que conseguiria falar. A sensação que tenho na garganta é de ter ali uma lixa entalada.

— Bom. — Ela respira fundo. — Você sabe que Trudie queria desesperadamente um filho, não sabe? Só não sei se você sabe que ela sofreu uma série de abortos...

Concordo de novo, com o peito apertado.

— Ela e David tentaram adotar uma criança, mas eles já não eram tão jovens, havia muitas regras inexplicáveis, e aí o pedido deles foi negado. — Sarah suspira e prossegue: — E então, finalmente, ela engravidou mais uma vez. David ficou bravo com ela, e todos nós ficamos preocupados, com medo que ela estivesse correndo risco. Mas ela não parava de dizer que sabia que daquela vez ia dar certo; ela apenas sabia. E durante um bom tempo achamos que ela estava certa. Tudo ia bem, ela chegou ao terceiro trimestre, e eles estavam nas nuvens.

“Mas então, numa noite terrível de tempestade, no momento em que eu terminava o turno no hospital, sua avó entrou lá correndo com ela. Trudie estava com cólicas, e faltavam algumas semanas para a data do parto. David não estava, tinha ido para algum lugar com o táxi, mas elas tinham ligado, e ele estava a caminho. Trudie estava apavorada com a ideia de perder o bebê, então eu fiquei ali, determinada a fazer absolutamente tudo o que pudesse por ela e pela criança.

“Porém, houve... complicações. A menina nasceu e não conseguia respirar direito. Foi então encaminhada para a unidade de cuidados especiais para bebês, e ali a entubaram, enquanto providenciavam a transferência para uma UTI neonatal do Hospital de Westhampton. Eu me senti impotente. Não podia fazer nada além de assistir enquanto ela lutava para sobreviver. Tão

pequenininha, tão frágil...

“Então minha colega Jamila, que trabalha na UTI neonatal, comovida com a história toda, comentou como a vida era injusta — como alguns bebês morrem enquanto outros não são nem desejados. Eu nem estava escutando direito, mas ela continuou falando daquele outro bebê prematuro, cuja mãe de dezessete anos estava querendo entregar para adoção. Aquela história estava me confundindo toda. Eu queria que ela parasse de falar, como se o silêncio fosse salvar o bebê de Trudie — como se pudesse resgatar aquela respiração que se esvaía.

“Jamila me pediu então que cobrisse o seu turno — ela acabara de ser escalada para dobrá-lo, porque a outra enfermeira não tinha chegado ainda. *Por favor*, ela implorava, pois ia viajar no feriado e tinha que pegar o avião. Eu ia ficar ali de qualquer jeito, então disse que ela podia ir. Faria qualquer coisa por um pouco de paz e tranquilidade naquele momento.”

Sarah engole e respira fundo.

— Quando dei por mim, uma enfermeira auxiliar entrou correndo, dizendo que a adolescente de Jamila havia dado no pé. Corri de volta para a ala da maternidade e quase atopelei a sua avó, que estava vindo me procurar. Trudie estava desesperada para me ver, dizia ela, então fui com ela até o corredor em que ficavam as salas de parto onde, é claro, encontrei a cama da adolescente vazia. A equipe de segurança confirmou que ela tinha fugido e que não fazia ideia de que ela estava abandonando um bebê. Então ouvimos a voz de Trudie. Estava histérica. Eu nunca a tinha visto tão perturbada. A polícia tinha chegado, houvera um acidente, David não... — Ela me olha, com o rosto absolutamente pálido. — Ele teve tanto azar, coitado. Eles não conseguiram fazer nada...

Sinto um nó na garganta.

— Foi horrível. Sua avó tentava confortá-la, mas Trudie estava fora de si. Então, quando ela me viu, só queria saber do bebê, se estava tudo bem com a criança. Ela estava tão assustada, tão nervosa, que eu não podia lhe dizer a verdade. Eu disse que iria verificar e corri de volta para a UTI. Mas o bebê parecia pior do que antes, e a ambulância ainda não tinha chegado. Eu estava desesperada. A menina ia morrer, eu tinha certeza. Não estava nem chorando, coitadinha, não tinha forças. Eu não tinha como encarar Trudie, não podia voltar e contar a ela. Não depois que David...

“Então o outro bebê começou a chorar. O bebê da adolescente. Soluçava vigorosamente. Olhei para aquela menininha forte e saudável, e praticamente

do mesmo tamanho...”

Sarah respira, nervosa.

— Nem pensei — diz. — Nem por um segundo. Não havia ninguém por perto, então aproveitei a oportunidade. Troquei as pulseiras de identificação rapidamente. Simples assim. Então a equipe da ambulância chegou perguntando pelo bebê Kenning, e eu disse que havíamos errado o nome na solicitação da transferência e que o correto era Woods, e não Kenning. Eles acreditaram em mim. Era fácil saber qual das crianças estava doente, então levaram o bebê que precisava ir. — Ela fez uma pausa. — Estava consumado. E não dava mais para desfazer, mesmo que eu quisesse. Mas eu *não* queria: no fundo eu sabia que era o certo... para todos.

Ela olha para mim, e eu não sustento o olhar, perco a firmeza.

A adolescente... dois bebês... *trocados*?

— Foi quando a substituta de Jamila chegou, e eu corri de volta para o quarto de Trudie. — Sarah sorri, com os olhos cheios d’água. — Você precisava ver o rosto dela quando eu lhe disse que o bebê estava bem. Ela não acreditava, até que finalmente pôde vê-la... ver você. — Ela toca o meu joelho, com os lábios trêmulos. — Ah, Rosie, foi amor à primeira vista.

Fico olhando para os pontinhos queimados de cigarro no carpete, que dançam e se misturam porque minha cabeça não para de girar e os pensamentos me inundam a mente.

— Então, eu sou... a adolescente era...

Sarah balança a cabeça.

— Sua mãe biológica, sim.

— E ela nunca soube? Minha mãe nunca soube...?

Ela balança a cabeça.

— Ninguém sabe. Nunca contei a ninguém.

— Nem Steve? Nem Nana?

— Não — ela suspira. — Eu sabia que se contasse, se qualquer pessoa sequer suspeitasse, você poderia ser levada daqui. — Fecha os olhos. — E eu nunca me perdoaria.

— E a minha mãe nunca suspeitou?

— Nunca. — Sarah olha para mim. — Tudo o que ela sempre acreditou foi que você era a sua menina, sua filhinha. — Sarah me aperta a mão. — E você era, Rosie, ela era sua mãe e sempre será. Não importa...

— Mas e a outra garota? — interrompo sem pressa, olhando para outro lado. — Como era o nome dela?

— Rosie, na verdade eu não... — Sarah vai baixando o tom de voz. — O nome dela era Holly. Holly Woods.

— Holly — testo o nome, dito pelos meus lábios. Um nome jovem. De adolescente. — E ela, minha mãe, simplesmente me abandonou?

— Ah, querida — Sarah fala com gentileza. — Pode ser que tenha havido milhares de razões para ela fugir, razões por que ela te deixou para ser adotada. Imagine se você tivesse um bebê agora, nessa idade?...

— Eu ficaria com ele.

— Sim, mas... talvez ela não pudesse. Talvez ela pensasse que você pudesse ter uma vida melhor desse jeito. — Ela me aperta a mão. — A questão é que Trudie *queria* você, mais que tudo nesta vida. E você foi a salvação dela naquela noite. Vocês salvaram uma à outra.

Olho para o batente da porta, com minha altura marcada na letrinha redonda de minha mãe, com caneta roxa, a cada aniversário. Lembro-me de ter ficado na ponta dos pés todo ano, impaciente, querendo atingir a altura dela. E como foi estranho quando passei muito da sua altura.

De repente sinto uma dor no peito, tão forte que me encolho inteira.

— Eu sinto falta dela! Eu sinto tanta falta dela!

— Ah, minha querida, eu sei! — Sarah me abraça, puxando-me para perto. — Eu sei. Eu também.

— Por que ela teve que partir? Por que ela teve a porcaria da doença de Huntington? Não é justo!

— Eu sei, querida, eu sei. — Ela me beija e me abraça com firmeza. — Mas você não tem. Você é jovem e saudável, e é tudo o que ela queria que você fosse. Ela tinha muito orgulho de você, sabia? Ela te amava muito.

Concordo, deixando as lágrimas correr pelo meu rosto.

— E ela sempre será sua mãe, aconteça o que acontecer. Nada pode mudar isso. Lembre-se disso. Lembre-se dela. — Abre a bolsa e puxa uma tira de fotos de máquina. — Olhe.

Aquelas fotos que tiramos na cabine para o passaporte. Em cada foto, estamos vestindo roupas malucas e fazendo caras e bocas diferentes, todas bobas. Olho para minha mãe, que está usando plumas, com as bochechas pintadas de vermelho, batendo aqueles cílios postiços enormes e sorrindo sem ligar para mim. Foi no dia em que dispensou a fisioterapeuta.

— Pobre Eileen, ela praticamente nem passou da porta, não é?

— *Pobre Eileen?* Ela era completamente sem-noção!

Ela entrou, se apresentou, depois falou com a minha mãe mui-to de-va-ga-

ri-nho e em voz alta. Minha mãe simplesmente olhou para ela, depois para mim e para Sarah e disse:

— Desculpa, você está se sentindo bem?

— A cara dela... — Sarah diz, gargalhando. — Impagável!

Morremos de rir, mas Eileen não viu pelo lado engraçado. Foi o fim. Mamãe disse que, se ela tinha uma expectativa limitada de vida, então que não iria gastá-la com ignorantes idiotas; não, muito obrigada.

— Aí Trudie disse: “Convenhamos, se as pessoas querem ficar me olhando, então vamos dar a elas o que olhar”. — Sarah ri.

E foi o que fizemos. Vestimos nossas roupas mais engraçadas, contratamos uma limusine cor-de-rosa para nos levar até Brighton, onde caminhamos no píer, tomamos sorvete, comemos peixe com batatas fritas e algodão doce, depois passeamos até cansar, enfeitadas com plumas e chapéus malucos.

E sabe de uma coisa? Ninguém ficou olhando, ninguém se assustou. Não ganhamos mais que alguns olhares o dia inteiro.

— Ah, meu Deus, e aí começou a chover, lembra?

Faço que sim com a cabeça.

— Mas eu não conseguia tirá-la da chuva nem arrastada porque, além de ser muito forte, ela estava ocupada demais dançando.

— E cantando! — Sarah ri, e eu também, com a lembrança de minha mãe cantarolando e rodopiando em volta dos postes de luz.

— Nem acredito que vocês me convenceram a ir junto. A gente parecia o quê?

— Quem liga pra isso? — Sarah sorri. — Ela estava feliz.

Estava. Fazia muito tempo que eu não a via tão feliz. De peito aberto, cantando, toda produzida no meio de Brighton.

— E então... — Sarah mal consegue continuar falando, de tanto rir. — Então ela começou a cantar o refrão de “It’s Raining Men”, e de repente parou no meio, subitamente...

— Foi isso mesmo. E ficou ali parada, com uma cara séria, olhando para a beira da praia.

— E disse: “Ah, mas não está chovendo droga nenhuma!”.

Gargalhamos histericamente.

Rio até não conseguir mais respirar, com a visão daquele dia maluco e maravilhoso dançando na minha mente. Derrubo algumas lágrimas de riso, que cobrem o rastro das lágrimas tristes que as precederam.

— Está chovendo agora. — Sorrio, olhando pela janela.

— Homens? — pergunta Sarah, e eu retomo uma risadinha. Um carro estaciona na calçada.

É a vovó. Deixo Sarah na sala, já sem o sorriso. *Nana*.

— Sarah, é a...

— Shhh... Agora, você vai ficar bem. Vai ficar tudo bem, eu garanto — insiste.

— Mas como vai ficar tudo bem? — Volto-me para ela. — Sarah, não vou conseguir. Ela não sabe de nada. Você disse que ela não sabe!

Sarah se levanta e apoia as mãos com firmeza nos meus ombros.

— Ela não sabe — diz, olhando nos meus olhos. — Mas tudo bem, aja normalmente.

Encaro-a. *Agir normalmente?*

— Ela continua sendo a avó que te ama — insiste Sarah, segurando meu rosto. — Nós duas te amamos.

A campainha toca, e eu congelo.

— Olha, o que quer que aconteça — Sarah diz com delicadeza —, a decisão é sua. Você pode contar para ela se quiser, se achar que vai te ajudar ou facilitar as coisas.

Ela me lança um olhar triste.

— Rosie, me desculpe. Me desculpe por você ter que descobrir dessa maneira e por tudo isso que você teve que enfrentar. — Suspira. — Mas a vida é sua, e agora você tem que fazer suas próprias escolhas. De qualquer forma, o que você escolher, seja lá o que for, eu sempre vou te apoiar. A qualquer momento, sempre, está bem?

Concordo. Está bem.

Ela me dá um beijo na bochecha e vai atender a porta.

Respiro fundo. *Aja normalmente*. Aja normalmente. *É só a vovó*. Só a vovó...

De repente lá está ela, entrando na sala e me trazendo alegria.

— Oi, Nana! — Tento lhe dar um sorriso, já com dor no estômago.

— Oi, minha querida! — Nana me dá um abraço. — Steve me telefonou, está tudo bem? Andrew disse que iria te deixar lá em casa...

— Ah, Nana, me desculpa... O jantar de Natal... — Olho para o relógio. — Devia ter te ligado.

— Não seja boba. — Ela sorri para mim. — Está tudo guardado para você, e, além disso, é bom que você saia com os amigos. Principalmente agora. — Aperta minha mão. — Quando eu penso nas festas que Trudie dava em casa...

ah, meu Deus, no dia seguinte ela não aparecia até a hora do chá da tarde.

Sorrio levemente. A Nana de sempre, sempre querendo buscar o melhor de cada situação.

— Bom, é melhor eu voltar — diz Sarah. — A família de Steve vai pensar que estou evitando as pessoas. Tchau, Laura. — Abraça Nana, depois me manda um beijo. — Tchau, Rosie. Feliz Natal.

Feliz Natal.

Acompanho seus passos até a calçada.

— Vamos então? — convida Nana. — Tem um peru enorme reservado para nós lá em casa, e também quero saber tudo sobre a superfesta de ontem. Ahh, e a festa ainda vai continuar! Eu adoro Cary Grant e... brrrr... — Estremece de frio com o vento que entra pela porta. — Não sei você, mas eu ia adorar uma caneca de chocolate quente bem gostoso. Esquenta de dentro para fora, era o que Trudie sempre dizia!

Abro um sorriso. Ela me segura pelo braço — como sempre —, e eu saio pela noite fria e escura, levantando o rosto em direção à chuva que cai.



Tranco a porta do banheiro, ouvindo a chuva bater com força na janela, e prendo a respiração.

Por favor, eu rezo, com os dedos cruzados, baixando a calça.

Por favor, desta vez...

Nada. Merda.

Jogo-me no chão, enrolando os dedos no cabelo sem parar.

Relaxa, digo a mim mesma. Isso não significa nada, e nem está tão atrasado...

Seis semanas...

As gotas de chuva escorrem como lágrimas na janela escura, escondendo as estrelas.

Fecho os olhos com força, concentrando-me na respiração.

Pode ser só... pode ser só estresse. Acontece. Há várias histórias de alarme falso desse tipo. Isso não significa...

A respiração volta, passando áspera pela minha garganta.

Recomponha-se, menina, está tudo bem, tudo em ordem. Vai vir...

Mordo o lábio, respiro fundo e me forço a levantar, jogando água no rosto.

Está tudo bem.

Abro os olhos, e a garota do espelho me olha de volta.

Ela também não parece nem um pouco convencida disso tudo.

Capítulo cinco

As estrelinhas que brilham no escuro pairam sobre mim quando olho para o teto do quarto de hóspedes de Nana, com a cabeça ainda zunindo. As imagens de Sarah, Nana e minha mãe se alternam violentamente sobre as possíveis faces indefinidas de minha mãe verdadeira — Holly — e do bebê que minha mãe perdeu. Os eventos daquela noite fatídica rodopiam como um furacão na minha mente; mil perguntas ressoam como chuva de granizo, perfurando e destruindo todas as verdades em que acreditei a vida inteira e deixando somente um vazio tão escuro e vasto quanto o céu noturno, embora com algumas poucas e preciosas estrelas para me guiar.

Meu futuro.

Uma pessoa não pode existir se não tiver passado. Alguém famoso disse isso uma vez. Mas e se a sua existência inteira for uma mentira? É como se eu tivesse usado uma determinada sandália a vida inteira, deixando pegadas por todo canto, e então um dia alguém diz: “Ei, esses sapatos não são seus!”, e os leva embora. E eu olho para trás, e tudo o que deixei foram as pegadas do passado, que nem são mais do tamanho do meu pé. Eu também não consigo voltar atrás, porque não tenho sapatos novos para calçar e seguir adiante, então fico presa. Congelada ali. Nem mesmo existo.

Suspiro e pego a bolsa, puxando a lista que deixei guardada desde que decidi fazer o teste:

Caso dê positivo — Como lutar contra a DH:

Comer de maneira nutritiva — um corpo forte é mais saudável.

Exercitar-me regularmente — idem.

Tomar vitaminas, óleo de peixe etc. — se houver qualquer maneira de isso ajudar, já vale a pena.

Manter a mente afiada — aprender italiano, jogar xadrez etc.

Inscrever-me em estudos e pesquisas clínicas.

Caso dê negativo

E então esse pedaço da página está em branco: não podia imaginar ou ter esperança de vislumbrar as possibilidades infindáveis e arrebatadoras...

E agora?

Suspiro. Agora, tanto o passado quanto o futuro são páginas em branco.

Saio da cama, apanho o robe e vou para a sala, jogo-me no sofá e passo os canais da TV sem som. O tique-taque sem fim do relógio na parede faz minha cabeça latejar a cada segundo, e as horas vão passando. Levanto a cabeça para vê-lo e, de repente, dou de cara com os retratos de família que inspiram alegria: fotos em preto e branco de Nana e vovô quando eram jovens; o dia do casamento deles; mamãe ainda bebê, com o vovô — orgulhoso com seu uniforme de policial —, meses antes de um maldito ladrão armado mandá-lo precocemente, junto a seu segredo genético, para o túmulo.

Várias fotos de minha mãe ainda menina, depois com meu pai: rindo ao cortar o bolo de casamento; bronzeados e descabelados em alguma praia; mamãe em um balanço de parque, fitando a câmera toda sorridente, envolvendo com braços firmes uma criancinha de cabelos encaracolados.

Olho fixamente para elas, sem acreditar: como eu nunca enxerguei? Nós não nos parecemos em nada, está na cara. Nana e mamãe têm os mesmos cabelos castanhos, os mesmos olhos cor de mel, mas eu tenho cabelos escuros e olhos verdes. E meu pai nem era moreno — era loiro! Como eu pude ser tão cega? Nunca pensei, nunca adivinhei, nunca imaginei.

Os rostos sorriem como se fosse para mim, mas não é verdade; não é a minha família. Pelo menos não é mais. Os pedaços estão desconjuntados, não podem ser remendados com mimos, chocolate e a porcaria do Cary Grant. As mentiras parecem rachaduras em um vitral, estragando tudo à sua volta.

— Você se parece muito com ela, sabia?

Olho rapidamente para cima, tentando piscar para eliminar as lágrimas. Nana está ali parada na porta, os cabelos grisalhos amassados do travesseiro.

— Quantas manhãs eu não me levantei e a encontrei enroscada no sofá como você está agora, com uma caneca de chocolate! — Ela sorri. — Não conseguiu dormir?

Balanço a cabeça, e ela se aproxima para sentar-se perto de mim, seguindo meu olhar.

— Ela tinha muito orgulho de você. — Nana sorri, o rosto enrugado como um lenço amassado. — Ela te amava tanto, desde a primeira vez que te segurou nos braços... — Prende meu cabelo por trás da orelha, do mesmo jeito que mamãe fazia, e sinto uma dor no peito. — Você foi a melhor coisa que aconteceu para ela, Rosie. Um presente de esperança e felicidade, justo quando ela mais precisava.

Engulo em seco. As palavras dela ecoam junto às de Sarah: “Você a salvou naquela noite, salvaram-se uma à outra”.

Nana segura minha mão.

— Você trouxe muita alegria para a vida dela, no meio daquilo tudo... — Sua voz falha, mas ela se mantém sorridente, e a luz da TV silenciosa ilumina cada ruga de seu rosto. — Sinceramente, não sei o que teria sido dela sem você. O que cada uma de nós teria feito. Nosso presente. Nosso milagre. — Aperta minha mão com mais força. — Minha preciosa neta.

Sua feição se despedaça, e tento conter as lágrimas, piscando os olhos com força.

Eu não sou sua neta... Nem tenho parentesco algum...

Volto-me de novo para as fotos de família.

Só sobramos nós duas, percebo de repente. Eu sou tudo o que restou para ela, e nem ao menos sou sua...

— Então — Nana recupera o sorriso, os olhos cheios de lágrimas. — O que vem por aí na vida da linda Rosie Kenning?

Olho para ela, com a mente absolutamente vazia.

Para onde eu vou agora? Não sei nem como começar.

— Que tal a Sixth Form? — sugere. — Você pode retomar de onde parou e recuperar o contato com seus amigos.

— Eles têm exames neste ano, e até junho todos já terão ido embora.

Todo mundo terá ido embora. Vão para a faculdade, arrumar emprego ou sair para um ano sabático. Só sobrarei eu. Nana e eu. Uma avó para quem eu tenho que mentir para não a magoar profundamente.

— E se você fosse viajar? Você sempre quis viajar, por que não agora?

Olho para ela, surpresa.

Ela sorri.

— O que te impede?

— Não... não posso — protesto. — Não posso te deixar, não agora...

— Não tem nada a ver! — disse rindo. — Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma, graças a Deus. E você conseguiria pagar uma viagem, você sabe que Trudie fazia uma poupança para você.

— O quê? Não, Nana, não posso, aquilo é para o futuro.

— O futuro começa hoje, Rosie — Nana diz com firmeza. — Se Trudie nos ensinou algo, foi que a vida é curta demais para ficar adiando as coisas. Não podemos perder um único momento.

— Nana...

— Rosie — interrompe, com um olhar sério —, você deixou a sua vida de lado por tempo demais. Você tem quase dezoito anos. — Ela aperta minha

mão. — Você pensou de novo sobre fazer aquele teste?

— O quê? — Levanto os olhos, surpresa.

— O teste para detectar a doença de Huntington. Você não pode deixar que isso ofusque a sua vida, Rosie...

Alguém toca a campainha.

— Eu atendo! — digo rapidamente, pulando e disparando para longe, ainda com a cabeça reverberando, cercada pelos muros de mentiras.

Como eu posso contar para ela? Qual é a chance de eu contar para ela que não preciso mais do teste porque sei que vai dar negativo, porque Trudie não era minha mãe, e portanto eu não sou sua neta? Eu sou apenas uma estranha, uma impostora. Uma fraude.

Não posso contar para ninguém, percebo de repente. Vou ter de mentir, vou ter de viver com esse segredo — esse *terrível* segredo — para o resto da minha vida...

Abro a porta da frente e encontro Andy tremendo no frio da manhã reluzente. Olho-o com surpresa.

— Suponho que eu seja a última pessoa que você quer ver agora, não é? — Ele me fita com nervosismo. — Vim pedir desculpas... por ontem.

Dou de ombros.

— Esquece.

— E sobre a sua mãe, sobre ela ter Huntington, sobre eu ter pensado que... — Andy balança a cabeça. — Por favor, me desculpe. É claro que você não podia ir viajar, claro que você não podia me ligar... Eu deveria ter esperado, deveria ter ficado ao seu lado. — Ele olha para mim, condoído. — Desculpe, Rosie.

Aceito com um aceno de cabeça.

— Tudo bem.

— Eu pesquisei sobre a doença de Huntington na internet, nem dormi. Você já fez o teste? Você também tem?

— Rosie? — Nana me chama, lá da sala. — Rosie, quem é?

— É o Andy, Nana! Vou entrar em um minuto! — respondo, fechando a porta atrás de mim.

— Então? — insiste. — Já fez o teste?

— Andy, eu... — hesito, mas seus olhos azuis me atravessam. — Sim — suspiro, já cansada de mentir.

Toda aquela manobra para ir escondida à consulta médica, agendar o teste sem que ninguém soubesse, sem pressão, sem ninguém para me dissuadir... e

bastava ter perguntado para Sarah.

Ele me olha com medo, e a voz sai como um sussurro.

— Já saiu o resultado?

Balanço a cabeça.

— A consulta é amanhã, mas...

— Vou com você.

— O quê?

— Vou com você. Vou te levar.

— Não, Andy, obrigada, mas...

— Por favor, Rosie — diz ele seriamente, os olhos límpidos e intensos. — Me deixa ir com você. Deixa eu ficar do seu lado dessa vez. — Ele coloca as mãos sobre as minhas. Tão suaves, tão calorosas... — Por favor, Rosie — implora. — Estou me sentindo um canalha.

Aperto suas mãos e sussurro:

— Não. Você não sabia.

— Mas agora eu sei. — Ele me encara. — E agora estou bem aqui.

Sinto uma dor no peito e olho para ele.

Não deve ser nada de mais, certo? Ir até a clínica, pegar o resultado — embora eu já saiba qual será. Vai tranquilizar a Nana, afinal, e vai significar uma mentira a menos para carregar... E não vai me prejudicar se eu me certificar, de qualquer maneira...

— Está bem — sussurro.

O rosto de Andy se ilumina, e ele me puxa para si, num abraço apertado, em que eu me deixo relaxar, com o rosto enterrado em seu peito, sentindo o calor e aquele cheiro familiar de almíscar, cheiro de Andy.

Não, não vai ser nada de mais.

A sala de espera é amarela como os narcisos e cheia de pôsteres claros e vasos com plantas grandes repletas de folhagem; a mesa de centro forrada de revistas, todas brilhantes, exibindo mulheres lindas e sorridentes — todos os truques e táticas possíveis para levantar o ânimo e os pensamentos de seus ocupantes.

Eles nem precisavam ter se dado ao trabalho. Eu provavelmente já tinha folheado cada uma daquelas revistas sem ler uma única palavra. Nenhuma distração funciona se você está esperando para saber como será o seu destino. De jeito nenhum.

Quando mamãe foi diagnosticada, eu fiz o mesmo que Andy, pesquisei na

internet. Nunca tinha ouvido falar daquilo antes, então fiquei impressionada com a quantidade de sites que ofereciam informações ou recomendações.

Em linhas gerais, concluí que Huntington é uma mutação genética que causa uma degeneração progressiva nas células cerebrais — algo na mesma linha dos efeitos físicos do mal de Parkinson, mas somado à deterioração mental do Alzheimer, que lentamente tira a capacidade de andar, falar e processar as informações. Muitas pessoas desenvolvem o sintoma entre os trinta e os quarenta anos, mas também há manifestações juvenis ou mais tardias, como no caso de minha mãe.

Fiquei surpresa de ler que hoje em dia há cerca de seis mil e setecentos casos registrados na Inglaterra e no País de Gales, e por volta de trinta mil nos Estados Unidos, embora a maioria dos sites em que pesquisei informasse que os casos deviam ser provavelmente o dobro dos números “oficiais”, porque as pessoas muitas vezes escondem sua condição por causa do estigma, do convênio médico ou de problemas familiares. Ou simplesmente escolhem não fazer o teste. E, uma vez que começam os sintomas, normalmente leva de dez a vinte anos até que a doença cause a morte — embora a taxa de suicídio seja assustadoramente alta. E os filhos de pais com DH têm cinquenta por cento de chance de herdá-la. Ah, e não há cura.

Basicamente, é a pior coisa que eu poderia ter imaginado.

Quanto mais eu lia, mais me parecia que tudo aquilo era surreal: a descoberta da doença, a progressão... Nada disso podia realmente estar acontecendo com minha mãe, podia? Mas, quando cheguei aos sintomas, vários deles pareciam pipocar na minha frente: movimentos involuntários (coreia), fala arrastada, mudanças de humor, rompantes de raiva, dificuldade de exercer tarefas múltiplas, esquecimento, falta de coordenação, retardamento das reações, perda de peso, depressão, paranoia... De repente, os últimos anos pareciam repletos de sinais, cada um deles ali gritando para mim que algo estava errado.

Mas eles me pareciam tão triviais, tão sem importância no momento em que aconteceram... Mamãe sempre havia sido irritada, esquecida, afobada — e não aguentava me ver mudar de plano na última hora, ou pedir para que ela fizesse várias coisas ao mesmo tempo, como me tomar as questões da prova enquanto cozinhava o jantar ou lavava roupa. Eu me lembro de ter ficado bastante brava com ela por manchar de rosa o meu uniforme, e então ela disse que a culpa era minha, porque a distraí — tivemos uma briga séria, e eu subi para o meu quarto batendo o pé, fechando a porta com toda a força.

Mas isso era normal, não era? Os adolescentes são assim, discutem com os pais, certo? Bex certamente discutia também — ela tinha discussões aos berros com a mãe. Por sorte, minha mãe sempre se acalmava rápido, muito mais rápido do que eu. Ela ficava muito brava, tinha um ataque de nervos, depois passava. Amigas de novo. Eu pensava que era só sinal da menopausa.

Mas, depois do diagnóstico, reavaliei cada briga, cada discussão que tivemos na vida, tentando separar o que era a mamãe e o que era a doença, e todas as coisas terríveis que eu dissera ecoavam nos meus ouvidos com a sensação de culpa.

Mesmo os sinais físicos, como a coreia, eu nunca cheguei a perceber. Não achava nada de mais aquele sacudir de pulseiras tão familiar, que anunciava que ela vinha chegando, e costumava resmungar com ela por sua inquietação quando víamos TV... Já nos tempos de infância havia pequenas coisas. Como o fato de mamãe nunca ter sido boa no jogo da memória. Suas reações simplesmente não eram rápidas o suficiente, e eu sempre a derrotava com facilidade. Era um dos meus jogos prediletos — porque eu sempre vencia.

E agora... olho à minha volta na sala de espera e me sinto culpada, pensando quem daqui tem a doença e em que estágio estará. Metade das pessoas dessa sala teria a doença, por estatística.

Mas não eu.

Tinha decidido, meses atrás, que precisava saber, de uma vez por todas. Tinha tido um dia ruim com minha mãe, perdi a paciência e derrubei uma travessa de macarrão, que se espatifou no chão. E então entrei em pânico. Comecei a analisar tudo o que fazia, investigando a mim mesma em busca de sintomas. Isso me deixou maluca. Então liguei para a clínica e agendei essa primeira consulta. Normalmente, é necessário ter dezoito anos, mas, como faltavam apenas alguns meses para meu aniversário, eles me deixaram vir um pouco mais cedo, desde que a consulta de orientação corresse bem. Tinham de se convencer de que eu estava psicologicamente pronta, de que eu sabia em que seara estava entrando, qualquer que fosse o resultado. Porque não há caminho de volta. Não há cura. A diferença está apenas em saber ou não saber. Ser portador ou não ser. Meio a meio.

A menos, é claro, que você de repente descubra que não é de fato parente da pessoa que tem a doença de Huntington. Isso eles não abordavam nas sessões.

— Rosalind Kenning? — A enfermeira consulta em sua prancheta.

Andy aperta minha mão, e nós a seguimos.

— Que bom te ver, Rosie! — diz Dan, meu orientador. — Ah, e você trouxe um amigo. Que bom!

Apresento Andy, que se senta ao meu lado, segurando minha mão bem firme. Eu nunca o vi tão nervoso.

— Bom, temos o seu resultado — começa Dan. — E são boas notícias, Rosie. — Ele abre um largo sorriso. — Você não tem o gene que causa Huntington!

Expiro profundamente. Nem havia percebido que estava segurando o fôlego.

— Tem certeza? — pergunta Andy, ansioso.

— Certeza. Analisando a sequência CAG no seu cromossomo 4 — 15 e 17 —, pode-se determinar que Rosie definitivamente não herdou o gene. Se tivesse herdado, a contagem seria algo em torno de 40. Rosie está bem abaixo disso. Ela está completamente fora de perigo.

— Ah, meu Deus! — Andy me envolve em um abraço bem apertado. — Graças a Deus!

Deixo-me abraçar, soltando o corpo entorpecido em seus braços.

Quinze e dezessete... O de mamãe era 45 e 19 — eu não compartilho nenhum deles.

Eu já sabia. Claro que sabia, mas agora... é real.

Eu não sou portadora da doença de Huntington. Nunca terei a doença. Nada daquilo que eu abominei ou temi vai se realizar. Não vai acontecer comigo o que aconteceu com mamãe.

Porque ela não era minha mãe.

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto.

— Ei! — Andy me afasta com delicadeza, limpando meus olhos. — Tudo bem?

Gesticulo que sim e olho para outro lado, engolindo com dificuldade.

— Rosie, isso é fantástico! — Andy abre um sorriso.

Eu forço um sorriso.

Sim. Fantástico.

— É normal essa sensação de choque — Dan diz com toda a delicadeza. — Com a aceitação, vem também a rejeição da ideia, e até mesmo alguma culpa. Isso é perfeitamente normal, Rosie.

Sorrio para ele, e as lágrimas ainda escorrem pelo meu rosto.

Ela estava certa. Sarah estava certa. Não há como voltar atrás. Você passa a vida inteira imaginando, se preocupando, fingindo... ou descobre de uma

vez por todas.

E agora eu sei.

De uma vez por todas.



Olho direto para o bastãozinho de plástico, esperando meu destino se decidir ali — *se revelar*, na verdade. Afinal de contas, decidido já está. Positivo ou negativo. Esta é somente a prova: a confirmação científica do que já é na realidade — ou não é.

Apesar de tudo, não consigo parar de rezar, de esperar que de alguma forma possa ter havido uma coincidência — um caso grave de envenenamento alimentício, um crescimento tardio, um ciclo mais longo.

Fecho os olhos com força, *desejando, esperando, rezando*.

Prendo a respiração, abrindo só a pontinha de um olho.

Meu coração para, e aperto de novo os olhos, rapidamente, como se pudesse ter uma segunda chance...

Mordo o lábio e abro os olhos.

Mas continua a mesma coisa. Claro que continua. Desejar não muda nada. Não é uma varinha mágica; não dá para extrair milagres.

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto, e enterro a cabeça entre as mãos.

Eu sabia — claro que sabia. Mas agora sei de fato. Com certeza. Completamente. Irrevogavelmente. Cientificamente.

Positivo.

Estou grávida.

Minha vida acabou.

Capítulo seis

Negativo.

Sem chance alguma.

Não é minha mãe.

Meu Deus, é verdade. Tudo o que Sarah disse. Apesar de que, na verdade, ela nem precisava me contar, afinal — eles não compararam o resultado e não descobriram.

Fecho os olhos, minhas ideias todas se embaralhando.

Negativo.

Como uma palavra pode trazer tanta alegria e tanto desespero?

— O que vai ser? Branco, tinto, *rosé*? — Andy sorri, usando o sotaque francês ao procurar um vinho no armário da cozinha. *Rosé* para Rosie?

Sorrio levemente.

— Não, obrigada.

— Não? — Ele franze a testa. — Ah, sabia! Champanhe! Acho até que tenho umas taças em algum lugar. É dia de comemoração!

Desaparece pela porta, e eu me viro para a janela. Nuvens negras se juntam de um jeito ameaçador sobre o campo, bloqueando a luz do sol.

Pensei que ia ficar feliz ao receber a notícia de que estava fora de perigo, que ia me deixar livre... mas em vez disso, eu só me sinto... perdida... Parece que toda vez que eu finalmente consigo a resposta para uma pergunta, um milhão de outras pipocam logo atrás: eu não tenho a doença, não sou filha de Trudie — *então quem sou eu?* E quem é essa moça, Holly Woods, minha mãe verdadeira? Será que ela ainda está por aqui? Por que ela fugiu? *Por que me abandonou?*

— Tudo bem, champanhe e taças! — Andy retorna, fazendo um floreio todo orgulhoso, com uma garrafa e duas taças. — Agora só precisamos de um bolo!

— Não, de verdade, eu não quero...

— Vamos ver o que tem aqui. — Abre o armário. — Rocambole suíço, bolo integral...

— Andy...

— Bolo xadrez! Você gosta de bolo xadrez?

— Andy, estou bem! Sério.

— Sério? — Vira-se.

— SÉRIO.

— SÉRIO mesmo? Porque você praticamente não disse nem meia dúzia de palavras desde que a gente voltou da clínica, Rosie. — Olha para mim. — Você não quer sair, não quer comemorar...

Desvio o olhar.

Ele desabafa:

— Eu poderia entender se o teste tivesse dado positivo, mas você está agindo como se carregasse o mundo nas costas. Deu negativo! Você é uma pessoa saudável. — Senta-se ao meu lado. — Por que isso não te deixou feliz?

Estou inquieta, desconfortável.

— E não me venha dizer que é aquela baboseira de culpa que o orientador explicou. — Suaviza o tom de voz e cobre minhas mãos com as dele. — Rose, você já sofreu demais. Sua mãe teria ficado emocionada de saber que você está a salvo.

Puxo as mãos.

— Você não entende.

— Não — suspira. — Você tem razão, não entendo mesmo.

— Andy...

— Eu não estou entendendo, porque você nunca me conta nada. — Levanta-se e dá alguns passos. — Você simplesmente se tranca no seu próprio mundo e tenta enfrentar tudo sozinha. Isso foi o que fez a gente se separar: porque você não podia me contar, *não queria* me contar o que tinha de errado.

Encaro Andy, minhas bochechas queimando, os olhos ardendo, depois desvio.

— Eu teria aguentado, Rosie. Poderia ter ajudado, ter te apoiado.

Fecho os olhos.

Ele suspira.

— Eu sei que deve ser difícil. Sei que é muita coisa para processar.

— Não é — murmuro.

— Claro que é.

— Não é coisa demais para processar, tá bom? — Viro-me para ele. — Porque eu já sabia.

Andy franze a testa.

— O que você quer dizer com isso?

Olho para outro lado.

— Não estou entendendo, Rose — diz lentamente. — Pensei que a doença de Huntington fosse hereditária.

— Exatamente por isso! Exatamente! Hereditária!

Ele me busca com os olhos por um momento e, em seguida, balança a cabeça.

— Não estou entendendo.

— É genético! — Olho para ele, com dor no coração. — Mas você não pode herdar uma doença de alguém que não é seu parente. Que nem mesmo é sua mãe!

Ele me encara.

— Ela não era minha mãe, Andy. Não era... — Afasto-me, fecho os olhos com um inchaço doído na garganta.

Um longo silêncio toma conta do ambiente. Então ele respira fundo e se aproxima, emprestando o calor de suas mãos às minhas.

— Tudo bem — diz ele com gentileza. — Acho que é hora de você desabafar, não é?

— Uau! — Andy suspira ao final da história. — Nossa!

— É. — Foi bom finalmente desabafar. Estou me sentindo... mais leve. E exausta.

— E Trudie nunca soube?

Balanço a cabeça.

— Nossa, Rose! Meu Deus, nem sei o que dizer. Como você consegue lidar com uma coisa dessas?... Já contou para sua avó?

Balanço a cabeça novamente.

— Não posso, Andy. Eu sou tudo o que ela tem na vida. Tudo o que lhe sobrou depois de perder o vovô, a mamãe... Como eu poderia dizer a ela que foi tudo uma grande mentira, todos esses anos? Que sua neta verdadeira morreu no dia em que nasceu? Partiria seu coração. — Engulo com dificuldade, com uma dor crescente no peito. — Já partiu o meu.

— Rosie, está tudo bem.

— Não, não está, não. Você não sabe como é viver tudo isso. Estou presa nessa vida que nem mesmo é minha, com uma avó para quem tenho que mentir, sem amigos, sem qualificações, sem vida. Não me resta nada! — Minha voz falha. — Está tudo bem para você, que está aí rodando o mundo, você consegue escapar.

— Vem comigo, então.

— Ah, tá bom...

— Estou falando sério. Por que não? Você mesma disse; o que te prende aqui? Sempre quisemos viajar, não é? É a nossa segunda chance.

Hesito, e ele aperta minha mão, com um olhar suave.

— Vem comigo, Rose. Não foi a mesma coisa sem você. Eu senti saudades o tempo todo. Era o nosso sonho, afinal de contas. Nós dois planejamos essa viagem, sonhamos com isso e depois jogamos tudo fora por causa de um mal-entendido. Então, vamos agora!

Olho para ele, e a ideia me soa tão atraente! Simplesmente ir embora com Andy, deixar tudo para trás, mas... é demais, e muito repentino.

— Sem compromisso — promete, adivinhando minhas dúvidas. — Fiquei com saudade de você; de apenas estar com você... De sairmos juntos, de eu te ensinar a ter gosto musical... — Abre um sorriso, formando as covinhas que tanto me amolecem. — Vem, Rose, é exatamente o que você precisa, vai te fazer esquecer tudo.

— Não vai, não.

Ele se espanta com a raiva incutida na minha voz.

— Você não faz ideia, não é? Você acha que me jogar por aí mundo afora vai me fazer esquecer a morte da minha mãe? E o fato de que ela não era minha mãe? — Olho para ele. — Como poderei um dia voltar para cá, Andy? Para essa profusão de mentiras e desgosto e... — Perco a concentração e olho pela janela, mas só o que consigo ver é o meu reflexo manchado de lágrimas e as nuvens negras ao fundo. — Está tudo tão bagunçado, Andy, tão bagunçado! E simplesmente... não sobrou nada. Nada é real. — Fecho os olhos.

Andy suspira e esfrega as sobrancelhas.

— Então como será daqui para a frente?

Dou de ombros.

— Não sei.

Sentamos em silêncio por um tempo.

— Na verdade eu sei, sim — retomo, respirando fundo. — Vou procurá-la.

— Quem?

— Minha mãe verdadeira.

— Alô? Senhor Woods? Olá... — Cruzo os dedos com força. Oi, eu sou uma amiga da Holly e... Desculpa, não entendi... Holly Woods? Não mora? — Sinto o coração apertar. — Desculpe incomodá-lo. Tchau.

Dou um suspiro profundo, batendo o fone no gancho e enfiando a cabeça entre as mãos. São trinta e cinco Woods na lista telefônica. E esse era o último.

— Me diz que você deu mais sorte com a lista de nascimentos?

Andy balança a cabeça diante do computador.

— Pior que não. De acordo com esse site de registros de nascimento, não existia nenhuma Holly Woods de dezessete anos no ano em que você nasceu.

— O quê? — Dou uma olhada. — Impossível. Talvez Sarah tenha errado a idade da moça. Tente um ano para cima e um para baixo.

— Já tentei — suspira. — Tentei cinco anos para cima e cinco para baixo. Não tem Holly Woods.

— *Absolutamente* nenhuma?

Balança a cabeça.

— Não estou entendendo — digo, franzindo a testa. — É impossível. Sabemos que ela esteve aqui; que tinha dezessete anos, que fugiu, que teve um bebê...

Largo a lista telefônica e pego meu casaco.

— Vem comigo!

Andy me olha.

— Aonde vamos?

— Ao único lugar onde sabemos que ela esteve.

A neve não tinha derretido nada no nosso percurso até a cidade. Bonecos de neve já transformados em morros reluziam nos campos e jardins, e o sol da tarde tentava aparecer entre as nuvens.

— Pronta? — pergunta Andy ao estacionar no pátio.

Respiro fundo e abraço a prancheta que trago comigo.

— Pronta.

Ele me segura pelos ombros e nos dirigimos ao pequeno hospital do vilarejo, onde já sinto o fedor de desinfetante ardendo no nariz à medida que seguimos as placas no corredor de linóleo até chegar à enfermaria pintada em tons pastel.

Maternidade.

Sinto calafrios subindo pelas costas. É isto aqui. Foi aqui onde tudo aconteceu. Graças a Deus, Sarah está de folga esta semana, então não tenho chance de dar de cara com ela.

— Posso ajudar? — Uma enfermeira toda solícita se aproxima de nós.

Forço um sorriso contente e limpo a garganta.

— Olá. Somos estudantes da Maybridge Sixth Form College e estamos fazendo um trabalho sobre o dia em que nascemos — digo num tom profissional, educado, recitando as palavras que havíamos ensaiado no carro.

— Ah, sei. — Sorri. — E como posso ajudá-los?

— Bom, eu nasci aqui — digo em confiança. — E estava querendo saber quantas... — Meus olhos saltam para o crachá da enfermeira: “Jamila Price”. — Quantas... — Jamila. — Quantas...

Ela levanta as sobrancelhas.

— Quantas outras crianças nasceram no mesmo dia em que nós — Andy conclui para mim. — E qualquer informação que você possa nos fornecer a respeito delas.

— Desculpe. Não tenho autorização para fornecer essas informações. Regras de confidencialidade, sabe?

— Ah, claro — diz Andy. — De qualquer modo, agradecemos.

— Mas e você? — pergunto, desesperada, e ela se volta de novo para mim. — Talvez você possa me ajudar a resolver algumas outras questões. Você já teve de lidar com mães que abandonam os filhos? Que fogem da maternidade?

Ela me encara.

— Desculpe. Acho que não vou poder te ajudar.

— Vem, Rose — diz Andy —, vamos embora.

— Mas...

— Vem.

Andy agarra meu braço e me arrasta porta afora.

— Droga! — Chuto a neve, cheia de pessimismo, no caminho de volta para o carro. — Que ideia inútil...

— Bom... Não sei o que você esperava, para dizer a verdade, Rose. Dificilmente eles vão te dizer: “Ah, sim, lembro daquela mãe, aqui estão nome, endereço e telefone dela”, você não acha?

— Ela deve saber. — Ando ao redor dele. — Ela deve ter essas informações, porque foi ela que contou a Sarah sobre mim.

Ele para de andar.

— Ela estava lá, Andy, conheceu Holly. Ela deve se lembrar e pode me contar.

Tento voltar, mas Andy me segura pelo braço.

— Ela não vai te contar nada, Rosie. Há leis que impedem esse tipo de

coisa, sabia?

— Eu sei — admito, amuada —, mas...

— E Sarah infringiu a lei, Rose — continua ele, sussurrando. — Ela pode se complicar muito se alguém descobrir. Você tem de tomar muito cuidado com isso.

— Estou tomando cuidado. — Aperto a prancheta contra o peito. — Mas, Andy, de que outra maneira poderei encontrar minha verdadeira mãe?

Ele suspira.

— Talvez ela não queira ser encontrada.

Olho para ele.

— Pense nisso, Rosie. Ela tinha dezessete anos. Dezessete, grávida e sozinha. Ia te deixar para adoção, fugiu do hospital, e provavelmente deve ter dado um nome falso na entrada. Você lembra que não havia nenhuma Holly Wood de dezessete anos naqueles registros?

Respiro fundo, revolvendo com os pés o cascalho solto. Andy está certo, as pistas estão esfriando. Estamos quase dezoito anos longe delas. Tudo o que eu tenho é um nome, e se ele for falso... então não tenho nada. Minha mãe escapou daquele hospital e simplesmente desapareceu no ar, me deixando para trás. E essa é a única prova de que ela existiu.

Ela nem mesmo tem um registro de nascimento.

Enterro o pé mais fundo nas pedras, até não enxergar direito os dedos na brita suja.

Nenhum sinal dela, mesmo com cinco anos de defasagem para cima ou para baixo.

Retomo na mente toda a conversa com Sarah, com profunda tristeza. Ela tinha dezessete anos, estava aqui — *o nome da menina era Holly Woods*.

De repente meu coração acelera.

A menina...

Caminho de volta para o carro.

— Precisamos verificar os registros de novo.

— O quê? Espera, Rosie...

— Os registros de nascimento — digo para ele, disparando. — Estamos vendo o ano errado.

— Rosie, nós já vimos — argumenta. — Cinco anos para cima e cinco para baixo. Não nasceu nenhuma Holly Woods nessa época que pudesse ser sua mãe.

— Não. — Sorrio, com o rosto já quente em meio ao ar gelado. — Não a

minha mãe.

Digito atropelando um dedo sobre o outro, prendendo a respiração e batendo o pé de nervoso enquanto o computador pesquisa os registros de nascimento.

Uma página com informações detalhadas se abre diante de mim.

— Bingo! — sussurro, clicando o mouse.

Holly Marie Woods.

Nome de solteira da mãe: Sinclare

Distrito de registro: Maybridge

Data de nascimento...

Cinco de janeiro do ano em que eu nasci.

Paro atônita em frente aos dados, quase sem acreditar no que vejo. Ali está ela, em preto e branco. *Holly Woods* — o nome do bebê, e não da mãe. Sarah deve ter entendido errado quando lhe perguntei — ou eu me enganei. Mas aqui está ela. O outro bebê. *Holly Woods*.

— Isso é meio mórbido — resmunga Andy, ao meu lado. — Bem mórbido, Rose. Essa menina morreu, o bebê de Trudie...

Olho para a tela, e um arrepio me sobe pelo braço. *O bebê da mamãe*. Se tivesse sobrevivido, teria tido a minha mãe, teria vivido a minha vida. Mas ela morreu. Pisco com força, imaginando seu corpinho minúsculo num caixãozinho minúsculo. Sarah nos trocou, e ela morreu. E minha mãe nunca soube que ela morreu. E que eu vivi no lugar dela.

Paralisada diante da tela, sinto a culpa me cercar pesadamente os ombros.

O dia em que nasci. Minha cidade. Poderia estar olhando para o meu registro de nascimento, é tudo tão igual...

De repente, um arrepio gelado me percorre as costas.

Este é o meu registro de nascimento.

Olho para a página de novo com os olhos bem abertos. A verdade berra para mim, tão clara como a luz do dia. Não se trata de uma criança qualquer, de alguma estranha, ou do bebê de Trudie...

É o meu registro: meu nome, minha mãe.

— Que estranho — diz Andy, lendo sobre os meus ombros. — Por que você daria para sua filha um sobrenome diferente do seu? Por que Woods e não Sinclare?

Encolho os ombros.

— Talvez seja o nome do meu pai?

- Pensei que ela tivesse ido sozinha...
- Ainda assim, ela pode ter me dado o nome dele.
- Ou talvez quisesse se distanciar... — sugere cuidadosamente.
- Do meu pai verdadeiro? — pergunto, franzindo a testa.
- Sim — hesita. — Ou de... você.

Encaro Andy.

— Rosie... — ele suspira. — Só estou dizendo que... ela ia te colocar para adoção. Talvez fosse mais fácil dar a você um nome diferente. Talvez ela quisesse dificultar as coisas caso tentassem encontrá-la.

— Isso é ridículo — digo, com o rosto fervendo. — Pode haver um milhão de razões para que ela me desse esse nome. Talvez ela fosse uma cinéfila. Talvez simplesmente gostasse do nome! A questão é que nós não sabemos, Andy. E nunca saberemos, a menos que consigamos encontrá-la.

— Como? Nem mesmo sabemos seu primeiro nome! É impossível.

Olho desesperada para a tela. Tudo o que eu tenho é um sobrenome.

E uma cidade...

Rapidamente, faço uma nova pesquisa. Digito Sinclare no banco de dados, e, instantaneamente, uma lista curta aparece diante de mim. Um sorriso se estampa em meu rosto, e percorro a lista. Apenas alguns registros de trinta e cinco anos atrás... E somente um de Maybridge!

— Bingo!

Katharine Sinclare.

Minha mãe!

Meu coração dispara loucamente. Agarro a lista telefônica de novo e a folheio, toda desajeitada.

Engasgo. Há apenas uma Sinclare.

Em Maybridge.

Encontrei. Encontrei-a de verdade.

Andy me olha, sério.

— E agora?



E agora?

Encaro minha figura no espelho.

Levanto a camiseta larga e me olho de perfil, passando a mão sobre a barriga.

Nem dá para notar, na verdade. Eu pareço normal — alguns quilos a mais, talvez, mas ninguém diria ao olhar para mim. Nunca adivinhariam.

Mordo o lábio.

Não posso ter um bebê. Como poderia? Estragaria tudo! Tenho uma vida, um sonho. Um sonho que *não* inclui me tornar uma mãe solteira adolescente...

Vejo uma lágrima quente escorrer pelo meu rosto.

Não vou conseguir. Não sozinha. Sou muito nova — tenho um milhão de razões.

Simplesmente não dá.

Respiro fundo.

É hora de tomar uma decisão, escolher qual será meu futuro.

Baixo a camiseta e estremeço repentinamente.

Ninguém jamais saberá.

Capítulo sete

Os primeiros postes de luz estão piscando alternadamente quando estacionamos a algumas portas da casa mais afastada, com um muro chapiscado. Fico ali observando aquela casa, meio enfeitiçada: as luzes de Natal ainda piscam em volta das janelas, e algumas renas guardam o acesso à entrada.

Não posso acreditar que estivemos tão próximas esse tempo todo. Já passei em frente a essa casa milhões de vezes — fica no caminho para a escola, meu Deus do céu...

— Rosie... — Andy hesita. — Não acho uma boa ideia.

Eu me viro para ele.

— O quê?

— Você não pode simplesmente invadir a casa de alguém e fazer acusações graves...

— Não são acusações graves! — protesto. — Ela é minha mãe.

— Ela *pode* ser sua mãe — argumenta. — Você não tem certeza.

— Ela *é* — insisto. — Andy, tudo se encaixa: Holly Woods era a filha dela; nasceu no mesmo dia que eu, quando ela tinha dezessete anos, mora em Maybridge. É ela!

Andy suspira.

— Eu sei que você pensa que estou maluca, mas...

— Não penso — responde com tranquilidade. — Não acho que você esteja maluca. Só acho que você quer isso demais. Você está procurando uma decepção.

— É, talvez esteja mesmo. — Solto o cinto de segurança. — Mas estou decidida.

Andy põe a mão sobre a minha.

— Você está certa. Essa decisão é sua. Mas, por favor, pense um pouco.

— Já pensei! — Retiro a mão.

— Já? — desafia. — Já pensou mesmo nela? Na Katharine? Na Sarah?

— Sinto muito pela Sarah! Isso é tudo culpa dela. Foi ela que *fez* tudo isso! *Mentiu* o tempo todo; para a minha mãe, para todo mundo.

— Sim, mentiu — Andy admite. — Mas você realmente acha que ela merece ir para a cadeia?

Olho para ele.

— Porque é isso que vai acontecer, Rosie. Cadeia por tentar ajudar três pessoas desesperadas: uma adolescente jovem demais para lidar com a maternidade, um bebê abandonado e uma viúva que passava pelo sofrimento da perda, desesperada por uma criança. Sarah arriscou-se por você, e não por ela. E agora você quer esclarecer tudo de uma vez?

Desvio o olhar, mas Andy persiste:

— E Katharine, então? Ela fugiu, Rose. Abandonou você, *dezoito anos atrás*. Deve ter uma vida completamente diferente agora. Talvez até uma família. Como ela vai se sentir se você simplesmente aparecer alegando ser filha dela?

Fecho os olhos, sentindo os pensamentos se confundir dolorosamente.

— Eu só queria... vê-la. Conhecê-la, dar a ela uma escolha... a chance de me conhecer.

— Mas para ela não vai ser uma escolha, Rosie — diz ele com gentileza. — Essa escolha vai ser sua.

— A escolha dela já foi feita. Ela fugiu.

Olho para ele.

— Rosie...

— O que você acha, então? Que eu devo simplesmente desistir depois de ter chegado tão perto?

Andy desvia o olhar.

— Andy! — Eu o encaro. — Mas, então... por que você me ajudou a procurá-la? Por que me ajudou a chegar tão perto?

Ele suspira.

— É que... eu não achei que você iria encontrá-la, Rosie... pelo menos não tão rápido! Está tudo acontecendo muito rápido. Ainda esta manhã você foi buscar o resultado do seu exame, e agora... Eu achei que isso ia demorar mais, que você teria tempo suficiente para pensar na história toda. Que você só precisava desse tempo para processar tudo isso e tocar adiante sua vida.

— Tocar a vida? Que vida, Andy?

Ele desvia o olhar.

— Ótimo, Andy, maravilha. Você me ajuda, ótimo, mas desde que eu dê com a cara na porta; e quando eu realmente encontro uma pista, chego até ela, você de repente recua? Muito obrigada!

Abro a porta do carro.

Andy agarra meu braço, mas eu me desvencilho, e ele de repente surta.

— Bom! Que seja! Mas é bom que você saiba bem o que está fazendo,

Rosie, porque, se você não souber, está prestes a arruinar a vida de várias pessoas.

Bato a porta atrás de mim, rangendo os dentes.

Ele não entende, digo a mim mesma, caminhando em direção à casa. Para ele fica tudo igual, ele segue sua vida normal, com sua família normal e seu futuro traçado. Mas eu não tenho nada disso — não tenho mais nada, e preciso saber, preciso...

Ao me aproximar da casa, diminuo o ritmo. A janela da frente está escura, e as cortinas estão baixadas. Um folheto de uma pizzeria escapa da caixa de correio.

Respiro fundo e levanto a aldraba. É aqui. Esta é a porta dela.

De repente hesito, e as palavras de Andy enchem a minha cabeça. Será que estou prestes a cometer o maior erro da minha vida?

Engulo em seco, ainda segurando a argola gelada.

Talvez... talvez devesse esperar algum tempo, pensar mais no assunto. Esse é um passo muito significativo. Talvez eu não deva mesmo me apressar assim.

O vento sussurra no meu ouvido enquanto observo aquela casa escura.

Andy está certo, não há por que ter pressa. Ela estará por ali. Posso voltar a qualquer momento, planejar o que vou falar, o que vou fazer; droga, o que vou vestir — reparo no meu jeans e suéter surrados.

Eu realmente vou querer conhecer minha mãe vestida *desse jeito*?

Dou uma última olhada para a casa e, num suspiro, solto o batedor. Ele bate suavemente na porta, e eu vou embora.

Imediatamente, um vulto negro bate contra o vidro congelado, latindo para mim. Pulo para trás, com o coração na boca, quando a luz se acende, expondo-me àquele brilho amarelo. A porta se abre, e uma mulher de toalha enrolada no cabelo espia para fora, agarrando a coleira do cachorro enquanto ele tenta avançar sobre mim.

— Desculpe, meu amor, não se preocupe, este aqui é do tipo que ladra mas não morde. Posso te ajudar?

— Eu... é que... eu... — Olho firme para ela. Um cachinho de cabelo molhado escapa da toalha, caindo sobre o rosto. — Você é Katharine Sinclair?

— Ah, não! — responde, rindo. — Ela não mora aqui há anos!

Meu coração aperta. Então, no final das contas, eu não a encontrei. E se ela não está aqui... nunca vou encontrá-la. As pistas esfriam de novo.

— Mas talvez eu possa ajudá-la. — A mulher sorri. — Eu sou a mãe dela, Pam.

Olho paralisada. *Mãe dela? Ela é mãe de Katharine? Minha avó?*

— Ah, sim. Sim, por favor, eu... — É isso, não tem volta. — Meu nome é Rosie Kenning — digo com o coração em disparada. — Sou estudante da Maybridge Sixth Form College, e estou fazendo um trabalho de escola.

As palavras saem rapidamente sem que eu consiga impedi-las. *O que estou fazendo?*

— Eu posso voltar outra hora, se não for um bom momento agora.

— O quê? — Ela toca na toalha e então ri. — Ah, não se intimide por isso, entre, entre! Desce, Toby. Entre — ela convida. — Senta um pouquinho, eu volto num segundo.

Pam acende a luz e desaparece no corredor. Um secador de cabelos entra em ação.

Entro lentamente na casa, observando cada detalhe, sorvendo-a como se estivesse em um museu: as fileiras de cartões de Natal penduradas em cada parede, fotografias de escola com molduras arredondadas e desenhos infantis; a árvore de Natal com decoração caseira e o anjinho caído; o sofá de estampa florida e a cadeira de balanço coberta com uma peça de *patchwork*... E por todo lado, na lareira, na televisão, no parapeito da janela, pilhas e pilhas de bugigangas: cartões-postais, suvenires, fotos, medalhas e troféus, certificados — todas as pistas de quem era minha mãe, sua vida, minha família...

— Então, sobre o que é o seu projeto? — Pam começa o assunto assim que desliga o secador de cabelos.

— Ah, então, é um tipo de “por onde eles andam hoje em dia” — invento rapidamente, voltando minha atenção para uma foto de duas estudantes sorridentes.

— Ah, é?

Apanho a foto, e meu coração dispara. Duas menininhas de cabelos escuros e brilhantes e sorriso luminoso. Uma delas deve ser Katharine.

— A gente tem que escolher alguém que fosse adolescente na época em que nascemos e...

— Aí você escolheu Kitty.

Volto-me para Pam, que entra na sala passando a escova nos cabelos volumosos e escuros.

— É, acho que faz sentido mesmo. — Sorri para a foto que estou segurando. — Afinal, ela é a famosa, não é?

— E aqui está Kitty na peça da escola. — Pam vira a página do álbum de fotos. — Picada por um inseto bem naquele dia, e lá estava ela... Sabe, ela venceu cinco concorrentes para ser Maria na peça de Natal daquele ano; até a filha do reitor! E então ela perdeu os dois dentinhos da frente, coitada.

Aponta para a foto da pequena sorridente com aquela janelinha nos dentes e um pano de prato na cabeça.

— E aqui está ela em *Annie*, e em *Joseph*, e aqui como Sandy, em *Grease*. E, se quer saber, ela gastou muito mais tempo ensaiando em vez de estudar para o vestibular — resmunga. — Embora eu saiba que as notas não são tudo na vida, mas é que ela foi direto para Londres com a turma do teatro, e lá foi logo fisgada por uma agência de atores.

— Nossa!

— Nós ficamos tão orgulhosos! Claro que tinha a parte de não a vermos mais com muita frequência, com tantos testes, as filmagens e a vida chique de Londres. E ela nem ficou lá por muito tempo, voltou logo depois do Natal.

— Como assim? — pergunto com cuidado.

Pam volta a rir.

— Ela foi descoberta... de novo! Acredita? Recebemos um telefonema no fim de janeiro, e ela tinha ido para Los Angeles. — Suspira. — Se mandou em busca do sonho...

Ou para esquecer o passado.

— Ela tem feito umas comédias por lá. *Na riqueza ou na pobreza*. Veja. — Destaca uma foto do fundo do álbum, e eu engasgo. Os cabelos negros de Kitty brilham por trás da tiara, e seus olhos verdes penetram nos meus. Qualquer dúvida que eu tivesse até aquele momento simplesmente desaparece.

Ela é a minha cara.

— Adorável, não é? — Sorri. — E aqui está o nome artístico que ela usa: Kitty Clare.

Não consigo parar de sorrir, toda empolgada, como se estivesse tomada por uma febre.

— Você teria o contato dela? Seria excelente se eu pudesse entrevistá-la ou algo assim.

— Ah, claro! — Pam me passa a foto. — O endereço do estúdio está aí atrás, e, se você precisar de uma foto para o seu projeto, tenho muitas outras.

— Obrigada.

Aceito a foto com certa reverência. *Minha mãe...*

De repente, Toby dá um salto, latindo loucamente para a porta da frente, com o barulho da fechadura.

— Nossa, já é hora? O tempo voa, não? — Pam de repente se levanta. — Desculpe, meu amor, é minha outra filha, Jenny, e os meninos. Estamos indo ao teatro. Essa família não para quieta...

— Tudo bem. Muito obrigada por sua ajuda.

Agradeço com um sorriso e preparo-me para sair.

— Mamãe? Já está pronta? — Uma mulher entra apressada, ajeitando os cabelos longos que lhe caem sobre o rosto. — Ah, desculpe, não vi que estava com visita. Olá! — Sorri com ternura.

— Oi!

Não me contenho. *Minha tia!*

Dois garotos pequenos passam por ela, lutando com espadas de plástico. *E primos!*

— Meninos... Cuidado! — Ela sorri, constrangida. — Desculpe, eles estão muito empolgados; vamos ver *Peter Pan*.

Continuo sorrindo ao passar por eles. *Uma família inteira!*

— Me desculpe por apressá-la desse jeito — diz Pam, segurando a porta para mim. — Por favor, pode vir aqui de novo caso precise de alguma informação. É sempre um prazer falar sobre as minhas meninas.

Ela me dá um sorriso, e de repente me pego abraçando-a espontaneamente, sentindo o cheiro frutado de seu xampu.

— Cuide-se. E lembre-se: pode vir a qualquer momento!

— Tchau! — Aceno enquanto ela fecha a porta, abraçando meu casaco e sentindo um calor irradiar dentro de mim.

Encontrei. Realmente encontrei minha mãe. E também Pam, Keith, Jenny e os meninos — toda uma família. *Minha família de verdade*. O vento bate forte nos meus olhos, que se enchem d'água. Minha mãe. Tudo bem, ela está em Los Angeles; é praticamente do outro lado do mundo, mas eu a encontrei. Encontrei-a de fato.

Andy me olha ansioso quando eu abro a porta do carro.

— E aí?

Hesito, lembrando suas palavras duras e cínicas.

— Não era ela, era? — suspira, secando uma lágrima dos meus olhos.

Não consigo encará-lo.

Ele me puxa para um abraço.

— Ah, Rosie... Que pena, mas você sabe, pode ser melhor assim.

Ainda estou hipnotizada com a casa, olhando por cima dos ombros dele. A porta da frente se abre, e a família inteira desponta em direção à calçada, rindo e conversando alegremente.

— Quer falar sobre o assunto? — Andy pergunta com gentileza.

Nego com a cabeça. Isso é muito delicado, um momento precioso demais para dividir agora. Principalmente com Andy. Não posso contar para ele e deixá-lo estragar tudo. Pelo menos não agora.

Ele liga o carro e vamos embora, e pelo retrovisor consigo ainda ver os Sinclare rindo ao entrarem no carro, Toby correndo em círculos atrás de todos, e minhas ideias todas se misturando com excitação e com as possibilidades. *Minha família... minha avó... minha mãe.*

— Você não precisa dela, sabia disso?

Viro-me assustada para Andy, que aperta minha mão.

— Só porque ela te deu à luz, isso não faz dela...

— Vamos mudar de assunto? — interrompo rapidamente, puxando de volta a mão.

Andy se preocupa.

— Por favor... — peço. — Vamos falar da sua viagem.

— Tudo bem — responde ele, ainda incerto. — Começo pelos Estados Unidos. Tenho família em Nova York e Washington e vou ficar por lá um pouco, na faixa.

— Parece uma boa ideia — respondo, um tanto ausente.

— É, meu primo é motorista de táxi, dirige um daqueles inconfundíveis amarelinhos de Nova York e prometeu me mostrar uns lugares. E a minha tia vai cuidar das refeições enquanto eu estiver lá. Depois vou para Chicago, San Francisco, e de lá pego um ônibus para Los Angeles.

— Los Angeles? — interesse-me.

— É, estava pensando em fazer toda aquela rota do *showbiz*, TLC Chinese Theater, Calçada da Fama, Hollywood.

Hollywood... *Holly Woods*. Recosto a cabeça no banco do carro e sorrio. Entendi! Que nome seria mais adequado para a filha de uma aspirante a estrela de dezessete anos de idade?

— E de lá vou para a o Sudeste asiático. Vietnã, Camboja, Tailândia...

Andy continua a desfilar o roteiro, mas eu já não consigo prestar atenção, ainda envolvida com os pensamentos sobre aquela família, tão próxima! E em minha mãe, em Los Angeles...

Finalmente, Andy encosta na entrada de Nana.

— Andy...

— Rose...

Dizemos nosso nome ao mesmo tempo.

— Vai, fala primeiro — insisto.

— Eu só queria dizer que lamento por você não ter encontrado sua mãe. Eu sei o que isso significava para você, mas é que... eu não queria que você se magoasse.

Com o rosto quente, olho para longe e digo baixinho:

— Eu sei.

— Sua vez — diz ele.

— De quê? Ah, não, não era nada.

— O que é? — Sorri.

— Estava só pensando... Quer dizer, sobre a sua viagem.

Andy franze a testa.

— Eu posso adiar por algum tempo, se você quiser. Quer que eu fique mais um pouco?

Balanço a cabeça rapidamente.

— Não, não é isso, é que...

— O quê? — pergunta ele com delicadeza.

— Você se importaria... se eu fosse junto, afinal... talvez...?

— Na viagem?

Concordo.

— Rosie, seria incrível!

— Você acha?

— Cla-ro! — Abre um sorriso largo. — Está de brincadeira? Vai ser o máximo!

Sorrio para ele. Depois sinto um calafrio, com o vento que bate forte.

— Olha, entra, você está congelando. Eu te ligo amanhã, tá? A gente se encontra e decide tudo. Rosie, essa viagem vai ser muito especial! Você não vai se arrepender!

Sorrio com o canto dos lábios ao vê-lo partir com os olhos reluzentes.

— Ah... Rosie?

Viro-me.

— Trudie ia ficar muito orgulhosa da sua decisão — anima-se.

Os faróis me ofuscam os olhos durante a manobra, e Andy vai embora, desaparecendo na rua, enquanto eu fico ali no escuro, sentindo frio e culpa.



Sinto frio e culpa escorrendo com a gota de suor que cai da minha nuca e não consigo parar quieta, revolvendo a pilha de folhetos da mesa da clínica, enquanto aguardo nervosa até que alguém me chame.

Gravidez indesejada?

Suas opções:

a) Adoção.

Não. Essa eu passo.

b) Aborto.

Respiro fundo e analiso a página. “Até sete semanas: sucção manual.”

Eca. Revira meu estômago. “Aborto por medicamento (pílula do aborto).”

Mordo o lábio. Parece muito fácil. Tomo um remédio, não tenho mais um bebê. Simples.

— Hayley Wilson?

Dou um pulo ao ouvir a recepcionista chamando a próxima paciente. Mas não sou eu. Ainda não. Fico observando a moça se levantar, com as mãos unidas, passando pela porta dupla.

Seco o suor das mãos no jeans e pego outro folheto — qualquer coisa que mantenha minhas mãos ocupadas, distraídas.

“Seu bebê — a cada semana.”

Apesar do meu estado, meus olhos saltam direto para a figura dos sete meses, e as legendas me chamam a atenção: *dedos das mãos, dos pés, cotovelos, joelhos, narinas, pálpebras*. Esse montinho de células não passa do tamanho de uma borracha enfiada no lápis, e seu coração já consegue pulsar a cento e cinquenta batimentos por minuto. Duas vezes mais do que a minha frequência?

Antes que desse por mim, já tinha saído dali. Passo pela porta e continuo andando, sentindo o ar frio no rosto e fresco nos pulmões. Sugo o ar em grandes tragos, até me sentir tonta com aquela quantidade de oxigênio inalado, longe daquela clínica.

Em direção a um futuro que nunca planejei.

Capítulo oito

— O táxi chegou! — anuncia Andy, pendurando minha mochila no ombro e fingindo pender para o lado com o peso. — Meu Deus, mulher, o que você colocou aqui dentro? Parece até que vai viajar por oito meses ou algo assim!

Sarah morre de rir quando ele se arrasta pela saída de casa, enquanto Nana me abraça tão apertado que eu sinto que vou ser esmagada.

— Oito meses! Ah, querida!

Abraço-a com força, e meu peito dói. Ela é tão pequena, tão frágil!

— Vou sentir saudades, Nana!

— Ah, você vai se divertir demais para lembrar de ter saudades daqui — Sarah caçoa.

— Olha, tome bastante cuidado, está bem? — Nana recomenda, segurando minhas mãos. — Você é preciosa demais.

— Você também — digo com delicadeza.

— Quero um monte de cartões-postais. E um ou outro telefonema, pode ser?

— Prometo. Agora, Nana, nada de festas noite adentro enquanto eu estiver fora, hein? Eu te conheço!

Ela cai na risada.

— Ah, nem tente me impedir!

— Boa sorte, querida. — Sarah me abraça, e eu enrijeço involuntariamente, depois sorrio, por causa da Nana.

Não tenho mais muita certeza de como me sinto em relação a Sarah. Se fico brava com ela ou ressentida, ou até mesmo grata. Tudo tem sido tão confuso nesses últimos dias, tudo tão corrido, com as malas e os planos de viagem, que eu não tive tempo de pensar em nada além disso. Nem mesmo em Kitty. Com Nana e Andy constantemente em volta do único computador no quarto dela, só consegui pesquisar seu nome no Google uma única vez, antes de Nana entrar, fazendo-me fechar rapidamente a página, cheia de culpa.

Subo no táxi e olho para trás, para Nana acenando loucamente da porta, e até me sinto mal. Ela está tão feliz por mim! Emocionada por meu resultado oficialmente negativo do exame e satisfeita porque estou finalmente partindo para essa viagem. O que será que ela iria pensar se soubesse a verdade?

Fico vendo Sarah passar o braço em volta dos ombros magros de Nana e

jogar-me um beijo.

Como ela faz isso? Como conseguiu manter um segredo por todos esses anos, olhar nos olhos de todos nós, sabendo o tempo todo? Mentir para Nana está me matando, ter de pisar em ovos, medir as palavras e as ações.

Suspiro ao dobrar a esquina e vê-la desaparecer, substituída por árvores, campos e casas que nos interpõem.

Pelo menos não vou ter de mentir por um bom tempo.

Pelo menos não para Nana.

— Ei! — Andy me chama delicadamente. — Quer passar no cemitério no caminho? Temos tempo.

— Não. Eu já fui.

Outra mentira. Venho sustentando uma em cima da outra, na frente das pessoas, mas a verdade é que não tive coragem de visitar o túmulo de minha mãe. Ainda mais assim, de malas prontas e com uma passagem nas mãos, prestes a encontrar Kitty. Uma passagem que foi paga com o dinheiro que herdei de mamãe.

— Estou muito feliz por você ter mudado de ideia — alegra-se Andy, com os olhos cheios de expectativa. — A gente vai se divertir muito, Rose. Você e eu contra o mundo.

Sorrio de leve, aperto sua mão, depois me viro para a janela, observando o caminho até a rodovia, com o estômago doendo.

Que diferença faz uma mentira a mais? É como se elas fossem contagiosas; toda vez que afasto uma, outra mostra suas garras. Mas Andy não iria entender, já mostrou que não iria. E eu não preciso da aprovação dele, na verdade. É a minha vida, sou eu quem decide.

Além disso, essa viagem vai ser ótima, vamos nos divertir juntos — do jeito que planejamos —, e então, quando chegarmos a Los Angeles... Meus batimentos cardíacos se aceleram à medida que o cenário familiar do caminho vai ficando para trás, deixando o vilarejo minúsculo e as casas conhecidas, assim como os campos e a minha própria vida, cada vez mais distantes.

Quem sabe...?

O chão está coberto de neve, mas o céu é de um brilhante azul-claro quando finalmente aterrissamos em Nova York.

Abro bem os olhos ao entrarmos no terminal de desembarque, onde todos parecem se empurrar, acenar uns para os outros, mostrando placas com

nomes, disputando uma posição com melhor ângulo de visão. Fico bem perto de Andy.

De repente, um cara de casaco xadrez grosso agarra Andy num abraço de urso que o tira do chão.

— Ei, maluco! Como você está? E você deve ser a famosa Rosie — diz ele, beijando minha mão.

— Ok, chega de graça. — Andy sorri. — Rosie, este é Casey. Casey, Rosie. Agora vamos indo, porque estou me sentindo como um peru congelado.

— Ah, mas é um peru especial — provoca Casey, dando um tapinha malicioso em Andy e uma piscadela para mim, enquanto pendura minha mala no ombro. — Alguém quer tomar café? Estou morrendo de fome.

O café da manhã deles é algo completamente diferente de tudo o que eu já vi na vida: linguiça, ovos e torradas abrindo o caminho para longas tiras de bacon, batatas douradas e uma pilha enorme de panquecas fofinhas, encharcadas com xarope de bordo doce e grudento.

A imagem do morro de comida no meu prato me acompanha durante o dia inteiro — especialmente quando a balsa chacoalha com as ondas, no caminho para a Estátua da Liberdade.

— Ohhh! Não devia ter comido tanto! — resmungo, sentindo o estômago se revirar de um lado para outro. — Ou então deveria ter ficado em terra firme.

— É, mas essa moça vale a pena. Dá uma olhada nela!

Volto-me para a gigantesca senhora verde segurando sua tocha sobre as luzes de Manhattan. A vista da cidade que já ficou do outro lado do rio é absolutamente estonteante, como se os arranha-céus fossem foguetes lançando-se no azul do céu, no ar gelado e límpido, ao som das ondas que estouram logo abaixo de nós. Que vista para receber os imigrantes prestes a iniciar uma vida nova na terra das oportunidades!

— Rápido, tire uma foto! — grita Casey, agarrando Andy para compor uma pose à *Titanic*.

Caio na risada e vasculho minha bolsa à procura da câmera. Meus dedos formigam ao tocar o retrato de Kitty. Fico imaginando se ela se sentiu assim ao chegar aqui pela primeira vez. Cheia de esperança e expectativa. Pronta para começar uma vida nova. Para perseguir um sonho.

Meu coração se eleva ao som das gaivotas em revoada bem no momento da foto, e, com o bater do vento nos meus cabelos, de repente não me sinto

mais enjoada.

Em nosso caminho de volta, no táxi de Casey, passamos por multidões que se espalham nas ruas. Nunca tinha visto um lugar tão lotado, tão barulhento, tão cheio de vida! As buzinas ressoam de todos os lados, e os motoristas gritam com os consumidores que trançam em meio ao mar de carros, rumo às luzes chiques e brilhantes das vitrines do outro lado da rua.

— Então, Totó — Andy dá uma piscadela. — Acho que não estamos mais no Kansas, não é?

Ele não está brincando. Atenta à floresta urbana, sinto-me a milhares de quilômetros de distância da pequena e sonolenta Bramberley.

— Todo mundo pra fora! — Casey diz de repente, estacionando ao lado do Central Park. — Eu levo as malas, vocês podem ir andando daqui.

— O quê? — protesta Andy.

— Pode acreditar, cara, vocês vão adorar.

E ele tem razão. Andar sobre a neve no Central Park é lindo. As luzes da cidade brilham como estrelas bem acima de nós. Um patinador nos ultrapassa, deixando só o assobio suave das rodinhas, como um trem passando rápido, misturando-se facilmente à multidão de turistas japoneses, vendedores de balões, corredores... uma corrente de pessoas que parece não ter fim.

— Demais, hein? — anima-se Andy.

Sorrio de volta para ele, bombardeada com as novas sensações, as cenas, os cheiros e os sons. É como se aquilo nem mesmo fosse possível.

Posso imaginar o motivo que trouxe Kitty para a América.

E para realçar ainda mais a minha empolgação, passamos por baixo de um arco, e um castelo de fadas de repente aparece, bem no meio do Central Park.

Encantada, detenho o olhar, ouvindo “Jingle Bells”, que toca no relógio logo acima, onde animaizinhos feitos de bronze saem dançando e macacos tocam o sino cinco vezes, informando a hora. Que bonito! Que mágico!

Andy sorri para mim com os olhos brilhantes.

— O que foi? — pergunto, toda cabreira. — Tem cocô de pombo no meu cabelo?

— Não — cai na risada. — É só que... estou muito feliz por você ter vindo, Rosie.

Com um sorriso, engancho meu braço no dele e sinto um calor me invadir, apesar do frio cortante.

— Eu também estou.

Finalmente chegamos, exaustos e com o rosto corado, ao apartamento de Casey, onde sinto que estou em um episódio de *Friends* — salvo pelo fato de que esse apartamento tem cerca da metade do tamanho do da personagem Monica e dá para um muro de tijolos do prédio vizinho.

— Sejam bem-vindos! — saúda Casey, com um pano de prato pendurado no ombro. — Por favor, sintam-se em casa. Lola, dá licença!

— Dois minutos! — implora a loira miúda, com os olhos colados na tela do computador. — Já estou quase acabando! Oi, gente, desculpa, prazer em conhecê-los.

— Gente, esta é a Lola, extraordinária garçonete e incorrigível viciada em TV — diz Casey, revirando os olhos. — Não consigo tirá-la da frente dos seriados, nem para tomar banho.

— É a sua vez! — protesta ela, bem-humorada.

Seriados. *Kitty*.

— Você consegue assistir on-line? — Corro os olhos ávidos na tela. — Que seriado é esse?

— São todos iguais — resmunga Casey. — Um bando de caras, um bando de garotas, piadas esdrúxulas e um monte de risada enlatada...

Lola mostra a língua.

— É público ao vivo, de verdade!

— Viu um, viu todos.

Casey puxa o computador, e Lola grita:

— Faz isso e você morre. A nova chefe de Brad está pra chegar e vai encontrá-lo vestido assim, que nem um gigolô. Só que ele não percebeu ainda que ela está a fim dele, e acha...

— Ah, que chique! — Casey debocha. — Que coisa mais plausível, possível e sincera... Ai! — diverte-se com o tapa que ganha de Lola. — Você pode assistir mais tarde, vai, hoje é noite de Ano-Novo!

— Tudo bem. — Ela sorri, pegando o casaco e voltando-se para mim. — O que vocês vão fazer hoje à noite?

— É, querem ir para o bar? — convida Casey, logo batendo na testa. — Ah, esquece... vocês não têm vinte e um anos ainda, não é?

Andy ataca-o com uma almofada.

— Mas vocês vão com a gente para Times Square, não é? — pergunta Lola.

— Na verdade, eu estou bem pregada — digo, já me espreguiçando.

— Mas são sete e meia ainda!

— Verdade — diz Andy. — Mas em casa já passa da meia-noite. E a gente até já celebrou o Ano-Novo no horário de lá.

Sorrio. Tínhamos brindado com canecas de chocolate quente em um pequeno café antes de telefonar para casa.

“Feliz Ano-Novo, minha querida!”, gritara Nana, superando o barulho da festa na casa de Sarah. “Não perca nem um minuto deste ano!”

Lanço um olhar para o laptop de Lola. Não pretendo perder nada.

— Então vamos celebrar de novo — insiste Lola. — Vocês não podem perder a queda da bola de cristal da Times Square!

— Gatinha, eles fizeram um voo internacional, estão cansados, atrapalhados com o fuso e *fedidos*! — Casey tampa o nariz num tom teatral, o que me faz rir.

— Bom, então telefonem se quiserem nos encontrar. — Lola sorri. — Ou a gente se encontra por lá.

— Ah, sim, eles e mais outros dois milhões de pessoas — Casey completa, gargalhando. — Divirtam-se vocês dois, e até mais tarde!

A porta bate atrás deles, deixando-nos em um silêncio súbito, cortado apenas por uma sirene em algum lugar ao longe.

— Bom... Que dia, não? — diz Andy.

Sorrio para ele.

— Foi, sim, um dia e tanto.

— Vou tomar um banho; Casey tem razão, meu cheiro está terrível. — Apanha a mochila.

Espero até escutar o barulho do chuveiro, então abro o computador com os dedos trêmulos, digitando no campo de busca: *Na riqueza ou na pobreza*. Imediatamente o tema da série toca alto nas caixas de som, e eu logo conecto o fone, prendendo a respiração e certificando-me novamente do silêncio no corredor.

O barulho de chuveiro mistura-se com a cantoria desafinada de Andy, o que me faz respirar aliviada e voltar para a tela.

O episódio mais recente começa a passar, e fico vendo dois caras de uma beleza completamente inverossímil fazer o maior esforço para salvar um gato preso na escada de incêndio. Espero a cena se desenvolver, impaciente, sem conter os olhos que pulam para todas as informações possíveis contidas no site.

“Guia dos Episódios: acompanhe rapidamente!”

“Fofocas dos Bastidores! Será que Luke Reynolds e Kitty Clare ficaram

noivos secretamente?”

Noiva? Fico olhando para a foto. Kitty está *noiva*? Seu olhar alegre encontra o meu, os braços enroscados no homem alto e moreno do clipe. Aqueles olhos verdes de gato, brilhando e reluzindo na tela.

“Fotos. Entrevistas. Conheça as Estrelas!” Clico ávida neste último.

“Venha fazer parte da nossa plateia. Neste momento, estamos em recesso, mas as filmagens recomeçam em 16 de março...”

Ah, não! Não tem filmagem até março? Daqui até lá são dois meses. E estaremos em Los Angeles em *três semanas*.

— Banheiro livre!

Levanto num pulo, recebendo a toalha que Andy me arremessa antes de reparar na tela do computador.

Fui mais rápida. Fechei tudo.

— Ah, não, Rosie...

— Andy, é que eu...

— Puxa, eu te trago para Nova York e você quer ficar vendo TV? — Balança a cabeça em desaprovação.

— O quê? Ah, não, não, estava só... olhando. Só isso.

— Então posso dar uma verificada nos e-mails? Licença!

Entrego o laptop, completamente desconcertada, e tranco-me no banheiro. Tiro da bolsa a foto de Kitty e me jogo no chão.

Em recesso até março. Até *março*, quando eu estarei sabe-se lá onde: Camboja, Tailândia ou... e nós estaremos em Los Angeles daqui a três semanas.

Contorno com os dedos o sorriso de Kitty, num suspiro profundo.

Parecia que ela estava tão perto...

Mas ela podia estar em qualquer lugar.



Nova York.

A ideia me arrepia como um choque elétrico. Nem acredito que nunca estive aqui. Todos esses anos, e minhas viagens nunca passaram de um trecho de trem ou ônibus... Mas agora estou finalmente a caminho. Encho-me de alegria com a minha passagem — o ingresso para a Big Apple, a cidade que nunca dorme, a metrópole que inspirou mais músicas do que qualquer outra, desde Frank Sinatra até Jay-Z, o lar de Carrie Bradshaw, *Will & Grace*, Central Perk, Broadway...

Não seguro o sorriso.

É a realização de um sonho. *Todos* os meus sonhos estão finalmente se realizando.

Meu estômago revira, e, sem pensar, tiro da bolsa a imagem gasta do ultrassom que sempre carrego comigo.

Contorno a imagem em preto e branco, lembrando-me de como estava assustada quando fiz o exame, de como estava insegura.

E agora...

— Querida?

Escondo a imagem rapidamente e olho para ele, tão alto e moreno e de uma beleza completamente inverossímil. O homem dos meus sonhos.

— Ah, encontrei você. — Ele sorri, fazendo-me derreter como chocolate ao me beijar. — Está pronta para um ano novinho em folha?

— Prontíssima! — respondo, irradiando alegria e enfiando o ultrassom secretamente na bolsa, enquanto os minutos passam rapidamente, deixando o passado para trás.

Em algum lugar lá no alto, ouço um rojão explodindo no céu, e tudo se ilumina.

Estou feliz, as lembranças ruins vão se dissipando junto com os fogos, substituídas por outras, maiores, mais brilhantes e melhores a cada momento.

— Mal posso esperar.

Capítulo nove

Pela enésima vez, puxo o cobertor até o queixo e me ajeito no sofá, ouço mais um estouro prematuro de fogos de artifício pipocar ao longe e acompanho a luz dos carros como lanternas passando nas paredes da sala, primeiro avançando sobre os livros e depois alcançando a moldura de cada um dos quadros. Cubro a cabeça e fecho os olhos.

Não consigo dormir. O rosto de Kitty não me sai da cabeça, me assombrando, me atormentando. Eu a sinto tão perto agora, sua presença é tão *real*! Todo o tempo em que estive em casa, ela parecia ser uma figura distante e inatingível, como um sonho. E agora aqui estou eu: em seu país — e vou perdê-la. Ela pode estar em qualquer lugar, e eu estou aqui, em um sofá qualquer no meio de Nova York. Fazendo o quê? Respiro fundo. Já nem mesmo sei.

— Não consegue dormir? — Do saco de dormir no chão, Andy se vira para puxar papo.

Balanço a cabeça. Nunca estive tão alerta.

— Nem eu. Deve ser o fuso horário ou a viagem, ou algo assim. Vem, vamos sair.

— *Agora?*

— Por que não? — Andy sorri, desembrulhando-se do saco de dormir. — Não é a cidade que nunca dorme?

O parque é ainda mais bonito à noite, brilhando com milhares de lampadazinhas, mas nada levanta meu ânimo.

O que estou fazendo aqui? A um milhão de quilômetros de casa, de tudo o que me era familiar, mentindo para Andy, usando o dinheiro da minha mãe. Meu coração se contorce. Para quê? Nunca vou encontrar Kitty, pelo menos não dessa vez. Este país é tão grande, tão cheio de gente, tão lotado que ela poderia passar do meu lado na rua e eu nem iria perceber. Andy estava certo. Foi estupidez. Uma ideia descabida tentar encontrá-la. Não devia nunca ter vindo, ter deixado Nana, ter mentido para Andy...

E agora tenho oito meses vazios de viagem pela frente, quando tudo o que eu quero é voltar para casa e me enfiar na minha cama.

— É bonita, não é? — Andy se anima, interpretando mal a minha expressão de tristeza, como se eu estivesse contemplando a pista de patinação

cercada de estrelas reluzentes e arranha-céus.

Observo hipnotizada os patinadores rasgar o chão, ouço algumas risadas e gritinhos, vejo os escorregões, manobras arriscadas, passeios despreocupados, como se nada no mundo os afetasse. Eu os invejo.

— Vem, vamos pegar um par de patins para você — convida Andy, puxando-me pelo braço e seguindo para o rink.

— O quê? Não posso, não patino há anos, desde que...

— Patinar não se esquece.

Seus olhos param longamente sobre os meus, e sinto o estômago embrulhar de repente com a lembrança da última vez em que patinamos... Foi no nosso primeiro encontro. Espio a superfície iluminada da pista, meio insegura, com o rosto queimando no ar gelado e as memórias me inundando a cabeça. E então recebo um sorriso tão familiar, com os olhos azuis despontando junto àquelas covinhas, que num minuto todas as minhas dúvidas desaparecem.

— Venha, Bambi — brinca ele, passando o braço forte e quente em volta de mim para entrarmos juntos na pista de gelo. — Não vou te deixar cair.

No rink, é impossível pensar em qualquer coisa que não seja ficar em pé. Engancho-me em Andy, escorregando e rindo à toa, até ficar com o bumbum completamente roxo das quedas e as costelas doendo de tanto rir.

De repente, Andy olha o relógio e me agarra pelo braço:

— Corre! Está quase na hora!

— Correr pra onde? — Rio. — Esta não é a cidade que nunca dorme?

— Você vai ver. Vem!

Mal devolvemos os patins, Andy já está me puxando pelas ruas, correndo vários quarteirões, até que viramos uma esquina e eu paro, engasgada.

Nunca vi tantas pessoas ao mesmo tempo. Um mar de gente inunda as ruas, espalhando-se até onde consigo enxergar, multidões espremidas entre os prédios, dançando harmonicamente ao som da música que ecoa dos alto-falantes, usando chapéus de Feliz Ano-Novo que chacoalham alegremente com as danças, os abraços, as felicitações e os rompantes de empolgação, iluminados pelas placas que pendem das torres, piscando em cores, fotos e formas atraentes e variadas, ao lado dos enormes cartazes brilhantes da Broadway. A atmosfera é eletrizante.

— Bem na hora — empolga-se Andy, verificando o relógio e nos enfiando mais para dentro na multidão.

De repente a música para, e todas as pessoas começam um coro:

— Cinquenta e nove! Cinquenta e oito! Cinquenta e sete! Cinquenta e seis!

— A gente não podia perder a queda da bola. — Andy sorri, apontando para um globo brilhante que pisca como uma estrela no topo do prédio mais iluminado, reluzindo um milhão de cores e formas diferentes, até baixar lentamente em direção ao enorme relógio de contagem regressiva.

— Dez! Nove! Oito! — Meu corpo está formigando e o coração bate apressado quando agarro a mão de Andy.

— Sete! Seis!

Ele aperta a minha mão e sorri.

— Cinco! Quatro! Três! Dois! Um!

O céu explode em fogos de artifício, criando fontes ofuscantes de azul, verde, dourado — confetes coloridos escorrendo sobre a multidão que vai à loucura, comemorando em gritos ensurdecedores, enquanto todos pulam para cima e para baixo, abraçando-se e beijando-se ao som de “Auld Lang Syne”.

— *Feliz Ano-Novo!* — Um estranho me abraça, todo confiante, e morro de rir ao ver uma mulher de cabelos cor-de-rosa estalar um beijo na bochecha de Andy. Ele sorri para mim, a chuva de confete entre nós.

De repente todos estão cantarolando “New York, New York”, e sinto um arrepio quando Andy me segura nos braços para dançarmos em plena rua, cantando com toda a capacidade dos pulmões. Deixo escapar uns gritinhos a cada rodopio, levada pela atmosfera de atordoamento, a contagiante excitação, a esperança.

— Feliz Ano-Novo — diz Andy, cheio de felicidade, soprando calor no meu rosto, puxando-me para mais perto, o que me faz formigar ao toque de sua pele.

Um ano novinho em folha...

De repente, todo o fardo e o estresse do ano anterior — minha mãe, Sarah, Kitty — parecem estar bem longe de nós. Do outro lado do mundo. Uma outra vida. Posso encontrar Kitty a qualquer momento, afinal de contas. Não tenho pressa.

Mas aqui estou, agora, na incrível, vibrante e arrepiante cidade de Nova York, à beira de um novo ano marcante e de uma aventura extasiante. Com Andy, que está me olhando como costumava fazer antes, há tanto tempo...

— Feliz Ano-Novo — respondo, também completamente tomada pela alegria, mirando aqueles olhos azuis reluzentes.

E apesar de estarmos cercados por um milhão de totais estranhos, na

cidade mais abarrotada do país, na noite mais barulhenta e maluca do ano, de repente somos as duas únicas pessoas do universo.

O sentimento perdura a semana toda, à medida que rodamos a cidade, explorando tudo o que ela tem para nos oferecer. Fazemos compras na Bloomingdale's e caminhamos sobre a Ponte do Brooklyn; tomamos café na varanda da Tiffany's e jantamos na Quinta Avenida; assistimos a *Wicked* na Broadway e vemos os Knicks jogar no Madison Square Garden. Visitamos museus de arte e de história, mandamos cartões-postais de todos os lugares por onde passamos, até que, em nossa última noite em Nova York, só resta um lugar a que não fomos.

Meu estômago se revira no nosso percurso de subida, cada vez mais para o alto — até que finalmente se abre a porta e eu corro para fora, aspirando o ar fresco da noite, com Andy um milésimo de segundo atrás de mim. E então, bem quando estou quase chegando ao topo, ele me agarra pela cintura.

— Ganhei! — grita, com um braço enroscado no meu ombro, vislumbrando triunfante os trilhos.

— Você roubou! — protesto, sem fôlego e morrendo de rir. Então, de repente, fico boqueaberta. Ali está ela, Nova York inteira brilhando sob nós, linda e ilimitada. Respiro fundo, um pouco tonta, aturdida e no topo do mundo. É o final perfeito para a semana perfeita, como todos aqueles filmes que terminaram aqui: *Sintonia de amor*, e o filme de Cary Grant preferido de Nana: *Tarde demais para esquecer*.

— Estou me sentindo a Meg Ryan — sussurro no ouvido dele, enquanto olho atônita para tudo aquilo que desponta no escuro.

— Ah, pensei que você era a Naomi Watts — diz Andy, piscando o olho. — Em *King Kong*.

Deixo escapar um gritinho que corta o ar da noite quando ele me pega no colo, e arremato em tom de provocação:

— Ah, gorilão, você...

Não termino. Andy cobre a minha boca com o beijo mais suave e delicado do mundo.

Ouçoo um relógio batendo as horas em algum canto.

— Feliz aniversário — fala ao meu ouvido, puxando do bolso uma caixinha preta de veludo.

Volto-me para ele com olhar surpreso.

— Mas é só amanhã, seu bobo...

— Ah. Mas lá em casa já é amanhã.

Conto as badaladas do relógio. Sete da noite. Sorrio: meia-noite em casa. Ele tem razão.

Abro a caixa com cuidado, revelando um colar maravilhoso com um pingente de granada, minha pedra da sorte, justamente o que tinha namorado na vitrine de uma pequena loja que vimos no Village. Engasgo.

— Andy!

— Feliz aniversário, Rosie — diz, irradiando alegria nos lábios e no olhar e puxando-me mais para perto para colocar o pingente. — Te amo.

Fixa os olhos nos meus e continua:

— Nunca deixei de te amar.

Meu coração agora está pleno, sinto-me completa de dentro para fora.

Mal posso acreditar que a minha vida tenha mudado tão rapidamente e de maneira tão dramática. Poucas semanas atrás tudo parecia tão ermo, tão vazio... e agora estou aqui, o futuro grita por mim, com empolgação, com promessas, com Andy, meu Andy, o único homem que amei — e no topo do mundo. Literalmente.

— Também te amo — sussurro. — Sempre te amei.

Ele me beija novamente com os lábios macios e aproxima o corpo quente que me envolve, fazendo-me rodopiar para longe dali, viajando até as estrelas, na sensação de que finalmente retomamos do ponto onde havíamos parado naquela noite tão distante. Na cidade que nunca dorme...



O Empire State Building parece me chamar, reluzindo sob a luz do sol, da janela do quinquagésimo andar daquele hotel, de onde vislumbro o grande monumento que se sobrepõe à cidade barulhenta e movimentada, tão perfeito quanto sempre sonhei.

Há muita magia ali, muita história: o Empire State Building, a Ponte do Brooklyn, o vão dolorido onde se erguiam as Torres Gêmeas. Incrível. A cidade que sustenta as maiores cicatrizes e histórias de sofrimento não se descontinua, não esmorece, nem mesmo dorme. Está ali ocupada em prosperar, correr e se alvoroçar em meio às chamadas de esperança e empolgação diante do futuro, e eu me sinto parte de um encantamento — de volta à condição de garotinha.

Mas não sou.

Num movimento da mão, a luz faz brilhar o anel que parece me mostrar vida própria.

“Case comigo”, ele tinha dito, ajoelhando-se no meio do Central Park e com os olhos em festa sob o sol reluzente. “Eu te amo, quer se casar comigo?”

Mal posso acreditar, mesmo agora. Me pego sorrindo boba para o anel, que reflete como uma promessa no meu dedo. Uma promessa de amor, de um futuro tão resplandecente que todas as inquietações do passado possam finalmente se acalmar...

Fecho os olhos.

Queria que você visse isso, meu bebê, queria que você estivesse aqui agora. Queria tanto...

Respiro fundo e pressiono os olhos com força, fazendo um pedido secreto e silencioso ao soprar as velas. Olho para baixo, sentindo ainda o cheiro da parafina queimada na fumaça que sobe e esperando com todo o coração que meu pedido se realize.

Feliz aniversário, Holly.

Capítulo dez

Abro os olhos e, por alguns instantes, não faço a mínima ideia de onde estou, ou por que me sinto tão incrível e inexplicavelmente feliz. Tento lembrar com o que estava sonhando, percorrendo com os olhos o ambiente pouco familiar, aquele quarto com TV *wide screen* e carpete vermelho felpudo, até chegar à janela imensa. Do lado de fora, os arranha-céus saltam à luz da manhã, e o Empire State Building parece me chamar.

Lembro-me de repente.

Rolo na cama com um sorriso incontrolado.

Sou recebida com o sorridente bom-dia de Andy. Seus olhos reluzem à luz do sol, e os cabelos loiros ainda se amassam junto ao travesseiro.

— Como você está nesta manhã?

— Estou maravilhosa.

— Concorde — ele sussurra, afastando delicadamente meus cabelos do rosto. — Completa e absolutamente maravilhosa.

Sinto o coração flutuar enquanto suas mãos deslizam lentamente até a minha cintura, por onde ele me puxa mais para perto em um movimento único e suave, o que me faz formigar o corpo inteiro assim que nos tocamos completamente.

— Feliz aniversário. — Ele me beija com delicadeza, e o calor de seus lábios me faz perder o fôlego. — E aí, você achou o hotel uma boa ideia?

— A melhor! Embora eu não possa dizer que tive a melhor noite de sono.

— Eu também não — concorda, passando os dedos pelas minhas costas até emaranhá-los nos meus cabelos. — Estranho, não é?

— Humm... Talvez tenham sido os travesseiros.

Beija-me o pescoço.

— Ou o colchão, quem sabe?

— Os lençóis?

— É, talvez a gente deva reclamar.

— Ah, não tenho do que reclamar. — Sorrio, enganchando minhas pernas nas dele.

— Não?

— Além do mais, talvez não tenhamos dado a eles uma chance de...

— Bem pensado! Você acha que devemos testar mais?

Dou de ombros.

— Seria mais justo, pelo menos.

Não consigo conter um gritinho extasiado quando ele me puxa para baixo de si, no lençol mais macio, sobre o colchão mais confortável e os travesseiros mais fofos que já experimentei na vida.

Não. Não era um sonho.

— Washington, lá vamos nós! — alegre-se Andy, apertando minha mão ao pisarmos na estação de trem, com Casey a poucos passos à frente. — Chega de táxis amarelos, chega de Central Park, chega de Empire State Building.

— Ooh! — censuro.

— Mas — conserta rapidamente, puxando-me para perto — em Washington tem o Lincoln Memorial, o Pentágono e a Casa Branca!

— Oba!

— E lá também tem o Smithsonian, o maior complexo de museus do país!

— Ah, melhorou! — Sorrio para ele.

Na verdade, para mim não fazia a mínima diferença, desde que estivéssemos juntos. Só nos dois, como éramos antigamente. E ainda melhor, rio sozinha lembrando do hotel. Andy e eu contra o mundo, finalmente viajando mundo afora, como planejamos. Estou feliz. Não conseguiria imaginar um jeito melhor de passar o aniversário.

Nana nem acreditou quando eu lhe enviei uma mensagem de texto do topo do Empire State Building. “Você deveria ter ido no Dia dos Namorados”, — me repreendeu quando telefonei nessa manhã. “Quem sabe não encontraria Cary Grant?”

Agarrada à mão de Andy, penso: *Quem precisa de Cary Grant?*

Andy pisca.

— Adeus, Nova York. Ficam para trás as estátuas bestas e os predinhos de dar dó.

— Assim como os minguados cafés da manhã e as noites encurtadas — respondo, entrando na brincadeira.

Andy prossegue, já gargalhando:

— E chega de cartazes de peças improvisadas de Broadway, táxis fedorentos e... Ei! — Andy é interrompido por Casey, que o suspende nos ombros e dispara pela estação, as pernas de Andy balançando no ar.

Rio das palhaçadas dos dois, acompanhando-os de lá para cá, até bater os olhos sobre o cartaz: *Sonhos de uma noite de verão* — uma versão horrorosa, a julgar pelo cartaz. O cara que faz Oberon parece um drogado, e a mulher...

Congelo. Não pode ser.

Os olhos verdes de Kitty encontram os meus, e eu fico ali hipnotizada, incapaz de acreditar. É ela. Aqui. Em Nova York... Meu coração palpita, e eu percorro com os olhos o cartaz inteiro em busca das informações: a peça esteve em cartaz durante toda a semana, e a última apresentação é hoje. Ela esteve aqui a semana inteira.

E agora estamos de partida...

— Estrelando... Kitty Clare, de *Na riqueza ou na pobreza* — desdenha Casey. — Ainda bem que Lola não ficou sabendo, essa é a preferida dela. — Sorri, abraçando-me em despedida. — Legal te conhecer, Rosie.

— Ah, sim, igualmente.

Acenamos, e eu sigo Andy, completamente estarrecida, até as catracas.

Como isso é possível? Como isso pôde acontecer? Sinto tontura e enjoo.

— Andy...

— Humm? — resmunga, checando as telas de chegadas e partidas. — Plataforma 3.

— Andy. — Paro completamente. — Não... não posso ir, não posso sair de Nova York.

Ele sorri.

— Foi demais, não foi? — Beija-me a ponta do nariz. — Mas você não vai acreditar no que ainda vem pela frente!

— Não. — Puxo o braço dele. — Você não está entendendo.

Ele franze a testa.

— O quê?

— Andy... — Olho para ele, triste. — Não posso ir com você. Não agora.

— O quê? — Os olhos azuis de Andy fazem transparecer sua confusão, e ele me fita. — Mas por quê?

Dou um longo suspiro. Como eu começo?

— Rosie, me fala o que é.

— Eu... eu... — Respiro fundo, tentando escolher cada palavra.

— É a gente? — pergunta em um tom sério, encarando-me profundamente. — Foi essa última noite, não foi? Eu não devia... Não devia. Ultrapassei o limite muito rápido. Rosie, me desculpe, eu...

— Não, absolutamente, não é nada disso. — Beijo-o rapidamente. — Você foi incrível ontem; a noite inteira foi incrível. Assim como esta manhã.

— Então o que é? — Andy desvia para o relógio da estação. — Não podemos falar sobre isso no trem? Não temos tanto tempo assim, Rose.

— Eu sei, mas é que...

— Atenção, passageiros do trem Vermonter 705 com destino a Washington: o embarque está sendo realizado na plataforma 3 — anuncia a voz masculina ao microfone.

Olho para Andy e, num suspiro, digo:

— Melhor você ir.

— Rosie. — Ele me agarra pela alça da bolsa, que arrebenta imediatamente, e tudo o que eu levo ali começa a se espalhar no chão, para tudo quanto é canto.

— Ah, meu Deus, me desculpe! — diz ele, tentando resgatar os objetos.

— Melhor você ir — digo novamente, recolhendo a bolsa do chão. — Você vai perder seu trem.

— Sem você eu não vou.

— Eu não posso ir, Andy.

— Rosie, não. Você não vai fazer isso comigo de novo. — Concentra-se nos meus olhos, determinado. — O que foi? O que está te incomodando? Me fala.

— É... — Meus olhos caem sobre o retrato de Kitty que estava na minha bolsa e que peguei entre os objetos espalhados no chão. Suspiro e entrego-o para ele.

— Não estou entendendo. Quem é Kitty Clare? Uma atriz?

Nego com dor no coração.

— Ela é Katharine Sinclare.

— Katharine quem? Não estou... — Andy intercala o olhar entre mim e a foto, e então sua expressão muda.

— É ela, Andy. Ela está aqui.

— Não — interrompe, balançando a cabeça. Olha de novo para a foto, já tenso. — Este é o motivo que te trouxe até aqui? — Volta-se para mim, dessa vez mais severo. — Claro que é! — Vira de costas. — Como eu sou idiota!

Tento agarrar sua mão.

— Não, você não é idiota.

— Sou, sim. — Ele puxa a mão ríspidamente. — Eu pensei que você... que a gente... — Seu queixo se contrai. — Deixa pra lá o que eu pensei, não importa mesmo. Pensei errado. Óbvio. — E então começa a se afastar.

— Andy, espera!

— Preciso pegar o trem.

— Andy!

— Tchau, Rosie. Espero que encontre o que procura.

— Andy, por favor...

Ele anda em direção à catraca.

— Andy!

Vejo-o desaparecer na multidão, sentindo-me despedaçada, dividida entre correr atrás dele, ficar com ele, explicar... mas, de alguma forma, congelada ali naquela situação.

Eu tenho que fazer isso, digo a mim mesma, piscando com força para sair da inércia, com o peito apertado. Esse é o motivo por que estou aqui — a razão primordial por que escolhi acompanhá-lo nesta viagem.

Então por que dói tanto?

Demoro um século para encontrar o teatro. Não fica na área principal da Broadway, mas enfiado em uma ruazinha lateral, oposta ao McDonald's. Cruzo os dedos e corro para a bilheteria, até respirar, aliviada por ter conseguido uma poltrona no meio de uma turma de adolescentes. Eles conversam, riem, passam fotos de Kitty para lá e para cá, enquanto um casalzinho jovem logo à frente lê o programa, um colado ao outro, falando baixinho e trocando beijos.

Meu estômago se revira dolorosamente e desvio o olhar do casal, piscando como quem deseja acordar, até que a luz diminui e as cortinas começam a subir.

As primeiras cenas são uma névoa para mim, ali sentada, impaciente, entre pretendentes dedicados e bate-bocas de amor, esperando que ela apareça. E então, de repente, ali está ela. Rodopiando no fio de seda fina, cercada de fadinhas brilhantes — e tudo parece de repente escurecer.

É ela. É ela de verdade. Ali, ao vivo, no palco, na minha frente, metros adiante. Kitty Clare — Katharine Sinclair —, minha *mãe*, planando ao redor do palco, com os cabelos escuros brilhando sob a luz de cena, a voz cheia de melodia ressoando na plateia. Hipnotizada, tento sorver cada momento precioso, enfeitiçada por cada gesto, cada palavra, cada emoção — suas lágrimas, sorrisos, caretas —, gravando-a na minha mente.

Por fim, descem as cortinas, e eu ainda não consigo respirar. Empurro a multidão para forçar uma saída rápida escada abaixo, passando pelo *foyer* e depois lá fora, na chuva, ainda com a mochila pesada nos ombros, tentando atravessar a rua escura e lotada em direção à porta de saída dos bastidores. Já está lá uma multidão a postos, e eu fico na ponta dos pés, esticando o

pescoço, tentando ganhar uma visibilidade melhor.

De repente, centenas de *flashes* dispararam, abre-se a porta — e lá está ela!

Um segurança corpulento segura o guarda-chuva sobre sua cabeleira lustrosa, e, sorrindo, ela acena para as pessoas.

As meninas enlouquecem, esganiçando-se e pulando, empurrando, passando fotos na sua frente, implorando por um autógrafo.

— Oi, pessoal! — Kitty cumprimenta, com um inconfundível sotaque britânico. — Muito obrigada por terem vindo! Vou sentir saudade de vocês, Nova York! — Manda um beijo.

— Vamos sentir sua falta, Kitty! — grita uma garota bem atrás de mim. — Kitty, nós te amamos!

Kitty sorri e acena para ela, passando os olhos por mim só por um pequeno instante. Meu coração simplesmente para.

— Kitt...

— Kitty! — grita a multidão quando ela começa a descer a escada, cada um empurrando e lutando como pode para chegar mais perto dela.

— Kitty! — grito também, olhando-a passar por entre as pessoas, perdida na multidão. — Kitty!

Ela sorri e caminha adiante, passando bem perto de mim, em direção à limusine que a espera.

— Obrigada, obrigada, obrigada a todos vocês! — grita com um pequeno aceno. — E uma boa noite!

— Kitty! — Um formigueiro se forma ao redor do carro.

— Kitty! — me esgoelo. — Não! Não, Kitty, espere!

Ela bate a porta do carro.

Empurro com força todos à frente e chego até o segurança, agarrando-o.

— Por favor! — imploro. — Preciso falar com ela. Eu sou...

— A maior fã que ela já teve, é, eu sei — ele desdenha, abrindo a porta da frente para sentar-se no banco do passageiro.

— Não, eu sou... Ei! — Alguém me puxa para trás, e o formigueiro volta a se formar na minha frente.

— Eu sou filha dela — murmuro com a tristeza dos injustiçados, vendo o carro cortar a noite e desaparecer na corrente de trânsito. Fico ali olhando desesperada, sob a chuva que já engrossou e agora cai em gotas pesadas, até que sou a última que restou ali.

Sento na calçada, abatida.

Não consigo acreditar que a encontrei para logo perdê-la. Ela estava tão

perto que eu podia *tocá-la*. Mas agora ela se foi. Uma dor excruciante me atinge o peito e abraço os joelhos com força.

Eu a perdi.

Um táxi estaciona e buzina para mim, mas balanço a cabeça.

Para onde eu poderia ir? Não posso voltar para a casa de Casey. Não posso ir para Washington com Andy.

Andy...

Fecho os olhos, e as lágrimas escorrem sem parar, até a garganta arder. Apenas algumas horas atrás, estava ali, no topo do mundo, tão feliz... Mas joguei tudo fora por uma fantasia, um sonho. Olho cheia de dor para a foto de Kitty, encharcada e borrada pela chuva. Eu a encontrei. A fama fez com que fosse fácil achá-la. Mas também fez com que fosse impossível me aproximar dela. Pelo menos nessas circunstâncias. E ela já se foi.

O táxi buzina mais uma vez, e balanço a cabeça ainda mais veementemente, esfregando os olhos. Buzina de novo, e então me levanto, irritada.

A porta se abre, e um cara sai do carro.

Olho para ele rapidamente, depois olho de novo, sem acreditar ao vê-lo chegar até mim, com as mãos enterradas nos bolsos.

— Ei — diz Andy. — Que surpresa te ver por aqui...

— Ela está hospedada no Ritz! — Lola gira na cadeira. — Eu li no *TV Extra*! Ah, isso é o máximo! — Ela transborda de excitação. — Rosie, por que você não nos contou que a sua mãe é a Kitty Clare?

Olho para Andy, mas minha cabeça ainda não tinha parado de girar.

Lola intercala o olhar, passando de Andy para mim, depois desiste de compartilhar a conversa.

Seguimos no carro em silêncio por alguns instantes, acompanhando somente as luzes da cidade que percorrem nosso corpo em movimento.

— Andy, eu...

— Alguma coisa dessas foi verdadeira? — ele interrompe calmamente, cabisbaixo. — Ontem à noite... pelo menos *alguma coisa* dessa semana foi verdadeira? Ou foi simplesmente... parte de um plano para me manter bonzinho, enquanto você ganhava tempo para encontrá-la?

— Não! — digo imediatamente. — Não, Andy, tudo foi verdadeiro. Tudo! Foi a melhor semana da minha vida.

Mas ele não me olha, então hesito.

— Quer dizer, sim, vir para os Estados Unidos parecia a maneira perfeita de encontrar Kitty, mas tudo o que aconteceu desde que...

Encaro-o com a máxima serenidade, desesperada para abraçá-lo, beijá-lo, mostrar para ele.

— Andy, foi muito mais do que eu pensei que pudesse esperar.

Finalmente ele me olha, sem muita certeza.

— Nem era para ela estar em Nova York; eu pensei que estivesse em Los Angeles e que ia levar séculos para encontrá-la, o que ia me dar tempo de sobra pra te contar, te explicar. Então eu vi aquele cartaz na estação de trem e... Ela é a minha mãe, Andy, e estava ali tão perto... Se eu não tivesse ao menos tentado, se... Me desculpe.

Andy gesticula em silêncio, compreensivo.

— Pensei que você tivesse pegado o trem — completo, delicada.

— Eu peguei — admite. — Estava lá, sentado no vagão, sozinho, consumido por um *déjà-vu*: não estava acreditando que você tinha me dado o cano de novo, que tinha escondido coisas, mentido para mim. Então me lembrei da razão de você ter feito isso da última vez. Que você tinha tido uma boa razão para mentir.

Olho para ele.

— Andy.

— E embora eu não seja a favor de que me usem ou de que mintam para mim, sou absolutamente louco por você, Rosie Kenning. — Andy aperta minha mão, e meus olhos se enchem d'água. — E eu quero te dar apoio, quero que você saiba que pode confiar em mim.

— Eu sei.

Então ele suspira profundamente.

— Por que você não me contou?

— Já nem sei. — Encolho-me com uma tristeza enorme. — Você estava tão pessimista em relação à ideia toda... Pensei que isso ia te deixar bravo, que ia estragar tudo, quando só o que eu queria era encontrá-la, vê-la. — Baixo a cabeça e sinto a garganta inchada. — Mas não funcionou, não é? Acabou.

Andy me olha por um momento, depois balança a cabeça.

— Nada disso. Acho que não acabou, não.

— O quê?

— Rosie, se você chegou até aqui para encontrá-la, se isso significa tanto assim para você, não vai desistir coisa nenhuma.

— Mas é impossível, eu nunca vou conseguir nem chegar perto dela. Você não viu... Ela tinha todos aqueles seguranças.

— Bom... Então é aqui que entramos com o plano perfeito...



— Querida — ele chama, verificando o relógio pela milésima vez. — Você está pronta? A gente não vai conseguir chegar a tempo se não sair agora.

— Meu querido noivo. — Sorrio, deliciando-me com a nova palavra que me sai da boca. — Temos tempo. Vai chamando um táxi; eu só preciso trocar de roupa.

Tiro o vestido, passando-o pela cabeça, e quando me dou conta suas mãos já estão em volta da minha cintura.

— Quero você assim para sempre — diz ele sorridente, com os olhos nos meus. — Você é muito bonita, já te disse isso?

Eu rio.

— Umas duas ou três vezes.

— Você parece — beija-me o pescoço — uma estrela de cinema!

Sinto um arrepio.

— Amor... táxi?

— Mas você disse que tínhamos tempo! — reclama, beijando meu braço e meu dedo com o anel.

— Temos, sim. Temos o resto da vida.

— O resto da vida — repete, cheio de alegria. — Você e eu.

Capítulo onze

— Não vai dar certo, de jeito nenhum — choramingo, tentando me concentrar na bandeja enorme que trepida em meus braços sem deixar cair a tampa dos pratos, enquanto avanço no corredor do hotel.

— Se você já está desistindo, então não vai funcionar mesmo. — Andy me incentiva em tom persuasivo: — Ah, vai, você deve ter herdado da Kitty algum talento de atriz! É o próximo quarto.

Paro defronte à porta, emitindo um gemido.

— Serviço de quarto! — Desempenho meu papel, cantarolando pela enésima vez.

Um senhor de meia-idade abre a porta, exibindo a barriga que despenca sobre o calção.

Travo em um sorriso.

— Serviço de quarto?

— Não pedi nenhum serviço de quarto — resmunga.

— Desculpe, senhor, quarto errado — Andy intercede, empurrando-me corredor adentro, enquanto tento puxar de novo para baixo a minúscula saia que mal cobre meu bumbum.

— Estou me sentindo ridícula! — reclamo. — Além do mais, este uniforme é de garçoneiro e não de camareira.

— Bom, era o que Lola tinha para emprestar. E está bem bonitinho...

Olho para ele.

— Andy, a gente nem sabe em que quarto ela está. E ela nem pediu serviço de quarto. E se alguém de fato tiver pedido? Só tem chocolate aqui...

— Mas quem não gosta de chocolate? — Sorri. — Vai, Rosie, próximo quarto.

O plano perfeito de Lola — que ela copiou de uma de suas séries favoritas — consistia em distrair o pessoal do hotel, fingindo ser uma fã alucinada, enquanto Andy e eu nos infiltraríamos, trocando de roupa no banheiro. E agora, dos andares mais altos para os mais baixos, bateríamos de porta em porta segurando a bandeja coberta que Lola emprestara, fingindo oferecer serviço de quarto, até que encontrássemos Kitty. Já varremos dois andares inteiros, e nem sinal dela.

A próxima porta se abre quase imediatamente. Um homem enorme, de terno, me fita com mau humor, ocupando o vão inteiro da porta com seu

corpo gigantesco.

— Pois não?

— É... serviço de quarto — arrisco timidamente.

— Típico! — Outro homem avança na direção da porta, e o Incrível Hulk dá passagem. — Pegue as malas, está bem, Stan? Você acredita que Kitty pediu serviço de quarto na última hora? Desse jeito nunca vamos sair. Acho que ela está perdidamente apaixonada pela sua cidade — diz ele dirigindo-se a mim com uma piscadela que me faz corar as bochechas. — Entre, por favor. E se puder, por favor, diga a ela que vou sair para ver o que aconteceu com o nosso táxi, ok?

— Eu... digo, sim — respondo, observando-o ganhar o corredor, seguido pelo Incrível Hulk, carregado de malas.

— Ah, meu Deus! Aquele ali era Luke Reynolds!

— Quem? — Andy franze a testa.

— O coadjuvante de Kitty, o noivo.

— Bom, então estamos no quarto certo, não é? Vem. — Ele me puxa para dentro.

— Ai, meu *Deus*! — Empaco ali mesmo na entrada, de queixo caído com a lareira de mármore, os candelabros de prata, os lindos buquês de flores e os luxuosos tapetes indianos felpudos, esticados no piso espaçoso. É absolutamente incrível, e muito diferente da casa geminada e apertada de seus pais em Bramberley.

— Esqueceu alguma coisa, amor? — Kitty aparece do banheiro da suíte.

Encaro-a sem palavras e com a respiração presa na garganta. Ali está ela, na minha frente, em carne e osso. Seus cabelos negros balançam suavemente quando ela para diante de mim e os olhos verdes penetram nos meus.

— Oi, pois não? — pergunta, com um sotaque misturado entre o anasalado americano e o arredondado das vogais britânicas.

— Eu... humm... é que... — Olho para o prato nas minhas mãos. — Serviço de quarto!

Ela estranha.

— Mas eu não pedi nada. — Levanta a tampa da bandeja. — E nem como chocolate.

— Ah, desculpe, eu...

— Ele sabe que eu não como chocolate. — Sorri de repente. — Ah, adoro aquele homem. Ele fica me mimando. — Pisca para mim e enfia um bombom na boca. — Aonde será que ele foi?

— Ah! Ele...

— Ele foi verificar o táxi, madame — Andy interrompe, fazendo um gesto reverente e fechando a porta atrás de si, voltando para o corredor.

— Fala a verdade, encontrei o cara perfeito, não? — Ela se desfaz em um sorriso. — Agora, espera, deixa eu te dar uma boa gorjeta. — Apanha a bolsa, e suas sobrancelhas se franzem ligeiramente. — Eu já vi você antes?

— Eu... — Balanço a cabeça em um gesto negativo, já desesperada, a garganta paralisada, o estômago revirando. Será? Será que ela conseguiria me reconhecer?

— Ah, já sei! — Aponta para mim. — Você estava na peça de hoje à tarde, não estava? Mochila enorme, guarda-chuva? — Sorri.

Concordo rapidamente.

— E aí? Gostou? Eu nunca acredito na crítica.

— Ah, achei maravilhosa — respondo, efusiva.

Ela se alegra.

— Você fuma? — Abre um pacote de cigarros.

— Não, obrigada.

Ela se recosta na poltrona. Parece tão jovem, tão bonita...

— Você não é exatamente uma camareira, é? — dispara, de repente. — A menos que o Ritz tenha mudado os uniformes desde hoje de manhã...

Sinto o rosto arder em chamas.

— E os chocolates, também são seus?

— Eu... — Faço um esforço enorme para respirar. — Me desculpe, de verdade.

— Relaxa! — Cai na risada. — Já fiz algumas coisas malucas para conhecer as estrelas no meu tempo, pode acreditar. E obrigada, são deliciosos. Então, em que posso ajudá-la? — começa, colocando um cigarro entre os lábios à procura de um isqueiro. — Autógrafo? Foto? Acho que não tenho muito tempo, meu táxi para o aeroporto vai chegar logo; estou indo para a ensolarada Las Vegas!

Sorri para mim, esperando a resposta.

Meu estômago não me deixa em paz. É agora ou nunca.

— Meu nome é Rosie. — Engulo em seco. — Rosie Kenning.

— Prazer em conhecê-la, Rosie.

— E eu sou... — Respiro, com o rosto já queimando. — Eu sou sua filha.

Ela levanta os olhos rapidamente.

Eu capto seu olhar com medo, segurando aquele momento no ar, sem

sequer ousar respirar. Não acredito que fiz isso assim, cuspi a informação assim desse jeito.

Ela me olha por um longo instante, e meu coração martela loucamente. Pronto. Momento da verdade.

Então ela sorri, enrolando os cabelos para o lado.

— Eu não sabia que tinha uma filha. — Exala com frieza.

— Eu sei — digo, respirando curto. — Desculpe, eu...

— Ah, não se preocupe, eu sou sempre a última a saber — diz, gesticulando com o cigarro. — Normalmente eles me dão o *script* e dizem “ação”. Pelo menos dessa vez me avisaram antes.

Contraio o rosto, confusa.

— Na verdade, a Janine vem pensando em colocar uma filha para mim no programa já há algum tempo, mudar a minha imagem, manter as novidades. Ela vive dizendo que eu preciso de um gancho, sabe, para prender a atenção do público e instigar a imaginação das pessoas, atrair o interesse da mídia, incrementar o meu perfil...

— Não! — interrompo. — Eu sou...

— Você sabia que eu estava para encenar Maria no *remake* de *A noviça rebelde*, mas eles disseram que eu ainda não era uma estrela? Não faz diferença para eles se eu venho ocupando o horário nobre da TV nos últimos oito anos... Ah, e disseram também que ninguém ia botar fé na personagem maternal da freira depois do papel que fiz em *Na riqueza ou na pobreza*. Me ofereceram a baronesa em vez disso. A baronesa! Ah, eles vão ver a baronesa... Vão vê-la de um jeito maternal.

Ela sorri novamente para mim, olhando-me de cima a baixo.

— Mas devo dizer que fizeram um trabalho bem-feito, hein? Cabelos negros, olhos verdes... e até inglesa você é... — Inclina-se para a frente. — Ou é só uma encenação muito boa?

— Não. Eu sou, sim.

— Bom, me impressionou. — Ela se recosta na cadeira, ainda me avaliando. — Mas você passou um pouco da idade para isso, não?

— Desculpa, o quê?

— De qualquer forma, tenho certeza de que eles podem te fazer parecer mais jovem com maquiagem, mas quantos anos você tem, dezessete? Dezoito?

— Dezoito.

— Exatamente! Eu não tenho idade para...

— Você tem trinta e cinco.

Ela engasga com a fumaça do cigarro.

— E você é uma atrevidinha...

— Eu tenho dezoito anos — repito. — Faço aniversário hoje.

— Então feliz aniversário, mas realmente isso não é desculpa para...

— E dezoito anos atrás, no dia de hoje, quando você tinha dezessete — respiro fundo e agarro a oportunidade —, você me deu à luz.

Ela me encara, atônita, e tosse.

— O quê?

Encaro-a olho no olho, cheia de expectativa.

— Na Inglaterra.

Ela me olha por um tempão, solta uma pequena risada e se levanta, abraçando o próprio corpo.

— Bom, você é boa, preciso admitir; uma construção completa do personagem, com passado e tudo. O estúdio deve realmente ter se esforçado, embora eu não possa imaginar o motivo de não terem me contado antes, quer dizer...

— Não tem nada a ver com o estúdio — interrompo em voz alta. — Eu não sou atriz! Sou de verdade. Sou sua filha verdadeira!

Ela se vira para mim, pálida como a morte.

— Stan...?

— Por favor, me ouça!

— Não sei o que você quer, mas...

— Você me deu à luz no St. Anne's Hospital, em Maybridge.

— Eu realmente acho que não...

— E fugiu logo depois que eu nasci...

— Olha — ela diz num impulso. — Meu bem, tenho certeza de que você deve ser uma boa pessoa e espero que encontre sua mãe, espero realmente, mas você pegou a mulher errada.

— Era uma noite de tempestade e...

— Rosie — interrompe —, escuta, não sei com quem você andou conversando, mas...

— Com a sua mãe.

— O quê?

— Falei com a sua mãe, Pam Sinclare. Minha avó.

Ela me encara sem palavras.

— Foi assim que consegui te encontrar. Ela me disse que você sempre quis

ser atriz, que veio para os Estados Unidos quando tinha dezessete anos. Mas ela não sabia o motivo verdadeiro, não é?

— Olha, eu...

— Ela não sabe que você tinha acabado de ter um bebê, que estava assustada e fugiu.

— Agora escute!

— Mas logo depois que você fugiu, Kitty, houve um engano...

— É claro que houve um engano, nisso você está certa! — grita num rompante, dirigindo-se até a porta para escancará-la. — Stan sempre me avisa dessas coisas. Stan?!

— Kitty! — eu imploro. — Kitty, por favor.

— Rosie — Andy entra.

— E você, quem é? — Kitty pergunta.

— Kitty, eu sou sua *filha*.

— Eu não tenho filha nenhuma. — Passa por mim, os olhos fumegantes.

— Agora vai, por favor, vai embora. Vão os dois!

— Não, Kitty...

— Stan! Stan!

— Rosie! — Andy me chama com cuidado. — Tem certeza de tudo isso?

— Sim — respondo, ignorando-o. — Kit...

Andy me agarra firme pelo braço e me contém.

— Certeza absoluta?

Volto-me para ele.

Andy baixa o tom de voz.

— E se você estiver errada? E se não for ela?

— O quê? — Olho para ele, incrédula. — Tem de ser ela...

Não tem?

Olho para Kitty, que está apertando com força o teclado do telefone. Ela se parece comigo, mesmo cabelo, mesmos olhos... tem a idade certa. Teve uma filha chamada Holly Woods. Recupero a respiração.

Não teve...?

Sinclare... Havia várias no banco de dados. Só porque Kitty morava ali na região, não significa necessariamente...

Engasgo.

Minha mãe era uma fugitiva. Poderia ter vindo de qualquer lugar para ter o bebê em segredo.

Um arrepio percorre minha coluna de alto a baixo. Pam nunca mencionou

um bebê, nem gravidez. Eu é que presumi tudo isso porque Kitty manteve tudo em segredo, mas e se...

Ainda estou paralisada olhando para Kitty, que agarra o telefone.

— Segurança?

E se não tiver havido bebê algum?

Sinto o coração martelar dolorosamente.

E se ela simplesmente partiu, como disse Pam, “em busca do sonho”?

Eu tinha tanta certeza... Tanta... Mas e se foi tudo um grande engano? *E se ela for a Sinclair errada?*

— Rosie. — Andy me diz gentilmente, acolhendo-me nos braços. — Talvez devêssemos ir.

Miro firmemente em Kitty, e a dúvida me percorre as veias.

Não é ela... Tudo isso, e nem mesmo é ela!

— Vem, Rosie. — Andy me guia até a porta, porque eu já não conseguiria mesmo caminhar de tanta tontura.

Mas eu tinha tanta certeza, deixei Nana para trás, menti para Andy... Tudo isso por nada. Entendi tudo errado, tão errado... *Ela não é minha mãe. E eu não sou filha dela, nem...*

— Espera... — Paro repentinamente na porta, apegando-me à última chance. — Holly Woods — digo, virando-me para Kitty em desespero. — Kitty, eu sou Holly Woods.

Ela me encara por um segundo, com os olhos verdes arregalados e o rosto pálido.

— Quem te mandou aqui? Foi o Jack?

— Ninguém me mandou! — insisto, com os batimentos loucamente acelerados.

— O que ele quer? Dinheiro?

— Não, Kitty, você não está entendendo.

— Não, quem não está entendendo é você! — grita ela já com os olhos esbugalhados me partindo ao meio. — Eu não tenho filha nenhuma!

As palavras me queimam como água fervente. Olho para ela. Seu rosto está sem cor, e ela está tremendo.

— O que está acontecendo?

Viro-me para Luke, parado no meio do corredor.

Kitty olha para ele, instantaneamente tomada de terror.

— Ah, graças a Deus! — dispara aliviada, correndo para perto dele. — Ah, querido, eles simplesmente entraram no quarto; vieram me assediar e não

querem ir embora.

Assediar?

Luke puxa do bolso o celular e disca para a polícia.

— Estamos de saída — Andy insiste, pegando-me pelo braço.

— Mas... — Olho desesperadamente para Kitty. — Espera!

— Ah, querido, eu estava tão assustada... Ela estava dizendo umas coisas malucas!

Fico ali, de queixo caído.

— Tudo bem, meu amor, eles já estão indo embora.

Luke guarda o telefone e puxa Kitty para si, sem me perder de vista.

— Vem. — Andy me arrasta pelo corredor, e minha cabeça continua a girar.

Coisas malucas? Ela me reconheceu. Ela sabia que eu estava falando a verdade!

Encosto a cabeça no espelho gelado do elevador e sinto a descida. Cada vez mais para baixo, para baixo, para baixo... Andy me dirige para fora, onde as luzes do hotel, refletidas no chão molhado, me ofuscam e um vento gelado atinge meu rosto.

— Meu Deus, Rosie, você está tremendo! Cadê suas roupas? Estão lá dentro ainda?

Não faço ideia. Meu corpo treme descontroladamente. E no entanto não sinto frio. Não sinto nada.

— Espere aqui, vou buscar suas roupas.

A rua me chama a atenção, as pessoas em alvoroço formam um borrão de cores e movimentos.

Não consigo acreditar. Eu a encontrei. Eu *encontrei* minha verdadeira mãe. *E ela me escorraçou.* Jogo-me contra a parede, atordoada com a conversa que tivemos e que fica voltando — o choque, a negação, a raiva, o reconhecimento. O olhar dela quando mencionei o nome de Holly Woods — o trocadilho que ela inventou para me nomear antes de fugir...

De repente me dou conta, num golpe tão duro quanto um soco no estômago.

Ela fugiu. *De mim.* Esse é também o motivo pelo qual ela não me deu seu nome, inventou um diferente. Ela não me queria — nunca quis — e ia me deixar ali para ser adotada. Não houve erro, não houve arrependimento. A voz dela soa dolorida no meu ouvido: “Eu não tenho filha nenhuma!”. Ela nunca quis ter um filho, e agora, a seu ver, realmente não tem.

Aquela coisa amarela surge na minha frente. O táxi de Casey. Esforço-me para me movimentar, apoiando-me nas paredes, e o motorista se aproxima da porta do hotel. Mas não é Casey. Ele passa por mim, as pesadas portas de vidro do hotel se abrem e um casal sai dali apressado, enquanto o salto da moça estala no piso. Ela se vira, afasta dos olhos um cacho do cabelo negro e se ajeita no carro, enquanto eu me enfio numa sombra qualquer, vendo o veículo se afastar, misturando-se ao trânsito.

E lá vai ela. Minha mãe. Saindo da minha vida para sempre — do jeito que sempre quis.

— Pronto, estão aqui! — Andy sai apressado. — Vem, está frio pra caramba — diz, ajudando-me a vestir o casaco e abraçando-me com força debaixo da chuva que já cai mais grossa sobre as pessoas, formando poças, até que finalmente encontramos Casey.

— Tudo bem com ela? — Lola sussurra, ao me ver despencar no banco de trás.

— Acho que está meio chocada — Andy responde baixinho, fechando a porta. — Não foi muito legal.

— Ah, não... — lamenta Lola. — Puxa, sinto muito. Toma, Rosie, bebe um pouquinho disto aqui.

Ela me passa uma garrafa entre os bancos, e Andy envolve meus dedos quando a seguro. Viro-a de uma vez, sentindo o líquido descer quente pela garganta.

— Isso, assim mesmo. — Lola sorri.

Ganho de Andy um beijo na testa.

— Ok, para onde vamos? — pergunta Casey, ligando o carro.

— Rosie? — questiona Andy, com a cabeça absolutamente longe dali.

— Qualquer lugar. Qualquer lugar que não seja aqui.

Encosto a cabeça na janela gelada, com os olhos pesados, acompanhando as gotas que caem e borram o mundo lá fora, enquanto ficamos cada vez mais distantes daquele hotel, da minha mãe, de todas as esperanças. Para sempre.

Adeus, Kitty Clare.

Eu suspiro.

Adeus, Holly Woods.



Acompanho as gotas de chuva que escorrem rapidamente pela janela, enquanto as luzes da cidade passam formando uma corrente colorida atrás do vidro, tentando fingir que não me sinto tão mal, tentando ignorar o enjoo.

Passo o anel de um dedo para o outro, brincando impaciente com aquilo que parece estranho e novo na minha mão, e que me pesa terrivelmente na consciência. Penso na imagem entocada dentro da bolsa, na vida nova, no noivado recente, no meu segredo.

— Meu amor? — puxo conversa, mas ele já está dormindo, com a cabeça largada na poltrona.

Beijo sua bochecha. Ele parece tão feliz... Tão em paz...

Olho de novo para o anel, que reluz no dedo, e beijo-o novamente, dessa vez cheia de delicadeza.

Adeus, Holly Woods.

Olá, meu futuro.

Capítulo doze

Acordo de repente, assustada e um tanto desorientada. A luz do sol me aquece o rosto. Estou toda enrolada num cobertor, no banco de trás de um táxi vazio.

Meu pescoço dói e tenho que me esticar toda, lutando contra as dores do corpo, para olhar pela janela e encontrar... o mar. *O mar?* Onde estou?

Toc, toc, toc.

Viro-me e dou de cara com Andy do lado de fora, na janela oposta, carregado de sacolas, com uma flor entre os dentes. Alcanço o outro lado para lhe abrir a porta.

— Não é bem uma rosa, mas foi o melhor que eu pude encontrar assim, de improviso. — Sorri, largando as malas e me entregando a flor. — Feliz aniversário.

— O quê? — Sorrio, confusa, aceitando aquelas pétalas aveludadas, com o estômago roncando de tanta fome ao sentir o aroma do café que invade o carro.

— Feliz aniversário — Andy repete, tirando de uma das sacolas um bolinho decorado e um *muffin*. — Pensei que, como ontem não foi muito legal em termos de aniversário...

— Está brincando?

— Então decidi que hoje vamos recomeçar tudo. Fazer tudo direitinho dessa vez.

— E daí vem a surpresa de acordar dentro de um táxi no meio do nada? — Sorrio, olhando para o mar azul-claro e as gaivotas barulhentas.

— Ah, convenhamos... Todos os aniversários inesquecíveis começaram dentro de um táxi no meio do nada. — Pisca. — Bem-vinda a Plymouth!

— *Plymouth?* — Olho pela janela. — Por quanto tempo eu dormi?

Andy cai na risada.

— Plymouth, Massachussetts, Nova Inglaterra. Apesar de eu realmente ter ficado surpreso com a sua capacidade de dormir uma noite inteirinha, principalmente dentro de um carro. Você devia estar mesmo destróçada.

— É... — Tomo um gole de café. — Destroçada.

— Mil desculpas, Rose — continua ele, cheio de delicadeza. — Nunca me passou pela cabeça que Kitty pudesse reagir daquela maneira.

Respiro fundo.

— Como a gente ia saber, não é? — arremato, com um sorriso fraco.

— Verdade. Ela é quem sai perdendo, viu?

Busco seus olhos e sinto um nó na garganta.

— Obrigada. Eu só quero é conseguir esquecer tudo aquilo, de verdade.

— Claro! É para isso que vai servir o dia de hoje. Um dia de recomeço. Casey e Lola nos deram um tempo, saíram por aí; ficarão fora a manhã inteira, para explorar o lugar, então estamos tranquilos. Eu, você, o mar e a praia. Alegre-se.

Eu também me deixo tomar pela alegria.

— Perfeito.

— Ou quase — completa, puxando uma vela do bolso e enfiando-a no *muffin*.

Sorrio enquanto ele a acende, sentindo o calor do fogo e afugentando as lembranças sombrias do dia anterior, talvez de dezoito anos anteriores.

— Faça um pedido — sugere ele, iluminado pela luz da vela.

Inspiro, fecho os olhos e sopro.

A Nova Inglaterra é o antídoto perfeito para Nova York. Pacífica e dormente, com suas típicas cercas baixas alinhadas ao longo do jardim de cada linda casinha branca de madeira, parece desconectada do mundo e de todas as preocupações ou problemas. Mamãe teria adorado este lugar.

Passamos a manhã perambulando sem pressa por Plymouth. Compro alguns cartões-postais e telefone para Nana; depois encontramos Casey e Lola e seguimos adiante, para a ponta mais distante da península, Provincetown.

A minúscula cidade está praticamente fechada por causa do inverno. As placas de “fechado” estão penduradas nas vitrines trancadas, enquanto outras proclamam alegremente: “Te vejo em abril!”. As ruas e os restaurantes, que provavelmente ficam lotados no verão, são agora tomados pelos moradores locais: pescadores com suas enormes árvores de Natal construídas com caixas de pescar lagosta e as famílias que cavam a areia da praia à procura de mariscos. Tudo perfeito.

Depois de um almoço delicioso de frutos do mar, Andy e eu finalmente nos despedimos de Casey e Lola e nos hospedamos numa linda pousadinha. Desfazemos as malas, tomamos um banho e novamente nos lançamos a caminhar sem nenhuma pressa até o píer, enquanto o Pilgrim Monument fica para trás. As esposas dos pescadores nos observam nos muros do cais, os

barcos de cores vivas parecem flutuar sob nossos pés, ao som das ondas que explodem incontidas. Pela primeira vez depois de um longo período, sinto que consigo absorver completamente o ar.

— Surpresa! — anuncia Andy, ao chegarmos ao barquinho branco brilhante, em cuja lateral se lia: *Wesley's*.

— Não entendi.

— Esta é a sua surpresa de aniversário. Arranjei tudo de manhã.

Levanto as sobrancelhas.

— Um barco?

— Um passeio de barco — corrige, ajudando-me a subir a bordo. — Mas não um passeio de barco qualquer. Agora sente-se e fique olhando.

— Para quê?

— É surpresa. Fique... observando as ondas.

Passeamos por um período que me parecem horas. A água salgada e ácida do mar espirra em meu rosto, o vento bate forte nos cabelos e as ondas cintilam para todos os lados, até que encontro o horizonte distante, em que o céu toca o mar. O sol irradia alegria no meu rosto, e sinto a maresia chegar até os pulmões, embarcando num ritmo preguiçoso, embalada pelo sobe e desce constante daquele barco. Meus pensamentos pairam com as gaivotas, pouco acima da cabeça, com as asas abertas completamente rendidas ao vento, como pipas gigantes.

Mamãe me deu uma pipa de aniversário quando fiz seis anos. Era linda. Branca como a neve, linda, com uma rabiola longa de fitas. Ela segurava o barbante, e eu corria, corria o mais rápido que conseguia, mas derrubava a pipa no chão, toda desastrada. Quando me cansei, minha mãe assumiu, segurando a pipa acima da cabeça e correndo rapidamente, até que, numa só tentativa, uma rajada poderosa de vento levou a pipa para flutuar lá no alto, tão alto quanto o céu, até que eu tivesse de apertar os olhos para enxergá-la.

“Segura, Rosie”, gritava mamãe. “Segura firme!”

E eu segurava, agarrando o barbante com toda a concentração, como se a pipa dançasse lá no alto, estampando uma marca branca cintilante no céu azul, e as fitas emprestassem vida à luz do sol. A pipa voava, mergulhava no céu como um pássaro, puxando o barbante como se este não tivesse fim, cada vez mais alto, pedindo para se libertar.

Então eu a soltei. O barbante escapou da minha mão, e ela foi-se embora. Mamãe correu atrás dela, mas ela voava muito rápido, flutuando, pairando no ar, cada vez mais para cima. Ela então me pegou no colo e, com um abraço,

disse que eu não me preocupasse, que ela iria me comprar outra. Mas eu não queria outra. Aquela era a minha pipa, e ela tinha se libertado. Eu a tinha deixado ir. Queria tanto ser livre que não fui capaz de segurá-la, não fui capaz de mantê-la presa. E sorri quando ela se desvencilhou e foi para longe. Por cima das árvores, por cima dos pássaros, por cima das nuvens, chegando ao paraíso, dançando com liberdade.

Foi a coisa mais bonita que eu já tinha visto na vida.

— Ei! — Andy me cutuca, e abro os olhos subitamente. — Você tinha que estar olhando!

— Olhando o quê? — Dou uma risada. — Me dá uma pista! Na direção do píer, da praia? Estamos quase voltando!

— Não pode ser! — Andy entra em pânico. — Mas a gente não as encontrou! — Vai para o outro lado do barco.

— Encontrou quem?

— As baleias! Era para vermos as baleias! — Ele se inclina, tentando ver o caminho de onde viemos, apertando os olhos para enxergar direito.

Procuro também. Nada, só águas revoltas.

— Baleias?

— Este era um passeio de observação de baleias — resmunga. — Se não encontramos baleia alguma, então é só... um passeio.

Desapontado, ele senta na borda do barco, que vai parando, zangado com as ondas vazias.

— Que bela surpresa, hein?

Morro de rir com sua expressão emburrada.

— Foi maravilhoso. — Aperto a mão dele enquanto passamos para o píer móvel, até chegar em terra seca, onde lhe dou um beijo. — Obrigada. Por tudo. Por hoje, por esta... e por tudo o que fez por mim ontem.

— De nada — responde suavemente, e retomamos nossa caminhada despreocupada pelo molhe, voltando para a pousada. — É que eu fiquei meio decepcionado com o desfecho.

— É, talvez tenha sido melhor assim.

Ele me fita.

— Jura?

— Ah, pelo menos agora eu sei quem ela é, onde ela está... e pude lhe dizer quem sou. — Engulo em seco. — Era tudo o que eu queria.

Andy franze a testa.

— Quero dizer, é claro que teria sido maravilhoso se ela quisesse me

conhecer, ter qualquer tipo de relacionamento — admito, tirando os sapatos assim que alcançamos a areia da praia. — Mas ficou claro que isso não é o que ela quer, ou que jamais quis. E tenho que respeitar isso, foi a sua escolha.

Suspiro para continuar elaborando a teoria, sentindo os pés descalços congelar. Então sorrio.

— Além do mais, eu já tive a melhor mãe do mundo, então Kitty nunca seria comparável a ela, apesar de todo o seu brilho e glamour. Então — concluo —, foi melhor assim. E agora eu sei, pelo menos.

— Sêrio? Você ainda está satisfeita de tê-la encontrado? Apesar de tudo?

— Sim. Eu apenas... não queria passar o resto da vida imaginando “e se...”, entendeu? É como com a doença de Huntington: eu poderia ter encarado o fato de ser portadora; o que não conseguia era suportar o fato de que ninguém me dizia se eu era ou não. Tive que assistir ao sofrimento da minha mãe, pensando se aquelas coisas iriam acontecer comigo, porém sem saber. Mas agora... — Encho os pulmões com o ar fresco, gelado e salgado da praia. — Agora eu posso seguir em frente. Afinal, tenho dezoito anos. Está na hora! Hora de ser dona do meu nariz, de viver minha própria vida, de cometer meus próprios erros.

Olho para ele.

— Me desculpe por ter mentido pra você, Andy.

Ele balança a cabeça.

— Tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Eu deveria ter te contado — argumento. — Os segredos só parecem fazer as coisas ficar ainda piores.

Andy concorda.

— Então, nada de segredos, nada de mentiras daqui pra frente. Prometo. Tenho idade para encarar a verdade... sobre qualquer coisa.

— Chega de segredos, então.

Aperto a mão dele e dou uma olhada por trás de nós dois, para o molhe, para a praia e a longa trilha de pegadas que deixamos na areia até o ponto em que paramos. *Minhas pegadas*, percebo de repente. *Meu caminho percorrido*.

— Então — Andy começa. — E agora?

Respiro fundo. *E agora...?*

Essa é a questão fundamental. Um futuro gigantesco e estonteante está ali à minha espera, oferecendo-me um milhão de caminhos para escolher, decisões para tomar, sonhos para almejar.

Mas não hoje. Sorrio. Não esta noite.

— Comida! — lanço a ideia, sorrindo. — Estou morrendo de fome!
— Excelente escolha. — Ele se alegra, levando-me pelo braço. — E eu sei exatamente aonde a gente vai... Deixe com Woody...

— Peixe com fritas! — me animo ao chegar a uma placa enorme de madeira: “Peixe com Woody”. — Vamos comer peixe com fritas!

— Deixe com Woody... Peixe com Woody... Entendeu? — Andy cai na risada.

Dou-lhe um tapinha na cabeça.

— Você precisa atualizar seu livro de piadas, meu amigo!

— Imagina, o trocadilho é perfeito!

— Ah, entendi, você está se achando original...

— De que você está falando? É a minha mais fina criação.

— Se eu fosse você não admitiria isso!

Ao abrirmos a porta de entrada, o sino anuncia nossa presença naquele lugar que parece uma cabine de barco. O ambiente está cercado de apetrechos náuticos: alguns equipamentos de pesca bem estranhos, outros interessantes, bússolas reluzentes, redes e telescópios pendurados nas vigas; pedaços de madeira tomados por corais cobrem as paredes, e uma linda carranca esculpida em forma de sereia protege a caixa registradora. Aquilo poder parecer brega, mas no fundo tem seu charme: é como se fosse a caverna do Aladdin, iluminada por uma luz trêmula e com cheiro avinagrado de massa fermentada.

Pedimos peixe com batatas fritas e ficamos ali observando a baía.

— Que lindo! — exclamo, enfiando a última batata na boca e acompanhando o sol que mergulha lentamente sob as ondas rosadas e cintilantes. — Tudo hoje foi lindo. Obrigada.

— De nada. — Andy sorri, com os olhos refletindo a luz da vela. — Feliz aniversário. Mais uma vez.

Nesse momento, um homem moreno para à nossa mesa.

— Opa, aniversário de alguém? Por que não avisaram? Teríamos mandado uma vela espetada no peixe — brinca ele. — Meus parabéns!

— Obrigada.

— Ah, inglesa também. É sempre um prazer conhecer pessoas da minha terra. Meu nome é Jack, eu sou o dono. Gostou do prato?

— Perfeito! Igual aos da nossa terra!

— Isso sim é um elogio! — Ele se dobra em uma reverência. — Eu

pensava mesmo que a Nova Inglaterra merecia uma cozinha inglesa original. Principalmente porque eles roubaram todos os nomes dos nossos lugares.

Caio na risada.

— E então, sobremesa? Recomendo nosso bolo de chocolate, ou então temos uma cuca caseira de maçã que é espetacular.

— Ah, não consigo comer mais nada, estou satisfeita!

— Por favor, vai, Rosie, você tem que ganhar um bolo, é seu aniversário de dezoito anos!

— Veja só! Então parabéns em dobro! Ah, e aqui são os Estados Unidos, você ainda não pode beber, pelo menos legalmente. — Jack dá uma piscadela. — Uma pena. Bom, muitas felicidades, Rosie. — Começa a recolher nossos pratos, mas para de repente. — Espere, na verdade eu tenho uma ideia. Volto em um segundo com a sua sobremesa.

Desaparece na cozinha, apressado, carregando nossos pratos, e eu não contenho o riso.

— Você acredita nessa figura? Nem pedimos sobremesa!

— É... — Andy responde distraído.

— Que foi? Você queria a cuca de maçã? — Acaricio seus cabelos.

— O quê? Não, não é isso. — Ele olha para a mesa.

— Andy?

— Rosie... — Ele passa a mão nos cabelos e se inclina para a frente, hesitando. — É que... Bom, sabe aquilo que você disse antes sobre as verdades e os segredos, e sobre ter ficado satisfeita de ter encontrado Kitty mesmo que não tenha saído como esperado? Porque você pelo menos finalmente soube a verdade?

— Sim — respondo com cuidado.

— E chegamos a esse acordo de não ter mais segredos?

Concordo, agora com certo nervosismo.

— Bom... — Respira fundo. — Não fique brava, mas quando voltei para o banheiro do hotel para pegar seu casaco, Kitty entrou lá.

— O quê? — Meu estômago se revira.

— Ela não me viu, estava ao telefone. — Andy faz uma pausa. — Estava ligando para o serviço de auxílio à lista e exigindo falar com um Jack Woods. Olho para ele. Jack Woods? Como Holly Woods?

— Um tal de Jack Woods, de Provincetown.

Já começo a sentir o corpo formigar e me lembro das palavras de Kitty: “Foi Jack que te mandou aqui?”.

— Bom, em seguida eu também liguei para o auxílio à lista — Andy prossegue rápido, tomando minhas mãos. — Rosie, este é o único endereço em que consta um Jack Woods. Este restaurante.

Bato os olhos no cardápio: “Woody”.

— E ele é inglês, ainda por cima — completa Andy.

De repente as luzes se apagam, deixando-nos na mais completa escuridão, e eu agarro o braço de Andy.

— Parabéns a você — entoam as garçonetes vindo da cozinha —, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Viva Rosie!

Jack aparece logo atrás, carregando um bolo grande coberto de velas acesas, que coloca sobre a nossa mesa.

— Parabéns a você!

Não consigo tirar os olhos dele.

— Faça um pedido — diz ele, com o olhar empolgado.

Olho para ele um pouco mais e, em seguida, respiro fundo e sopro cheia de vontade, formulando um desejo. Quando abro os olhos, todas as velas estão apagadas e as pessoas comemorando.

— Parabéns, muito amor e muitas felicidades — repete Jack, sorrindo.

Agradeço, feliz da vida, concentrada no bolo. Está até escrito “Feliz aniversário”, com o número 18 por baixo. Paro por um momento.

— Vocês fazem um bolo especial para cada cliente que faz aniversário?

— Não. — Jack ri. — É que você deu sorte. Tenho uma filha que fez dezoito anos ontem, mas ela... bom, ela não está aqui, então o bolo sobrou.

Jack volta satisfeito para a cozinha, e eu fico ainda olhando para o bolo.

— Tudo bem? — Andy sussurra.

— É ele, não é? Será que é ele?

— Está parecendo.

— Isso eu nunca pensei. Quer dizer... meu pai? — Olho para trás, tentando enxergar a cozinha. — Você acha que ele sabe? Sobre o bebê... sobre mim?

— Rosie, ele disse que foi o aniversário da filha ontem.

— Eu sei! — E um arrepio percorre toda a minha espinha. — E ele ainda comemorou, fez um bolo! Andy, este é o meu bolo de aniversário!

De repente estamos os dois olhando aquele bolo com cobertura e dezoito velas, todas para mim. *Depois de todo esse tempo, ele ainda faz um bolo para mim... para a filha que nunca conheceu.*

Sinto o coração apertar.

Para o bebê que ele pensa que morreu.

— Tenho que contar para ele — decido de repente. — Tenho que contar quem eu sou. É o destino, eu sei que é. Encontrá-lo aqui, justo neste momento do meu aniversário, ganhar este bolo por acaso... — Volto-me para a cozinha, com dor no coração, pensando naquele homem e em seu trágico ritual, ano após ano. — Andy, ele pensa que eu morri.

— Rosie.

— Tudo bem por aqui? — Uma garçonete surge ao meu lado. — Vocês gostariam de mais alguma coisa?

— Não, obrigada. Estávamos só conversando. Será que senhor Woods teria um tempo para nós? — arrisco, hesitante, com o coração disparado. — É que gostaríamos de agradecer pelo bolo e...

— Acho que ele acabou de sair, que pena!

— Ah, saiu?

Não acredito que perdi a chance.

— Podemos voltar amanhã — diz Andy. — E então falamos com ele.

— Você sabe para onde ele foi? — pergunto à garçonete, já em desespero.

Não consigo esperar mais, simplesmente não consigo.

— Ah, sim, a esposa telefonou — responde ela, limpando a mesa ao lado. — E ele teve de correr para casa.

Andy me olha e arrisca perguntar:

— E você sabe onde ele mora? Tem o endereço?

— Sim. — Ela esboça um sorriso confuso, apontando para o teto. — Aqui em cima. Jack mora no apartamento em cima do restaurante.

— Ok. É isso. Agora não tem como voltar atrás — declaro diante das janelas iluminadas do andar de cima.

— Nada de voltar atrás — Andy apoia.

— Ai, meu Deus! — Sento-me de volta no banco da praça pela enésima vez, desencorajada. — E se ele nem quiser saber?

— Rose, se você ficar pensando, vai encontrar um milhão de “e se...”. Mas só existe um jeito de descobrir. Veja por este lado: não dá para ser pior do que foi com Kitty, concorda?

Suspiro profundamente e acabo concordando, ainda relutante.

— Não, não dá. Mas talvez seja melhor mesmo voltar amanhã. Pode não ser uma boa hora, ou pode ser tarde...

— São sete da noite.

— Eu sei, mas...

— Rosie, você decide. Podemos ir embora se você quiser. E você pode voltar amanhã, ou até não voltar nunca mais. Não se preocupe, a decisão é só sua.

Não consigo tirar os olhos da casa.

— Preciso fazer isso, e estou pronta. Estou só... assustada.

— Eu sei. — Andy aperta minha mão. — Não tem pressa.

Concordo, distraída, com o olhar compenetrado na porta da casa.

— Mas e se ele for igual a Kitty? Se também não me aceitar?

— Rosie. — Andy afasta meu cabelo do rosto, olha-me nos olhos e sorri.

— Ele te fez um bolo.

Sorrio também, com uma sensação acolhedora espalhando-se pelo corpo.

— Ele fez mesmo, não é? Ele me fez um bolo.

Respiro fundo, levanto-me, atravesso a rua e subo a escada antes de dar qualquer chance à razão para mudar de ideia. Andy aperta firme meus ombros enquanto bato à porta, com as mãos úmidas e os dedos cruzados.

Uma mulher loira de cabelos cacheados atende, e eu simplesmente congelo.

Ah, meu Deus! Isso não estava nos planos.

— O-oi... — gaguejo. — Meu nome é... meu nome é Rosie, eu...

— Prazer em conhecê-la. Entrem, entrem rápido. Jack não avisou vocês para vir pela porta dos fundos? Ela nos coloca rapidamente para dentro e fecha a porta. Sou Megan. Obrigada por terem vindo, e desculpem o convite em cima da hora. Vocês sabem que eles não iam chegar hoje, mas aí telefonaram já da estação, e por isso ficamos meio bagunçados. Tem salgadinhos ali e bebidas na cozinha, está bem?

— Eu... — tento começar, mas ela desaparece apressada.

— Parece uma festa — comenta Andy.

A casa está apinhada de gente, bebendo cerveja e comendo salgadinhos, rindo e conversando. Vasculho o ambiente à procura de Jack, mas nem sinal dele. Passo os olhos sobre a mobília bege-clara, a estante de livros feita de cedro, tudo em tons marítimos. Uma paisagem linda do mar está pendurada em lugar de destaque, acima da lareira, e pedaços torcidos de madeira esculpida pelo mar decoram o ambiente, com os ramos se enroscando como criaturas vivas. Fascinada, continuo analisando cada um dos elementos, até encontrar um mural de fotos na parede, do qual me aproximo.

De repente algo pequeno e azul bate no meu joelho.

— Oi! — Sorrio, puxando assunto com o pequeno homem-aranha de

pijama, cuja franja escura lhe cai sobre os olhos que me fitam.

— Desculpe! — Megan corre em busca do garoto, pegando-o no colo. — Ben! O que você está fazendo fora da cama?

— Eu queria gritar surpresa! — Ben choraminga, esfregando os olhos com o punho.

— Bom, vamos perguntar para o papai, está bem? — Megan sorri para mim, desculpando-se de novo, enquanto leva embora o pequeno.

— Que bonitinho... — digo para Andy.

— É... e olha quem é o papai.

Viro-me em direção à cozinha e consigo ver quando Jack sai de lá, balançando Ben sobre os ombros.

— Ah, meu Deus! — Olho para Andy, com os batimentos a mil. — Você acha que eu... — Olho para o garotinho que balança para lá e para cá, rindo com a movimentação de Jack. — Eu tenho um irmão?

— Shhh... — Andy me cutuca ao ver Jack se aproximar. Faço um esforço para me recompor, embora sinta a excitação percorrer meu corpo inteiro.

— Ora, olá novamente!

— Oi! Desculpe, tentei encontrá-lo no restaurante, mas a garçonete disse que você tinha saído e que morava aqui em cima... Obrigada de novo pelo bolo! — disparo mil palavras ao mesmo tempo, toda desajeitada, o rosto vermelho.

— Ah, de nada! — Jack irradia alegria. — Peço desculpas por ter saído de repente. Tive que improvisar uma festa-surpresa do nada. Mas, agora que estão aqui, vocês podem beber aquela bebida de comemoração que não podiam beber lá no restaurante.

Jack pega duas cervejas.

— Você tem que aproveitar para beber no seu aniversário de dezoito... Espere! O que foi isso?

Ouvimos o barulho de um carro estacionando na calçada.

— Rápido! Escondam-se todos! — comanda Jack, apagando as luzes e escondendo-se atrás do sofá junto com Ben.

Todos se entocam e se escondem, e Andy e eu, perdidos, nos entreolhamos antes de encontrar um lugar para nos enfiar, naquela situação completamente estranha.

— O que a gente está fazendo? — Andy sussurra no meu ouvido.

— Não faço a mínima ideia.

A fechadura gira, e Jack reforça para que todos façam silêncio.

Abre-se a porta da frente, e a luz se acende:

— surpresa!

Todos pulam de seu esconderijo, e Jack corre para a porta, com Ben logo atrás.

— Surpresa! — Andy brinca comigo, ao nos levantarmos, ainda sem entender absolutamente nada do que se passa. Estico o pescoço para tentar ver, mas há muitas pessoas na minha frente. Todos se aglomeram na porta, cumprimentando e comemorando.

— Feliz aniversário! — dizem as pessoas, estourando copos de confete e soprando apitos de festa sob a luz do *flash* das câmeras.

Não consigo me mover, congelada por uma sensação de *déjà vu*.

— Feliz aniversário, minha querida! — grita Jack. — Você não achou que iríamos deixar passar em branco os seus dezoito anos sem fazer uma festa, não é? Mesmo que no dia seguinte!

Meu estômago gela.

— Obrigada, papai. — Escuto uma voz de garota rindo. — Josh, você sabia disso? Melissa?

Sentindo tudo me queimar por dentro, fico na ponta dos pés, tentando enxergar, mas não consigo.

— Uau, isso é demais! — Ela ri novamente. — Vou ganhar bolo e tudo?

A sensação de queimação me corrói o estômago.

— Agora, isso é uma história engraçada, querida. Eu... é... dei o seu bolo para uma pessoa. Você disse que ia ficar em Nova York, então...

— Você o quê? — Ela morre de rir.

Dou alguns passos para trás, passando por Andy para chegar à cozinha.

— Rosie. — Ele me segura pelo braço, mas logo me solto e consigo passar.

Preciso sair dali. Foi um erro. Um erro enorme. Entendi tudo errado. De novo. Ele não é meu pai, ele tem uma filha. Uma de verdade, que tem dezoito anos. Meus olhos se enchem de lágrimas e tento passar pelas pessoas, desesperada para ir embora dali.

— Aqui, querida! Aqui está ela! — A voz de Jack ressoa logo atrás de mim, o que me faz parar. Ele encosta no meu ombro, e eu me viro, já paralisada.

— Oi! — A garota sorri para mim, ajeitando o cabelo castanho claro atrás da orelha, o que faz meu coração simplesmente parar.

— Então, você ganhou meu bolo de aniversário? — Ela me fita com os

olhos cor de avelã, oferecendo-me a mão. — Prazer em conhecê-la! Eu sou Holly.

— Eu... — Não consigo emitir um som. Ela se parece tanto com... De repente me dou conta.

Holly.

Holly Woods.

Filha de Jack...

Ah, não!

Olho para ela, entorpecida, o sangue congelando nas veias.

Não pode ser... impossível... O cabelo castanho-claro... os olhos cor de mel... minha idade... meu aniversário... Holly Woods...

Encaro-a com desespero, sinto tudo girar à minha volta. É ela... Fecho os olhos, mas sua feição já está inevitavelmente gravada na minha mente. *Ela está aqui... Ela sobreviveu. De algum modo, sobreviveu.*

Ela sou eu.

PARTE II

“Sabemos quem somos,
mas ignoramos
o que poderemos nos tornar.”

William Shakespeare, *Hamlet*.

Holly

A luz do sol me atinge direto nas pálpebras, e já acordo esboçando um sorriso, antes mesmo de me lembrar por quê. Tateio a cama sob o travesseiro e confirmo, arrepiada.

Não foi sonho.

Olhando para a porta, desenterro cuidadosamente o anel e o coloco no dedo o mais lentamente possível, sentindo a mesma vertigem e a mesma excitação que percorreram minhas veias no momento em que ele o deu para mim.

Pode não ser um diamante verdadeiro — aperto a pedra de plástico e ele acende —, mas isso de algum modo o torna ainda mais especial. Quantos caras por aí deixariam a noiva escolher o próprio anel?

“Você é quem vai usá-lo pelo resto da sua vida, afinal de contas”, disse ele sorrindo e com o olhar tão brilhante quanto o neon do anel, que não consigo parar de beijar, toda derretida com a luz que muda de cor.

O resto da minha vida...

— Holly? — Papai bate à porta e me faz levantar num pulo. — Está acordada?

— Hummm... Sim, pode entrar — convindo, enfiando a mão embaixo do cobertor assim que a porta se abre.

— Bom dia, Holly-berry — diz ele sorrindo, ainda todo descabelado da noite. — Fui buscar café da manhã para você. — Aparece com uma bandeja lotada de bacon e ovos gordurosos, e meu estômago revira.

— Pai do céu! — Morro de rir, tentando arrancar o anel. — Você sabe que eu não como mais do que cereal...

— Bom, eu acho até que cereais são suficientes para uma adolescente, mas não para uma mulher de dezoito anos. — Ele me estende sorridente a bandeja.

Contorço-me desesperadamente, mas o anel não sai do dedo.

— Além do mais — continua —, eu não pude preparar o seu café da manhã de aniversário.

— Ah, de novo não, vai... — Consigo finalmente me livrar do anel, sem perder o sorriso, e sento-me rapidamente para pegar a bandeja de suas mãos. — Eu te falei, foi uma oportunidade única. E além disso, quando eu iria conseguir viajar para Nova York?

— E tinha de ser justo no seu aniversário de dezoito anos?

— Aconteceu justo no meu aniversário de dezoito anos. — Dou uma mordida empolgada na torrada. — Ah, pai, o importante é que estou aqui agora, e além do mais você deu meu bolo para outra pessoa...

— Pois é; ele estava ali, esquecido, triste e solitário, e você ia chegar só na madrugada de hoje.

Mordo o lábio. Pisei na bola de novo.

— E era um bolo com creme de leite fresco, feito especialmente para o dia do aniversário, e não sei se iria durar mais que dois dias mesmo...

— Tudo bem, tudo bem! — Já não contenho o riso. — Eu sou uma filha terrível, e ela merecia mais do que eu. — Mostro a língua. — Ela já acordou?

— Rosie? Ah, não, ainda está dormindo. Megan vai levar café da manhã pra ela e ver como ela está.

— Aquilo foi estranho, não foi? — digo, mordendo de novo a torrada. — Ela desmaiar daquele jeito?

— É. Uma olhada para a sua careta feiosa já bastou para ela cair dura.

— Olha!... — repreendo-o de brincadeira. — Se você me provocar, eu volto pra Nova York.

— Tudo bem, a gente nem esperava mesmo que você estivesse de volta hoje — diz papai, suavizando o tom de voz. — Pensei que ia ser um final de semana prolongado.

Ergo as sobrancelhas.

— Está reclamando?

— De jeito nenhum. Só estou me certificando de que está tudo bem com a minha menina.

Viro os olhos para outro lado.

— Tudo bem.

— Tem certeza?

— Sim, certeza. Mulher de dezoito, lembra?

Meu pai sorri.

— Divertiu-se por lá?

Recosto feliz no travesseiro, lembrando-me do anel escondido ali embaixo.

— Me diverti como nunca!

— Ótimo. — Ele sorri, satisfeito, beijando-me a testa. — Você merece.

Espero-o fechar a porta para respirar, aliviada.

É estranho esconder isso de papai. Estou quase explodindo de vontade de compartilhar com ele, e essa foi a razão de eu ter voltado para casa, afinal. Mas aí... Lembro com alegria da expressão de meu pai ao pular de trás daquele sofá. Ele é mestre em estragar a minha surpresa com uma surpresa dele.

De olho na porta, pego de volta o anel, apertando a pedrinha colorida com os dedos. Ele já saberia, se não fosse a festa e se Josh não fosse tão “à moda antiga”. Nem acredito que ele queira pedir a permissão de meu pai antes de contar para qualquer pessoa — como se ele pudesse negar. É a cara de Josh: fazer as coisas na ordem certa, seguir os protocolos. Mas o segredo está simplesmente me matando — papai e eu sempre compartilhamos tudo!

Bom, quase tudo. Desço a mão para a barriga. Se a mamãe estivesse viva, fico pensando, será que eu já teria contado para ela? Provavelmente não, não antes de contar ao Josh. Ele não é o único que consegue guardar um segredo. Mal posso acreditar que ele me levou a Nova York no meu aniversário. A minha primeira vez a bordo de um avião, e só porque ele sabia como eu queria viajar! E ele me pediu em casamento! Giro o anel para que ele ilumine o quarto com seus raios de arco-íris.

Agora estou querendo contar o meu segredo e ver a cara dele! Mas vamos seguir a ordem das coisas; não posso contar até que sejamos oficialmente noivos. E se Josh quer ser tradicional, então seremos tradicionais — isso eu posso fazer na ordem certa!

Olho demoradamente para o anel, pela última vez, e depois abro a gaveta de baixo do criado-mudo, onde moram todos os meus sonhos secretos: os diários desde os doze anos, recortes de fotos de cantores, atores e caras bonitos, as fantasias que Melissa e eu colecionamos sobre o casamento, os folhetos de lugares maravilhosos para onde gostaria de viajar, todos enfiados no passaporte vazio que tirei aos dezesseis anos, só por garantia, caso qualquer um dos nossos sonhos viesse a se realizar.

E os sonhos podem se tornar realidade. Sorrio, guardando o anel com cuidado no fundo da gaveta, entre os folhetos e a foto de Josh, que estava no topo da minha lista e realçado com um coração, desde o dia em que o conheci.

Fecho a gaveta, deito-me de volta no travesseiro, sorrindo feliz da vida para o teto, aproveitando a sensação deliciosa de ter um tesouro enterrado, um segredo precioso que espera para ser revelado...

Rosie

Está escuro, tão escuro que não enxergo absolutamente nada. Tateio tudo à minha volta, desesperadamente, arranhando e me agarrando aos objetos aos tropeços e encontrões, tentando vencer um caminho de pedras e espinhos e algo estranho e gelado. Então, de repente, meus pés se afundam em algo macio, e percebo que caminho sobre a areia fresca e de toque delicado, cujos grãos finíssimos me escorrem entre os dedos.

Uma luz tremula ao longe. Ofuscada, caminho até ela, sentindo a brisa morna nos cabelos.

A porta de madeira se abre suavemente, e um homem lança um olhar sorridente, com seus cabelos negros contornando as orelhas tal qual o garoto — sua miniatura — que está aos seus pés.

— Você nos encontrou! — alegra-se o homem, envolvendo-me num abraço apertado. Rendo-me a seus braços, puxando-os para perto, imprensada entre o homem forte e a criança carinhosa. Encaixo-me perfeitamente, com os olhos fechados: sou a parte que faltava. — Rosie, finalmente você nos encontrou. E está finalmente em casa.

— Rosie?

— Humm... — Viro-me, ainda confortada pela voz suave que me cerca, sentindo no rosto a maciez dos abraços.

— Rosie? — chama uma mulher. — Está acordada?

— Estou acordando...

De repente sinto o mundo inteiro sacudir e tremer, o que me faz escancarar os olhos.

O garotinho de cabelos negros pula em volta de mim, feliz da vida, sob a luz do sol que invade o ambiente.

Pisco com força e olho para ele com ternura. Então sorrio.

— Ben! — interfere a mulher loira de cabelos encaracolados. — Desce, Ben!

Ela apoia a bandeja e agarra o moleque pela barriga, que se contorce todo.

— Me desculpe — diz ela, sorrindo para mim. — Como você se sente?

— Humm, estou bem, obrigada. — Olho para ela, completamente atônita.

— Eu sou Megan. — Sorri. — Da festa, lembra?

A festa. Pedacos da noite anterior emergem de volta à superfície, como um quebra-cabeça. Peixe com batatas fritas, o bolo de aniversário, a festa...

— Ah, claro! Me desculpe. — Aos poucos percebo o quarto desconhecido. — Muito obrigada por ter nos deixado ficar aqui. — Devolvo para Ben o sorriso alegre que ele me lança, agarrado entre as pernas da mãe, com aquela franja que lhe cai sobre os olhos.

— Ah, querida, tudo bem. Não havia a mínima condição de deixá-los ir embora para a pousada depois que você caiu. Eu tinha que me certificar de que você estava bem.

— Estou bem, muito obrigada. — Tento me sentar, mas a cabeça dói. — Ai...

— Devagar, querida. — Megan põe na minha testa a mão fria. — Quando você descer, vou te dar um creme para passar no roxo que apareceu aqui, mas primeiro: café da manhã! — Deposita sobre minhas pernas a bandeja, com bacon e ovos.

— Nossa!

— Não sou a responsável por isso. — Megan sorri. — Jack sempre insiste na velha comidinha gordurosa quando faz café da manhã. E você não precisa comer tudo.

— Obrigada mesmo. — Quanto mais recupero a memória, mais vou ficando feliz.

Jack. *Meu pai*. Meu pai de verdade. E ele me preparou café da manhã, um café inglês original, ovos e bacon do jeito que deve ser feito, e não aquele bife americano — e nada de panquecas à vista!

— O banheiro é no final do corredor, quando você terminar. Tem toalha e uma escova de dentes extra, e, por favor, sinta-se à vontade para usar qualquer item que encontrar ali.

— Obrigada, Megan. E me desculpe novamente por tamanha inconveniência.

— Não se preocupe. — Ela cai na risada, ajeitando um dos brincos na orelha. — Sinta-se em casa.

Sinto o coração planar no ar. *Em casa*. Com meu pai. Ben rouba um pedaço da minha torrada, e pisco para ele em cumplicidade. E com *meu irmãozinho*.

— Grite se precisar de alguma coisa. Estamos bem aqui embaixo. — Ela recolhe o moleque e sai sorridente, ainda falando: — E a Holly também está em casa; quer dizer, se ela um dia resolver sair da cama.

A torrada entala na minha garganta assim que a porta se fecha.

Holly.

Com o apetite arruinado, empurro a bandeja para o criado-mudo, fazendo algo barulhento estilhaçar no chão.

— Merda! — Debruço-me na cama e recolho cuidadosamente o retrato quebrado. Viro-o de frente, e meu coração para. Ali estão todos: a família feliz. Jack, Megan e Ben, e Holly, que destoa do grupo, logo atrás, com seus cabelos avermelhados, em contraste com o loiro de Megan e o cabelo negro de Jack e Ben.

Holly Woods.

A filha da Trudie.

Ela é igualzinha à mãe: mesmo cabelo, mesmos olhos, mesmo sorriso brilhante... Derrubo a foto como se queimasse meus dedos, e sinto um suor gelado na nuca.

Tenho que sair dali. Não vai dar para me encontrar com ela, não posso...

Escuto baterem à porta, e quando ela se abre fico paralisada.

— Bom dia! — Andy entra, sorridente. — Como você está se sentindo?

— Bem — digo, pulando da cama apressada, e, ao me ver de pé, estranho a roupa que estou vestindo. Dou uma varrida com os olhos no quarto. — Onde estão minhas roupas?

— Bom, já que você nos ensopou de Coca-Cola com a sua queda cinematográfica de ontem à noite, Megan está lavando para nós, lá embaixo.

— Percebo que Andy veste um pijama parecido com o meu. — Ela insistiu, disse que não poderíamos ir embora daquele jeito, e está até com as minhas meias. Corajosa! — diverte-se ele.

— Ótimo, então. Fantástico. — Não consigo parar de andar pelo quarto. — Brilhante!

— Rosie, está tudo bem com você?

— Não. Temos que ir embora. Agora.

— O quê?

— A gente não deveria estar aqui. — Levanto a voz. — Não deveríamos ter vindo aqui jamais. Temos que cair fora.

— Rosie! — Andy me pega pelos braços. — O que está acontecendo? O que tem de errado aqui?

— Você não viu? — Eu o encaro, tremendo. — Não olhou para a cara dela?

— Quem?

— A filha de Jack! — Olho para ele, incrédula.

— O que tem ela? Bom, reparei, mas fiquei muito mais concentrado em

você quando desmaiou naquela hora.

— É ela, Andy — digo, compenetrada. — Ela é a filha de Trudie.

Andy olha para mim.

— Rosie... a filha de Trudie morreu.

— Bom, agora está claro que não. — Já o fito com menos paciência. — Aliás, é óbvio que não, Andy. E esse é só mais um dos erros que temos que adicionar à nossa lista.

— Mas espere. Quer dizer... Tem certeza?

— Andy, ela é *Holly Woods*.

— O quê? — Seus olhos se arregalam. — Mas ela se chama Holl...

— Holly — arremato, em um gesto com a cabeça. — Holly Woods. E ela tem a mesma *idade* que eu, nasceu no *mesmo dia*, está morando com o *meu* pai e é a cara da Trudie. Veja isto! — Entrego-lhe o porta-retrato.

— Toc-toc.

Congelo ao ver a porta do quarto se abrir, ruidosa. Holly desponta só com a cabeça e um sorriso amistoso.

— Oi! Tudo bem por aí? Como está passando? Dormiu bem?

Gesticulo que não, desesperada, com a circulação já me faltando no cérebro.

— Não é de espantar, depois daquele tombo espetacular — diz, cheia de simpatia. — De qualquer modo, fiquei sabendo que Megan está lavando suas roupas, e aqui tem uma calça jeans e uma camiseta, e um suéter também. Nós temos mais ou menos o mesmo tamanho, não? — Ela entra, carregando as roupas.

Balanço a cabeça novamente e fico atônita quando, ao se aproximar, seus cabelos recebem a luz do sol e formam exatamente a mesma sombra que...

— Você precisa de mais alguma coisa? — pergunta ela sorrindo, fazendo brilhar os olhos cor de mel.

Só consigo responder com gestos, entorpecida com aquilo tudo. Ela tem até a mesma dobrinha na ponta da orelha.

— Ok, então. — Ela olha para nós dois. — Até daqui a pouco.

Fecha a porta atrás de si, e eu desabo na cama, com Andy ao meu lado.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! — Volto-me para a porta. — Você acha que ela nos escutou? — sussurro com a voz falha.

— Não, não acho que tenha escutado.

— Andy, eu não consigo acreditar: ela sobreviveu. Está viva. E aqui. Como isso aconteceu?

— Não sei, realmente não sei, Rosie. Deve ter havido... um engano. O bebê pode ter se recuperado...

— Mas como? — Minha voz sai muito alta e estridente, e não consigo conter as lágrimas. — E mais, como é que Sarah não sabia disso?

Andy aperta minha mão.

— Não sei. Suponho que estivesse preocupada demais com Trudie e com você.

— Comigo? — Olho para ele, incrédula. *Comigo? Ela sou eu, Andy! Ela é* Rosie Kenning, a filha de Trudie. Você não vê? Sarah nos trocou por nada, nada disso teria sido necessário, porque o bebê de Trudie não morreu!

Andy me puxa mais para perto e me abraça apertado, e eu sinto o coração palpitar contra o dele.

— Ela, sim, deveria ter ficado com Trudie, deveria... e eu deveria...

— Shhh... — Ele ajeita meu cabelo.

— Esta é a minha família, Andy — choramingo no seu peito. — Meu pai, meu irmão.

— Então você tem que contar pra eles.

Percebo a gravidade de tudo aquilo.

— Não posso, Andy, eles são uma família. Uma família feliz.

— Mas é a *sua* família.

— Não. — Balanço a cabeça, com a palavra presa na garganta e os olhos ardendo. — Eles nunca serão minha família. Não agora. Isso é impossível; eles pertencem uns aos outros. — Roo as unhas. — Com a troca de Sarah, eles agora pertencem a Holly; são a família dela e se amam entre si. E, portanto, merecem ficar juntos.

— Mas, Rose...

— Não posso, não consigo, não consigo separá-los, Andy, e por isso não dá para contar a eles, seria muito egoísmo.

Esfrego os olhos na manga da camiseta.

— Sobrevivi até agora sem eles, não? — Engulo em seco, corajosa. — Então vou continuar sobrevivendo.

— Rosie...

— Não, Andy — Levanto-me. — Temos que ir embora.

— Rosie, eu preciso que você me escute um segundo, nada mais. Se você estiver certa, se ela for realmente a filha de Trudie...

— Ela é!

— Por isso, Rosie, mais um motivo pra você contar a eles.

— Andy! Você não está me escutando...

— Você *precisa* contar, Rosie — interrompe. — Porque Holly pode ter herdado a doença de Huntington!

Holly

O vento faz meus cabelos chicotear no ar. Encho os pulmões com a brisa salgada do mar no caminho para o ancoradouro. Adoro esta época do ano. O ar gelado, os raios de sol de inverno reluzindo nas ondas, a sensação de fechamento de um ciclo, com o ano que se foi, junto com a promessa do novo, de um ano inteiro à nossa espera. Um novo ano, um recomeço, um novo nome...

Alegro-me ao sentir o calor me confortar, apesar do vento gelado.

Sra. Holly Samuels. O nome faz cócegas na minha língua, e me pego rindo sozinha como uma tonta. Mal posso esperar. A primeira vez que vi Josh, soube que ele era o cara. Lembro-me derretida de como ele parecia sério e sexy, estudando na biblioteca da escola, até que Melissa o atacou com uma bolinha de papel soprada do canudo! Não consigo esquecer a cara que ele fez, ultrajado, devolvendo outra bolinha em nossa direção. E depois sorriu, com aquele sorriso contagiante. Foi o suficiente. Eu já estava apaixonada.

Às vezes fico imaginando o que será que ele vê em mim...

Não deve ser a minha inteligência — pelo menos não se me comparar com o sr. Ivy League* Samuels. Não que eu seja ignorante, de modo algum, mas fico intrigada: como alguém pode estudar tanto? Usar a força e a energia daqueles braços enormes e atraentes só para carregar livros? Achar realmente divertido ficar preso por horas em uma biblioteca poeirenta, com o sol brilhando lá fora e a piscina tão convidativa? Ou quando o céu está tão azul que você simplesmente tem que se lançar no mar, velejando como se buscasse o ponto em que o céu encontra com as águas? Quando há um mundo inteiro esperando para ser explorado?

Digo sem medo de errar que tampouco foram nossos interesses em comum que nos atraíram...

Então, quem sabe foi a minha personalidade ímpar? Meu hilário senso de humor? Ha-ha-ha...

Minha aparência? Vejo meu reflexo numa janela.

Difícilmente.

Então o quê? O que temos em comum?

Diminuo o passo, estremeçando com a sensação de penetrar na nuvem de dúvidas que tem me acompanhado desde que Josh entrou em Harvard e me lembrando do medo que eu tinha toda vez que ele me chamava para conversar, sempre achando que ele estava prestes a dizer que o nosso relacionamento não estava mais dando certo, que éramos totalmente opostos e que ele tinha conhecido outra pessoa...

Mas, em vez disso, ele me levou para Nova York para comemorar o meu aniversário e me pediu em casamento!

Todas as minhas dúvidas desaparecem quando me recordo do pequeno anel, minha reluzente prova de seus sentimentos.

E quem se importa? E com o quê? Os opostos se atraem, afinal. Amamos um ao outro, e isso é o que importa. E estamos noivos, acima de tudo!

A alegria toma conta do meu rosto. Aproveito para correr nos dois últimos quarteirões que faltam para chegar à casa dele, pois não vejo a hora de apertar aquela campainha, formigando com esse incrível segredo que quer explodir de uma vez de dentro de mim e desesperada para gritar pelos quatro cantos.

Vamos nos casar!

* Ivy League (Liga de Hera) é a denominação de um grupo de oito universidades privadas do nordeste dos Estados Unidos, as mais prestigiadas do país. São elas: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Pennsylvania, Princeton e Yale. [N. E.]

Rosie

As roupas me servem quase perfeitamente. Olho-me no espelho de corpo inteiro, vestida com o jeans surrado de Holly, seu casaco gap com capuz, e estremeço de repente. É como espiar para dentro de uma nova vida — a vida que eu teria tido: as roupas que eu poderia ter vestido, a casa em que estaria morando, a família que teria. A pessoa que eu seria. Olho nos meus olhos. Holly Woods. Testo a sonoridade do nome, primeiro sussurrando, depois em voz alta.

— Holly Woods.

As formas vocálicas são estranhas aos meus lábios. Não sou eu. Não soa direito. Tento de novo, encompridando as vogais e tentando usar um sotaque americano.

— Hólly... Não, Hólly — corrijo-me. — Hólly Woods.

Arrepio-me da cabeça aos pés. A garota do espelho é irreconhecível.

— O que você está fazendo aí? — Andy pergunta da porta.

— Isso tudo é um erro — respondo. — Não consigo fazer isso; é a vida dela, não a minha.

— Eu sei. Mas você tem que contar a ela. — Olha para mim. — Não tem? Despenco sobre a cama.

— Sim... Não! — Passo a mão nos cabelos, apertando-os. — Nem sei mais.

— Rose — começa Andy, gentil, sentando-se perto de mim. — Você se lembra de como se sentia na época em que não sabia se tinha ou não a doença de Huntington?

Balanço a cabeça, na mais profunda tristeza.

— E você disse que a pior parte era simplesmente não saber, lembra? Então. Holly não faz a mínima ideia.

— Eu sei! Mas essa é a diferença, Andy. Eu sabia que carregava em mim a possibilidade de herdar a doença. Bom, pelo menos pensava que soubesse. E eu vi o que ela fez com a mamãe. Tive que conviver com essa doença me assombrando todos os dias. Mas Holly nem ao menos sabe dessa probabilidade. Ela pode viver por anos a fio sem nenhum sinal. E, o que é mais importante, ela pode não ter a doença, Andy! Então que bem lhe fará saber? — Baixo a cabeça. — Isso só vai arruinar a vida dela.

— Então a ignorância é uma bênção? — diz Andy com calma. — Você

quer que ela passe por tudo o que Trudie passou? Sem saber de nada até que seja tarde demais?

Olho para outro lado.

— E se ela tiver filhos, Rose? E se ela transmitir a doença para os filhos por não saber que é portadora?

— Não sei! Eu não sei, Andy! — grito, encarando o chão. — O que pode ser pior? Viver sua vida normal até que algum dia você descubra que tem Huntington, ou de repente alguém revelar que você não é quem pensou ser a vida inteira, que sua família não é sua família... Ah, sim, e não posso esquecer: que você tem cinquenta por cento de chance de ter herdado uma doença genética?

Ele desvia os olhos.

— Impossível! — Encolho-me, desiludida. — Como eu posso ter nas mãos essa decisão sobre a vida de uma garota que nem conheço?

— Você não tem — Andy suspira. — Porque não se trata de uma decisão.

Ergo os olhos.

— A decisão é dela — diz ele, segurando-me a mão.

Encaro-o desesperada por alguns instantes, respiro fundo e me jogo deitada na cama.

— Isso vai acabar com a vida dela — digo simplesmente, fechando os olhos. — De um jeito ou de outro, vai acabar com a vida dela.

Holly

Como ninguém atende a campainha, dou a volta pelo quintal. Melissa me surpreende no meio do caminho.

Alegro-me, sentindo cócegas ímpetos de contar para ela as novidades, gritar, bradar e sair comemorando com minha melhor amiga.

Mas não antes de meu pai, eu me lembro pela centésima vez, mordendo a língua.

— Opa! — Melissa sorri, olhando para mim. — Na hora certa. Quer vir correr comigo? É meu recorde, estou conseguindo manter minha promessa de ano-novo; já corri todos os dias esta semana!

— Parabéns! — desejo-lhe, tentando afastar o sorriso bobo do rosto. — Mas agora não, obrigada. Seu irmão está aí?

— Não. — Ela começa a correr. — Ele ainda está na cama.

— Ainda?

— A-hã. Vocês devem ter tido um fim de semana cheio, hein? Ele está exausto, e você parece irritantemente feliz.

— Você não faz ideia.

— Ah, por favor, me poupe! — Ela sai dando risada, correndo pela calçada. — Te ligo mais tarde, tá? Alguém tem que fazer exercício nesta vida, e sozinha.

Melissa me joga um beijo e desaparece, deixando-me ali, sorridente. Abro a porta dos fundos. Tiro os sapatos e, na ponta dos pés, subo as escadas cuidadosamente até o quarto de Josh, onde fico escutando. Silêncio. Devagar, giro a maçaneta.

Encontro Josh deitado na cama, sorrindo para mim.

— Você está acordado — acuso-o, meio desapontada. — Ah, queria te surpreender!

— Você me surpreendeu — diz ele, alegre, enquanto eu tiro o suéter largo que estou vestindo. — Você está cada dia mais bonita... Essa blusa é nova? Uau!

— Mantenha os olhos no meu rosto — digo toda feliz, arranjando um espaço na sua cama.

— Sempre, coração, sempre — insiste, passando as mãos no meu cabelo. — Queria dizer que a blusa realça seus olhos. — Ele sorri, puxando-me para perto do peito, onde me acomodo e fico passando os dedos suavemente em suas costas. Ele agarra minhas mãos e passa os dedos sobre os meus. Parecemos uma barra de chocolate: cobertura de chocolate ao leite envolvendo baunilha cremosa.

— Onde está o anel? — sussurra.

— Está bem guardado.

— Você realmente conseguiu manter o segredo? Mesmo com essa língua solta?

— Ei! — Dou-lhe um tapinha no peito e chego mais perto. — Até agora, sim. Mas você vai falar com o meu pai ainda hoje, não é? Você já tem que voltar para Harvard esta noite.

— Sim — promete Josh, com o coração acelerado batendo contra o meu rosto. — Vou pedir para ele hoje. Depois do almoço.

— *Antes do almoço* — insisto, sentando-me na cama. — Por favor, Josh, não aguento mais.

— Está bem, está bem, antes do almoço — diz, cedendo aos meus apelos e me empurrando para baixo, para enroscar as pernas em volta das minhas. — Assim que eu tiver coragem de levantar.

— Ei! — Rio. — Isso que você está levantando não se chama coragem!

Ele recosta a cabeça no meu pescoço, seu corpo quente e enorme me pressionando contra o colchão...

— Não. — Empurro-o com bom humor. — Joshua Samuels, acho que você não está me levando a sério.

— Holly Woods. Eu te levo aonde você quiser.

Deixa escorregar a mão por baixo da minha blusa, mordiscando a dobrinha da minha orelha direita, o que me faz arrepiar da cabeça aos pés, e então desabo no travesseiro...

— Não! — Empurro-o com uma imensa força de vontade, num esforço para ficar de pé. — Vem!

— Nem a orelhinha de fada? — pergunta em tom inocente.

— Principalmente a orelhinha de fada. — Caio na risada, vestindo de volta o suéter.

Ele me olha, todo choroso.

— Está mesmo falando sério?

— Seríssimo. — Dou-lhe um beijo na ponta do nariz e ajeito o cabelo. — Pelo menos não antes do almoço! Quando estivermos oficialmente noivos — digo sorrindo, inclinando-me em sua direção. — Aí, sim, poderemos fazer o que quisermos. — Beijo seu rosto. — O que... — Beijo o nariz — quisermos.

Seguro seu rosto com as duas mãos e beijo-o profundamente, pressionando o corpo contra o dele por um longo momento. E então me afasto, deixando ambos completamente sem ar.

Ele me olha por um instante, e de repente me ergue e, rindo alto, me põe sobre o ombro.

— Então, o que estamos esperando? — proclama. — Vamos lá!

Rosie

— Pronta? — pergunta Andy.

Balanço a cabeça, com o coração disparado.

— Pronta na medida do possível.

Ele aperta minha mão, eu respiro fundo, e então nos lançamos na cozinha.

— Ah, meu Deus! — Megan sorri, erguendo os olhos da tábua de passar roupa. — Holly te emprestou uma roupa. Me desculpe, eu não devia ter te deixado sem nada para vestir. Mas achei que tinha que dar um trato nas suas roupas antes que a mancha ficasse para sempre. Espero que não tenha se importado.

— Eu te agradeço, Megan. E me desculpe...

— Não se preocupe, era uma festa! E Ben vive derrubando coisas. Imagina como é fazer a limpeza com um bebê em casa — diz ela, toda sorridente. — Além do mais, acho que você foi a mais atingida por tudo isso, a julgar por suas roupas. Mas estão todas limpas agora. — Aponta para uma pilha de roupa limpa. — A roupa de Holl caiu bem, não foi?

— É... — Sorrio, pouco à vontade, lançando um olhar para Andy. — A Holly está... está por aqui? — Enterro as unhas na palma da mão, de nervoso.

— Não, desculpe, ela saiu. — Megan sorri, fazendo os cachos loiros pender sobre a tábua onde passa uma camiseta. — Mas ela vai voltar para o almoço. Você vai ficar, não vai? Depois posso te levar para a pousada.

— Obrigada. — Sorrio, aliviada. Ela não está. Ainda há tempo.

— Olá, você acordou! — diz Jack sorrindo, ao entrar na cozinha.

— Oi! — Sorrio de volta, olhando para ele. Não consigo evitar. Os cabelos negros, os olhos verdes brilhantes. Meu pai.

— E a cabeça, como está?

— Ah, tu-do bem, o-brigada — gaguejo. — Me desculpe, eu não sei o que aconteceu comigo.

— Não seja boba — responde alegremente. — Aos dezoito, você tem que passar mal, de um jeito ou de outro, é a tradição!

Sorrio.

— E obrigada também pelo café da manhã.

— De nada, imagine. Tipicamente inglês, não é? Nada dessa história de panquecas.

Megan levanta os olhos.

— Foi ótimo, me senti em casa. — Abro-lhe um sorriso.

— Escutou? — Jack volta-se para Megan. — Talvez devêssemos servir café da manhã no restaurante também; mostrar como se faz.

— Já temos gordura suficiente do jeito que está — Megan retruca, rindo. — Além do mais, você nem consegue dar conta dos clientes que já tem... Há sete mensagens na secretária eletrônica, só desta manhã.

— Já?

— A-hã... — Megan olha para ele. — Você verificou os recados de ontem? Jack olha para ela, desconcertado.

— Eu... é que... não.

— Jack! Para que ter uma secretária eletrônica se você nunca verifica as mensagens?

— Eu verifico! — protesta, com as mãos na cintura. — Quando me lembro...

— E quando foi a última vez que você se lembrou? — pergunta Megan com ceticismo.

— Hum... ontem?

— Vamos ver, então. — Ela aperta o botão do aparelho.

“Primeira mensagem: recebida na sexta-feira, cinco de janeiro”, entoia o gravador.

Megan bate de leve na cabeça de Jack.

— Sexta-feira?!

— O que posso dizer? — Jack encolhe os ombros. — Tivemos um fim de semana sem as crianças... Me distraí... — Beija o pescoço de Megan.

— Jack! — Ela dá uma risadinha, empurrando-o. — Temos visita!

— Tudo bem — digo rapidamente. — A gente já estava indo... trocar de roupa.

Recolho a pilha de roupa lavada e volto para o quarto, para onde Andy me segue rapidamente.

“Alô?” A mulher na secretária eletrônica dispara impaciente. “Alô, Jack? Você está aí? Jack?”

Congelo no meio do corredor, com a voz familiar que me faz breicar.

“Jack!”, grita, irritada. “Jack, atende a porcaria do telefone!”

É a Kitty.

Holly

— Está pronto? — pergunto, checando o visual de Josh, que ajeita o terno.

Ele parece nervoso, ali parado, pouco à vontade com a roupa e suando, apesar do inverno de janeiro.

— Você está maravilhoso — incentivo, ficando na ponta dos pés para beijá-lo. — Você é inteligente, e ainda por cima é um aluno de Harvard! — Arrumo sua gravata. — Que homem não ia te querer como genro?

Josh me olha, esboçando um sorriso ansioso no rosto tenso.

— O seu pai?

— Não se preocupe. — Abro um sorriso. — Ele te adora. Quase tanto quanto eu. — Dou mais um sorriso reconfortante e abro a porta dos fundos. Para minha surpresa, papai e Megan estão sentados à mesa da cozinha.

Não há hora tão propícia como esta!

— Papai... — Sorrio, respirando fundo e apertando a mão de Josh. — Pai, Josh quer te perguntar uma coisa...

— Josh, vai pra casa, por favor.

Meu sorriso congela.

— Pai!

— Holly — Megan diz, toda gentil.

Olho para ela, depois para o meu pai. Sua expressão está contida, tensa.

— Por favor, Josh — meu pai diz sem levantar os olhos. — Temos uma questão familiar pra resolver.

— Mas, pai! — Olho para Josh. — Papai, o Josh...

Josh aperta minha mão.

— Talvez eu deva mesmo ir — sussurra.

— Não! — reclamo, apertando forte a mão dele. — Não, Josh!

— Não é uma boa hora — ele diz em tom sério, desenroscando nossos dedos com gentileza e beijando-me a testa. — Te encontro mais tarde.

— Josh...

Observo-o fechar a porta atrás de si e então volto-me para meu pai:

— Então? — questiono, o sangue fervendo. — Bom, o que pode ser tão importante que você tenha que ser tão grosseiro?

— Por que você não me conta? — diz ele sem me olhar.

Olho para ele.

— O quê?

— Por que você não me conta — continua — o que estava fazendo em Nova York?

— Do que você está falando? — pergunto com a face ruborizada. — Foi um feriado, só isso.

— Só um feriado — repete ele, balançando a cabeça lentamente. — E o que aconteceu no seu feriado?

— O quê?

— Por que você voltou mais cedo? — pergunta ele, tenso. — Por que cortou o seu “feriado” no meio?

— Eu...

— O voo de volta estava pago, não é? Josh ganhou as passagens?

Encaro-o.

— Então, por que não ficou o final de semana inteiro?

Ele então levanta o olhar, e eu vacilo.

— Tudo bem — suspiro. — Não foi um prêmio. Josh comprou as passagens.

Ele fecha os olhos e balança a cabeça, mais austero.

— Me desculpe por não ter te contado, papai, mas foi a única maneira que encontramos de convencê-lo; você nunca ia me deixar passar o aniversário de dezoito...

— Então por que você pegou um ônibus mais cedo? — interrompe, mirando a mesa da cozinha. — Se Josh pagou caro pelo voo, então por que dispensá-lo?

Respiro fundo.

— Não tínhamos o voo de volta — confesso com tristeza. — O plano era realmente voltar de ônibus. Nós apenas fomos de avião porque Josh conseguiu um preço bem bacana e porque eu nunca tinha viajado de avião; era o meu presente de aniversário.

— O seu presente. — Meu pai não para de mexer a cabeça, com as mandíbulas tensas.

Chego perto dele.

— Me desculpe, papai.

— Mas então por que não me disse a verdade? — pergunta ríspidamente, o que me faz parar no meio do caminho.

— O quê?

— Por que você não me conta exatamente o motivo que te levou a Nova York, Holls?

— Eu...

— E o que exatamente aconteceu que a fez voltar mais cedo?

Ele me olha diretamente. Ele sabe. Não sei como, mas sabe, consigo ver nos seus olhos.

— Se você já sabe, então não vejo motivo para lhe contar — resmungo.

Megan muda de posição, desconfortável.

— O motivo, Holly, é que eu sou seu pai e tenho o direito de...

— Tenho dezoito anos, pai, não preciso da sua permissão — completo, com certa amargura. — Ou aprovação.

— Aprovação? Minha aprovação? — Ele me fita. — Holly, você obviamente sabia que eu não ia aprovar, porque senão teria me dito por conta própria!

Olho para outro lado, sentindo as lágrimas escorrer pelo rosto. Nunca pensei que ia me sentir daquele jeito. Nunca. Pensei que ele gostasse de Josh. Pensei que Josh estava somente querendo ser formal para pedir sua permissão, mas nunca imaginei que papai pudesse dizer não...

Sinto um desânimo me tomar o corpo inteiro.

Imagine o que ele dirá deste bebê...

— Holly, você tem que perceber a dimensão desse erro...

Sinto o estômago revirar. *Um erro?*

Papai suspira.

— Acho que vocês não podem mais ter contato algum.

Olho para ele, estupefata.

— O quê?

— É melhor assim.

— Você não pode... não pode estar falando sério. Megan! — imploro, mas ela desvia o olhar. — De jeito nenhum! — digo, desafiadora. — Você não pode me obrigar. Esta é a minha vida, e eu decido quem faz parte dela ou não.

— Não.

— Pai!

— Desculpe, Holly — diz ele, esfregando as sobrancelhas. — Desculpe mesmo, mas não posso ficar simplesmente assistindo enquanto...

— Então não assista — interrompo calmamente.

— O quê?

Mordo o lábio.

— Se é isso que você realmente quer... Então eu me mudo daqui.

Papai levanta a cabeça num ímpeto.

— Vamos morar juntos — digo para ele, com as lágrimas escorrendo. — Vou embora.

— Holly! — Ele olha para mim, emudecido, quase inaudível.

— Eu não queria — digo, com a voz falhando. — Mas se você me obrigar a escolher...

Ele me fita os olhos e de repente se levanta. Eu me afasto um pouco, mas, para minha surpresa, ele se dirige ao balcão e clica no botão da secretária eletrônica.

“Jack? Você está aí? Jack?”

Meu pai se volta para mim. Estou confusa, com as sobrancelhas franzidas, e então olho para Megan, que desvia o olhar.

“Jack, atende a porcaria do telefone! Como você ousa mandar sua filha para mim, Jack? Tínhamos um acordo. Ela não tem nada a ver comigo. Você faz alguma ideia do que isso pode significar para a minha carreira? Para o meu relacionamento? Para a minha vida? Eu sabia que isso seria um erro. Não devia ter confiado em você. Não devia nunca ter tido nada com você!”

A mensagem termina abruptamente, substituída pelo silêncio.

Rosie

Ah, meu Deus! Não aguento isso. Não consigo suportar escutar aquela mensagem horrorosa de novo — ficar aqui parada atrás da porta entreaberta da cozinha, vendo o que isso está causando a Jack. A Holly. Mas também não consigo me mover, não consigo entrar lá, não consigo falar... A mão de Andy busca a minha.

— Desculpe por você ter tido que escutar tudo isso, querida. — Jack suspira. — Mas é para o seu bem.

Holly olha para ele.

— O que está acontecendo? Quem é essa pessoa?

Ele suspira de novo.

— Holly...

— O quê?

— Holly, eu não estou bravo, só quero saber a verdade.

— Que verdade, papai? Do que você está falando?

— Holly... — Ele balança a cabeça. — A gente poderia ter arranjado isso juntos se você tivesse me pedido, se tivesse confiado em mim. Nós sempre confiamos um no outro, não foi? — Olha para ela, triste e cansado. — Foi a melhor solução. Tudo o que eu fiz... sempre pensei que fosse a melhor das possibilidades — aperta a mão de Holly. — Como você descobriu, Holls?

Ela o encara.

— Descobriu o quê?

Ele então fecha os olhos, aperta-os tão forte que parece doer.

— Sobre Katharine.

Ah, meu Deus!

Ela olha o pai, completamente perdida.

— Eu sei, Holly — lamenta. — Eu já sei que você foi a Nova York para encontrar Katharine — diz, abrindo os olhos numa expressão tensa. — Para conhecer a sua mãe.

Holly olha para ele boquiaberta, o rosto mortalmente pálido.

A frustração dos olhos de Jack lentamente se dissolve em medo.

— Não foi?

— Papai... — Ela titubeia, os olhos escancarados. — A minha mãe morreu.

Ah, meu Deus!

— Mas você foi para Nova York — insiste Jack. — Você foi encontrá-

la... você a encontrou.

Holly balança a cabeça lentamente, os lábios trêmulos.

— Minha mãe morreu — repete, exausta. — Você me disse que ela tinha morrido, papai. Você sempre disse que ela morreu quando eu nasci. Não foi isso?

Ele apenas a encara, tomado de horror, paralisado.

— Papai? — Holly sussurra. — A minha mãe está viva?

Fecho os olhos, rezando para ser engolida por um buraco no chão.

— Mas então, como... por quê... Não estou entendendo... — gagueja ele.
— Se você não foi encontrá-la, não foi procurar por ela...

— Fui eu — uma voz tímida resmunga, surpreendendo a mim mesma. A porta se abre, fazendo um ruído, e meu rosto arde em chamas quando todos se voltam para mim. Não consigo respirar, sem acreditar no que disse. Mas não dava mais para prolongar a história toda.

Jack olha para mim.

— Desculpe, o que você disse?

— Eu... eu fui para Nova York. Eu... — Perco o ritmo subitamente, sentindo as palavras presas na garganta, os olhos travados nos de Holly, tão assustada e tão confusa. *Ah, meu Deus...* Meu coração dispara, e começo a entrar em pânico. *Não posso. Não posso fazer isso!*

— Querida — Megan sorri, cheia de bondade. — Olhe, eu sei que você ainda está um pouco confusa, mas será que poderia nos dar uns minutos?

— Claro! — respiro, inundada de alívio. — Claro que posso, me desculpe, eu...

— Na verdade — Andy diz com cuidado, bloqueando minha saída —, vocês precisam escutar o que ela tem a dizer. — Ele encontra meu olhar. — É muito importante.

Olho para ele, desesperada.

— Vai, Rose — sussurra ele, apertando minha mão em um sinal de estímulo. — Você consegue.

Engulo em seco e me forço a virar de volta.

— Eu... — tento começar, mas as palavras morrem nos meus lábios quando encontro o olhar de Jack. Ele parece tão triste, tão perdido! E eu estou prestes a tornar tudo um milhão de vezes pior...

Andy aperta de novo a minha mão, e eu aperto a dele também. Bem forte. Depois respiro fundo, sentindo o apoio me faltar.

— Fui eu — consigo dizer, afinal. — Fui para Nova York e encontrei

Katharine Sinclair... — Hesito, buscando os grandes olhos verdes de Jack. — É de mim que ela está falando na mensagem.

Ele franze as sobrancelhas, esfrega os olhos e deixa escapar:

— Não estou entendendo.

— Eu é que sou sua filha — digo rapidamente, com as palavras trôpegas saindo desajeitadas da minha boca.

Seus olhos se abrem ainda mais, e eu não consigo mais acompanhá-los. Viro-me para outro lado, sentindo tudo arder.

— Eu sou... sua filha.

Holly

O silêncio é ensurdecedor. Não tenho nem mesmo certeza de que estou respirando. Não tiro os olhos dela, uma garota estranha na minha cozinha, vestindo minhas roupas, praticamente imóvel.

O quê? Lanço um olhar para papai, que a encara, paralisado. *Sua filha? Minha irmã? Eu tenho uma irmã?!*

Papai passa a mão nos cabelos, e de repente consigo ver Rosie de outra forma, com seus cabelos negros, seus olhos verdes. *Sua filha.* Minha cabeça tenta freneticamente ligar os pontos... Nós fazemos aniversário no mesmo dia — dezoito anos. *Ah, meu Deus, somos gêmeas!* O que significa... que temos uma mãe em comum. *Uma mãe que está viva!* Meu coração está martelando no peito. Depois de todos esses anos, minha mãe está viva — está em Nova York!

— Uau! — irrompo, quebrando o silêncio, cheia de excitação, como borbulhas de champanhe. Atravesso o ambiente para enxergá-la melhor, segurar suas mãos. Minha irmã. Gêmea! — Noooooosa! Isso é... incrível!

Acolho-a com grande alegria, mas ela simplesmente me lança um olhar incerto, depois para papai. Por que será que ele não me contou? Tantos segredos! Minha mãe, minha irmã gêmea. É como se fosse *Operação cupido*, o filme das gêmeas separadas!

— Não estou entendendo — murmura meu pai, limpando a garganta. — Como... como Katharine pode ser a sua mãe?

Ela balança a cabeça.

— Eu nasci no St. Anne's Hospital, em Maybridge, na noite de cinco de janeiro, dezoito anos atrás... — ela começa a dizer, rápido, mas com segurança, com clareza. Como se tivesse ensaiado. — Eu era prematura...

— Pai, nós somos gêmeas — interrompo, rindo de sua confusão aparente.

Ela olha para mim então, hesitando no meio do caminho. Solta a minha mão e se joga na cadeira, com o rosto pálido.

— Eu fui um bebê prematuro — continua, limpando a garganta e olhando fixo para a mesa. — Era o bebê de Katharine Sinclair.

— Nós éramos — corrijo-a, sorrindo.

Ela então fecha os olhos.

— E fui levada às pressas à UTI neonatal.

Um frio me percorre a espinha: ah, meu Deus, será que ela tem alguma doença? Será que eles pensaram que ela tinha morrido? Será que foi assim que nos separamos? Fico tentando analisá-la, enrolando a ponta do meu cabelo.

— E então... — Ela respira fundo. — Houve uma... houve uma confusão na unidade — continua, olhando para mim.

Eu praticamente não respiro.

— Fui trazida de volta, para uma mãe diferente — diz ela com a voz enfraquecida. — Não para Katharine. — Ela se volta para papai. — Para outra mãe, Trudie, que foi quem me criou e quem eu pensei a vida inteira que fosse minha mãe. — Baixa a cabeça. — Mas ela não era. Katharine era minha mãe — declara. — E você é meu pai.

Uau! Ah, meu Deus. Observo-a lutar para controlar as emoções, sinto o coração doer por ela, tenho vontade de abraçá-la, de dizer a ela que está tudo bem, que vamos aceitá-la e amá-la — a minha irmã perdida. Mas algo no seu olhar me impede de falar.

Papai olha longamente para ela.

— Mas... gêmeas? Katharine não teve...

Ela estremece, balançando a cabeça.

— Não, não teve... — Ela olha para mim e desvia o olhar em seguida. O namorado lhe aperta os

ombros.

Eu congelo, agora absolutamente perdida. Intercalo meu olhar entre ela e papai, tentando achar o sentido daquilo tudo, tentando resgatar o início da conversa, para refazê-la na cabeça...

— Havia outro bebê — recomeça ela, com o fôlego chegando em ímpetos esparsos. — A mulher para quem eu fui entregue também teve uma filha: uma linda garotinha. — Agora, sim, ela me sorri, com os olhos cheios de lágrimas. — E ela... Katharine...

Eu a fito enquanto ela engole com dificuldade, com os olhos perdidos.

— Como eu tinha dito... — sussurra. — Houve uma confusão.

Meu coração para. Juro. Simplesmente para, como uma pedra fria e sem vida. Observo essa garota, depois meu pai. Essa história completamente esdrúxula faz minha cabeça rodar.

— O que você está dizendo? — consigo me expressar finalmente.

Ela olha para mim com uma expressão de dor.

— Holly, eu... Eu acabei de descobrir.

— O que você está dizendo? — repito, com a voz endurecida, autoritária.

— Holly — ela diz baixinho, segurando minha mão. — Você e eu fomos trocadas na maternidade.

As palavras me rasgam como uma lâmina afiada, e minha mão amolece, envolvida na dela.

— Eu... não estou entendendo... — Olho para meu pai, que apenas a observa. — Eu... eu não... — Faltam-me palavras.

Ela suspira.

— Eu sei. Me desculpe. Eu sei que isso é um choque enorme, mas...

— O que faz você pensar isso? — papai interrompe, com o rosto pálido. Ela o olha tristemente.

— Eu sei, isso tudo é difícil de acreditar. Eu mesma não acreditei quando soube, não pude... — ela hesita e olha para mim. — Mas depois eu tive que fazer um teste, e ele mostrou que eu não tinha o mesmo código genético que a minha mãe. Katharine estava no mesmo hospital ao mesmo tempo, e quando eu a conheci... — Faz uma pausa e sorri levemente. — Bom, aí ficou óbvio.

Sinto o peito comprimido ao olhar para meu pai, rezando para que ele conteste aquilo tudo, mas o que vejo é o reconhecimento brotar de seus olhos. Ela se parece com a minha mãe, uma mãe que jamais conheci. Uma mãe que ele tinha me dito que morrerá. A mãe que... não é minha mãe de fato.

Rosie engole em seco.

— Mas eu não tinha certeza... absoluta certeza até que a conheci, Holly.

Olho para ela imediatamente.

— Você é tão... você é igualzinha a ela... — Ela sorri. — Você é linda...

Mantenho os olhos sobre ela, ponderada.

— É igualzinha a minha mãe, Trudie — continua, passando-me uma foto pela mesa.

Eu me viro para outro lado, recusando-me a olhar, apesar de sentir todas as partes do meu corpo formigar para ver, para saber, para provar que ela estava errada.

Observo, paralisada, meu pai pegar a foto e engasgar, olhando para mim boquiaberto.

Não pode ser verdade, não pode...

Tiro a foto de suas mãos, e um arrepio toma conta de mim ao ver aquilo, horrorizada, descrente.

Sou eu... sou eu, só que mais velha... Os cabelos avermelhados, os olhos cor de amêndoa, as sardas — e até a dobrinha da orelha...

— Isso tudo é uma grande bobagem! — rebato, nervosa, rindo alto do absurdo que aquilo tudo representa, e então olho para essa garota, tão triste e tão condoída, para Megan, tão confusa, e vejo papai, meu pai, que me encara como se nunca me tivesse visto antes... e minha risada se esvai imediatamente.

— Pai, diz pra ela! — imploro, com a voz dilacerada em pânico. — Diz pra ela que não é verdade, que tudo isso é ridículo!

— É impossível — diz papai, com a expressão cada vez mais franzida. — Não pode ser... e ainda assim...

— Cai fora daqui! — grito com ela, escancarando a porta dos fundos. — Sai, apenas sai daqui!

— Holly... — Megan tenta suavizar.

— Sai da minha casa! — grito, gesticulando com o corpo inteiro. — Pai, fala para ela.

— Por favor, me deixa explicar! — implora. — Tem mais...

— Como você ousa? Como ousa? Depois de ganhar um lugar para ficar, comida, bolo de aniversário. A porcaria do meu bolo de aniversário! — As lágrimas queimam meus olhos. — E ainda por cima minhas roupas! Você está vestindo roupas que pertencem a mim!

Voo em sua direção, derrubando-a no chão, e rasgo-lhe o casaco — meu casaco —, tentando arrancá-lo brutalmente pela cabeça.

— Ei! — O namorado tenta me arrancar de cima dela.

— Me larga! — grito com ele, chutando-o com tanta força que ele cai no chão. — Isso não tem nada a ver com você. Esta casa é minha! Esta é a minha vida!

— Holly! — Megan intercede.

— Ela não vai pegar tudo! — grito, agarrando o casaco, puxando, lutando, desesperada para reaver minhas roupas. — Ela não vai roubar a minha vida!

— Holly! — Meu pai se agacha, arrancando-me dali pelo braço. — Que diabos você está fazendo?

Todos olham para mim como se eu fosse uma aberração. Olho para meu pai em desespero, com o coração estilhaçado em mil pedaços.

— Fala pra ela que não é verdade! — imploro. — Fala que ela é uma bela mentirosa, manda ela ir embora e nos deixar em paz. Por favor, papai, por favor!

Ele me olha com marcas de expressão que eu nunca tinha notado antes, e suspira.

— Não, Holly-berry — diz com ternura, fazendo o apelido tão familiar cortar meu coração. — Não posso fazer isso.

Olho longamente para ele, e os estilhaços do meu coração vão se transformando em gelo.

— Então ela é toda sua.

Viro as costas para todos eles, batendo a porta da cozinha atrás de mim.

Rosie

Que droga! Olho para Andy, que me ajuda a levantar, esfregando o lugar da perna onde Holly havia chutado.

Bom, tudo correu bem.

Jack está paralisado, fitando a porta que Holly acaba de bater. O tremor ainda reverbera no ambiente.

— Olhem — Megan diz calmamente. — Isso tudo é um choque muito grande. A gente só precisa de um tempo...

Concordo.

— Eu entendo. Me desculpe, é que...

— Inacreditável — murmura Jack, olhando pela janela, ainda atônito, em choque. — Você é filha de Katharine? — Volta-se para mim com os olhos indecifráveis. — Você é mesmo a filha de Kathy?

Olho para ele por um momento, já sem certeza alguma, apesar de tudo. Balanço a cabeça, com a voz fraca.

— Eu sou *sua* filha.

Seus olhos se suavizam visivelmente por um momento, e então ele desvia a atenção.

Olho para o chão, consciente de cada batida do meu coração, que esmurra meu peito, tórax, cabeça.

— Me desculpe — diz ele com dificuldade, jogando-se na cadeira. — É que é tão...

— Inacreditável. — Concordo em tom suave.

— Querida — Megan dirige-se a mim com toda a gentileza —, você já... quer dizer, você consideraria... — hesita. — Um teste? Ou algo que confirme?

— Claro! — concordo rapidamente, com o rosto ardendo em chamas.

— Me desculpe, não é que isso seja uma imposição. É só para não cometermos nenhum erro, para termos certeza. Só porque você e Holly nasceram na mesma noite...

— Tudo bem.

Eu não posso contar a eles sobre Sarah, sobre a troca das pulseiras de identificação... Acho que isso ia deixá-los com os nervos à flor da pele — mais do que eu já os deixei.

Em algum lugar, um avião corta o céu sobre nós, deixando o ruído no ar, e

sinto um desejo de estar nele.

Dou uma olhada na cozinha, prestando atenção a tudo e a nada ao mesmo tempo — qualquer coisa para evitar encarar Jack ou Megan. E a minha atenção recai sobre um porta-retrato na pia. A mesma foto que havia no quarto, da família feliz: Jack, Megan, Holly e Ben.

De repente, o peso daquilo que acabei de fazer cai sobre mim como uma bomba. Eu arrebentei a estrutura dessa família inteira — não apenas a vida de Holly, mas também a de Jack, a de Megan e até a do pequeno Ben. E não há caminho de volta, não há como desfazê-lo.

— Eu peço desculpas — digo educadamente. — Isso não era... Eu não queria... Quer dizer, até ontem à noite eu nem sabia da existência de Holly; pensava que o outro bebê havia morrido, e eu... só queria mesmo era encontrar meus pais verdadeiros.

Jack balança a cabeça lentamente, mas não ergue os olhos.

— Shh, querida, está tudo bem. — Megan me afaga docemente a mão. — Os seus pais... Quer dizer, as pessoas responsáveis por você sabem que está aqui agora?

Balanço a cabeça.

— Ela pensa que eu estou viajando. Não queria que ela se preocupasse. — Olho para Andy, com a garganta apertada. — Mas... mas eu tinha que contar. — Olho para a foto com o coração partido. — Tinha que contar a vocês.

Jack meneia a cabeça, os olhos ainda grudados na mesa.

— Porque tem outra parte.

Ele olha para cima com uma expressão preocupada.

— Mais?

Andy aperta meus ombros.

— Talvez, seja lá o que for, essa parte possa esperar, querida? — sugere Megan. — Já é bastante coisa para enfrentarmos do jeito que está.

Balanço a cabeça, determinada a soltar e acabar com aquilo tudo ali mesmo. Qualquer prorrogação vai somente causar mais sofrimento e dor.

— Não, não, me desculpe. Eu nunca entraria assim, jogando uma bomba na vida de vocês se não fosse realmente importante...

Jack me fita com olhos cansados e amedrontados.

— Estou escutando.

Respiro fundo.

— Vocês já ouviram falar da doença de Huntington?

Holly

— Diz que você me ama.

Josh levanta o olhar, surpreso, ao me ver bater a porta do seu quarto contra a parede.

— Diz que você me ama! — exijo, parada na frente dele, com lágrimas que inundam meus olhos, enevoando minha vista. — Diz que me ama, aconteça o que acontecer.

— Claro que te amo, linda. — Josh se levanta e me puxa para perto. — Ei, o que está acontecendo? Qual o problema?

Encaixa-me em seus braços, e mal consigo falar, derramando-me em lágrimas tão fortes que minha respiração fica insuficiente. Tento respirar, colada à sua camisa.

— Ei, querida, está tudo bem, está tudo certo... — Ele me puxa mais para perto, abraçando mais forte. — Shhh, agora me conta, o que aconteceu? Foi seu pai?

Meu pai. Os soluços nascem cada vez mais fortes, inchando minha garganta já dolorida. *Ele não é... ele não é o meu pai!*

— Ei, minha linda, está tudo bem! — Josh limpa minhas lágrimas, com os olhos sérios e tristonhos. — Ele não aprova, é isso?

— O quê? — Franzo a testa, confusa. — Não! Não! Não é isso. — Engulo com força, afagando seu rosto. — Não é você.

— Bom, então o que é? — Josh franze o rosto. — Meu bem, seja lá o que for, a gente pode dar um jeito, tá? — Ele tenta me acalmar, com os olhos profundamente concentrados nos meus. — Eu te amo.

— Beija-me suavemente. — Sempre vou te amar.

— De verdade? — Busco seu olhar.

— Claro! — Ele sorri, tirando meu cabelo do rosto.

— Mesmo quando eu for velhinha e enrugada?

Ele sorri.

— Mesmo quando seu peito chegar no chão e você deixar um rastro de baba para trás do seu andador.

— Ecaaa! — Sorrio. — Promete?

Ele segura meu rosto com as mãos.

— Holly Marie Woods, eu vou te amar até o dia da minha morte.

Olho firme para ele, com o estômago revirando mais do que nunca.

Holly Marie Woods...

Meus olhos se enchem d'água de novo, e eu os fecho, deixando escorrer as lágrimas enquanto o mundo inteiro à minha volta se despedaça.

— Holly? — Josh se desespera. — O que está acontecendo, Holly?

Esse nem mesmo é o meu nome.

Rosie

— Uau! — é o que Jack diz quando acabo de contar. Esfrega a testa, enquanto Megan lhe massageia as costas suavemente. — Meu Deus!

— Me desculpe — consigo falar, perdida entre as palavras que acabei de lançar no ar daquela casa. — Andy me olha com um pequeno sorriso tranquilizador.

— Então, Holly... — Jack não consegue se concentrar. — Há uma possibilidade de que ela possa desenvolver essa... essa doença...?

— Sim, uma chance de cinquenta por cento.

— Mas ela é tão saudável... tão bonita... — Observa a foto sobre a pia. — A minha Holly-berry...

Concordo, sentindo o coração cheio de culpa.

— Então, vejamos. — Ele respira fundo. — O que devemos fazer se ela tiver a doença? Quimioterapia? Tratamento? Medicação? — Olha para mim.

Meneio a cabeça, tomada pela tristeza.

— Há pesquisas sendo feitas a todo momento, novos progressos, mas neste instante... Eu sinto muito, não existe cura.

— O quê? — Jack me encara. — Tem que existir, tem que existir! — Ele esmurra a mesa, pulando da cadeira. — Eu processo! — vocifera. — Vou processar aquele hospital miserável! É culpa deles!

Pega o telefone, e meu coração dispara.

— Não acho que isso ajudaria a ninguém, Jack — suaviza Megan, colocando a mão docemente sobre a sua. — Além do mais, vamos fazer primeiro o teste de dna e nos certificar de que os fatos que temos são todos legítimos...

Jack derruba o telefone e se joga contra a mesa, com as mãos na cabeça, agarrando os cabelos.

— Eu não posso... ela não pode... ela é minha filha, minha garotinha... — desatina, limpando bruscamente as lágrimas.

Megan passa o braço em torno dele e beija-o no ombro.

Eu tenho um desejo súbito de nunca ter aparecido aqui, de nunca ter descoberto, de não ter nem mesmo nascido. Ver esse homem completamente destroçado diante de mim, e tudo por minha culpa. Meu peito aperta, e tudo o que eu quero é sair correndo.

— Mas vocês sabem — Andy diz com ternura, apoiando-me

incondicionalmente —, sabem que existe cinquenta por cento de chance de Holly ser completamente imune à doença, de ser perfeitamente saudável. Não é, Rose?

— É verdade — gesticulo para ele com gratidão. — E mesmo se ela carregar o gene, é provável que viva perfeitamente bem por anos, até décadas. Pode começar bem tarde. Mamãe estava com... — hesito, lembrando-me dos sintomas precoces, que não soubéramos detectar. — Ela não foi diagnosticada antes dos cinquenta anos.

Jack olha para cima, buscando meus olhos com cuidado.

— A sua mãe... — Ele limpa a garganta. — Você assistiu à morte dela em decorrência dessa doença?

Sinto uma fisgada gelada no coração ao pensar em mamãe — cambaleando no baile de formatura, batendo boca com os vizinhos, deitada no hospital... simplesmente ela, e ainda assim... tão longe de ser ela própria.

Fecho os olhos e concordo.

— Sim.

Lentamente, ele coloca a mão gigantesca sobre a minha.

— Então eu é que tenho que te pedir desculpas.

Olho para esse homem, cuja vida acaba de ser dilacerada e que me fita com os olhos cheios de tristeza e compaixão... por mim. Sentindo pena de mim. Sinto a garganta inchar à medida que ele aperta a minha mão.

— Me desculpe — repito, pois essas são as únicas palavras que restaram do meu vocabulário, e sinto brotarem lágrimas por todos os lados.

Então, de repente, vejo-me abraçada a ele, respirando aquele cheiro de almíscar que vem de sua camisa, ganhando proteção e segurança.

— Não é sua culpa — ele me acalma, ajeitando meu cabelo. — Está bem? Não é culpa de ninguém.

Fecho os olhos, tentando me convencer de que ele está certo, de que eu não destruí sozinha a vida dele — ou a vida de toda aquela família. Que essa era realmente a coisa certa a fazer, não apenas por mim. Mas por Jack, por Holly... Passo o olhar pela janela e fico paralisada, carregada de culpa, ao dar de cara com Holly, que me olha de volta com os olhos escancarados, pálida como um fantasma através do vidro.

Holly

— Holly! — chama meu pai, correndo atrás de mim enquanto desço a escada em disparada, com o coração pegando fogo, batendo tão forte quanto meus passos. — Holly, espere! — chama novamente. — Holly, por favor!

Balanço a cabeça com força, tentando apagar a imagem de Rosie em seus braços. Filha dele... sua filha de verdade.

— Holly! — Ele me segura pelo braço. — Holly, por favor, entre.

Eu me desvencilho.

— Holly — diz ele, bloqueando meu caminho. — Por favor.

— Fala pra ela ir embora — digo, mordendo os lábios para não chorar. — Fala para ela ir embora. Só assim eu vou voltar.

Ele me olha por um longo momento, com os olhos carregados de dor.

Sinto a garganta fechar e me solto dele.

— Holly, aonde você vai?

— Vou me mudar com Josh! — grito sem me virar. — Ele está voltando para a faculdade, e eu vou com ele!

— Holly, espere! Você não vai morar com seu namorado...

— Ele é meu noivo. — Volto-me para meu pai. — Se você tivesse pelo menos me dado a honra de me ouvir por um segundo, teria sabido disso antes. Josh me pediu em casamento em Nova York. Essa era a razão de termos vindo embora mais cedo. Nós vamos nos casar.

Ele para diante de mim.

— Vocês o quê? Holly, você não pode, você tem dezoito anos!

— Eu posso fazer qualquer porcaria que eu quiser, e você não pode me impedir! — grito com ele, afogada em lágrimas. — Afinal de contas, você nem é meu pai!

Ele fica paralisado, sob a luz da janela que forma sombras atravessadas como uma gaiola, demonstrando nas feições a dor que o devasta.

Viro-me, com o rosto ardendo, e corro em disparada, apenas corro, o mais rápido que consigo. Abro a porta do carro de Josh e lanço-me ali dentro.

— Vamos embora.

— Holly... — Josh me puxa para perto. Menina, você devia ter me deixado ir junto. Ela ainda estava lá?

— Ah, claro! — Não contendo uma risada, piscando os olhos com força e tentando fazer cessar as lágrimas imbecis que não param de escorrer pelo meu rosto. — Claro que ela estava lá.

A cena dos dois se abraçando me queima os olhos.

Josh aperta meus joelhos.

— Meu bem, tenho certeza de que o seu pai...

— A gente pode simplesmente ir embora? — interrompo. — Por favor?

Ele me olha e então liga o carro.

— Claro. — Dirige-se à estrada. — Para onde você quer ir?

Olho surpresa para ele.

— Com você, para Harvard.

— Você quer ficar comigo? Na moradia da faculdade? — Sorri. — Pode acreditar, aquilo não é lugar para uma dama.

— Por favor — imploro. — Não tenho outro lugar para onde ir agora.

Josh suspira.

— Acredite, não há nada neste mundo que eu queira mais do que te levar comigo. Mas a faculdade? Holly, você ficaria sozinha o dia inteiro durante as aulas... E, além do mais, fugir não é a resposta.

Você tem que ficar aqui, resolver essas questões com seu pai.

— Ele não é o meu...

— Ele é, sim. — Josh encosta o carro, olhando-me nos olhos. — Ele sempre será o seu pai. Foi ele quem te criou, e antes de Megan, fez tudo sozinho. E isso não deve ter sido fácil, você é uma bolinha de fogo em movimento...

— Eu não sou n... — Josh coloca o dedo nos meus lábios.

— Mas ele fez um trabalho magnífico, se você me permite opinar. — Ele passa os dedos pela minha bochecha. — Agora, Holly, Minnie Mouse ou Pato Donald, quem quer que você seja: você ainda é você mesma — diz, aproximando-se. — E eu te amo.

Ele me beija, e eu me sinto derreter.

— E seu pai também te ama.

Mordo o lábio.

— E aí, Donald, para onde você gostaria que eu te levasse? Se você ainda não está pronta para ir pra casa, tenho certeza de que Melissa vai adorar improvisar uma festa do pijama e ter a chance de exibir pra você o que eu acho que é, neste momento, a maior coleção de DVDs de Johnny Depp existente no estado inteiro...

— Quem precisa de Johnny Depp? — sussurro, debruçando-me em seu peito forte, caloroso e seguro.

— Bom, isso é verdade — concorda, beijando o topo da minha cabeça. — Mas ela também tem uma pilha de chocolates que sobraram do Natal, e seria um ato de extrema gentileza ajudá-la a acabar com aquilo tudo. Eu me esforcei, é claro, mas ali há tanto chocolate que um simples homem não dá conta. Sinto que é hora de chamar uma especialista.

Sorrio e dou-lhe uns tapas de brincadeira.

— E aí, é claro, há também a *pièce de résistance*: Dumbledore, o gato flatulento, que eu garanto que vai lambe sua cara toda...

— Pronto, me convenceu. — Sorrio, chegando mais perto.

— Vai dar tudo certo, viu? — sussurra, alisando meu cabelo.

— Está bem — suspiro, ignorando o toque insistente do celular no meu bolso.

Rosie

— Eu devia ter ido atrás dela... — Jack arremessa o telefone e anda de um lado para outro na cozinha. — Devia...

— Não — suaviza Megan. — Não, ela só precisa de um tempo, só isso. Tudo isso é demais para ela.

— Mas ela é minha filha, e está por aí sozinha...

— Ela está com o Josh — corrige Megan. — Ele vai cuidar dela. Ele é um bom garoto.

— Um bom marido? — desafia Jack. — Um bom marido para a minha filha adolescente?

— Ela tem dezoito anos, Jack...

— Eu sei! — Jack dispara. — Não precisa me informar sobre a minha própria filha!

Megan olha para outro lado.

Ele suspira e se debruça no balcão da pia.

— Me desculpe — resmunga. — É que... ela tem só dezoito anos, é a minha filhinha... a minha garotinha.

— Eu sei — Megan responde, compreensiva. — E ela também sabe. Ela sabe exatamente quem é seu pai, e ela o ama. — Dá-lhe um beijo.

Dou uma olhada para Andy.

— Ahn, acho que devemos... devemos realmente voltar para a pousada — digo, caminhando em direção à porta.

— Quer uma carona, querida? — oferece Megan. — Preciso mesmo ir buscar Ben na minha mãe.

— Obrigada. — Sorrio. — Seria...

— Não — Jack se manifesta. — Não, você não pode ir embora; não você também. — Fita os olhos nos meus. — Você tem que ficar aqui.

Hesito. Não quero deixá-lo, agora que o encontrei. Mas parte de mim deseja fugir o mais rápido possível.

— Não, Jack — começa Megan.

— Acho que não é uma boa ideia — complemento, com o rosto fervendo. — Você e Holly precisam de espaço, precisam conversar...

— É só até a pousada, Jack, ela ainda vai estar na cidade — pondera Megan.

— Não! — diz Jack firmando a voz. — Passei dezoito anos sem conhecer

a minha filha — Engole com dificuldade. — Será que não é tempo suficiente?

Megan olha para ele, depois se cala e olha em outra direção.

Meu coração reverbera na quietude do ambiente.

— Rosie. — Ele se dirige a mim com toda a delicadeza, buscando-me com seus gigantescos olhos verdes, tão nervosos, tão vulneráveis. — Você poderia ficar?

Holly

— Cara, isso é demais! — exclama Melissa, gritando e abraçando o travesseiro. Dumbledore pula da cama e dispara escada abaixo num estalo.

Olho feio para ela.

— Você não estava prestando atenção? Não escutou a parte em que eu falei que a minha vida está despedaçada? O que pode ser “demais” nisso?

Ela desconversa.

— Não seja melodramática, isso é surreal. Holly, você não entendeu? Você tem uma mãe!

Apesar de meu estado, meu coração de repente flutua. *Minha mãe.*

— Holly! — empolga-se Melissa, agarrando as minhas mãos com força. — Você provavelmente tem outra família inteira na Inglaterra, a terra de Shakespeare e de castelos, reis e...

— Eu não quero outra família. Quero a *minha* família! — digo num impulso, abraçando os joelhos. — Quero meu pai de volta.

— Holls. — Melissa põe a mão sobre o meu joelho. — Ele será seu pai para sempre. Cara, você nem conseguiu se livrar dele no baile de formatura, lembra? Lembra como ele ofereceu ser o adulto responsável por nós? E quis ser o dj?

Um sorriso desponta em meus lábios.

— Ele não vai a lugar nenhum, acredite. Olha só quantas vezes ele já te ligou hoje! — Melissa me censura quando eu verifico, com certa culpa, o celular que deixei no modo silencioso. — Mas daí a dizer que você não quer conhecer sua mãe? Sua mãe verdadeira? Todos esses anos pensando que ela estava morta, imaginando como ela poderia ser, como seriam as coisas em companhia dela, e agora... — Ela aperta meus joelhos com os olhos brilhantes de empolgação. — Ela está viva! Holly, sua mãe está viva!

— Ela esteve viva o tempo todo, você não entende? Melissa, meu pai mentiu, ele mentiu o tempo todo, dizendo que ela tinha morrido.

— Bom, é mesmo — reconsidera. — Mas ele devia mesmo, não é? Aquela megera ao telefone obviamente é uma perda de tempo. Quem não ia preferir uma mãe morta a uma que diz pra filha se mandar quando ela aparece na sua porta? Que vaca, isso sim!

Enrolo os cabelos nos dedos com força. Não tinha pensado nisso.

— Holls, ele só estava tentando te poupar. Imagine se você tivesse ido atrás dela, como essa Rosie foi, e ela batesse a porta na sua cara? Imagine como você ficaria mal!

Mordo o lábio, imaginando a cena: a esperança, a excitação, a rejeição devastadora. Reluto para não sentir pena de Rosie.

— Bom, mesmo assim, ele não devia ter mentido.

— É, mas, cara, ele é homem, o que você podia esperar? As questões emocionais não são exatamente o forte deles.

— Você está falando sério? — Sorrio, apesar do clima tenso. — Você devia ter visto a cara que ele fez quando eu disse que ficaria com Josh em Harvard. “Você tem dezoito anos, é muito jovem para se casar!”

Melissa abre a boca, encarando-me.

— Mentira! Vocês estão noivos?!

Antes que eu consiga responder, Melissa já está gritando, pulando em cima de mim, me enforcando num abraço sufocante.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deeeeeeeeeus!! — Ela me solta por um instante. — Quando? Como? Espera! — Olha para mim com seriedade. — Promete que eu vou ser sua madrinha! Por favor, Holly! Eu nunca fui dama de honra, e...

— Tudo bem. Desde já, você pode ser minha madrinha! — Caio na risada, e ela pula em cima de

mim de novo, soltando gritos ainda mais altos, se é que isso é possível.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Isso é demais! Este é sem dúvida o melhor dia da minha vida! Minha melhor amiga vai ser minha cunhada, e finalmente eu vou ser madrinha! — Aperta-me com força. — E você! Pelo amor de Deus, qual é o seu problema? Você finalmente vai conhecer a sua mãe, sua mãe de verdade, uma mãe inglesa superlegal, e vai se casar! A sua mãe vai poder vir ao casamento! E você provavelmente poderá se casar em um castelo! É o cúmulo da sorte!

— Opa, calma! — Rio. — Uma coisa de cada vez!

— Tenho que ligar para o Josh. Não acredito que ele não me contou! — Melissa avança no celular, disca o número, coloca no viva voz, depois grita bem alto assim que ele atende: — Não acredito que você vai se casar! — Voa para cima de mim, dando-me mais um abraço, sob os risos de Josh, o que faz com que todas as minhas preocupações se dissipem, dando lugar à empolgação que me toma o corpo inteiro.

Vamos nos casar!

Melissa me abraça de novo, embriagada pela alegria, e dessa vez comemoro junto com ela. Ela está certa, eu tenho sorte. Tenho meus amigos, minha família, meu pai, Megan e Ben. Tenho Josh e a promessa de uma vida em comum, de nossa própria família. Sorrio, de posse do meu segredo. E, em algum lugar, do outro lado do Atlântico, tenho uma mãe. Meu coração atropela o pensamento: minha mãe de verdade. Não uma mulher que me deu à luz e depois nem mesmo se importou em ficar por perto para me ver crescer. Foi um acidente. Fomos separadas por conta de um mero acidente. Ela nunca quis mesmo me abandonar, afinal de contas.

E agora, mal posso esperar para conhecê-la.

Rosie

— O que você está fazendo?

Ergo os olhos e encontro Ben me observando pelo espelho do banheiro bem na hora em que raspo um cotonete por dentro da bochecha. Viro-me para ele e sorrio.

— Estou fazendo um teste — conto-lhe. — De DNA.

— Ah... — Ele torce o nariz. — Tipo ABC?

Eu rio.

— Não exatamente. — Embora, na verdade, seja tão fácil quanto o abecedário. Difícil de acreditar que tudo o que se pede para um exame de DNA são dois cotonetes esfregados por dentro da bochecha, lacrados em envelopes etiquetados, enviados para o laboratório com um cheque e um formulário baixado da internet, e pronto: 99,9 por cento de precisão no resultado, num prazo inferior a quinze dias. Assustadoramente simples.

Ben assiste concentrado à tarefa de lacrar os cotonetes no envelope, com o nome na etiqueta, e eu sorrio.

— Quer fazer também? — Puxo um novo cotonete da caixa, e ele me olha com desconfiança por um momento, antes de abrir a boca e mostrar as fileiras de minúsculos dentinhos perolados.

Com toda a delicadeza, esfrego-lhe a ponta do cotonete na bochecha, o que o faz rir.

— Faz cócegas!

— Você não tem cócegas, tem? — provoco, cutucando-o debaixo dos bracinhos. Ele se joga no chão, rindo sem parar, fazendo a voz miúda preencher o ambiente.

— O que está acontecendo aqui? — Jack aparece, todo animado, parando sob o batente da porta junto com Megan.

— Papai! — grita Ben, pulando no colo dele.

— Olá, encrenca — saúda-o Jack, esfregando nariz com nariz. — Como está meu macaquinho?

— Eu não sou macaco! — protesta Ben. — Eu sou o Ben!

— Mas é claro que você é o Ben — diz Jack, sorrindo e beijando-o na testa. — E você sabe quem é esta aqui? — continua, apontando para mim.

Ben sacode com força a cabeça, fazendo os cabelos chicotear os olhos.

— Esta aqui é Rosie — Jack apresenta, ajeitando-lhe o cabelo e olhando

para mim. — E ela é sua irmã.

Ben me encara de olhos arregalados, e perco o fôlego.

— Ela pode ser sua irmã — corrige Megan rapidamente. — Primeiro vamos esperar até que seja oficial, não é? — Ela olha para Jack com severidade. — A ideia era essa.

— Claro, claro — ele concorda. — Já fez o seu? — Aponta para o envelope na pia.

— Sim — respondo, entregando-lhe o pacote selado. — Pronto e acabado.

— Ótimo. Vou levar ao correio.

— Agora? — pergunta Megan.

— Quanto mais rápido, melhor. É o que eu acho. — Jack sorri para mim com olhar cansado. — E assim teremos uma dimensão melhor da situação. — Passando por Ben e Megan, desce a escada em direção à porta.

Megan me lança um olhar esquisito.

— Desculpe se eu estiver parecendo... — gagueja. — Não quero parecer cética, mas é que, com crianças, é sempre melhor termos as coisas de modo definitivo antes de...

— Eu entendo — respondo-lhe, cruzando os braços. — Já soube algo de Holly?

— Não — suspira Megan. — Ela ainda não atende o telefone, mas a mãe de uma amiga ligou e avisou que ela está na casa dela. Então, pelo menos sabemos que está segura.

— Bom, já é um alívio.

— Sim, é. Bom, acho melhor levar este menino para a cama — diz, afagando os cabelos de Ben. — O dia foi muito longo.

Concordo.

— Acho que também vamos aproveitar para dormir mais cedo.

— Ok. Bom, então vocês sabem onde encontrar tudo. — Sorri. — Boa noite.

— Boa noite.

— Tchau, Rosie.

Olho para cima e sinto o peito palpitar só de ouvir Ben pronunciar meu nome e acenar para mim sobre o ombro da mãe. Dou-lhe um sorriso e aceno de volta, até vê-lo desaparecer porta afora.

Suspiro, inundada de emoções conflitantes, abro a porta do quarto de hóspedes e me jogo nos braços de Andy.

— Tudo bem? — ele sussurra, ajeitando meu cabelo.

Balanço a cabeça, pressionando o rosto contra seu peito, com os olhos colados mais uma vez na foto do porta-retrato quebrado. A ternura que me invadiu ao ver ali meu pai e meu lindo irmãozinho esvai-se de repente quando olho para Holly e lembro a terrível casualidade dessa reunião. Fecho os olhos, enjoada.

— Você mandou muito bem lá embaixo, sabia? — Andy incentiva. — Aquilo realmente é digno de quem tem muita coragem.

Sorrio, apesar da situação toda.

— Eu sei que não foi fácil, principalmente depois que Kitty... — Ele me abraça com força. — Mas você foi lá e encarou. Encontrou seu pai e abriu o jogo. Estou muito orgulhoso de você.

Andy me beija a testa, fazendo as palavras me causar cócegas.

— Você fez o que tinha que fazer aqui.

Abro os olhos.

— Aí é que está — sussurro, sentindo-me mais indisposta do que nunca. — E agora?

Holly

Algo me atinge o nariz, e arregalo os olhos imediatamente. Uma pata branca me arranha a bochecha, e sinto uma lambida no rosto.

— Dumbledore! Dumbledore! Sai de cima de mim! — resmungo, sentando-me num impulso e empurrando o gato para longe. Ele pula para fora da cama e vai buscar a próxima vítima, com o nariz empinado e o sininho do pescoço ressoando com petulância.

— Eca! — esfrego o rosto. — Nojento! Por que será que ele sempre me provoca?!

Bato o olho no relógio. São quatro e meia da madrugada?! Resmungo e me jogo de volta no travesseiro, agora completamente acordada.

Olho pela janela, onde a luz fraca da lua brilha nas cortinas e as faixas de sombra escura e dançam com a brisa que entra...

Quatro e meia da manhã.

Procuro Melissa e a encontro esparramada na cama, roncando alto, relaxada. Típico. Rolo na cama, enterrando a cabeça no travesseiro, inquieta e desperta. Isso é completamente o oposto da minha personalidade! Normalmente, durmo feito uma pedra, até que o despertador toque, ou até o fim do dia, se me derem alguma chance. Diferentemente de papai, que está sempre de pé assim que rompe o sol.

Papai.

Meu coração se contorce de repente ao me lembrar dele ali parado, tão ferido, tão rejeitado. Não foi nada justo. Ele não sabia; não fazia ideia de que não era meu pai, por todos esses anos...Isso foi um choque enorme para nós dois. E como eu reajo ao descobrir? Minhas próprias palavras ecoam dolorosamente no ouvido.

“Você não é meu pai!”

Fuço na bolsa para encontrar o celular. Quinze ligações perdidas. Sinto meu coração apertado ao ouvir a primeira das mensagens:

“Holly...Holly, minha querida, por favor, venha para casa. Eu te amo tanto! Por favor, só te peço que volte pra casa...”

Desligo o telefone, me enfio no jeans que está jogado no chão e corro escada abaixo, sentindo o ar frio me atingir como um tapa na cara — meu toque de despertar —, e, num piscar de olhos, estou de repente correndo na rua, sentindo o vento nos cabelos e saudando cada poste de luz como se sorrissem para mim.

Estou chegando, papai, estou chegando.

Estou indo para casa.

Rosie

Abro os olhos e não consigo não ficar triste ao olhar para o teto. As perspectivas não são nada boas. Estou ali deitada há séculos, completamente acordada, e os eventos das últimas vinte e quatro horas não param de girar na minha cabeça, impedindo-me de dormir. O que eles disseram; o que eu disse; o que eu ainda não disse; o que deveria ter dito... se deveria ter dito alguma coisa, afinal de contas...

Suspiro e desço devagarzinho da cama, tomando cuidado para não acordar Andy, que ronca baixinho ao meu lado. Estremeço ao pousar os pés no chão, para finalmente me pôr em pé.

Acendo a luz do banheiro e me olho no espelho.

Então é isso que eles veem. Esta é a garota que invadiu este lar e virou tudo de cabeça para baixo. Que pegou tudo o que eles tinham como verdade absoluta e jogou pela janela. Que se impôs na vida deles — em sua família. Suspiro pesadamente, tampando os olhos.

Agora está nas mãos deles. Tudo está nas mãos deles. Já fiz a minha parte. Como aqueles globos com pedacinhos de neve: sem dúvida já chacoalhei a bola de vidro. E ninguém sabe onde cairão os flocos de neve dessa vez... e se cairão de fato algum dia.

Fecho os olhos e enfio a boca debaixo d'água, bebendo-a fria direto da torneira, refrescando, suavizando e anestesiando a situação toda.

— Holly?

Dou um pulo com a voz que quebra o silêncio, esbarrando a boca na torneira e espirrando água na testa.

— Ops, desculpe! — diz Jack, afastando-se da porta do banheiro. — Desculpe, Rosie, não queria assustá-la, pensei que você estivesse... desculpe.

— Que horas são? — Bocejo, reparando em seu jeans e no casaco de capuz. Ainda está muito escuro e gelado.

— São quatro e trinta e três — diz ele. — Não conseguiu dormir?

— Não consigo parar de pensar.

— É, temos... bom, temos um milhão de coisas em que pensar.

— E você?

Ele balança a cabeça.

— Fiquei pesquisando on-line sobre a doença de Huntington, tentando me inteirar do assunto. — Esfrega os olhos. — Mas tem tanta coisa para digerir...

Concordo.

— Se quiser conversar, ou se tiver alguma pergunta...

— Obrigado. Mas neste momento, tudo o que eu preciso é de um pouco de ar. Vou ao mercado comprar peixe. Não há trégua para os predestinados. — Arremata com um sorriso. — Boa noite.

— Bom *dia*. — Sorrio, voltando para meu quarto.

— Na verdade, Rosie... — diz ele, vindo atrás de mim. — Rosie, você gostaria... — Andy emite um ruído no meio do sono e rola na cama.

— Ah! — Jack retrocede um pouco no corredor. — Ah, meu Deus, desculpe...

— Tudo bem. — Fecho a porta, seguindo-o. — Jack?

— Me desculpe, eu... eu não sabia... ia somente perguntar... já que estamos os dois acordados... — Limpa a garganta. — Estou indo para o mercado agora, como eu disse, e estava pensando... — De repente franze o rosto. — Me desculpe. Esqueça, volte para a cama.

— Adoraria ir junto — respondo, sorrindo.

— Verdade?

— Sim. Me dê só uns cinco minutos, vou vestir uma roupa e te encontro lá embaixo.

Ele me olha, surpreso, e concorda.

— Certo. Ótimo.

Vira-se para descer a escada, mas não se move.

— Então, você e Andy... — recomeça. — Vocês dois são bem próximos?

Sorrio.

— Sim, somos... próximos.

Ele gesticula com a cabeça e respira fundo.

— Certo. Uma lista enorme de coisas ainda para aprender, não? Te vejo lá embaixo?

— Cinco minutos — confirmo.

— Combinado. — Sorrio, vendo-o desaparecer no corredor, descendo a escada.

Ele está certo. Há um longo caminho a percorrer, com coisas para aprender. Pai e filha, e nenhum dos dois conhece uma linha sobre o outro. Bom, não há melhor tempo que o presente, mesmo que seja no meio de uma noite gelada!

Holly

Uma pontada me atinge a cintura quando finalmente dobro a esquina, chegando à nossa rua. Corro os últimos passos para o fundo da casa, procuro a chave extra que fica debaixo do tapete e entro afobada pela cozinha.

— Pai? — Tateio para encontrar o interruptor e derrubo algo do balcão da pia. Disparo escada acima. — Pai?

— Holly?! — Megan abre a porta. — Meu Deus, você quase me matou de susto! Tudo bem com você?

— Onde está o papai? — pergunto desesperada, notando o lado vazio da cama.

— Saiu para o mercado, querida — lembra-se Megan. — Hoje é segunda-feira.

O mercado de peixes! Fico decepcionada. Devia ter me lembrado.

— Tudo bem com você? — pergunta Megan, notando minha ansiedade.

— Sim — digo, recuperando o fôlego em etapas. — Sim, estou ótima, é que... eu realmente queria vê-lo, dizer para ele que...

— Ah, querida, ele sabe. — Megan me puxa num abraço forte. — E vai ficar muito contente de te ver. — Ela me beija o cabelo.

— Holly? — A porta do quarto de Ben se abre e ele aparece, esfregando os olhinhos, com sono.

— Oi, ursinho Ben! — Sorrio, agarrando-o e dando-lhe um abraço bem apertado, para sentir aquele cheiro doce de criança. — Como está o meu monstro favorito?

— Bem! — grita ele, me dando um beijo todo desastrado e enroscando os braços no meu pescoço.

— Estamos muito felizes que você tenha voltado para casa — diz Megan, passando de leve a mão nos meus cabelos, e eu me desmancho com a ternura dos dois. *Estou em casa.*

— Que bom! — Sorrio, enxugando as lágrimas no pijama peludo de Ben, que se aninha no meu colo, tão íntimo, tão familiar. — Eu também.

— Alguém sabe da Rosie?

Olho com surpresa para o namorado de Rosie, parado na porta do quarto de hóspedes. De pijama.

— Acordei agora mesmo, e ela não está — diz ele.

Megan olha para ele, depois para mim, e hesita por um momento.

Sinto um nó no estômago.

— Ele está com Rosie?

Rosie

Ainda está completamente escuro quando chegamos ao mercado de peixes, mas o negócio já está em alvoroço: os pescadores descarregam suas mercadorias reluzentes enquanto os clientes se atropelam, amontoando-se ao redor dos balcões, tentando se livrar da massa disforme de pessoas para conseguir o melhor e maior resultado da pesca matinal. Encolho-me cada vez mais fundo na jaqueta acolchoada que Jack me emprestou, tentando proteger o rosto do frio cortante — e do fedor!

— Cheiroso, hein? — brinca Jack, voltando orgulhoso com o peixe que reluz dentro da caixa. Levanta a mercadoria e inala profundamente. — Ahhh! Adoro o cheiro de peixe fresco pela manhã! — Sorri para mim, com as bochechas rosadas de frio e os olhos brilhantes. — Brrrrr! Temos sorte de não estar nevando.

Olho para ele, espantada.

— Está falando sério? Você vem aqui quando neva? E no meio da noite?

Jack cai na risada.

— Não é noite, é manhã! Está vendo? — Aponta para uma porção agitada de ondas escuras batendo contra as pedras, com o horizonte por trás. O sol está quase despontando na superfície, e as cores começam a voltar para o mundo. — Não é lindo?

Estremeço dentro daquele casaco emprestado, e ele ri.

— Vem, vamos largar isto aqui e arranjar algo quente para beber. Tem uma colher cheia de gordura ali que significa chocolate quente.

— Com marshmallows? — resmungo através do casaco, com o nariz já congelado.

— Ué, tem outro tipo de chocolate quente? — Ele se anima, mostrando o caminho.

Holly

— Ela ainda está aqui? — Lanço um olhar de acusação para Megan, que serve chá em três canecas. — Ela ficou aqui esta noite?

— Eu vou... vou lá buscar... — O namorado de Rosie vai até a porta. — Vou lá. — E desaparece em direção aos quartos.

— É que já estava tarde, meu bem — responde Megan conciliadoramente, ao me entregar uma caneca, levando-me para a sala. — Ela não tinha para onde ir...

— E que tal de volta para a Inglaterra? — resmungo, tomando um gole de chá que me queima a língua.

Megan se afunda no sofá e dá um suspiro.

— Não posso imaginar o que você está sentindo neste momento. É um choque terrível, mas... pode ser mesmo que Rosie seja filha dele, querida.

— *Eu* sou a filha dele! — protesto, sentindo os olhos arder. — Será que eu não lhe basto? — Fito-a como se cobrasse uma resposta. Sua expressão de dor me faz desviar o olhar, abraçando os joelhos até encostarem no queixo. — Talvez eu devesse simplesmente ir embora e deixá-los a sós.

— Não seja ridícula, Holly, você é o mundo inteiro para ele. Devia tê-lo visto ontem à noite, ele estava fora de si de tanta preocupação.

— Ah, sim, tão preocupado que teve que me substituir, não é?

— Holly!

— Estou mentindo? Ele tem uma nova filha agora, uma de verdade.

— Isso não é verdade, Holly, nem comece a pensar dessa maneira. Seu pai te ama muito...

— Sim, mas não é meu pai, não é mesmo?

— Ele sempre será o seu pai!

— Mas não é a mesma coisa. Não é biológico. Agora ele é o pai dela.

— Holly, a gente nem mesmo tem certeza disso! Eles fizeram o teste ontem à noite. Vamos esperar pelos resultados, antes...

— E o que isso vai mudar? Ele sabe que ela é filha dele. Ele olha para ela e enxerga a mãe, Katharine, não é? Olhe para mim! Eu sou ruiva, eu destoo completamente, como uma marca de nascença! É claro que ela não me quis, ela sabia que eu era um erro, uma impostora...

— Holly, isso não faz o menor sentido...

— Ah, não? — Mordo o lábio com força, agarrando o cabelo, meu cabelo horroroso, avermelhado e traidor.

— Olhe para mim — interrompe Megan de repente. — Olhe aqui para mim, Holly. Eu não sou sua mãe biológica, nunca fui e nunca serei. — Aperta minha mão. — Mas você pensa que isso me faz amá-la menos? Que essas coisas importam para mim? Ou para o Ben?

Olho para o pequeno, que constrói cuidadosamente sua torre de blocos de madeira, empilhando concentrado um por um, sabendo que eles vão todos desmoronar. Como a minha vida. Sinto uma dor no peito. *Meu pai não é o único que eu posso perder neste momento...*

— Não é a mesma coisa — lamento. — Ben não sabe a diferença.

— Exatamente. É exatamente isso que estou dizendo, Holly!

— Mas é diferente, sim — insisto. — Tem diferença. Quando se é criança, uma parte de nós... — Desconcentro-me, sentindo uma fisgada no peito.

— Tudo bem — diz Megan com todo o cuidado do mundo, chegando mais perto e olhando-me nos olhos. — Tudo bem, então. Você sinceramente acha que eu a amo menos do que amo Ben?

Olho para ela e depois para Ben, ainda abraçada aos joelhos.

— Você deve sentir essa diferença, sim. Ele é seu, você o concebeu...

Megan balança a cabeça.

— Ah, minha querida, não é tão simples assim. Dar à luz não te faz mãe — declara. — Veja por exemplo essa Katharine. Ela abandonou seu bebê, não é mãe de ninguém. Mas seu pai... o seu pai moveria montanhas por você, e não porque ele acha que você carrega os genes dele, mas porque ele te ama absurdamente. E esse é o amor que conta, é esse o vínculo. Vocês dois são um time, e vão superar isso tudo.

Só consigo olhar para o chá, mordendo o lábio.

— E Rosie? — sussurro. — Onde ela se encaixa nisso tudo?

Megan dá um suspiro.

— Isso é algo que teremos que descobrir.

Rosie

Sentamo-nos perto da janela do quiosque e esquento as mãos no copo de chocolate fumegante, sentindo o calor lentamente voltar para os dedos, ainda sob o aroma persistente do peixe.

— Não é espetacular? — Jack se emociona com a imagem na janela. — Minha hora preferida do dia.

Devo admitir que o nascer do sol avermelhado é lindo — e muito mais agora, que estou do lado de dentro da janela, sentindo derreter na boca o marshmallow quente.

— Mas bem que o espetáculo poderia ser mais tarde — brinco.

Jack sorri.

— Peço desculpas pelo horário. Já estou acostumado a acordar cedo. Meu pai já tinha um bar que servia peixe, então, depois que terminei o colégio, trabalhei com ele por um tempo até que decidisse o que faria da vida. Ele sempre me mandava para o mercado no meio da madrugada para escolher o melhor peixe, mas eu não me importava. Até gostava, no fundo. E me apaixonei pelo nascer do sol. Pela paz. Pela promessa de um novo dia — conclui, olhando a luz dourada que se espalha no horizonte. — Foi assim que conheci Katharine, na verdade.

Fito os olhos nele.

— Assim, no mercado de peixe?

— Não! — Ele cai na gargalhada. — Não, Kathy nunca seria fisgada em um mercado de peixe. Ela tinha ido ver o mar, foi o que me disse. Estava ali, bem na praia, tremendo de frio, de minissaia e casaquinho branco esvoaçante. — Faz uma pausa. — Nunca vou esquecer aquele casaco...

Continuo atenta a ele.

— Me desculpe. — Limpa a garganta. — Estou divagando. É que já faz tanto tempo que não nos falamos... Bom, deixa pra lá. Como está o chocolate quente?

— Por favor — imploro quase sem voz. — Me conta.

Jack me olha por um instante, sem muita certeza. E então respira fundo.

— Ela era a garota mais bonita que eu já tinha visto na vida. — Suspira, olhando pela janela, como se enxergasse o passado. — Seu cabelo estava todo embaraçado por causa do vento, a maquiagem dos olhos borrada até a bochecha, e, não sei como, tinha perdido um dos sapatos. Estava ali descalça

sobre as pedrinhas da praia, com as pernas arrepiadas, congelando de frio. Mas não queria ir embora. Me ofereci para lhe chamar um táxi, mas ela recusou, dizendo que queria ver o sol nascer e que não iria embora até conseguir.

— Ela tinha ficado ali a noite inteira?

— Foi o que disse, mas era certo que tinha passado a noite inteira fora de casa. Duvido que tivesse se arrumado toda para ficar ali na praia. — Jack para um pouco para soprar seu chocolate, agarrado ao copo quente. — Na verdade, ela parecia estar brava com alguma coisa, então decidi ficar ali com ela, para garantir que ficasse bem.

— E o que aconteceu?

— Ela me mandou cair fora. — Jack ri. — Nem posso culpá-la. Você imagina um estranho no meio da noite te passando cantada? Mas eu não ia embora, não, ela tampouco. Éramos teimosos como mulas, os dois. E, no final, começamos a conversar.

Abre um sorriso, olhando para a mesa.

— Eu ficava perguntando seu nome, mas ela não queria me dizer, como também não dizia nada sobre si própria. Ela disse que a noite estava bonita demais pra ficar jogando conversa fora sobre o dia corriqueiro, sobre qualquer coisa que fosse séria, pessoal ou real. Então ficamos ali falando... sobre nada, no fundo. Signos, constelações, sonhos... — Ele divaga novamente, tomando um gole de chocolate. — E então, de repente, o sol tinha aparecido. Ela se deu conta de que tinha que ir embora, e eu já estava atrasado com o peixe. Eu lhe dei meu telefone, na esperança de que ela me ligasse, mas, para ser sincero, não achei que pudesse vê-la novamente. E no entanto, na manhã seguinte, quando passei para ir ao mercado de novo, lá estava ela.

Sorrio, ainda aconchegada pelo copo que me aquece as mãos.

— Bom, a partir daí, aquilo virou quase um ritual: todas as noites eu ia para a praia, cada vez mais cedo, e ela estava sempre ali, olhando o mar. Eu levava roupas quentes, café, sacos de dormir e até cobertores, qualquer coisa para aquecê-la. Ela parecia estar sempre com frio, com a pele gelada dentro do casquinho esvoaçante. E ficávamos ali deitados na areia, conversando, namorando as estrelas, falando sobre nada... e muitas vezes nem mesmo falando, até o nascer do sol. Eu peguei o fim de pesca por duas semanas seguintes, levei o pior peixe que havia, mas sabe de uma coisa? — Sorri. — Ninguém reparou.

Olho pare ele.

— Duas semanas?

— Duas lindas semanas... — suspira, girando o copo. — Até que uma noite eu cheguei e ela já não estava mais ali. Esperei a noite toda, até a manhã seguinte. Mas ela não apareceu. Nunca mais apareceu. Simplesmente sumiu.

— E você tentou encontrá-la?

— Como poderia? Não sabia seu nome, onde ela morava, seu telefone... Não sabia absolutamente nada sobre ela. Só seu signo: escorpião — murmura. — Era como se ela jamais tivesse existido, como se eu tivesse simplesmente sonhado com ela: a garota dos meus sonhos...

“E então, no inverno seguinte, no meio da noite, recebi um telefonema. Era a Kathy, assustada, dizendo que estava tendo o nosso bebê. Perguntou se eu podia ir, e não pensei duas vezes: larguei o que estava fazendo e peguei o carro. Dirigi por duas horas no escuro, sob uma tempestade horrenda, e nem achava que conseguiria chegar. Quando, finalmente, estava quase chegando ao hospital, vi Kathy correndo pela estrada. Ela estava igualzinha, com a mesma beleza frágil, assustada tal como antes, um ar assombrado e, dessa vez, algo a mais: um certo desespero.

“Estacionei e olhei para ela por um momento, paralisado. E então ela explodiu em lágrimas. Abri a porta do carro e ela entrou, devastada, contorcendo-se no banco do carro, o coração saindo pela boca. Perguntei-lhe sobre o bebê, sobre o que tinha acontecido e por que ela tinha saído do hospital. Mas ela não me respondia, só me implorava que eu fosse embora, que a levasse dali para algum lugar, qualquer lugar que fosse. E foi o que eu fiz. Fui parar em um pequeno parque, onde encostei o carro. Mas Kathy ainda chorava, dizendo sem parar que estava com muito medo de que eu não aparecesse, de que eu fosse abandoná-la. Tentei confortá-la, disse que nunca iria abandoná-la, que faria o que fosse por ela. Ela me olhou, apenas me olhou por um longo momento.

“Depois sorri, com aquele lindo rosto manchado de lágrimas, e pegou a minha mão, sussurrando: ‘Você é papai’. Sua frase encheu o espaço existente entre nós e me fez lacrimejar. ‘Você é papai.’”

Seus olhos se enchem d’água, e eu engulo em seco.

— Voltamos para o hospital, e Kathy me levou para dentro, mas o bebê havia sido transferido para um hospital maior, fora levado a uma UTI.

Completamente concentrada, sinto a respiração me faltar. Na verdade, o bebê tinha voltado para o quarto...

— Então também fomos — diz Jack, suavizando a expressão. — Não pude acreditar quando a vi... aquela pessoinha minúscula, tão miúda, tão frágil, dentro da incubadora, lutando pela vida. “Ela é sua”, disse-me Kathy, mostrando a pulseira de identificação com o nome que ela tinha escolhido. Holly Woods. “Ela é toda sua.” Eu não podia tirar os olhos do bebê, aquele milagre com meu nome, e a terra se moveu debaixo dos meus pés. Foi o momento mais incrível da minha vida. De repente eu era pai.

Jack olha para mim e sorri. Sinto uma felicidade imensa brotar dentro de mim.

— Kathy parecia tão aliviada! Ela começou a recolher as suas coisas, a me dar instruções. Eu estava confuso, não entendia nada. E então caí em mim. Ela estava dando o fora. E o plano era deixar a criança comigo. Tentei convencê-la de que tudo ficaria bem, de que eu iria cuidar do bebê e dela também, mas ela não queria. Não podia ser mãe, tinha somente dezessete anos, era o que repetia. Eu não fazia ideia de que ela era tão jovem. E então ela começou a ficar histérica, dizendo que ninguém sabia de nada e que ninguém poderia saber de nada, que aquele segredo deveria ser mantido entre nós. Que ela estava me confiando seu maior segredo.

“Nada do que eu dissesse faria diferença. O bebê era meu, era o que ela dizia, e, se eu não cuidasse dele, ela o encaminharia para adoção, e ponto final. Ela estava tão atordoada que eu concordei. Claro que levaria o bebê, cuidaria dele, amaria aquela criança. Tinha certeza de que Kathy mudaria de ideia, veja só. Pensava que, se eu me mantivesse perto dela, ela teria tempo de mudar de ideia, de abrir o coração e recobrar a razão. E que seríamos uma família... E, por algum tempo, parecia que meu plano ia funcionar. Holly teve que ficar na UTI do hospital, então nos hospedamos em um hotel próximo, e no dia seguinte Kathy parecia muito mais calma. Até fomos juntos ao cartório para registrá-la, e foi aí que descobri finalmente o nome dela: Katharine.

“Eu sempre me lembro dela como Kathy — como Cathy, a personagem de *O morro dos ventos uivantes*: tão selvagem e indomável, e ainda assim tão frágil...

“Visitei Holly na uti todos os dias, e algumas vezes Kathy ia comigo. Ela parecia melhorar visivelmente, e eu estava convencido de que, assim que passasse o choque e que Holly se recuperasse plenamente, de modo que pudéssemos trazê-la para casa...”

Jack dá um suspiro profundo.

— Porém, no dia em que eu trouxe Holly do hospital, Kathy tinha sumido.

Olho para ele, paralisada.

— Ela deixou um bilhete dizendo que sentia muito, que tinha ido para a Califórnia e que eu não deveria tentar procurá-la, e que por favor cuidasse da Holly. — Ele esfrega a testa. — Eu... mal sabia o que fazer. Levei Holly para casa, para os meus pais, e eles foram cabais: disseram que eu era um idiota, e que eu nem mesmo sabia se ela era minha filha, que eu não deveria deixar alguém arruinar a minha vida assim do nada. E então, quando eu lhes afirmei que ia ficar com o bebê, eles me puseram para fora de casa.

Engasgo, sem ar, e ele encolhe os ombros.

— Eles simplesmente não entendiam. Holly era minha filha. Eu a amava mais do que a qualquer coisa nesse mundo, a não ser... — Engole fundo. — E então eu fui embora. Meus avós moravam em San Francisco, então Holly e eu entramos no avião e fomos ficar com eles. Consegui um emprego em um restaurante de frutos do mar enquanto tentava encontrar Katharine. Tinha certeza de que ela devia ter voltado a pensar racionalmente àquela altura, achava que ela ia se arrepender por ter abandonado sua própria filhinha pelo resto da vida... — Suspira. — Mas foi em vão. Ela tinha desaparecido. De novo. E eu decidi que, quando Holly fosse grande o suficiente para perguntar qualquer coisa, eu ia lhe dizer que a mãe havia morrido. De alguma forma, aquilo parecia ser o mais sensato. Mais generoso... Aí, eu conheci Megan.

Sorri.

— A garota que carregava nos cabelos o brilho do sol. E o resto é a nossa história. A família dela vivia na costa leste dos Estados Unidos, então nos mudamos para cá e, quando o avô dela morreu, assumimos este restaurante e nos casamos. Ela era muito bonita e muito boa com Holly, e era como se tudo finalmente começasse a se encaixar.

“Então, uns oito anos atrás, eu tive a maior surpresa da minha vida ao ver Katharine na TV, chamando a si mesma de Kitty. ‘Kitty Clare’: por isso não conseguia encontrá-la. Aquilo para mim era surreal. Não pude acreditar que depois de tanto tempo...”

Balança a cabeça, incrédulo.

— Escrevi para ela através da agente, dizendo onde estávamos, mandei fotos de Holly, mas ela nunca respondeu. Talvez nunca tenha recebido, eu ficava repetindo a mim mesmo, e por isso continuava lhe enviando cartas e fotos, várias vezes ao ano, sempre por meio da agente ou do estúdio, determinado a lhe oferecer toda a chance possível de conhecer a própria filha. Mas, quando percebi que a resposta nunca chegaria, eu soube que estava

certo em ter mentido para Holly: melhor sustentar a ideia de uma mãe falecida do que saber que ela a abandonou, não é mesmo?

Ele me olha arrasado.

— Rosie, me desculpe, eu quero dizer que...

— Tudo bem — digo baixinho. — Entendi o que você quis dizer.

Ele suspira.

— No entanto, não tenho certeza de que Holly vai pensar dessa maneira.

— Você só estava tentando poupá-la — pondero.

— Bom, isso é verdade. Mas como você se sentiu quando descobriu a verdade sobre sua mãe? Que ela não estava morta, afinal de contas; que estava viva e do outro lado do mundo?

— Fiquei brava — admito. — Eu fiquei arrasada por não ter sabido a verdade. Mas depois tudo se misturou com o medo da doença de Huntington, de tê-la herdado. Não foi a mesma situação. Holly nunca conheceu a mãe. Trudie era tudo o que eu tinha no mundo, e descobrir que ela não era... Holly está provavelmente muito mais devastada por sua causa; por medo de perder o pai.

— Ela nunca vai me perder.

— Eu sei disso. — Sorrio. — E lá no fundo ela também sabe. Eu já tinha perdido minha mãe quando descobri que ela não era de fato minha mãe. E, no final das contas, isso simplesmente não afeta em nada o que eu sinto por ela. Ela ainda é minha mãe, e sempre será. Mas vê-la morrer de Huntington... apavorada, achando que aquilo podia acontecer comigo... Sempre pensei que preferia ter sabido a verdade sobre todos os fatos. Porque só de posse da verdade se pode encontrar uma forma de lidar com ela.

— Mas e agora?

— Agora eu já não sei... Quer dizer, a vida de vocês era bem mais simples antes de eu aparecer, não? E quanto a Holly...

Jack suspira.

— Foi uma sequência de revelações bombásticas para todos nós.

— Sim — concordo. — Mas para Holly tende a ser pior ainda. A minha revelação bombástica foi descobrir que minha mãe que já havia falecido não era de fato minha mãe, e que a minha mãe verdadeira ainda está viva, e que eu nunca vou herdar a doença de Huntington. Para Holly, a notícia é que você não é o pai dela, e ainda por cima ela corre o risco de herdar uma doença sobre a qual provavelmente nunca ouviu falar. Você gostaria de receber essa notícia?

Jack reconsidera por algum momento.

— Não há mesmo cura?

— Não — lamento. — Ainda não.

Ele faz uma pausa.

— E ainda assim você quis saber. Fez o teste.

Gesticulo que sim.

— Por quê?

— Suponho que eu queria mesmo saber, de um jeito ou de outro, para que pudesse fazer as minhas escolhas com mais base... — Desvio o pensamento.

— A mamãe... — Minha voz falha — Trudie... disse que talvez ela não tivesse tido filhos se soubesse da doença.

Ele me olha por um longo momento, com uma expressão indecifrável, depois baixa a cabeça para o chocolate quente.

— Bom — diz com delicadeza, passando os dedos na boca do copo. — Isso, sim, teria sido uma tragédia.

Sinto o rosto queimar e um nó gigantesco na garganta, do tamanho de uma melancia.

Jack suspira.

— Eu vou contar a Holly sobre a doença de Huntington. Vou convidá-la para sair comigo, só nós dois. Ela deve saber disso por mim.

Ergo os olhos.

— Ela precisa saber, você está certa. Ela tem que fazer uma escolha com base em fatos. Não posso tomar essa decisão por ela, mas também não vou mentir mais. — completa.

Jack sorri com melancolia, olhando para fora da janela.

— Minha menina está crescendo. Minhas duas meninas.

Holly

— Vai ficar tudo bem — diz Megan pela milésima vez, preparando um copo de leite para Ben enquanto eu faço panquecas, tentando conter o estômago revirado pela manteiga que escorre na panela. — Lembre-se: ela é que é a intrusa aqui. — Megan aperta meus ombros. — Você e seu pai são uma fortaleza sólida. Você sabe disso, não sabe?

Uma fortaleza. Engulo em seco. A única fortaleza de que tenho certeza neste momento é do muro de pedras que sinto se formar dentro do meu estômago e que cresce a cada minuto em que penso naqueles dois juntos por aí.

De repente ouço o trepidar de passos nos degraus da escada de fora e fico sem ação.

— Holly! — grita papai, correndo porta adentro e me agarrando num abraço apertado que me tira do chão. — Holly-berry, graças a Deus!

Mal posso respirar, de tão forte que ele me aperta.

— Me desculpe por ter fugido, papai...

— Ah, minha menina, estou tão feliz que você tenha voltado para casa!

Fecho os olhos, e o muro que me devasta por dentro começa a se desfazer no momento em que sinto seu cheiro de mar, tão familiar.

Estou em casa.

— Vou só tomar um banho — diz Rosie, passando rápido por nós. Recuo só de sentir seu toque, de ouvir sua voz.

— Você não quer tomar café antes? — pergunta papai. — Holly sabe fazer a melhor panqueca do mundo. — Ele me lança um sorriso.

— Humm, panquecas! — anima-se Ben, com a boca cheia, e eu forço um sorriso.

Não aceita, não aceita, rezo envolvida no casaco de papai, agarrando-me a ele cada vez mais forte e prendendo a respiração. *Deixa a gente em paz.*

— Valeu, mas não estou com tanta fome... — Seu estômago ronca alto, e papai ri, fazendo com que eu estremeça com a sua vibração.

— Acho que seu estômago não concorda — diz papai, puxando uma cadeira. — Vem, senta aqui. Esta manhã já está longa para você.

Meu coração se despedaça quando ele se solta de mim, deixando-me de lado, diante do fogão.

— Vem, Holls, você não vai tomar café?

Hesito por um instante, completamente sem vontade de me juntar a eles, embora relutante de deixá-los a sós.

— Hummm! — diz Rosie de repente, dando a primeira garfada. — Realmente, isto é espetacular. — Sorri para mim.

Olho para ela e me lembro da frase de Megan: pense como Rosie deve estar se sentindo, depois de a própria mãe ter lhe batido a porta na cara, em um outro lugar, um outro país, conhecendo um novo pai...

O meu pai! Jogo-me na cadeira e espeto uma panqueca com força.

— Seu pai nunca te faz panquecas, Rosie? — pergunto, inocente. — O papai fazia panquecas pra mim todos os dias quando eu era pequena. — Corto um pedaço e o enfio na boca. — E o seu?

Megan me fuzila com os olhos, mas eu não me importo. Mastigo sem sentir o sabor, só esperando a resposta.

— Na verdade, não — diz Rosie com bastante calma. — Meu pai morreu na noite em que eu nasci.

— Ah... — Engulo, sentindo a panqueca pesar no meu estômago. — Ah, me desculpe.

Ela sorri.

— Tudo bem, eu não o conheci, então mamãe e eu nos viramos bem sem ele... embora ela não fosse uma boa cozinheira. Ela só fazia panquecas na Terça-Feira Gorda.

— Terça o quê? — pergunto.

— Terça-Feira Gorda, querida — papai acode. — É o Carnaval, um dia antes da Quarta-Feira de Cinzas. Dia de panquecas.

— Ah... — Franço as sobancelhas. Um costume britânico besta.

— A mamãe se matava tentando fazer panquecas, mas elas sempre ficavam grudadas na panela. Ou no teto! — Rosie finalmente ri. — Então, afinal, saíamos para tomar sorvete, em vez disso. Chamávamos de Terça do Sorvete, uma cortesia dos santos Ben & Jerry.

Papai ri até não poder mais, com a boca cheia.

— Agora, sim, esse é o santo que faz o meu tipo.

Megan também se anima, e Ben faz uma gracinha enquanto ela lhe limpa o queixo cheio de melado. Corto outro pedaço de panqueca.

— Mas ela fazia rabanada — continua Rosie.

Faço uma cara de estranheza.

— O que é rabanada?

Ela me olha, surpresa.

— Ah! É... é como se fosse... humm...

— É mais ou menos uma torrada, mas com mais sabor — diz papai, sorrindo. — E é deliciosa.

— Ah... — respondo, de repente achando a minha panqueca extremamente comum e sem graça. Lá vem o britanismo de novo.

— Talvez eu possa fazer para você um dia desses...? — Rosie oferece.

Algum dia? Algum dia desses? Quanto tempo ela planeja ficar?

Mordo de novo a panqueca, ainda sem conseguir sentir o gosto.

— Então, como foi lá no mercado, querido? — pergunta Megan, tomando um gole de chá.

— Ah, foi bom, foi bom — diz papai. — Mostrei a Rosie todos os tipos diferentes de peixe, mas não acho que ela tenha apreciado muito. Seu nariz conseguiu captar ali o que havia de melhor!

— O fedor! — Ela cai na risada. — Não sei como você consegue suportar aquilo!

— Você acaba se acostumando — diz Megan, entrando no clima animado da conversa.

— Na verdade, eu até gosto — murmuro.

— Eu estava pensando... — Papai pega mais uma panqueca. — Talvez a gente devesse sair de barco esta manhã e ver se conseguimos pescar algo nós mesmos.

Olho para Megan.

— Mas e o restaurante?

— Ah, tenho certeza de que Pete pode tocar por um dia. Ele está sempre querendo assumir mais responsabilidades... — comenta, sorrindo.

Ataco mais uma panqueca. Que maravilha! Papai nunca me leva para passear em dia de trabalho. Mas agora ele abre uma exceção por um dia sozinho em companhia de Rosie. Que agradável! É tão injusto! Como ela consegue sair por aí viajando, passar o dia velejando com o meu pai, fazer o que lhe dá na telha, enquanto eu tenho que ir para a escola, se nós temos a mesma idade?

— E acho também que a escola pode te dar uma trégua hoje, só dessa vez — diz papai, dando-me uma piscadela. — O que você acha, Holly-berry? Gostaria?

Olho para ele, surpresa, depois me retraio, imaginando um dia inteiro sentada num barco com Rosie e papai. Na verdade, acho que prefiro estar na escola.

— Não tenho certeza — começo, procurando a calda da panqueca. — Tenho um encontro hoje à tarde com o pessoal da nataçãõ e...

— Vamos lá, Holly, você adora velejar... E eu não posso sair sozinho, não sei ser um pobre isolado. *Isolado?*

— Mas eu pensei que... — Bato o olho em Rosie.

— Megan vai levar Ben para brincar na casa de um amigo, e Rosie tem planos também com seu... seu namoradinho. Não é verdade?

Rosie concorda, mastigando e sorrindo.

— Então, o que você me diz? — pergunta papai, incentivando-me, animado. — Só nós dois? A menos que você tenha vergonha de ser vista por aí com seu velho pai...

Sorrio, apesar da situação toda, com a caneca de chá me aquecendo as mãos.

— Tudo bem.

— Esta é a minha garota — diz papai, piscando.

Olho para Rosie, que rapidamente mira o prato.

Ok, reconsidero, talvez eu deva lhe dar uma chance. Tomo um gole do chá.

— Me fale sobre a sua mãe, Rosie. — Me aventuro, sentindo o chá descer suave na garganta. — Além de não ser uma exímia cozinheira...

Ela sorri.

— Na verdade, ela era um exímio desastre na cozinha, isso sim. Perdi a conta da quantidade de explosões que ela causou. Uma vez eu tive até que chamar a brigada de incêndio! — Cai na risada. — Ela estava tentando cozinhar batatas na nova panela de pressão, e o negócio todo explodiu! Ficamos raspando purê de batatas do teto por semanas! Mas aí ela transformava tudo em brincadeira, fingia que era neve, e fazíamos pequenos bonecos de neve-batata, carinhas de batata nas janelas. Nojento, eu confesso, mas eu era pequena e adorei a brincadeira.

Sorri melancolicamente.

— Ela fazia tudo parecer divertido. Por exemplo, a gente nunca comeu uma torrada comum, era sempre cortada em forma de animais, ou de carinhas felizes. Quando estava realmente queimada, ela cortava em forma de morcego e fingia que aquilo era mesmo para ser preto!

Eu sorrio, apesar de tudo.

— E o que mais? Me conte sobre ela.

Rosie sorri, mastigando, absorta nos pensamentos.

— Bom, além do fato de você ser absolutamente igual a ela...

Sinto o rosto ruborizar.

— Ela era ilustradora de livros infantis. Adorava pintar, desenhar, esculpir. Adorava criar coisas do nada.

Penso nas minhas esculturas de madeira do mar. Então foi daí que herdei a destreza com as mãos.

Rosie sorri.

— No meu aniversário de cinco anos, eu queria desesperadamente uma casa de bonecas. Uma chique, que eu tinha visto na loja de brinquedos, mas era muito cara. Então, a mamãe me fez uma. Uma casa de biscoito, toda decorada. Meu Deus do céu, como era bonita! Tinha luzinhas piscantes em volta do telhado, e a calçada era pavimentada com confeitos. Era mágica. Eu adorei aquilo de tal maneira que não podia nem imaginar comê-la.

Sorrio, imaginando a casinha de alguma forma a brilhar ali, sobre a nossa mesa.

— Ela também dançava quando era mais jovem. Uma vez, sonhou tornar-se bailarina, contou-me a minha avó.

Avó? Meu coração dispara. *Tenho uma avó também?!*

— Ela corria, nadava, dançava, qualquer coisa que a fizesse liberar energia. Ela não tinha limites!

As batidas do meu coração já se tornam audíveis, tamanha a empolgação. Então ela também nadava.

— E o senso de humor! — Rosie não contém o riso. — Meu Deus, até doía rir das suas piadas e brincadeiras. Ela era incontrolável. E a noção de moda... inimitável. Ninguém podia jamais dizer à minha mãe o que ela deveria vestir.

— Ela parece ser uma pessoa maravilhosa. — Divirto-me como num sonho.

— Era mesmo — suspira. — Ela era.

Então meu coração para de repente.

Será que ouvi direito?

Olho para ela, e pergunto, com um fio de voz:

— Era?

Rosie olha para mim, e sua surpresa de repente se transforma em confusão e, em seguida, em medo.

Ela olha rapidamente para meu pai.

— Você quer dizer que ela... — Não consigo mais impostar a voz, e as palavras vão se formando ocas nos meus lábios — ...morreu?

Rosie não consegue mais me olhar.

— A minha mãe morreu? — Começo a passar mal, com a percepção de que todos os meus sonhos, que eu acabara de reerguer, sonhos de uma mãe, estavam agora derretendo, tal como derreteria a neve do ano passado, transformada em mera sujeira. *Eu não tenho mãe. Eu ainda não tenho mãe. E nunca vou ter...*

— Holly... — Papai me aperta o braço. — Querida, eu sinto muito, eu...

— Como? — pergunto de repente, virando-me para Rosie. — Quando?

Ela hesita e busca novamente a aprovação de meu pai.

— Holly — ele tenta amenizar. — Holly, eu realmente não acho...

— Quando? — insisto, com a voz embotada pelas lágrimas. — Ela era minha mãe, eu tenho o direito de saber — cobro de Rosie. — Então?

— No mês passado — diz ela. — Ela morreu pouco antes do Natal.

Olho-a com surpresa. Tão recente! Ela estava viva no mês passado. Tem um dvd no meu quarto que foi presente de Natal e ainda está dentro da embalagem. Ela estava viva quando esse DVD foi comprado. Talvez até quando foi embrulhado. Baixo a cabeça, focalizando a mesa, olhando para o nada.

— Como? — digo em voz fraca.

Silêncio.

— Como? — exijo a resposta.

Rosie continua olhando para meu pai e não consegue esconder a expressão de medo.

— Não posso...

Esmurro a mesa, fazendo-a pular com o impacto.

— Fala!

— Não posso!

— Por que não? — grito com ela. — Que diferença faz? Ela já morreu mesmo!

— Holly... — Meu pai me aperta a mão, porque Ben começa a choramingar com a minha reação.

Rosie desvia o olhar.

— Você não vai entender...

— Ah, eu entendo. Entendo absolutamente tudo — digo, cuspiendo palavras em sua direção. — Sua família morreu, então você teve a brilhante ideia de cruzar o Atlântico e vir aqui para pegar a minha? Você pensou que pudesse simplesmente invadir o nosso lar e escolher uma mãe em Nova York e um pai na Nova Inglaterra, e tudo estaria no lugar certo de novo? — Debruço-me em direção a ela. — Só que não é assim que funciona, não é? Porque a sua mãe não te quis. Ela nunca te quis, ela bateu a porta na sua cara...

Rosie recua.

— Holly! — meu pai vocifera.

— Aí você pensou em vir para cá — continuo. — Terceira tentativa? Para *minha* casa, para *minha* família, para roubar o *meu* pai?

Megan abraça Ben, protegendo-o daquele clima, e tira-o dali.

— Não foi assim que as coisas aconteceram! — A voz de Rosie surge surpreendentemente forte, e os olhos brilhantes de segurança. — Não foi assim. Eu nem sabia da sua existência. Pensei que você havia morrido!

— Bom, isso teria sido conveniente para você — provoco-a.

— Pensei que você não tinha sobrevivido — repete — e, quando a conheci... a única coisa que eu queria era ir embora. Nunca quis te ferir...

— Então por que não foi? — grito com ela. — Tem centenas de aviões partindo daqui todos os dias. Você poderia ter se mandado a qualquer momento! Por que não foi?

— Não podia ir.

— Por quê? Porque você tinha encontrado seu paizinho, e isso era tudo o que importava para você? E que se danem todos os outros envolvidos? Quem se importa com a quantidade de vidas que você arruína?

— Não!

— Holly... — Papai me segura pelo braço.

— Sim! — continuo a gritar com ela, empurrando-o para longe. — Sim, você é uma piranha egoísta!

— Não. — A voz de Rosie está serena agora, determinada. Seus olhos encontram os meus. — Você precisava saber.

— Ah, jura? — Minha voz se enche de sarcasmo. — Eu só precisava saber que meu pai não é meu pai de verdade, que a minha vida inteira é uma grande mentira, exceto pelo fato de que... ah, sim, a minha mãe morreu! — Encaro-a. — Realmente, eu não poderia viver mais um minuto sem saber isso, não é?

— Você tinha que saber...

— Rosie... — meu pai a previne.

— Ela precisa saber! — Os olhos dela estão desesperados, assustados, carregados.

— Saber o quê? — Olho para ele, congelada pelo pavor que desce pela minha coluna. — Papai? Saber o quê?

— Trudie morreu... — começa Rosie.

— Ah, obrigada, mas isso eu já entendi.

— Da doença de Huntington. — Ela me encara, depois deixa cair os olhos, fitando o chão, para fechá-los em seguida.

Papai suspira pesadamente.

— O quê? — Olho para ambos, franzindo as sobrancelhas. Perdi um pedaço da conversa? — Que diferença isso faz? — Olho para um e para outro, intensamente. — Que diabo é essa doença de “Hunting”, afinal de contas?

— Huntington — corrige Rosie calmamente, com a voz já cansada e o olhar ainda preso ao chão. — É uma doença fatal, uma deterioração da mente, do corpo...

Olho para ela, ainda confusa. *E daí?*

Ela me devolve um olhar triste e pesaroso.

— Holly, eu sinto muito...

Paro de respirar. Consigo ver a dor e a compaixão tomar conta dos seus olhos, mas meu coração ainda está envenenado como uma ponta de lança.

— É uma doença genética.

Rosie

Minhas palavras cortam o ar, de tão afiadas, repentinas e brutais, deixando todos no mais pesado silêncio. Holly me olha, entorpecida, mas eu não consigo encará-la.

— Holly... — sussurra Jack. Ele segura sua mão, mas ela não consegue se mover.

Eu olho para o chão e sinto o rosto inteiro queimar. Conheço agora os sentimentos de Pandora.

— Querida, tudo bem, viu? Vai ficar tudo bem — Jack tenta suavizar, fazendo-lhe carinho na mão.

— Como? — Ela olha para ele, sem expressão. — É genético. Eu vou morrer?

— Não — Jack lhe diz, com intensidade no olhar e uma voz entrecortada. — Não vai, não. Nem mesmo temos certeza de que você seja realmente portadora do gene. É apenas uma possibilidade.

— Qual a probabilidade?

Jack hesita, engolindo em seco.

— Cinquenta por cento. Não é, Rosie? — Ele olha para mim.

Concordo, sem conseguir me concentrar. Sinto que os olhos de Holly estão me fitando, mas não consigo me voltar para ela.

— Não mais do que isso, cinquenta por cento. Você tem tanta chance de ter quanto de não ter, viu, Holly-berry? — diz ele, com a voz cheia de uma esperança decidida, mas com medo. — Viu?

Aperto forte os olhos, tomada pela lembrança daquelas mesmas palavras sendo ditas a mim, sentindo a mesma dor de Holly, e então me dou conta: eu estava errada. Nem sempre é melhor saber a verdade. A ignorância é de fato uma bênção, não é assim que se diz por aí? E eu estilhacei sua ignorância, dilacerei sua bênção, sua vida, com um abominável martelo de verdades.

Holly está certa: eu sou uma egoísta. Se eu tivesse ao menos considerado que tudo isso poderia acontecer e simplesmente a deixasse tocar a vida em paz...

Arrasto a cadeira para trás, interrompendo o silêncio que toma conta do ambiente.

— Me desculpem. — Levanto-me, com o rosto em chamas, tropeço a caminho da porta e peço de novo: — Me desculpem. Vou sair da vida de

vocês. Vou...

— Rosie... — diz Jack em tom gentil, mas ainda assim firme.

— Gente, desculpa mesmo!... — Escapo rapidamente para a escadaria do quintal, tentando sumir dali sob as gotas de chuva que me atingem o rosto com força.

Ela tinha que saber, tento me convencer, piscando os olhos com veemência, procurando apagar aquela cena em que testemunhei o rosto de Holly tomado pelo choque, com os olhos arregalados, enquanto eu despedaçava seu mundo inteiro. *Ela tinha que saber...*

Não tinha?

Holly

Acompanho a saída de Rosie, que pisa nos degraus da escada como um trovão. Papai olha para mim com ansiedade, agarrando-me firme o pulso e esperando que eu reaja. Mas não consigo.

Tudo parece de certa forma fantasioso. Parece que estou assistindo a mim mesma de um ponto distante, como se tivesse saído do meu corpo e pairasse no ar. Como se já estivesse morta.

Nem mesmo o toque agudo do meu celular consegue me tirar desse estado. Olho para a tela iluminada.

Josh.

Meu Deus, Josh. Meu noivo. O noivo que eu temia assustar com o peso de uma gravidez. Agora tenho também uma doença fatal para somar à lista de fardos.

Fico olhando aquele aparelho estrebuchar sobre a mesa. Megan olha para meu pai e, então, calmamente, estica o braço e desliga o telefone.

— Holly... — começa meu pai. — Holly-berry, fale comigo ...

Balanço a cabeça, num movimento minúsculo, que é tudo o que consigo fazer.

— Vai ficar tudo bem, você vai ver...

Consigo balançar a cabeça com um pouco mais de intensidade, sentindo um fio de suor descer pela nuca.

— Vai sim, eu te prometo. Você provavelmente nem é portadora da doença, e mesmo que seja... Holly!

Quando dou por mim, estou com o rosto afundado na pia, de joelhos arqueados, despejando sobre a louça suja tudo o que havia dentro de mim.

— Shh... — Papai me acalma, com os braços em volta dos meus ombros, alisando meus cabelos. — Tudo bem, vai ficar tudo bem...

— Como... — digo finalmente, limpando a boca com o pulso, gelada e contorcida, com a voz rouca e a garganta dolorida. — Como isso tudo foi acontecer...?

Ele dá um longo suspiro.

— Eu não sei, meu amor. — Ele olha para mim, tomado pela maior dor que eu já o vira sentir. — Não faço a mínima ideia.

Rosie

Lágrimas e gotas de chuva se misturam nos meus olhos, parados e sem expressão diante do mar, sob o vento que agita as ondas e as algas e que faz subir e descer os barcos naquela imensidão cinzenta. Eu desejo imensamente sair em um daqueles barcos e apenas navegar para longe, o mais longe possível...

— Rose? Rosie! — Procuro a voz de Andy. — O que você está fazendo aqui fora? Está chovendo! — Ele corre em minha direção com duas mochilas penduradas, uma em cada ombro. — Toma, veste isto. — Abre as malas no chão e me joga uma capa à prova d'água. — Eu pensei que fôssemos precisar das nossas coisas lá da pousada — diz, sorrindo. — Como vamos ficar mais um pouco...

Fecho os olhos e sinto a garganta fechar.

— Então, para onde você foi, dona madrugadora? — pergunta. — Levantei ao nascer do sol, e você já tinha sumido!

— Me desculpe — suspiro, já sentindo essas palavras se tornarem familiares demais no meu vocabulário.

— Onde você estava? Tentei te ligar...

— Desculpe, eu me esqueci — digo, esfregando o rosto. — Estava com Jack, fomos ao mercado de peixes.

— Ah, tudo bem. Bom, da próxima vez, deixe um bilhetinho, ou algo assim. Eu fiquei preocupado.

— Me desculpe! — Volto-me para ele. — Desculpe, desculpe, desculpe... está bom assim? — As lágrimas já fazem meus olhos arder. Viro-me para o outro lado, com a respiração agitada.

— Rosie... — Andy passa o braço gentilmente em volta dos meus ombros. — Rosie, qual é o problema? O que aconteceu?

Olho para ele, tomada por uma onda de desânimo.

— Holly sabe. — conto-lhe, cheia de tristeza. — Conteí a ela sobre a minha mãe e sobre a doença de Huntington. Jack tinha me pedido para não contar, porque ele queria ser o portador da notícia, mas não, eu e a minha língua maior que a boca!

— Ei! — Andy tenta suavizar. — Rosie, ela ia descobrir de qualquer maneira. — Na verdade não importa a forma como ela...

— Não! — Balanço a cabeça, completamente infeliz. — Você não viu,

Andy, você não viu a cara dela... — Fecho os olhos. — Ela está tão... arrasada! E é culpa minha.

— Não — diz Andy com firmeza. — Não, Rosie, nada disso é culpa sua.

— É, sim! — insisto. — Arruinei a vida deles, Andy! Eu poderia ter ido embora... devia ter ido embora. Isso foi um belo de um erro. Tenho que ir agora! — Apanho a mochila e penduro nos ombros, já em pé.

— Ok — diz Andy, levantando-se também. — Vamos, então. Vamos para a minha tia em Washington. Só precisamos chamar um táxi, nos despedir, e aí...

— Não. — Gesticulo firme. — Não posso voltar para aquela casa.

— Rosie, você deve isso a Jack. Você não pode simplesmente desaparecer sem falar com ele — diz com cuidado. — Ele é o seu pai.

Cavo os pés na areia, pensando no mercado de peixes, no café, na acolhida dos braços de Jack. Meu pai...

— Só mesmo... para dizer adeus, e logo vamos embora, vamos sair daqui pra não ter mais que voltar, está bem? — Andy busca meus olhos. — Se for isso mesmo o que você quer fazer.

Respiro fundo, sentindo a garganta inchada. Olho para a casa de madeira, com o restaurante logo abaixo, a placa da entrada rangendo sob a brisa salgada... Engulo em seco.

— É isso, sim.

Holly

Observo as gotas de chuva que escorrem pela janela como lágrimas, enquanto Megan me serve outra caneca de chá.

— Então... — suspiro, concentrada no fundo da caneca cheia. — Quanto tempo eu tenho de vida?

— Ah, meu amor... — papai fala com carinho. — Não é bem assim. Você pode nem ter a doença...

— Quanto tempo? — Olho-o de frente.

Ele se volta para Megan e solta um suspiro.

— Eu pesquisei ontem à noite, e a maioria dos sites que encontrei dizia que a doença não se manifesta até a meia-idade. Trudie nem mesmo sabia que tinha a doença quando Ro... — interrompe a si mesmo e afaga minha mão — ...quando você nasceu.

Balanço a cabeça, processando aquilo tudo.

— Então, quanto tempo leva para eu morrer? Depois que começar a se manifestar?

— Eu não sei — admite. — Varia, eu acho, depende de... — Ele franze a testa. — Você deveria falar com Rosie.

Olho-o rapidamente, e ele aperta a minha mão.

— Ela sabe melhor do que ninguém — diz com delicadeza. — Foi ela que cuidou da mãe.

Cuidou da mãe? *Vou precisar de uma cuidadora?*

— Mas, minha querida, nós nem mesmo sabemos se você é portadora — completa rapidamente, interpretando o meu pavor. — Há um teste que você pode fazer, se quiser, e que vai te ajudar a descobrir se você realmente possui o gene.

— Se eu quiser? E por que eu não iria querer?

— Bom, algumas pessoas escolhem não o fazer, elas preferem não saber, temendo que um resultado positivo tenha muito impacto sobre sua vida...

— Bom, nenhum impacto além de “você vai morrer”. — Rio, emitindo um som que reconheço amargo e nervoso.

— Não. — Papai conserta com cuidado. — Sua vida de antes da manifestação da doença. O emprego, a carreira, o casamento...

— Por quê? — Franzo a testa. — Por que pode afetar antes?

— Bem. — Ele hesita. — De acordo com o que eu li na internet, algumas pessoas têm medo de que os empregadores possam discriminá-las, ou temem se tornar um fardo para os parceiros...

— Josh ficaria do meu lado — digo-lhe com firmeza. — Ele me ama.

— Tenho certeza de que ficaria, sim. — Ele sorri, segurando a minha mão. — Mas ele quer ter filhos?

— Por quê? — pergunto, paralisada.

— Meu amor... — Ele engole em seco. — Algumas pessoas decidem que... bom, elas têm medo de ter filhos — continua ele, olhando para mim com tristeza no olhar. — Porque, afinal, é hereditário...

Minha mão esmorece, como se suas palavras pudessem formar uma camada de gelo em volta do meu coração.

Isso pode afetar meu filho também...

— Rosie disse que se Trudie... — interrompe.

— O quê? — insisto. — O que disse Rosie?

— Nada, não faz diferença.

— Me diga — exijo, com a voz já oscilante e a autoridade de um doente terminal.

Ele fica visivelmente pouco à vontade.

— Rosie disse que se Trudie soubesse... talvez não tivesse tido um filho.

Fecho os olhos. *Ela não teria tido um filho... E eu não teria nascido...*

— Mas ela foi muito feliz por ter tido a criança — insiste meu pai, apertando minha mão. — E este

é um dos argumentos favoráveis a não fazer o teste, se você olhar por esse ângulo. Talvez seja mesmo melhor viver a sua vida sem ter isso em mente, sem pensar no que pode ou não acontecer no futuro. Qualquer um pode parar debaixo de um ônibus na rua.

Suas palavras me jogam água fria num momento em que a cabeça já não para de girar em círculos dilacerantes.

Ela não teria tido filhos. Eu não deveria ter esta criança. Não deveria prosseguir com a gravidez.

— Ele está certo, Holly — diz Megan. — Talvez seja mesmo melhor não saber...

— Eu tenho que saber! — grito, dessa vez ainda mais alto, com as palavras endurecidas, mais do que firmes. — Preciso saber. Esta é a minha vida, meu futuro...

Meu filhinho... A ideia fica toda presa na garganta.

— Eu posso ter essa... doença e nem mesmo sei do que se trata, nunca ouvi falar disso!

— Nisso você tem razão — diz Megan com delicadeza, buscando a aprovação de papai. — Realmente não sabemos nada sobre ela. Mas Rosie sabe.

— Eu não vou depender dela, daquela piranha egoísta.

— Eu sei que é difícil, mas ela conhece a situação por que você está passando — suaviza papai. — E pode ajudá-la.

— Eu não preciso da ajuda dela! — grito. — Aliás, não preciso de absolutamente nada que venha dela. Tudo isso é culpa dela! — Fecho os olhos, tomada por uma dor insuportável. — Se ela não tivesse... Se nós não tivéssemos...

— Se vocês não tivessem sido trocadas na maternidade, você teria visto a sua mãe morrer de Huntington como ela viu — papai pondera. — Você teria imaginado cada dia da sua vida se iria herdar a doença, como ela imaginou. E hoje você estaria exatamente na mesma posição que está neste momento. Só que sozinha, como ela esteve até agora.

Sinto um nó na garganta e desvio o olhar.

— Nada disso é culpa dela, Holly. Como alguém poderia culpá-la por querer encontrar os pais verdadeiros? E aí, quando ela conheceu você, queria ir embora e nos deixar em paz. Ela só ficou por uma razão. Porque sabia como é terrível viver sem saber. Ela passou por isso, Holly, passou por tudo isso e pensou que você tinha o direito de saber, para poder decidir por si própria, fazer as suas escolhas...

Fazer as minhas escolhas.

A grossa camada gelada que envolve o meu coração me aperta tão forte que eu o sinto prestes a explodir, trazendo de volta como *flashes* as cenas da clínica de planejamento familiar.

Fazer as minhas escolhas.

Trudie disse que não teria tido um filho...

— Estou com medo — sussurro, deixando as lágrimas escorrer pelo meu rosto. — Papai, estou com muito medo!

— Eu sei. — Papai me beija a testa com firmeza, e eu me sinto segura com o toque de sua barba me arranhando o rosto. — Eu sei. Também estou. — Suas lágrimas escorrem pelo meu cabelo. — Mas nós vamos passar juntos por isso — promete, com a voz falha e o coração na boca. — Vamos, sim, você vai ver. Juntos, conseguiremos vencer qualquer coisa.

Agarro-me a ele como uma criança pequena, desesperada, tentando acreditar nas suas palavras.

— Tudo bem com você, Holly? — Pisco os olhos ao ver Ben aproximar-se da porta, com os olhos arregalados de preocupação.

Concordo com a cabeça, rapidamente, mordendo o lábio, sem condições de falar. Ele se aninha no meu colo, pendurando os bracinhos no meu pescoço, enquanto papai envolve a nós dois. Trago Ben para perto de mim, ainda sentindo o coração me pungir o peito a cada inspiração. Esta criança tão preciosa, talvez a única que eu poderei segurar desse jeito na minha vida, representa a maior proximidade que eu jamais terei com uma criança... Beijo seu cabelo, puxando-o ainda mais para perto, inundando-me em lágrimas.

Eu nunca conheci a minha mãe, e agora provavelmente nunca serei mãe.

— Por que você não me contou, papai?
— O quê? — ele sussurra.
— Sobre a mamãe... quer dizer, sobre Kitty... — Engulo com dificuldade. — Por que nunca me disse a verdade?
— Ah, minha querida, me desculpe. — Ele beija meu cabelo. — Eu pensei que pudesse te proteger. Pensei... Ela nos abandonou, Holly-berry. Não te merecia. Ela não fazia ideia do que estava perdendo...
— Mas ainda assim era minha mãe — sussurro, sentindo o calor e o peso de Ben no meu colo. — Quer dizer...
— Você tem razão. — Papai ajeita meu cabelo. — Me desculpe, eu estava errado. Você tinha o direito de saber. Nunca mais vou esconder nada de você, meu amor. Prometo — diz ele, entrelaçando o dedo mindinho com o meu, como costumávamos fazer quando eu era pequena. — Nada de segredos daqui para a frente, está bem? — Seca uma lágrima do meu rosto. — A partir de agora, contamos tudo um para o outro. Está bem?
Olho para ele e encontro-o tão triste que concordo imediatamente, sentindo novas lágrimas escorrer pelo rosto. Fecho os olhos com força, respiro fundo.
— Papai...
Uma batida na porta dos fundos me faz prender a respiração, e Rosie aparece ali com uma mochila enorme nas costas. Andy vem logo atrás dela.
— Desculpem, não queria interromper — diz ela, insegura, com os olhos nervosamente colados aos meus. — Só vim mesmo para dizer... — Ela engole e aperta a mão de Andy. — Chamamos um táxi e estamos de saída.
Suas palavras saem de supetão, e seu olhar passa de papai para mim.
— Queria me desculpar. Nunca tive a intenção de... — Sua voz falha, e ela não consegue parar de piscar. — Me desculpem — diz ela, dirigindo-se à saída.
— Espera — intervenho, com a voz rouca.
Ela para, já com a mão na maçaneta da porta.
— Você não precisa ir.
Ela hesita e se vira para mim e para papai com certa ansiedade, balançando a cabeça.
— Eu realmente devo...
— Talvez seja melhor mesmo, Holly-berry — diz papai, passando a mão nos meus cabelos. — Pelo menos por enquanto, para termos um tempinho.
— Não — consigo dizer em voz um pouco mais firme. — Não, está tudo bem. — Não acredito no que estou fazendo, no que estou dizendo. Não a suporto, não consigo suportar a ideia de tê-la na minha casa, no meu lar, mas... Mas preciso saber mais.
— Seria melhor você ficar. — Engulo com firmeza. — Se não se importar... eu tenho algumas perguntas...
Ela me acolhe com um triste reconhecimento no olhar.
— Claro que sim — diz com gentileza, deixando a mochila escorregar para o chão.
— Talvez devêssemos dar um tempo para vocês, então — sugere Megan, pegando Ben do meu colo com calma e olhando expressivamente para Andy. — Só vocês três, para conversarem...
— Boa ideia — diz papai, sorrindo com certa gratidão.
Andy olha para Rosie, que consente com um gesto de cabeça, sem me perder de vista.
— Sim — ele concorda também, enfiando as mãos nos bolsos e seguindo Megan em direção ao quintal. — É mesmo uma boa ideia.
A porta se fecha atrás deles.
E então, somos três.
— Então... — Rosie suspira, acomodando-se na cadeira. — Por onde devo começar?

Rosie

Passamos horas conversando. Vejo as sombras do dia se encompridar lentamente no chão da cozinha, enquanto ela enrosca o cabelo nos dedos sem parar, escutando em silêncio.

Conto a ela sobre mamãe. Sobre a vida antes e depois dos primeiros sintomas; sobre o teste, os diferentes estágios de aconselhamento por que tive que passar; sobre como foi esperar pelo resultado. Tento enfatizar o lado positivo: de que não é nada certo que ela tenha herdado o gene e que, mesmo que tenha, ela ainda pode ter uma vida longa e saudável e não há motivos para evitar fazer qualquer coisa que sempre tenha desejado...

Mas nos olhos dela consigo enxergar tudo: meu próprio medo, meu próprio desespero e desânimo. No final, tudo não passa de meras palavras. E elas resumem a sua própria vida.

— Ok — diz Holly por fim. — Já chega, por ora.

Concordo.

— É realmente muita coisa para assimilar.

Posso ver nos seus gestos que os pensamentos viajam milhões de quilômetros além dali.

— E que tal a gente fazer uma boa sopa quente agora? — Jack sugere, todo animado. — Não sei vocês, meninas, mas eu estou morrendo de fome! — Volta-se para Holly. — O que você acha, Holls? Vou até torrar pão para fazer *croutons* fresquinhos para você — continua ele, afagando seus cabelos.

— O quê? — Ela o fita, ainda perdida. — Ah, para mim não, obrigada.

— Tem certeza? — Jack franze a testa. — Ou só está guardando espaço para cair de boca no meu famoso pãozinho assado na hora?

Ela sorri sem muita convicção.

— Não.

— Tudo bem, então. Quer outra coisa? Macarrão? Pimentão? Hambúrguer? Ah, já sei! Peixe com batatas fritas!

Holly sorri sem convicção.

— Obrigada, mas realmente não estou com fome. — Ela arrasta a cadeira, afastando-se. — Acho que vou sair para pedalar um pouco. Preciso mesmo é de ar.

— Tem certeza? — Jack não se contém de ansiedade. — Devo ir junto?

— Eu posso ir embora — interfiro rapidamente — Você não precisa sair...

— Estou bem, de verdade — insiste Holly com educação, fazendo movimentos lentos e conscientes. — Aproveitem a sopa. — Ela sai pela porta dos fundos, fechando-a devagar.

Jack respira profundamente, enfiando a cabeça entre as mãos. Ele parece ter envelhecido anos em um único dia.

— Minha garotinha...

— Me desculpe, Jack, de verdade...

— Não é culpa sua. Tenho mais é que te agradecer por ter conversado com ela. — Ele sorri com algum esforço. — Não deve ter sido fácil reviver tudo isso agora, mas acho que realmente ajudou muito.

Concordo com um gesto de cabeça.

— É o mínimo que eu poderia ter feito, depois de... Bom, se houver qualquer outra coisa em que eu possa ajudar, qualquer coisa...

— Não sei bem se há muito mais que qualquer um de nós possa fazer. — Ele suspira. — Além de apoiá-la no que for preciso...

Concordo. Isso, pelo menos, posso fazer.

— E você pode me ajudar a comer esta sopa! — Jack se levanta da mesa. — Sopa de que você gosta? Tomate? Cogumelo? Minestrone?

— Qualquer uma que seja quente — respondo, sorrindo.

— Ótimo. E para Andy, a mesma coisa?

Merda. Andy.

Holly

Pedalo no automático, concentrando-me na respiração, nas pernas, no vento que levanta meus cabelos, nas palavras de Rosie, que inundam a minha cabeça em movimentos que vêm e vão, como a maré.

Coreia.

Alterações de humor.

Incapacidade.

Adaptações na casa.

Hereditário.

Fatal.

Pedalo com mais força, tentando suplantar os pensamentos, ultrapassá-los como se pudesse correr por entre as sombras da floresta escura e manchada até chegar do outro lado. Mas eles continuam ali. Sempre estarão.

Passo árvore por árvore, e ali elas permanecem: o deserto infundável de dunas ondulantes varridas pelo vento, áridas, tão lindas e tão aterrorizantes, e tão vazias e ermas quanto o meu futuro.

Talvez este seja o meu castigo por não ter sido ambiciosa, por não ter me importado com os estudos, por ter desperdiçado minha vida nos esportes e nas esculturas e por não ter aspirações ou objetivos reais. Você deixa seu futuro em branco, e algo está fadado a tomar conta dele...

Mas eu tive sonhos. Fecho os olhos contra o vento, contra as lágrimas. Tive esperança. Talvez não no âmbito acadêmico ou vocacional, mas... estou noiva! Isso deve ter algum significado!

Desço uma duna, luto para subir a próxima, perdida no mar de areia. Mas e agora? *O que vai acontecer comigo? Com Josh? O que vai ser da nossa vida juntos?*

Do nosso bebê?

Breco de repente, parando por completo, jogo a bicicleta no chão e despenco na areia fria, abraçando os joelhos enquanto observo o sol se pôr, mergulhando no oceano sem fim.

Vai ficar tudo bem, digo para mim mesma, forçando os pulmões a inspirar com toda a força que consigo. *Vai ficar tudo bem. Josh me ama; ele jurou que ama. Até que a morte nos separe...*

Independentemente de quanto tempo dure.

Pisco insistentemente, enfiando a mão nos bolsos à procura do celular, e ligo o aparelho.

Sete chamadas não atendidas. Todas de Josh. Ligo de volta e prendo a respiração.

O telefone toca por alguns segundos, depois cai na caixa postal.

— Josh, por favor, me liga... — digo, hesitante, não muito certa sobre o que devo dizer, e as palavras que preciso de fato compartilhar ficam brincando perigosamente nos meus lábios. Fecho os olhos, respiro fundo, mas não consigo dizer nada. Não por telefone.

— Eu te amo — termino num suspiro, deixando as palavras se esvaírem rapidamente no vento ao desligar em seguida, engolindo em seco, tentando reorganizar todas as questões com que tenho que lidar e o medo que sinto crescer no peito.

Você me ama?

Você estava realmente sendo sincero quando disse que iria me amar para sempre, aconteça o que acontecer?

Mesmo se eu tivesse a doença de Huntington...?

Fecho os olhos.

E eu estou grávida.

Rosie

Verifico novamente a mensagem de Andy, subindo a colina em direção ao café com a placa de neon cor-de-rosa e a bandeira do arco-íris tremulando orgulhosamente ao lado das estrelas e faixas. Provincetown não para de me surpreender com seu charme do Velho Mundo (casas de madeira geminadas, igrejas tradicionais e tributo aos peregrinos) acomodado em perfeita harmonia com as lojas grafitadas, as esculturas esdrúxulas, as galerias de arte vibrante e os cenários liberais dos gays.

Olho de novo para verificar se não há novas mensagens. Ele já me enviou quatro desde que o vi: a primeira de um outro café, depois da galeria de arte, depois da biblioteca, e a última, deste café com placa de neon cor-de-rosa. Abro a porta de vidro, acionando um pequeno sino que toca alegremente enquanto vasculho com os olhos as mesas de vime branco, sacos e redes iluminados por um festival de lanternas de papel colorido.

— Cancelei o táxi.

Viro-me para encontrá-lo sentado sozinho a uma mesa sob um abajur cor-de-rosa peludinho. A mochila está jogada no chão a seu lado.

— Você está aí! — Sorrio, puxando uma cadeira. — Não tinha certeza se tinha acertado o lugar. Este não é exatamente o seu tipo de ambiente.

Andy não se importa.

— Pelo menos está seco, e aberto. Quase tudo aqui em volta fecha às cinco.

— Me desculpe — digo, apertando a mão dele. — Perdi a noção do tempo. Holly queria conversar sobre tudo. Acho até que ajudou.

— Que bom, então. — Ele me dá um sorriso cansado.

— É, foi bom mesmo. — Sorrio de volta. — Qualquer coisa que eu puder fazer para aliviar essa situação toda será boa, não é?

— É, sim — concorda, fazendo carinho na minha mão. — Então eu presumo que você não queira ir embora, certo?

— Não. Eles precisam que eu fique por perto.

Ele concorda.

— Eles são a sua família.

— São, sim. — Alegro-me, sentindo uma onda de calor me preencher. — E eu acho que realmente tenho condições de contribuir de algum jeito neste momento, ajudando Holly a superar tudo isso, a resgatar alguma coisa valiosa

dessa bagunça toda.

— Isso é ótimo, Rose. — Andy aperta minha mão e sorri. — Ótimo mesmo.

— É, sim. — Sorrio, esgotada, porém aliviada. — De qualquer maneira, acho que precisamos voltar, porque Jack está cozinhando uma sopa para nós. Espero que você esteja com fome!

Levanto-me, mas Andy não se move.

— Andy?

— Oi... Ah... Acho que vou voltar para a pousada.

— Mas por quê? Eu te disse que a gente podia ficar lá.

— Você pode. Você pode ficar lá, Rose, e deve. Esse é o motivo da sua vinda, essa é a sua família, o seu lugar. Mas eu só estou te atrapalhando.

— Não está, não — insisto, sentando-me de volta e pegando a mão dele. — Andy, eu não poderia ter chegado à metade do caminho sem você.

— Mas você conseguiu — diz ele com delicadeza. — Você chegou até aqui, foi você que lhes contou, e você está ajudando. Você está ajudando Holly. — Sorri. — Mas esta é uma situação difícil, Rose, é muito frágil, e a minha presença... não vai ajudar.

— A sua presença me ajuda, sim! — protesto. — Eu preciso de você, Andy. Eu te amo. Você é o único que me conhece, que me conhece de verdade. Não me deixe sozinho.

— Eu fiquei sozinho o dia inteiro.

— Eu sei. Eu sei, me desculpe.

— Está tudo bem, eu entendo. — Andy suspira. — Teria sido diferente se eu achasse que você estivesse mesmo precisando de mim, Rose, ou até se eu pudesse ajudar de uma forma ou de outra... Mas eu não sou da família, não posso ajudar, e você tem que admitir que é muito mais fácil conversar com Holly sem a minha presença.

Ele me olha nos olhos e, quando vou abrir a boca para protestar, desvia a atenção, tomado de tristeza.

— Ela não precisa de uma plateia vendo-a passar por tudo isso, Rosie. Já é duro o suficiente para ela. Seria mais fácil se eu ficasse longe enquanto vocês destrincham todos esses assuntos... E eu até ficaria bem se estivéssemos ainda em Nova York, ou qualquer outra cidade. Mas nesta vilazinha... quase tudo está fechado para o inverno. Fui a todos os lugares, e os únicos que ficam abertos até tarde são bares em que não posso entrar porque ainda não tenho idade!

— Me desculpe. — Aperto-lhe a mão com desespero.

— Não precisa pedir desculpas! Você precisa passar por essas etapas, precisa dedicar todo o seu tempo e energia a Holly, sem se preocupar comigo. Já é suficientemente difícil para todos vocês sem que eu fique por aí complicando tudo. — Ele ajeita meu cabelo, tirando-o do rosto. — Que tal então eu dar um espaço para que vocês, como uma família, resolvam todas essas questões? Vou para Washington, fico com a minha família...

— Não! — protesto com veemência.

— Rosie, é só a algumas horas daqui. Há um trem que sai direto para Boston, e eu posso voltar a qualquer momento, se você precisar.... — Ele passa os dedos na minha testa para me suavizar a expressão. — Afinal de contas, você nem está muito interessada naqueles monumentos cheios de pompa, não é? E você ainda tem a chance de escapar do questionário infundável da minha tia Patty. Ela sabe ser invasiva quando se trata dos “seus meninos”. Pergunte a Lola. — Ele sorri, amenizando o discurso e olhando-me nos olhos. — Depois eu volto, ou você vai me encontrar, e a gente continua a viajar juntos quando... bom, quando você quiser.

Encho-me de tristeza. Quando seria isso? Daqui a uma semana? Daqui a um mês? Ele está certo. Não é justo mantê-lo aqui esperando indefinidamente, e ele também não estaria tão longe, mas... sinto meu coração apertar. Eu terei tanta saudade...

— Não. — Balanço a cabeça ardentemente. — Não, me dá só mais uns dias, eu vou resolver tudo isso, prometo. E amanhã... amanhã vou passar o dia inteirinho com você, só eu e você — prometo, desesperada. — Eu vou te compensar por ter te abandonado o dia inteiro hoje.

Ele só consegue emitir um suspiro, e então continuo:

— Nós vamos... vamos ver as baleias, tá? — Aperto suas mãos. — Dessa vez com mais sorte? Você não pode ir embora sem ter visto as baleias!

— Rosie...

— Quero ficar com você.

Andy respira fundo.

— Mas e Jack? E Holly?

Hesito.

— Está vendo? — constata com tristeza. — É impossível.

— Não é, não! — Sacudo a cabeça teimosamente. — Não é impossível, eu te amo! — Enrosco os braços em volta dele, prendendo-o a mim como posso, e ele então passa o polegar sobre meu lábio, com o olhar preocupado.

— Então, o que você acha? — Busco seus olhos, cheia de esperança. — Amanhã? Só você e eu?

— Palavra de escoteiro? — Ele ergue uma das sobrancelhas. — Só nós dois?

— Sim, senhor! — digo, solenemente. — Só nós dois... e um montão de baleias.

— Bom — Andy suspira, puxando-me para mais perto, num beijo. — Suponho que uma noite a mais não vá fazer mal.

Holly

Tateio em busca do meu celular assim que sinto os primeiros raios de sol ganhar o quarto através da janela.

Nove e trinta e um.

Sinto-me como se tivesse passado dias deitada ali, vendo os minutos se arrastar lenta e silenciosamente. Só deitada, apenas respirando. Cansada demais para me movimentar, exaurida demais para derramar lágrimas.

Pego o telefone e verifico se está no modo silencioso.

Não está.

Sinal completo. Carga completa. Nenhuma ligação perdida. Nenhuma mensagem de texto — a não ser de Melissa, que deixou uma dúzia de mensagens impacientes, exigindo saber por que eu não estava na escola, por que eu não estou atendendo ao telefone e implorando para que eu lhe telefone, para atualizá-la sobre as notícias empolgantes da minha incrível nova mãe...

Sim, claro, penso. Minha incrível nova mãe falecida, que provavelmente me deixou de presente uma doença fatal...

Demais mesmo.

Tento ligar de novo para Josh, mas quando percebo que ele não me atende, nem deixo recado. Já deixei cinco recados na caixa postal e enviei dez mensagens de texto.

Onde está você, Josh?

Será que ele perdeu o telefone? Será que ele foi roubado? Talvez o celular esteja carregando em alguma tomada do quarto da faculdade enquanto ele está fora... durante toda a noite...

Convenhamos, Holls, encorajo a mim mesma. *Josh te ama, e vocês estão até noivos. De que outra prova você precisaria?*

Olho para o anelzinho de plástico, cuja pedra brilha e me oferece a garantia que peço.

Mas isso era antes.

Olho para a tela do computador, os olhos vermelhos e inchados de tanto pesquisar e chorar a noite toda enquanto assistia à dura previsão do meu futuro no YouTube.

Nove e trinta e dois.

Num suspiro, apanho meu copo d'água. Vazio. Faz sentido.

Pondero as minhas opções de vida, entorpecida. Morrer de sede ou me levantar e encarar o mundo. Ambas parecem iguais.

Respiro fundo e então me ponho para fora da cama, sentindo o sangue circular de volta, no entanto rápido demais. Assim que firmo os pés no chão, o quarto inteiro começa a girar, impiedoso. Inspiro profundamente outra vez e abro a porta.

Nada acontece ali.

Não há um furacão mágico que me transporte para Oz, não aparece uma floresta encantada coberta de neve por trás da entrada de casa, não há cenas de destruição, de desolamento. Somente o chão e a escada, e o som de Megan batendo a louça na cozinha.

O mundo não mudou em nada, não parou de girar, não esperou.

Então por que eu me sinto como se estivesse caindo, tão rápido, arrastada para o centro da Terra?

Consigo descer a escada em segurança, entro sem pressa na sala e encontro Ben ali sentado, vendo desenho na TV.

— Oi, Benji — digo, beijando-lhe a testa e me acomodando ao seu lado.

— Oi! — responde ele, jogando-se no meu colo e me oferecendo a mais pura expressão de alegria.

Meu coração se eleva.

— Quem está ganhando, Tom ou Jerry? — pergunto-lhe, mexendo na franja que recobre seus olhinhos brilhantes.

— Jerry. — Ben abre um sorriso, apontando. — Dãã...!

Dãã. Exprimo um sorriso ausente, enrolando os dedos em seus cabelos macios. Ben está vendo desenho, Jerry está enganando Tom. Nada mudou. Fecho os olhos até que a música alta da televisão emudece completamente.

Nada mudou...

Uma batida forte na porta me faz acordar, antes mesmo que eu perceba que caí de novo no sono.

Olho para Ben, ainda grudado na tela da TV. Talvez eu tenha imaginado tudo isso.

Outra batida, e ouço Megan correr para atender a porta da frente.

— Olá. — Uma voz feminina com sotaque britânico ecoa no ambiente. — Gostaria de saber se você pode me ajudar. Estou procurando por Jack. Jack Woods. Ele está?

Fico intrigada com aquela voz que me parece estranhamente familiar e, ainda assim, não consigo identificar. Quem será que eu conheço na Inglaterra? Sem ser o Furacão Rosie?

Espio atrás do sofá, pela porta da sala que está entreaberta, mas só consigo mesmo ver Megan.

— Sim, ele está, sim. Por favor, entre — diz ela, tirando os cachinhos dos olhos e deixando na testa um traço de sujeira da louça do dia anterior. Limpa as mãos no avental. — Posso lhe oferecer um chá? Um café?

— Adoraria.

Megan dá um passo para o lado, impedindo a minha visão quando a mulher entra, batendo os saltos no corredor em direção à cozinha.

Tomada pela curiosidade, reacomodo Ben no sofá e me levanto.

Então consigo enxergar.

Ali na rua, estacionada ao lado de minha casa, está uma limusine. Uma limusine genuína, daquelas bem compridas. Fico olhando aquela coisa brilhante na calçada e então me belisco. Deve ser um sonho mesmo.

Ainda intrigada, caminho com cuidado pelo corredor e espio para dentro da cozinha.

A mulher é linda. Como uma estrela de cinema! Uns trinta anos, mas muito, muito glamourosa, com seus cabelos ondulados reluzindo ao sol da manhã, a maquiagem impecável, o vestido bege de alta-costura caindo perfeitamente sobre as curvas bem-desenhadas. Ela é realmente deslumbrante. E estranhamente familiar...

— Café preto, sem açúcar. — Ela instrui Megan simpaticamente. — Muito obrigada.

— O mesmo para mim, obrigada — diz a outra mulher.

Pisco os olhos. Não tinha percebido que havia uma segunda mulher. Ela é um pouco mais velha, de feições anguladas, um coque apertado e uma gigantesca bolsa Gucci. Ela me lembra Meryl Streep em *O diabo veste Prada* — só que com Gucci.

— Jack deve chegar a qualquer momento. — Megan sorri, sem esconder o nervosismo, escolhendo as melhores xícaras e pires para servi-las. — Meu nome é Megan.

A estrela dirige-se a ela com delicadeza, a mão estendida.

— Prazer em conhecê-la, Megan. Meu nome é Kitty.

— Também é um prazer conhecê-la — diz Megan, limpando as mãos rapidamente na saia e chacoalhando-as. — Desculpe, você me parece tão familiar, já nos conhece... — De repente seus olhos saltam. — Ah, meu Deus! — engasga. — Você é Kitty Clare!

Kitty Clare! Ah, meu Deus! Meu coração bate disparado. Eu sou uma idiota. Claro que é ela, ela está na nossa TV toda semana — *Na riqueza ou na pobreza* é a comédia predileta do papai! Ah, meu Deus, Melissa vai ficar louca quando eu lhe contar: Kitty Clare está na minha casa! Na minha cozinha! *E eu estou de pijama!*

— Adoro o seu trabalho. — Megan tieta com animação, e seus cabelos ficam ainda mais bagunçados do que o normal. — Aquele episódio em que você e Mitch ficam presos no elevador é hilário!

Kitty sorri graciosamente.

— E quando o bombeiro finalmente chega, você diz...

— Megan? — chama meu pai, aparecendo de repente pela porta dos fundos. — Megan, você viu meu... — Ele para no meio do caminho. — Katharine!

Franzo a testa, confusa, vendo-o ali parado diante de Kitty Clare.

Katharine?

— Na verdade... Sou Kitty agora. — Ela sorri com uma ponta de nervosismo no olhar, levantando-se para cumprimentar papai e ficando de costas para mim. — Olá, Jack, já faz algum tempo, não?

Assisto ao encontro dos dois com os pensamentos completamente embaralhados. O que está acontecendo? Como meu pai conhece Kitty Clare? E por que ele a chama de...

Meu coração para de repente.

— Katharine?

Meu pai não para quieto, aterrorizado.

— Querida! — diz ele olhando para mim.

Dou um passo para trás assim que Kitty começa a se virar em minha direção, e nesse exato momento Rosie desce a escada, vindo do quarto.

— Bom dia! — Ela sorri para mim, caminhando distraída em direção à cozinha.

— Rosie — meu pai começa, imperativo.

— Rosie! — grita Kitty, avançando na direção dela. — Ah, Rosie, querida, graças a Deus!

Congelo ali, paralisada com o abraço que faz Rosie sumir entre os braços dela.

É ela. Katharine — Kitty. Kitty Clare. A mãe que nunca quis me conhecer.

Olho para ela, enchendo Rosie de afeto, com uma sensação de enjoo ganhando forças no meu estômago.

A mãe que nunca me quis.

Rosie

Fico olhando para aquela mulher que me abraça como se sua vida dependesse disso. É mesmo Kitty, a verdadeira, mas ainda assim... preciso me beliscar.

— Ah, Rosie — sussurra, passando a mão no meu cabelo. — Não cheguei tarde, graças a Deus!

Atrás dela, ouço passos apressados retumbando na escada que leva aos quartos.

Ah, meu Deus, Holly! Desesperadamente, vejo-a sumir dali, mas estou presa nos braços de Kitty.

— Querida, espere! — Jack corre para segui-la, depois me lança um olhar. — Eu vou... volto já. — Ele dispara escada acima, e Megan fica parada, olhando para Kitty, com uma expressão confusa.

— Eu... hum... tenho que cuidar de Ben, ele precisa... — Ela baixa a cabeça e sai rápido dali.

Kitty presencia o rebuliço e depois, numa tentativa de compreender tudo aquilo, vira-se para mim, que já não contenho o coração, de tão acelerado.

— Rosie, minha querida...

— Eu... eu não estou entendendo... — Encaro-a, sem muita condição de acreditar que ela está de fato ali. — O que você veio fazer aqui?

— Rosie, eu... só queria te ver. Eu tinha que te ver, eu... — Ela lança um rápido olhar para a companheira. — Por que a gente não se senta um pouco?

Ela puxa uma cadeira, mas eu não me sento.

— Rosie, por favor... Me deixa explicar, te pedir desculpas... Você é minha filha, minha... — Segura minha mão, deixando as lágrimas escapar. — Minha filhinha.

Meu peito se aperta, e sinto uma pontada dolorosa nos olhos.

— Mas... quando eu fui te procurar, você disse...

— Ah, por favor, nem me lembre! — protesta, com expressão de dor. — Por favor, vamos tentar esquecer aquilo tudo que eu disse e a maneira como eu me comportei. — Ela senta pesadamente na cadeira. — Eu fui simplesmente abominável, Rosie. E tenho que te pedir desculpas, de verdade. — Kitty suspira, balançando a cabeça. — É só que eu tenho sempre que tomar cuidado. As pessoas aparecem do nada para mim, várias vezes, com histórias de outro mundo, disparates, exigências ridículas, chantagens...

— Mas eu não estava tentando te chantagear!

— Eu sei! — explode, apertando ainda mais minhas mãos. — Ah, Rosie, eu sei, é só que... nunca sonhei... Depois de tantos anos... — Ela pisca insistentemente. — Eu não tinha visto a minha filha nesses dezoito anos e pensei que nunca iria vê-la de novo... — Ela baixa a voz, fitando os olhos cheios de lágrimas nos meus.

Eu me sento, completamente entorpecida, digerindo tudo aquilo.

— Você não deveria estar em Las Vegas?

— Sim — concorda. — Deveria. Eu deveria estar rodando um filme lá. E estava lá, sim, mas depois que você saiu...

— Depois que você me escorraçou! — corrijo-a.

Seu rosto perfeitamente desenhado assume uma feição de dor, e ela confirma, deixando as lágrimas escorrer.

— Rosie, não consigo comer, não estou dormindo... Fico remoendo essa história sem parar na minha cabeça. A minha filha me encontrou. Depois de dezoito anos, você me encontrou! E em vez de te acolher com os braços abertos, eu... — Gesticula sem parar. — Nunca vou me perdoar, Rosie. E não te culpo se você me mandar ir embora, se nunca mais quiser me ver... — Ela me lança um olhar desesperado. — Mas eu tinha que vir, tinha que te encontrar, precisava pelo menos tentar. Não seria capaz de viver com a ideia de não ter ao menos tentado. Você é minha filha...

Meu coração se contorce todo. Ouço aquelas palavras, e elas me fazem ecoar as que eu disse em Nova York.

— Este é o motivo da minha vinda. Por essa razão eu vim para cá. É por isso que estou encrencada agora com meu diretor, no primeiro dia de filmagem do meu primeiro grande filme. Porque não há nenhum lugar no mundo em que eu precise estar com mais urgência do que exatamente aqui e agora: com você. Minha linda filha... — Ela me olha nos olhos, e minha garganta incha imediatamente.

— E se você não conseguir me perdoar, eu vou entender. Se quiser me enxotar daqui, eu vou embora — diz com os lábios trêmulos. — Porém, mais do que tudo neste mundo, o que eu realmente adoraria era ter uma chance... uma segunda chance para passar algum tempo com você. Para conhecê-la... — Ela respira fundo, morde o lábio. — Se você me permitir...

Aqueles olhos verdes que são como espelhos dos meus fazem com que as memórias de Nova York se reduzam a nada no momento em que reconheço ali certa esperança. Minha mãe.

— Sim, eu gostaria — digo, serena.

— Ah, Rosie, obrigada — diz, arfante, com as lágrimas escorrendo ao me envolver num abraço apertado.

Abraço-a de volta, a essa estranha que tem meus olhos e meus cabelos.

Minha mãe... Sinto o coração encharcado, inundado por aquele perfume que me lava a alma, exótico, inebriante. *Ela voltou... Mais uma vez...*

— Você não vai se arrepender, eu prometo! — dispara. — Vou te levar para almoçar. Conheço o melhor restaurante de frutos do mar, você gosta? — Olha para cima rapidamente.

— Sim — digo, sorrindo.

— Que maravilha, já temos algo em comum! — Kitty começa a se alegrar. — Ah, você vai amar, é bem no extremo do píer de Boston, e a vista é incrível.

— Boston? — Olho para ela, surpresa.

— Sim! É lindo de morrer, e os bolinhos de caranguejo são de matar. Espero que você não tenha exagerado no café da manhã!

— Mas você está falando de ir agora? Hoje?

— Sim! — responde, tomada pela animação. — A nossa mesa está reservada para a uma da tarde!

— Ah... — De repente me lembro de Andy. Era o nosso dia juntos. — Hoje vai ser um pouco difícil...

— Oh... — Sua expressão se desfaz. — Entendo... — Ela morde os lábios. — É minha culpa, eu deveria ter ligado, deveria ter pelo menos... — Passa a mão pelos cabelos perfeitos, depois sorri com tristeza. — Não tem problema, da próxima vez... Vai haver uma próxima, não vai? — Espera ansiosa.

— Claro que sim! — Sorrio. — Que tal amanhã? Semana que vem?

— Ah, querida, eu não posso — diz, cabisbaixa. — O pessoal do filme só me deu dois dias. Tenho que voltar amanhã.

— Ah, entendi. Então quando...

— Tenho uma semana de férias em março, antes da conclusão do filme — sugere, cheia de ânimo. — Talvez você possa vir para me encontrar, que tal?

Olho para ela. *Março?* Faltam dois meses para março.

— Ah, minha querida, é culpa minha. Eu só pensei... esperava que você pudesse estar livre por algumas horas. Foi presunção de minha parte. — Suspira.

— Não... — De repente escuto a minha própria reação, sem saber de onde vem. — Não, tudo bem, eu posso ir com você.

— Jura? — Sua expressão se ilumina como o nascer do sol. — Ah, minha

linda, você tem certeza? — Ela me abraça novamente. — Nós vamos nos divertir muito! Almoço, compras, passar um tempo juntas... — Sorri, afagando meu rosto. — Eu só quero te conhecer, Rosie.

Enxergo nela tamanha esperança e expectativa que sorrio.

— Eu também.

Holly

Bato a porta do banheiro e voô em direção à privada, revirando o estômago do avesso em golpes dolorosos que me fazem contorcer.

Ela está aqui? Depois de todos esses anos — toda a minha vida — ela está aqui? Agora? E ela é uma superestrela? Ela, Kitty Clare?!

Despenco no chão, tremendo de frio, sentindo a garganta dolorida e azeda.

Todos esses anos sem um ínfimo cartão de aniversário, uma carta... e agora que Rosie é a filha verdadeira, ela de repente quer ser mãe?! E onde está a minha mãe? Morta! Rosie já teve aquela mãe, e agora vai ter Kitty também. E o meu pai! E quem eu tenho? *Quem sobrou para mim?*

Como se respondesse à minha pergunta, meu celular apita no bolso e eu o apanho desesperadamente, tão grata, tão aliviada que, finalmente, quando eu mais preciso, Josh...

“Uau! Uma limo na sua casa! Cara, que p... é essa? Demais!! Ciuminho!! Mxx”

Arremesso o telefone, quebrando-o na parede e gritando com a cabeça enfiada entre as mãos, sentindo as lágrimas brotar descontroladamente, a me queimar os olhos, a garganta, o rosto. Ela tem tudo: Rosie me levou tudo, não me sobrou nada...

— Holly? — Papai bate à porta com todo o cuidado, e eu tento engolir o choro. — Querida, você está bem? Posso entrar?

Não, um grito ecoa dentro de mim. Não! Você é um mentiroso! Você disse que a minha mãe não me queria, disse que ela tinha morrido!

— Estou no chuveiro! — grito, com a voz terrivelmente trêmula, girando a torneira no máximo de potência, fazendo o fluxo de água atingir o piso como um trovão.

— Holly! — Bate de novo. — Holly, por favor!

Fecho os olhos.

Me deixe em paz! Isso tudo é sua culpa! Se você tivesse pelo menos me contado que era ela, talvez eu a tivesse encontrado, e ela estaria procurando por mim, e não por Rosie!

— Holly, fale comigo! — papai implora. — Vou ficar aqui parado até que você... merda!

Apesar do barulho atordoante da água, consigo escutar Megan chamando-o lá embaixo.

Ele bate de novo.

— Holly? Querida, eu estarei bem ali embaixo quando você sair, quando estiver pronta para conversar, tudo bem? — Suspira. — Eu te amo.

Consigo escutar quando ele se debruça na porta, apoiando todo o peso do corpo por um momento, antes de se afastar.

Encosto a cabeça na parede de novo, aliviada porque ele finalmente foi embora, e ressentida comigo mesma por ter me sentido tão ferida, tão desapontada porque ele foi embora. Me abandonou. Assim como todo mundo. Meu “colega”, meu “amigo”. Meu pai.

O vapor envolve minha cabeça, fazendo o ambiente inteiro ficar abafado e encharcado. Arranco as roupas e engatinho até o boxe, arfando sob a água quente que me atinge o corpo dolorido. Fecho os olhos, abraçando os joelhos até o peito, aproveitando o calor, o barulho, a dor, afogando o mundo lá fora, deixando-o escorrer pelo ralo.

E quem precisa de Kitty e seu cabelinho perfeito enfeitando as roupas caras? Ela nem se manifestou quando eu nasci, não ficou por perto. Quem precisa de Trudie também? Tudo o que ela me deixou foi uma bela doença de Huntington. Quem precisa de um pai falecido ou um pai mentiroso que nem mesmo é meu pai? E quem precisa de um noivo que não responde à porcaria do telefone? Um noivo que sempre manteve a cabeça enterrada nos livros, sempre estudando, sempre aspirando a algo maior, algo melhor...

Do que eu, de repente percebo. Vivemos em mundos diferentes, escolhemos sempre caminhos tão diferentes...

Sobretudo agora...

Mordo o lábio, sentindo o gosto das lágrimas misturadas à água do chuveiro.

E quem precisa de filhos, afinal de contas? Eles podem representar mais problemas do que satisfação...

Engasgo com os soluços e me estico para pegar o xampu.

Meus dedos encontram algo afiado, que derrubo de imediato, enfiando o dedo na boca para aliviar a dor do polegar que sangra. O sangue tem um gosto quente e um pouco doce, estranhamente confortador. Ao abrir os olhos, encontro minha lâmina de depilação ali no chão, a dois palmos de distância.

Tateio até alcançá-la, concentrada em sua luz difusa que me atrai. Passo o polegar sobre ela com cuidado, vendo, hipnotizada, aquele sangue escorrer do corte e ser imediatamente lavado pela água corrente, deixando apenas duas linhas claras e um pequeno ardor. Chupo novamente o dedo, passando a língua nas feridas e sentindo o gosto doce junto com a dor, até que a minha própria dor se dissipa.

Pressiono a lâmina no braço, sentindo a picada aguda que descobre a batida das minhas veias pulsantes e faz derramar o sangue num fio que escorre pelo corpo, tão vermelho e vivo, rodopiando ralo adentro, o que o faz sumir junto com a minha dor. Meu braço vai se pintando cada vez mais de vermelho com os cortes que vão aumentando, vermelhos, rosados... *Rosie...*

Isso é tudo culpa dela. Tudo isso. Se ela não tivesse aparecido aqui, tudo estaria bem. Mas não — o sangue ganha um fluxo mais intenso agora —, ah, não, ela tinha que aparecer aqui e dar uma agitada nas coisas, e de quebra me levar... tudo! E todos! Ambos os meus pais, ambas as minhas mães, meu irmão e até minha futura família. Aquela que eu ia ter! Ela levou absolutamente tudo, deixando para mim o quê? Nada!

Seguro o braço debaixo d'água, sentindo aliviar a dor conforme os cortes são lavados, como se limpasse e expurgasse as minhas feridas. Reavivo-as de tempos em tempos, passando os dedos sobre elas, como se lesse em Braille.

Sim, tudo culpa de Rosie. A madame DNA. Ela me tirou tudo.

Bom, talvez seja hora de recuperar alguma coisa.

Rosie

— Não esquece de pegar um cachecol! — grita Kitty, cheia de alegria. — Boston está congelando!

Corro para subir a escada e quase bato de frente com Jack, que desce apressado.

— Ei! — diz ele, notando a porta da frente aberta. — O que está acontecendo?

— Não está acontecendo nada, Jack — diz Kitty, percebendo que Megan se enfia na sala com Ben. — Eu convidei Rosie para passar o dia comigo, só isso.

— Só isso?! — Jack ri acidamente. — Kitty, você abandonou sua filha dezoito anos atrás e agora simplesmente dá as caras assim, do nada, e pensa o quê? Que ela vai abandonar tudo o que tem e te perdoar?

Kitty ruboriza.

— Não é bem assim.

— Você basicamente retoma do ponto em que parou?

— Não, mas...

— Mas é claro que não! Você realmente acha que depois de dezoito anos, e mais o que aconteceu em Nova York, depois de...

— Ela disse que sim — Kitty diz cuidadosamente.

Ele se volta para mim, estupefato.

— Rosie?

Não consigo parar de me movimentar, tomada por um grande desconforto.

— Rosie, como você consegue? Depois de tudo o que ela te fez passar, como você pode...

— Ela é minha mãe, Jack — digo com certo desespero. — E foi por essa razão que eu vim até aqui, para encontrar a minha mãe...

— Sim, e olha só como ela te tratou quando você a encontrou — ele protesta. — Ela te escorraçou, Rosie. Já tinha te abandonado quando você era bebê, e agora te escorraçou. Já faz dezoito anos que ela sistematicamente te rejeita!

— Mas agora não sou mais assim — diz Kitty, desesperadamente. — Agora eu a quero mais que tudo neste mundo.

Jack bufou.

— Eu sei que o que eu fiz foi errado — diz ela. — Estava errada e fui

insensível... — Morde o lábio. — Sei também que não é desculpa, mas agora estou tentando compensar a minha atitude. É claro que nunca vai ser a mesma coisa, mas... — Olha para mim e sorri, toda gentil. — Se Rosie puder encontrar no coração uma razão para me oferecer uma segunda chance...

— Não foi apenas Rosie que você abandonou — Jack diz com seriedade.

Ela o olha fixamente.

— Jack...

Sua mandíbula cerrada demonstra tensão.

Olho forçadamente para o chão, sentindo o rosto queimar com o longo silêncio que corta o ambiente.

— Me desculpe — diz Kitty finalmente. — Jack, eu te ofereço as minhas mais sinceras desculpas.

— Sim, bem, é que... — Jack limpa a garganta e passa a mão nos cabelos, olhando para todos os lados, exceto para Kitty. — Quaisquer que tenham sido as nossas questões no passado, você está certa, Rosie deve vir primeiro. E, como você disse, a decisão é dela. — Ele me olha de novo, com uma expressão de ternura e tristeza ao mesmo tempo. — Ela é adulta agora.

Sinto-me terrível, sob o olhar dos dois. É como se me pusessem no meio de uma batalha de custódia, mas dezoito anos atrasada.

— Rosie? — Kitty me chama, gentil.

Passo os olhos dela para Jack e depois para ela de novo, completamente arrasada. Jack tem sido tão bom para mim! Não quero traí-lo ou magoá-lo... mas Kitty está aqui, e ela é minha mãe; e, além disso, esta é a única chance que terei em meses...

— Eu entendo — suspira Kitty. — Jack não está errado, não é justo que eu apareça desse jeito. Podemos agendar outra coisa, talvez outro dia, vamos deixar as coisas esfriar um pouco...

— Não, espere! — grito, assim que ela se vira. — Eu quero ir com você.

Ela é a única razão por que eu cheguei até aqui, afinal de contas. Não conseguiria suportar a ideia de ela sair por aquela porta sem saber quando a verei de novo.

— Se você achar uma boa ideia — completo, ansiosa, virando-me para Jack. — Posso voltar mais tarde?

— Claro — diz ele sorrindo, com os olhos cansados. — Claro que sim, se essa for a sua vontade.

— Obrigada, Jack — diz Kitty delicadamente. — Obrigada por tudo.

Jack a encara por um tempo, com uma expressão que não consigo definir

direito, depois engole em seco.

— Só peço... que cuide dela — ele diz antes de voltar para o corredor.

— Adeus, Jack — sussurra Kitty, vendo-o desaparecer.

Kitty suspira bem baixinho, pisca os olhos, respira fundo e volta-se para mim.

— Está pronta? — pergunta, mudando o tom da conversa, com um olhar alegre. — Nossa reserva nos aguarda!

Corro para buscar meu cachecol e me lembro. Andy. Droga. Tento procurá-lo no banheiro, mas estão ambos trancados, e o barulho de água corrente é amplamente audível atrás das portas.

— Andy! — chamo por ele. — Andy, me desculpe, mas eu vou ter que sair...

— Não consigo te escutar — grita ele de volta. — Estou no chuveiro!

— Andy, abra a porta! Andy, é importante! Tenho que...

— Dez minutos! — grita ele de volta.

Dez minutos? Eu não tenho dez minutos!

O carro de Kitty já está buzinando do lado de fora. Resmungo uma resposta qualquer e corro para o quarto, tirando um caderno da mochila.

Rabisco rapidamente:

Andy,

Kitty chegou, é só um dia. Fui para Boston. Volto à noite. Por favor, me perdoe. Baleias amanhã?

Te amo,

Rosie xxxx

Deixo o bilhete sobre o travesseiro e corro para baixo.

A porta da limusine está aberta, esperando por mim. Nem acredito no tamanho daquela coisa! Passo para dentro, sentando-me no banco de couro macio, e os problemas vão se suavizando em minha mente. Como se fosse um sonho! Vou passear o dia inteiro em uma limusine! Vou para Boston!

Ficarei o dia inteiro com a minha mãe!

Holly

Alguém bate a porta da frente e eu prendo a respiração, tentando ouvir com a maior atenção.

Silêncio.

Saio do banheiro devagar e caminho pé ante pé até o topo da escada.

Nada.

Muito lentamente, com todo o cuidado do mundo, entro no quarto de hóspedes, na ponta dos pés.

Vazio.

Como uma fugitiva dentro de minha própria casa, entro ali cheia de cautela, fechando a porta atrás de mim.

Percorro cada item do ambiente inteiro, passando a mão sobre a mobília, como se não a tivesse visto um milhão de vezes, os objetos pessoais de Rosie sobre a escrivaninha, a mochila na cama, o bilhete sobre o travesseiro...

Mordo o lábio e sinto o coração ensurdecer os ouvidos, tomada por um impulso que me leva até a cama. Isso está errado, eu sei, mas não consigo me conter.

Olho ensandecida para aquela folha de papel com escrita arredondada e a assinatura: Rosie xxxx.

Do lado de fora, o bater da porta do carro me faz saltar de susto. Vou até a janela e dali consigo ver a limusine afastar-se cuidadosamente do meio-fio e desaparecer pela rua, levando Kitty e Rosie, cheias de si.

A vista fica de repente embaçada, e o papel se dobra no meu pulso, abrindo uma das feridas que me ardem numa pontada aguda. Enfio-o no bolso e apanho a mochila de Rosie, sentindo uma nova onda de queimação me percorrer as veias enquanto abro aquela mala, inspecionando todo o seu conteúdo e espalhando aquilo tudo sobre a cama. De lá caem roupas, livros e prendedores de cabelo... Mas tem que haver alguma coisa, ela deve ter algo que eu possa usar para combatê-la. Agarro um dos cadernos, folheando apressada todas as páginas — para nada. Não encontro absolutamente nada. Então uma fotografia escorrega dali de dentro. Recolho-a com avidez.

O sorriso de Kitty me punge como uma faca no coração.

Aqueles olhos brilhantes e glamourosos me fitam, e de repente não contendo um grito e rasgo a foto em longas tiras dentadas, como se seu rosto perfeito tivesse sido todo arranhado por uma fera: aquele sorriso presunçoso!

Você me rejeitou! Rasgo novamente a foto, com o sangue quente. *Você nunca me quis — então por que agora? Por que a quer?!*

Despedaço aquela foto em partículas cada vez mais minúsculas, furiosa, veemente, arrebatando e esvaçando cada centímetro em que consigo reconhecer qualquer traço dela, até que os restos de papel espalhados sobre a cama mais pareçam cinzas.

Ataco agora as roupas de Rosie, sedenta por mais destruição, mais alívio. E então um objeto cor-de-rosa escapa de um dos bolsos: um pequeno caderno de endereços.

— O que você está fazendo?

Viro-me rapidamente, enfiando o caderninho no bolso de trás.

Andy está parado na porta, enfiando a camisa por dentro da calça jeans.

— O que você está fazendo aqui, Holly? — pergunta, todo prudente. — Onde está Rosie?

— Saiu — respondo, em tom provocativo. — Foi passear. Hora de criar mais alguns vínculos — completo, com amargura.

Ele estranha.

— Impossível, ela... nós... — Seus olhos se voltam para a cama, para todas as coisas que espalhei ali desvairadamente. — Mas o que você está fazendo aí, Holly? Essas são as coisas de Rosie!

— E daí? — berro com ele, e qualquer possível remorso agora se derrete em um pote fervente de raiva. — E daí? Esta é a minha casa. — Gesticulo descontrolada. — Estas são as minhas coisas. E ela

roubou absolutamente tudo o que eu tinha. Então por que motivo eu não posso pegar as coisas dela? — Agarro os objetos, roupas, sapatos, livros, e arremesso-os para todo canto.

— Pare! — Andy se lança para recolher item por item. — Holly, pare! — Agarra meu braço, e eu grito de dor. Ele me olha assustado, e rapidamente me afasto, puxando a manga da camiseta e dobrando os braços para esconder as feridas que ainda respingam.

Andy fica ali, parado, olhando para mim. Dirige os olhos para a foto despedaçada e faz um esforço para reconhecê-la, até que compreende.

— O que foi? — Desafio, machucada por sua expressão de piedade. — O que foi, hein? Era para ela ser minha! Era para ela ser a minha mãe. Por que eu não posso fazer isso?

Sinto seu olhar sobre mim como um holofote que expõe ao mesmo tempo em que queima e recolho aquelas migalhas de papel, jogando-as no lixo. Quando me viro para pegar o resto dos papéis, já não há nenhum vestígio deles sobre a cama. Estão todos amontoados nas mãos de Andy.

Limpo os olhos cheios de lágrimas e inspiro, em tom choroso.

— O quê? — Desafio novamente.

Para minha surpresa, ele se move lentamente até a lata de lixo e acaba de jogar tudo fora para mim. Depois tira algo da própria mochila.

Um isqueiro.

Olho para ele, assustada, mas ele me devolve um sorriso e ergue as sobrancelhas.

— O que você acha de cremação?

Rosie

Numa coreografia rápida com o pulso, Kitty acende o cigarro e faz as chamas dançar por um segundo antes de desaparecerem, e o isqueiro voltar para sua bolsa. Ela então fecha os olhos e suspira, satisfeita, exalando, enquanto eu observo o rastro fino de fumaça, que forma uma curva no ar como se fosse uma fita desenhada até o teto do carro. Penso em Trudie e em sua piteira.

— Ah, meu Deus, me desculpe! — exclama Kitty, apagando rapidamente o cigarro. — Estou tentando parar, mas quando estou estressada... ou nervosa...

— Tudo bem, de verdade — asseguro-lhe.

— Não — diz ela, jogando o cigarro pela janela. — É um hábito detestável, e eu já estou tentando parar há anos.

— Mas é sério, e na verdade eu já... eu já experimentei uma vez — digo, toda desajeitada, com a face ruborizada.

— Já? — pergunta, escancarando os olhos verdes. — Me conta, então.

Dou de ombros.

— Nada de mais, nem há o que contar.

— Por favor — diz ela, com os dedos macios e gelados nos meus joelhos e um olhar insistente. — Tem tantas coisas que eu não sei ainda, tudo o que eu perdi...

Olho para baixo, sentindo o rosto em chamas.

— Eu estava na escola, as crianças estavam passando o cigarro numa rodinha e... você sabe...

— E você não gostou? — pergunta.

Torço o nariz.

— Achei que tinha gosto de... cinzeiro misturado com mau hálito.

Ela sorri.

— Muito inteligente. Vejo que você não herdou de mim o cérebro: eu iria preferir câncer de pulmão a correr o risco de não parecer descolada entre os amigos.

Enquanto ela sorri, eu faço uma viagem aos tempos da escola, quando ficava olhando os colegas mais populares e me sentia desbocada e toda esquisita. A assistente, Janine, percebe o meu olhar e logo desvia a atenção, apertando a mala enorme que está no seu colo.

— E os garotos? — Kitty renova o olhar. — Olha pra você. Você é linda.

Aposto que você atraía filas de caras pra tudo quanto é lado.

— Na verdade, não — respondo, sentindo-me ainda menos à vontade e careta. — Só teve Andy...

— O cara com quem você esteve no hotel? Ele é bonitinho. — Sorri. — Andy...

Concordo com um gesto de cabeça, olhando para os pés. Andy, o cara que eu abandonei. De novo. O cara com quem não cumpri a palavra.

Janine limpa a garganta.

— E o que mais? — Kitty pergunta, toda animada. — Você teve bichinhos de estimação durante a infância? Aposto que você é uma pessoa ligada a gatos, não é? Eu sempre quis um gato quando era pequena, mas minha mãe caiu de amores por um cachorro gigante babão. — Olha para mim rapidamente. — Ah, não, vai me dizer que você adora cachorros. Não adora?

— Sei lá, nunca tivemos nenhum bicho.

— Ah, sim. — Titubeia. — E *hobbies*?

— Nenhum em especial.

— Esportes?

Balanço a cabeça.

Ela morde o lábio, e vejo o ânimo se esvaír dos seus olhos.

— Certo...

O carro cai no silêncio, e fico olhando através da janela, concentrada nas avenidas arborizadas com casas de madeira geminadas correndo rapidamente na paisagem. Então enxergo o reflexo de Kitty pelo vidro e sinto uma dor no peito. Tenho tanto a dizer, tantas perguntas... Mas o que eu poderia perguntar para essa mulher tão confiante, tão glamourosa? Ela é supostamente a minha mãe, mas, além de nossos genes, não temos nada em comum. Podemos estar sentadas a meio metro de distância uma da outra, mas algumas galáxias nos separam.

Do lado de fora, as pessoas apontam e ficam olhando para a limusine quando passamos, e eu me lembro da viagem para Brighton com Trudie e Sarah, de como nos divertimos em nossa limusine cor-de-rosa, com nossas roupas malucas, e quanta risada demos naquela aventura...

Reparo num furinho na minha calça e o comparo com o luxo do carro em que estou, com medo de tocar em qualquer coisa, desejando ter tido a chance de tomar um banho antes, de vestir uma roupa mais adequada... Desejando ter uma roupa mais adequada...

Desejando estar com mamãe.

Com Trudie.

Holly

O fogo queima rapidamente no lixo de metal. As chamas brilhantes abraçam a pequena pilha de papéis, transformando-as em cinzas.

— Está se sentindo melhor? — pergunta Andy.

Dou de ombros. Mas uma pequena parte da minha dor foi realmente aplacada, flutuando para longe, janela afora, assim como a fumaça que desaparece.

Ele compreende, desce do parapeito da janela e segue em direção à porta, recolhendo sua mochila.

— Então... Desejo tudo de bom na sua vida.

— Você vai embora? — pergunto, surpresa.

Ele faz uma pausa, ainda na porta.

— É melhor assim.

— Para onde você vai?

Encolhe os ombros.

— De volta para a pousada, por enquanto, e depois... sei lá. — Suspira. — Neste momento, deveríamos estar em Washington.

— Washington? — Olho para ele e pulo do peitoril. — Então vamos.

— O quê? — assusta-se.

— Washington — reforço. — Vamos para lá. Agora.

Ele então me olha por um momento, ensaiando um sorriso, esforçando-se para decifrar se falo mesmo sério.

E eu falo. Absolutamente sério.

— Não. — Balança a cabeça por fim. — Você não pode abandonar...

— Posso, sim.

— Bom, eu não posso.

— Por quê?

— Não posso simplesmente abandonar Ro...

— Por quê? Por que não? O que ela tem de tão especial? — pergunto em tom inquisitivo, sentindo de novo o calor que me toma o rosto. — Não era para vocês estarem passando o dia juntos?

— Era. Vai ser...

— Andy, ela vai passar o dia inteiro fora. Eu a vi, ela foi para Boston.

Ele me encara com um ar de descrença no rosto.

— O quê?

Reforço com a cabeça.

— Para Boston? Mas que...? Não, ela não iria, ela me prometeu.

Dou de ombros.

Os olhos de Andy estão arregalados, incrédulos.

— Ela simplesmente foi? Que droga! Maldita, Rosie! Ela tinha prometido... A gente ia ver as baleias...

Olho para ele, surpresa.

— Baleias?

— Sim — suspira. — Se é que existem mesmo baleias por aqui. Não encontramos nada da última vez.

Fico olhando para ele. Observar baleias em janeiro?

— E você não encontrou nenhuma? — pergunto, tentando fazer uma cara séria.

Ele balança a cabeça.

— Nadinha. Wesley, o observador de baleias, é na verdade o enganador de trouxas.

— Ah, não! Você não foi com esse pessoal? — Rio. — Eles são famosos. Os maiores exploradores.

— Nem me fale — resmunga Andy.

— Se você quiser ver baleias — começo a disparar uma mentira louca, mas não consigo segurar —, é só tomar a balsa para Boston. No caminho, você vai ver centenas de baleias.

Andy me fita.

— Centenas? Tem certeza?

— A-hã — confirmo, evitando olhá-lo nos olhos. — Vem, vamos juntos.

— O quê, agora?

— E por que não? — Olho para ele por um longo momento, com o coração a galope.

Rosie não é a única que pode bater em revoada para Boston. Não é a única que pode se apropriar das coisas que não lhe pertencem...

— A menos, é claro, que você prefira ficar por aqui batendo os pezinhos, esperando até que ela tenha a feliz ideia de voltar. Mais uma vez.

Ele para de frente para mim e larga a mochila no chão.

— Vamos.

Rosie

— Olhe para cima! — Kitty pede e eu obedeço, sentindo os olhos se encher d'água, ofuscados pela luz. Ela passa máscara nos meus cílios, e eu tento não piscar. Estamos no provador da Chanel (*Chanel!*), e estou totalmente paranoica, com medo de destruir algo caro e ser expulsa dali a qualquer momento, mas Kitty parece estar em casa. Já escolheu uma dúzia de *looks* de alta-costura para eu experimentar, e agora insiste em fazer a minha maquiagem. Ela deve ter realmente uma tonelada de produtos entocados dentro daquela gigantesca bolsa Gucci.

— Pronto! — Sorri. — Terminei.

Levanto-me e viro-me de frente para o espelho de corpo inteiro.

— Ah, Rosie! — ela diz, arfante, com a mão gelada no meu ombro. — Você está tão linda!

— Deslumbrante — diz Janine, abrindo um sorriso. — E eu sei exatamente que sapato ficaria perfeito... — Ela pisca para Kitty e desaparece por trás da cortina preta de veludo.

Fico ali tentando reconhecer a garota que vejo diante do espelho, com dificuldade de me encontrar ali. Meus lábios estão pintados de um tom azul-violeta, combinando de um jeito estranho com o vestido, que me incomoda as costelas de tão apertado. Não consigo reconhecer meu nariz por trás de tanta base e corretivo, ao mesmo tempo que os olhos se transformaram de repente em gigantescos discos voadores verdes, contornados por uma camada grossa de delineador e sombra brilhante. Eu realmente não me reconheceria. Eu pareço uma... pareço-me com alguém que não... Então eu me dou conta.

Pareço-me com Kitty.

Minhas bochechas se ruborizam quando comparo nossos reflexos no espelho.

Este era o propósito dessa transformação radical: a manicure e a pedicure a que fomos juntas, a maquiagem, as roupas novas... Tudo para me transformar na filha que ela gostaria que eu fosse. Glamourosa, sofisticada, arrumadinha.

A filha de Kitty Clare.

— Essa cor fica perfeita em você — dispara ela, alisando meu vestido, que ondula como água, fazendo-me cócegas. — Não é lindo?

Encaro a minha figura. Não sou eu ali. Nada disso sou eu, é estranho, é algo que... Engulo, puxando o tecido na tentativa de me cobrir um pouco

mais, fazendo esforço para respirar.

— Rosie? — Kitty segura minha mão, olhando nos meus olhos. — Você está bem?

Gesticulo vigorosamente e desvio o olhar.

— Você não gostou do vestido? Eu achei tão bonito...

— Mas é bonito! É perfeito: o vestido, a maquiagem, tudo... fabuloso — confesso, arriscando uma outra olhada no espelho para conferir meu reflexo de novo, e engulo em seco. — Que transformação radical, hein?

Kitty me olha por um momento, depois puxa um banquinho.

— Olha, eu tenho que confessar uma coisa. — Suspira, sentando-se de frente para mim. Respira fundo. — Eu estou um pouco fora da minha realidade aqui...

Surpreendo-me: *ela* está se sentindo fora da realidade?!

Então continua:

— Se eu precisar lidar com um diretor de filme, ou um produtor figurão, faço isso com o pé nas costas. Já fiz isso, já passei pela experiência. Eu sei como pôr no rosto o melhor sorriso, ligar o botão do charme, mas com você... você é minha filha! — Sorri timidamente, e então segura minhas mãos. — Minha filha — repete, sussurrando. — Você é uma parte de mim, só que, mais do que isso, você é uma pessoa formada, uma linda pessoa com características próprias, e... — Seus olhos viajam na ideia. — ...E eu simplesmente não te conheço.

Com sofrimento e ansiedade, busca novamente os meus olhos, e sinto algo se reverter dentro de mim.

Kitty Clare, a supersofisticada estrela de cinema, está tão nervosa quanto eu.

— E eu te peço desculpas — continua. — Peço desculpas por todos esses anos que perdi, por não saber o que dizer ou como agir perto de você, por ter somente um dia para ficarmos juntas e por estar enfiando os pés pelas mãos nesse único dia. — Tenta controlar a respiração toda alterada. — E agora é tarde demais. Tarde demais para que eu insista em ser uma mãe para você. — Olha em outra direção com olhos tristes e brilhantes. — Mas, Rosie, eu realmente queria que fôssemos amigas.

Entrelaça nossas mãos com firmeza.

— Está tudo bem com você? — pergunta gentilmente, olhando no fundo dos meus olhos. — A sua vida tem sido tranquila?

Balanço a cabeça, com a garganta seca.

— E você e... e Jack? Vocês se dão bem?

— Sim. — Sorrio. — Ele é ótimo.

— Fico muito feliz. — Alegra-se. — Eu sabia que ele seria um ótimo pai.

Olho para ela, e então me dou conta.

— Kitty... Jack não me criou — digo. — A gente se conheceu alguns dias atrás. Eu o encontrei depois de conhecer você.

— O quê? — Ela olha para mim, atônita. — Não estou entendendo...

— Isso é o que eu estava tentando te falar em Nova York. Houve uma confusão no hospital. Eu fui trocada logo que nasci.

Kitty fica de queixo caído.

— Eu vim para os Estados Unidos uma semana atrás, para tentar te encontrar... a minha mãe verdadeira.

Ela me encara, pálida como uma folha de papel, visivelmente invadida por todo tipo de emoções.

— Não acredito! — diz, encontrando as palavras certas com dificuldade.

— Por isso o seu sotaque... o seu cabelo... seu nome... — Ela me fita com os olhos arregalados. — Pensei que Jack tivesse apenas trocado o seu... — Balança a cabeça, incrédula. — Trocada?

Confirmo.

— Então quem... Jack tem outra filha? — Franze a testa. — Quer dizer...

— Sim, Holly. A filha verdadeira da minha mãe, Trudie. Ele a criou em vez de me criar, e eu cresci numa outra família, na Inglaterra.

— Ah, Rosie, minha querida! — Abraça-me com força, e posso sentir seu coração disparado. — Eu não fazia ideia! E a sua... as pessoas que te criaram, elas não sabiam...? — Afasta-se.

Balanço a cabeça e desvio o olhar.

— Eu nunca conheci meu pai — digo, com uma voz seca e gutural. — Ele morreu pouco antes de eu nascer.

— Ah, Rosie! — Ela aperta minha mão e morde o lábio.

— Mas a mamãe, Trudie — digo sorrindo, deixando o calor familiar tomar conta de mim —, era uma pessoa maravilhosa.

Kitty sorri, sem forças.

— Que bom! — diz suavemente. — Fico mesmo feliz. Ela deve estar muito orgulhosa de você.

— Espero que sim — digo sorrindo, contida, segurando a carga emocional.

— Ela... morreu logo antes do Natal.

— Ah, meu Deus! — Kitty leva as mãos à boca. — O que aconteceu? Ela

estava doente?

— Sim, tinha a doença de Huntington.

Reconheço imediatamente que a informação não lhe diz muito, mas a hora não me parece propícia para explicar.

Kitty suspira, com os olhos profundos como piscinas de água verde.

— Imagino o que você deve ter passado... E todo esse tempo... Você sabe que não houve um dia na vida em que eu não pensasse em você, imaginasse como você estaria, como você seria, se estava feliz...

Puxo um fiozinho do vestido.

— Você provavelmente vai achar difícil acreditar nisso — ela suspira. — E eu não te culpo. Só Deus sabe o que as pessoas te contaram sobre mim. O que Jack contou... E eu sei que não tem desculpa... Mas eu era apenas uma criança quando tive você, ainda mais jovem do que você é hoje. E estava muito assustada. Não tinha nem mesmo uma vaga ideia do que poderia fazer. Tentei esconder a gravidez, não contei para ninguém, nem mesmo para minha mãe. Estava aterrorizada.

Morde o lábio.

— Ela já vinha se preocupando comigo quanto ao meu futuro, pensou que eu estivesse toda envolvida com o vestibular e estava no meu pé como um peso de uma tonelada o ano inteiro. Tinha até me mandado passar o feriado de Páscoa com a minha avó, achando que se me isolasse em um lugar bem longe, à beira-mar, eu iria me convencer de que deveria me endireitar e rever o desempenho na escola. Mas, em vez disso, eu conheci Jack.

Vejo-a sorrir ao mencioná-lo.

— Com ele, eu não era um símbolo de desapontamento, ou de fracasso. Com ele eu conseguia esquecer os problemas, ser quem eu quisesse. — Seus olhos dançam, cheios de saudade. — E ele era tão doce... Ele me fazia rir, me tornava especial.

Ela suspira antes de continuar:

— E então, um belo dia, voltei à realidade. Eu sabia que não tinha passado nas provas assim que as fiz e, ainda por cima, tinha um bebê a caminho... — Seu rosto se franze como o de uma criança, e de repente consigo enxergar nela a garota de dezessete anos, cheia de terror e de fragilidade. — Minha vida tinha acabado. Meus pais iam me matar, pois eu tinha realmente metido os pés pelas mãos. E estava muito assustada... Não podia contar a eles.

Mordisca ansiosamente a unha que acabou de fazer na manicure.

— Então, como um milagre, fui aceita no National Youth Theatre, e meus

pais de repente ficaram muito orgulhosos! — Balança os cabelos, admirada com a própria história. — Você devia ter visto a minha mãe, ela só falava nisso.

Sorrio, lembrando-me do orgulho de Pam ao falar sobre a carreira glamourosa de Kitty.

— E aí é que eu mesmo não podia contar a ela! — Sua voz falha. — Então me mudei para Londres, onde era mais fácil não pensar no bebê, jogar-me de cabeça nos ensaios, nas atuações, nos espetáculos. A partir daí, consegui uma agente, e cada vez mais testes apareciam, ensaios, filmagens, atuações... até que, com vinte semanas de gestação, não conseguia esconder mais.

Ela fecha os olhos, com os lábios trêmulos.

— Minha agente estava furiosa. Disse que havia recebido uma reclamação de um diretor de elenco, que era uma extrema falta de profissionalismo não ter lhe contado e que ela não podia mais me representar. Aí, sim, eu me senti completamente perdida. — Kitty deixa escapar uma risada amarga, com lágrimas dos olhos. — Sem agente, sem emprego, sem dinheiro, tarde demais para um aborto. Não que eu tivesse coragem... Não podia... Não podia ir para casa e contar a meus pais... Por sorte eles ainda pagavam o meu aluguel, então inventei uma série de desculpas para não ir visitá-los. Arrumei um emprego em um serviço de telefonia e trabalhava o máximo de horas, tentando economizar para o bebê, para você.

Seu olhar lacrimoso encontra o meu, e sinto um nó na garganta.

— Então, por volta do período de Natal, percebi que não podia mais sustentar aquilo tudo. Minhas colegas de apartamento tinham ido embora, cada uma iria passar o Natal com a família, e uma delas até tinha conseguido um emprego na TV em Los Angeles. Passei o Natal e o Ano-Novo sozinha, e foi horrível... E eu sabia que as coisas iriam ficar ainda mais difíceis quando tivesse um bebê para cuidar. Então tomei a decisão. Uma resolução de Ano-Novo: era hora de voltar para casa, de finalmente encarar a realidade, de contar para meus pais, quaisquer que fossem as consequências. Não podia continuar sozinha.

Ela engole em seco e ergue um olhar assustado.

— Mas então, não sei se pelo estresse ou pelo percurso do trem, ou o que quer que fosse, minha bolsa rompeu no caminho de casa! — exclama. — Entrei em pânico, porque era muito cedo. Ainda não tinha chegado a data! Uma ambulância me levou ao hospital, mas eu estava muito apavorada e era uma tonta, não sabia o que fazer, precisava da minha mãe...

“Então me dei conta: se pudesse apenas ficar quieta por mais algumas poucas horas... meus pais nunca precisariam saber! Eu poderia te encaminhar para adoção, parecia a melhor ideia de todas no momento. Não estava pronta para ser mãe, e, além disso, você teria uma vida muito melhor, ficaria com alguém que realmente quisesse um bebê e não pudesse ter filhos.”

Desvio o olhar, pensando em Trudie e Sarah.

— Eu estava apavorada. Ia ter um bebê e estava sozinha. Não podia ligar para a minha mãe, pelo menos não agora, que já tinha tomado aquela decisão. Também não podia ligar para os meus amigos, ou para qualquer um que conhecesse a minha família. Então, enfim, liguei para Jack. O divertido, bondoso e solícito Jack, cujo telefone eu havia guardado, que morava a quilômetros dali, e que era alguém que eu tinha conhecido só por duas semanas, o que me fazia imaginar que poderia muito bem me dispensar... Mas ele na realidade fez o contrário: disse que estava a caminho antes mesmo que eu pusesse o telefone de volta no gancho.

Kitty sorri, sem forças.

— Mas as horas se passavam, e ele não aparecia. Eu tinha tido o bebê, tive que lhe dar um nome para constar na pulseirinha, e logo ela foi encaminhada às pressas para uma unidade especial, enquanto as enfermeiras me limpavam. Nesse momento, comecei a entrar em pânico de novo. Pensei que Jack havia mudado de ideia, tinha ficado com medo e me deixado ali sozinha, afinal. E eu não ia aguentar. Não podia ser mãe, não tinha condições de lidar com aquilo tudo, então... fugi.

Ela olha para o nada, cheia de vergonha, que transparece na face ruborizada.

— Então, de repente, ali estava ele, dirigindo na estrada. Jack, meu cavaleiro, da armadura brilhante. Não pude acreditar. Ele prometeu que iria cuidar de nós duas, que seríamos uma família. Mas eu... não podia prosseguir. Eu tentei, realmente tentei. Fomos juntos registrar o seu nascimento no cartório, visitamos você no hospital... Mas eu estava muito assustada, tinha muito medo de arruinar a sua vida do mesmo jeito que já tinha acabado com a minha. Você já estava doente, era prematura, e eu sentia que a culpa era minha, que era o meu castigo. E eu não te merecia...

Engole em seco.

— Então, quando Jack te trouxe para casa, eu fui embora. Disse para os meus pais que tinha conseguido um emprego em Los Angeles, entrei num avião e consegui me enfiar na casa da minha amiga, dormindo no chão.

Balança a cabeça, cheia de inquietação.

— Eu tinha que ir, tinha que sair dali. Você tem que acreditar em mim, Rosie, eu não era uma boa coisa para você. Eu era uma complicação; ainda sou. — Suspira, inundada de tristeza. — Mas eu não queria que você achasse que não te amei, que eu não penso em você, ou não me sinto uma pessoa terrível pelo que fiz. Eu tive que conviver com isso todos os dias da minha vida, me comendo por dentro, sem jamais poder contar a ninguém.

— Mas e Luke? — sussurro. — Vocês estão noivos.

— Ah, não estamos noivos, Rosie. Não de verdade. Luke é gay! É tudo armação, é uma estratégia da carreira. A minha vida inteira é uma grande farsa. Pode parecer glamourosa, com todas essas luzes, a maquiagem, mas tudo é encenação, Rosie, nada é real. Você é a única coisa que sempre foi real na minha vida. Você e... Jack. — Olha ao longe. — Nem acreditei quando recebi uma carta dele, tantos anos depois, e fiquei sabendo que ele tinha vindo para os Estados Unidos atrás de mim.

Kitty se vira para a janela, nostálgica.

— Mas aí já era tarde demais — continua, com as lágrimas fluindo sem parar. — Era tarde demais. Ele tinha se casado, e eu não podia arriscar a tranquilidade da vida dele simplesmente me enfiando de volta na vida de vocês. Por mais que eu quisesse. Haviam se passado muitos anos, e eu ainda estava muito envergonhada por ter te abandonado, assustada com a ideia de que você fosse me rejeitar... Nem consegui abrir as cartas que vieram depois daquela. Era muito doloroso ver aquelas fotos, ficar sabendo de cada coisa que eu estava perdendo. Vocês obviamente estavam se virando muito melhor sem mim. Você parecia tão saudável, tão feliz...

Fecha os olhos com força.

— Eu não fazia ideia — Kitty murmura. — A mínima ideia de que nem ao menos era você; que você na realidade estava do outro lado do mundo! — Olha para mim, tomada de dor. — Você é minha filha, e eu não fazia ideia de que tinham me entregado um bebê completamente diferente! — Aperta bem forte os olhos, de onde escorrem as lágrimas negras de maquiagem. — Que tipo de pessoa sou eu? Que tipo de mãe? — Balança a cabeça, inconformada, curvando-se no banquinho. — Ah, Rosie, será que um dia você vai me perdoar?

Olho para ela, vestida como para uma festa, lábios pintados num escarlate nada natural, o rosto coberto de máscara negra que lhe escorreu sobre a bochecha. Sinto as lágrimas me inundar, imaginando-a tão jovem, tendo que

enfrentar tudo aquilo sozinha e assustada.

Respiro fundo e concordo com a cabeça. Imediatamente, ela me envolve num abraço tão apertado que sinto suas costelas sacudir com os soluços.

Vejo Janine no reflexo do espelho, sorrindo para nós duas através de um vão da cortina.

— Finalmente juntas — suspira ela, passando a mão nos olhos. — Mãe e filha.

Sorrio por entre as lágrimas, sentindo um calor familiar tomar conta de mim.

Mãe e filha. Finalmente.

Holly

— Ainda não consigo enxergar baleia alguma — Andy constata, cheio de desconfiança, debruçado sobre o parapeito da balsa, estudando as profundezas do mar.

— Paciência — recomendo, escondendo um sorriso. — Praticamente nem saímos do píer ainda.

O vento salgado passa pelos meus cabelos, fazendo minha pele se arrepiar diante das ondas que vagueiam sob nossos pés.

— O mar está agitado hoje, hein? — comento, franzindo as sobrancelhas.

— Não está enjoada, está? — Andy sorri.

— Não se preocupe, já passei por isso um milhão de vezes. Estou preocupada é com o seu café da manhã, que tem que permanecer aí dentro.

— Não me incomode — diz Andy. — Foi o que Rosie disse quando andamos na Nemesis, a montanha-russa do Parque Alton Towers. E no final perdeu a pose quando o sorvete que ela tinha tomado fez uma reaparição estratégica! E eu também fui obrigado a perder... ela vomitou tudo em mim!

— Eca, que nojo! — exclamo, torcendo o nariz.

— Deve ser amor — suspira Andy, olhando para o horizonte além-mar.

Presto atenção em Andy por um longo tempo e consigo ver seus olhos tomados pela dor, o rosto corado pelo vento. Mordo os lábios. Não devia tê-lo trazido desse jeito, com segundas intenções. Ele não tem nada a ver com essa complicação toda, e eu só queria ferir Rosie do jeito que ela me feriu. Fazê-la sofrer como estou sofrendo.

— Como você e... Josh, não é? — Ele se volta para mim de repente, pegando-me desprevenida.

Meu coração dispara, e eu olho para os meus pés. *Josh*.

— Vocês estão num relacionamento sério, não estão? Já estão noivos?

— Sim — respondo, e imediatamente sinto a garganta se fechar. — Agora, quanto isso vai durar...

Ele estranha.

— Por quê?

— Ah... — Levanto os ombros, envergonhada por ter deixado escapar o pensamento. — Por nada.

Encaro o mar com determinação, varrendo o horizonte para tentar encontrar baleias imaginárias e ignorando a sensação de enjoo que me toma o estômago, junto com os estampidos do meu coração.

— Só se... — Andy começa, depois interrompe. — Nada, me desculpe. Não é da minha conta.

— O quê? — pergunto, voltando-me para ele.

— Bom. — Respira fundo. — Eu só espero que você não esteja insegura por causa da doença de Huntington. Já contou a ele? — pergunta, cheio de gentileza.

— É, você tem razão — respondo com rispidez, sentindo o corpo quente, apesar do vento penetrante. — Não é da sua conta mesmo.

Ele concorda e volta-se de novo para o mar.

— Igualzinho a Rosie — murmura.

— O quê? — pergunto, furiosa. — O que você quer dizer? Eu não tenho nada a ver com ela!

Ele sorri.

— Vocês têm muito mais em comum do que imaginam.

Olho para ele.

— Ela nunca me contou sobre a doença, Holly, manteve segredo. A gente até terminou porque ela tinha medo demais de me contar. Você está dizendo que não está sentindo a mesma coisa? Não está com medo de contar a Josh?

Mordo o lábio.

— Sabe — diz ele com delicadeza. — Se ela tivesse me contado... E mesmo se eu soubesse que ela tinha a doença... não teria feito diferença alguma. Isso não ia me afastar.

Olho para ele, incrédula.

— Não teria feito diferença?

Ele balança a cabeça.

— Claro que não.

— Que ela estivesse fadada a morrer?

— Todo mundo está.

— Não teria feito diferença o fato de que em dez, ou talvez vinte anos, você estaria lhe dando de comer com uma colher? Que você se transformasse no seu cuidador? Você não teria se importado com a possibilidade de nunca ter filhos ou de tê-los com a preocupação de que eles tivessem a doença também?

Ele não contém um suspiro, e um vinco se forma como uma nuvem acima de sua sobrancelha.

— Não. — Balanço a cabeça, sentindo o estômago rolar de um lado para outro ao movimento de cada onda. — Não, você está errado. Importa, sim.

— Holly — continua, gentil. — Você nem mesmo sabe se tem a doença. Você não precisa se preocupar agora...

— Preciso, sim — argumento, segurando-me contra o balanço violento do barco. — Você não está entendendo! — O vento gelado me atinge o rosto, fazendo escapar algumas lágrimas. — Ninguém entende, ninguém sabe...

— Ninguém sabe o quê? — pergunta Andy, esforçando-se para ouvir apesar do barulho ensurdecedor do vento, misturado às ondas que quebram contra o barco.

— Que eu estou... — Um movimento brusco do barco me manda cambaleante para a cerca de proteção, e, no mesmo impulso, vomito no mar revoltado tudo o que me revira o estômago.

— Ah, não enjoa no mar, não é? — Andy sorri, agachando-se perto de mim e esfregando as minhas costas, enquanto eu me jogo contra ele, sentindo calafrios.

— Não — suspiro, engolindo com dor. — Não enjoa no mar.

Ele franze a testa, confuso.

Respiro fundo, fecho os olhos e sinto dor de cabeça.

— Não estou enjoada por causa do mar — digo-lhe, finalmente conseguindo juntar as palavras nos lábios. — Estou grávida.

Rosie

Espio para fora da janela do carro, esticando o pescoço na tentativa de enxergar o telhado dos típicos edifícios de arenito avermelhado, mas eles são altos demais; erguem-se até o céu, encontrando as nuvens.

As pessoas que caminham nas ruas ficam observando a limusine, e eu me lembro de que elas não conseguem nos ver ali dentro. Olho para Kitty. Como é possível se acostumar com isso?

— Vamos, vamos... — Kitty murmura para si própria ao pararmos diante de mais um sinal vermelho, tentando chegar ao local do almoço. Lança-me um sorriso de desculpas. — Me perdoa. Andar de carro pela cidade é um saco — lamenta, e se recosta no assento, esticando as mãos e ajustando a saia. — Na verdade, seria até melhor se... Quer saber? Jerry, pare o carro, estacione ali.

Ergo os olhos, surpresa.

— O quê? — Janine olha para ela, descrente. — Mas o Nautica's ainda está a quase dois quilômetros de distância.

— Mudei de ideia, Jerry, aqui está ótimo, obrigada.

— Aonde estamos indo? — pergunta Janine, juntando seus pertences, apressada, enquanto estacionamos.

— Nós vamos caminhar. — Kitty lhe lança um sorriso, bloqueando-lhe a passagem. — Você pode ficar aqui com Jerry. E ligo para vocês quando terminarmos. — Apanha a bolsa de mão e pisca para mim, deixando-me ainda mais confusa. — Acho que Rosie e eu conseguimos nos virar por conta própria daqui em diante.

— O quê? Mas... — protesta Janine, sentindo a desconsideração, mas Kitty simplesmente bate a porta. — Espere! Não se esqueça da sua bolsa!

Ela arremessa a enorme bolsa Gucci pela janela, em direção a Kitty, que olha para aquilo por um momento e depois revira os olhos.

— Não vou precisar. Tchau! — Acena para a limo, que sai lentamente, levando Janine e seu olhar ansioso sobre nós.

— Vem. — Kitty me sorri, jogando a echarpe pelo ombro e enganchando o braço no meu. — Rápido, vamos dar uma corridinha!

Holly

— Ah, meu Deus! — diz Andy com sobriedade.

— É, eu sei — suspiro.

— E você tem certeza?

Confirmo, mordendo o lábio.

— Estou com oito semanas, mais ou menos...

— Nossa!... Parabéns? — diz, em dúvida.

Olho para ele.

— Talvez não — diz ele, engolindo em seco. — E o que Josh está achando disso tudo?

— Ele não sabe — admito, com tristeza.

— O quê? E o seu pai?

Balanço a cabeça.

— Ninguém sabe.

— Holly! Oito semanas?

— Sim. Mais ou menos.

— Mas, Holly, o seu braço... você podia ter feito mal ao...

— Eu sei — digo, com o rosto ardendo. — Eu fui uma imbecil. Não estava pensando. Foi um episódio único...

— Tem certeza?

— Eu só estava brava — resmungo, fechando melhor o casaco. — Isso não vai acontecer de novo.

— Tudo bem — diz Andy gentilmente. — Tudo bem. Nossa! — Respira fundo e senta-se perto de mim.

Fecho os olhos e sinto o movimento do barco, mais devagar agora, balançando suavemente, mas ainda não estou muito bem; tudo dentro de mim parece dolorido e instável.

Andy desliza o braço em volta dos meus ombros, num gesto estranho.

— Vai ficar tudo bem — diz, com delicadeza.

— Mas como?

— Estou dizendo que...

— Tenho dezoito anos e estou grávida. Ah, sim, e pode ser que eu tenha a doença de Huntington — dispero. — Por favor, Andy, me diga: como é que isso tudo pode ficar bem?

— Eu só estava querendo dizer que... — hesita, depois me fita profundamente com aqueles olhos azuis. — Você quer? — pergunta, num sussurro. — O bebê?

Fecho os olhos, sentindo brotar as lágrimas, trazendo a lembrança daquela clínica.

— Só estou tentando entender por que você não contou para Josh — diz com suavidade. — Antes de Rosie e eu chegarmos, antes mesmo de a doença ser posta em questão.

Olho para o chão, sentindo a cabeça latejar e tentando desembaralhar os pensamentos, os sentimentos.

— Você teve medo de que ele não quisesse?

Contorno com os dedos o desenho da madeira no chão, passando-os sobre os nós.

— Ou teve medo de que ele quisesse?

Minha cabeça se ergue num estalo.

— Como você ousa falar assim? — Viro-me para ele, atingida por uma raiva misturada com culpa.

— Você nem mesmo me conhece, Andy, não sabe nada sobre mim. Como pode me julgar?

— Não estou julgando! — protesta.

— Sim, eu estava com medo, está satisfeito? Estava com medo de estar grávida, medo do que isso pode significar, medo de que Josh fosse me abandonar, ou ainda pior: que ele ficasse comigo só porque estou grávida. Desde que ele saiu daqui para a faculdade, eu vivo... bom, eu vivo esperando o dia em

que vamos terminar.

— Mas por quê? — Andy franze a testa.

— Porque é isso que sempre acontece, não é? Pelo menos foi o que aconteceu com as minhas amigas. E, além do mais, Josh e eu somos de mundos diferentes. Ele é muito inteligente, vai ser um grande cientista. — Descrevo-o com certo orgulho, sentindo as palavras se amontoar na garganta. — Ele vai ser muito importante, e eu não poderia amarrá-lo desse jeito. Não seria justo que eu fosse responsável por ele jogar fora todos os sonhos! — Balanço a cabeça. — Não posso deixar que isso aconteça com ele...

Andy suspira pesadamente.

— Então... o que você vai fazer?

— Sei lá — digo, sentindo-me completamente miserável. — Eu só queria esperar pra ver... — Olho para o chão. — ...Pra ver se a gente vai terminar de um jeito ou de outro, porque aí não faria sentido contar pra ele...

Andy dá mais um suspiro.

— E depois nós fomos para Nova York, e lá ele me pediu em casamento, e tudo estava perfeito... — digo, cheia de tristeza. — Quase contei a ele nessa hora, e deveria ter contado, mas pensei: não, não, vou segurar só mais um dia, esperar até que cheguemos em casa, anunciemos o noivado... Vai ser perfeito... — As lágrimas atropelam minhas palavras. — Mas agora nunca será perfeito, porque não posso lhe contar da doença, já que estamos noivos e ele já caiu na armadilha. Ele nunca vai se afastar de mim agora; e também não posso falar do bebê, porque eu posso... posso...

Andy me abraça mais forte.

— E também não sei por que estou te contando tudo isso — choramingo. — Eu praticamente nem te conheço!

— Tudo bem — ele alivia. — Mas eu acho que para o seu pai você tinha que contar.

— Não dá! — protesto. — Ele está sempre às voltas com a porcaria da Rosie! E, mesmo se eu contasse, ele iria achar que esse é o motivo principal de querermos nos casar! Ele nem quer que eu me case com Josh...

— Mas se você falasse com ele... — Andy sugere, delicado. — Se você explicasse...

— Não posso. — Balanço a cabeça com firmeza. — Não posso contar a ninguém. E muito menos você, Andy, prometa!

— Holly...

— Jure! — imploro. — Nem para Rosie, ou principalmente para Rosie...

— Está bem! — Ele levanta as mãos. — Eu juro. Não vou contar pra ninguém. Palavra de escoteiro. Olho para ele com cuidado, encontro seus olhos claros e consigo enxergar sua preocupação.

— Obrigada — digo em tom suave.

— De nada. Mas eu ainda acho que você deveria conversar com alguém. Um profissional.

— Um psicólogo?

— Não. — Sorri. — Um orientador genético, que é uma pessoa que sabe tudo sobre esse assunto. Eles são qualificados para te ajudar a decidir se deve ou não fazer o teste.

— Mas eu quero fazer o teste! — protesto. — Eu tenho que fazer!

— Tudo bem — Andy suaviza. — Mas o orientador é justamente quem faz o teste. Tudo bem assim?

Concordo.

— Tudo bem.

— Então, nos próximos dias, você precisa procurar uma clínica aqui por perto e...

— E por que não hoje? — pergunto de repente. — Estaremos em Boston em meia hora. Eles devem ter uma lá.

Andy sorri.

— Você não perde tempo, não é mesmo?

— Andy — digo, com gravidade —, o que eu não tenho é tempo a perder.

Rosie

As ruas parecem um enxame de pedestres apressados, mas, apesar da algazarra da cidade, Boston é bem diferente de Nova York. Há uma sensação de mais... civilidade. Não sei se é a arquitetura colonial, com suas colunas e fachadas imponentes, ou se são de fato as pessoas, mas Boston tem um toque europeu, um ar de serenidade e gravidade, comparada ao deslumbramento febril de Nova York.

Kitty me conduz à rua de paralelepípedos que bem poderia ser retirada de um dos romances de Charles Dickens, passando por diversos artistas de rua, até a ponta de um vasto parque verdejante.

— Estou morrendo de fome — diz, de repente, virando-se para mim. — Já comeu *clam chowder*?

— *Clam* o quê? — pergunto, aturdida.

— *Clam chowder*. — Ela cai na risada. — É um tipo de sopa cremosa e deliciosa, você vai adorar. Vem.

Ao som do estalido apressado dos saltos contra o pavimento, Kitty segue em direção a um restaurante bem pretensioso, e meu coração vem à boca. Há uma fila de pessoas bem-vestidas do lado de fora, todas de vestido e terno. Olho para o meu jeans surrado e os tênis, desejando estar ainda enfiada naquele vestido roxo. Vou sobressair como um elefante... Isso se eles me deixarem entrar.

— Dois *chowders*, por favor.

Olho para cima, surpresa. Kitty não nos enfiou naquela fila. Em vez disso, estamos de frente para uma barraquinha de rua que solta vapor quando o atendente levanta a tampa do *réchaud* de metal. Kitty se alegra, entregando-me uma coisa que parece um pão inteiro crocante.

— Mas nós não íamos tomar sopa? — pergunto, confusa.

— Isto é sopa! — Kitty sorri, erguendo a tampa do meu pão, dentro do qual vejo o líquido cremoso. — É uma tigela feita de pão. Deliciosa! Depois que você termina a sopa, come o pão; é fantástico! — continua, toda sorridente. — Mas não podemos contar a Janine, pois eu não posso comer carboidrato — confessa, toda contente, enfiando na boca um pedaço de pão. — Vem por aqui — diz ela, enganchando novamente o braço no meu para me levar ao parque. — Vamos encontrar algum lugar para sentar.

Holly

Levanto os olhos para enxergar o gigantesco prédio acinzentado de janelas que reluzem ao sol da tarde. É aqui.

Foi surpreendentemente fácil encontrar o local; pesquisamos no Google direto do celular de Andy, e agora estou aqui na rua. As pessoas passam sem me notar, e eu não consigo tirar os olhos do prédio. Este é o lugar em que meu futuro se decide.

Nosso futuro.

— Você está bem? — pergunta Andy. — Você sabe que não precisa fazer isso hoje. Você pode voltar a qualquer momento, quando tiver tido uma chance de pensar direito no assunto.

— Não — digo, com a voz surpreendentemente calma. — Eu preciso fazer isso agora.

Na verdade, eu só pretendia passar por uma consulta. Tinha pegado emprestado o celular de Andy (porque o meu eu tinha espatifado em casa) e digitei os números, esperando que ninguém atendesse ou que eu desligaria se atendessem. De alguma forma, no entanto, eu havia perguntado sobre a consulta, e eles me arranjam uma data para a semana seguinte, até que eu mencionei que estava grávida. A mulher do outro lado da linha me perguntou com calma de quanto tempo estava, depois me colocou em espera, escutando baixinho “Dancing queen” como fundo musical por tanto tempo que eu até pensei que ela havia me esquecido ali. Depois voltou e disse que o orientador me veria agora, hoje, se eu pudesse passar por lá.

Então aqui estou.

— Holly? — Andy me chama, trazendo-me de volta à Terra. — Está pronta?

Respiro fundo e, apesar de não sentir firmeza alguma nos joelhos, eu sei: *estou pronta como jamais estarei nesta vida.*

A sala de espera está lotada e fede a desinfetante. Sento-me ao lado de uma mulher que parece desesperada para ir ao banheiro: toda inquieta, ela se inclina para a frente e para trás, depois olha em volta. Isso me deixa ainda mais nervosa. Viro-me para outro lado, para pegar uma revista, quando dou de cara com um homem, com cara de bobão, que começa a caminhar para lá e para cá, chacoalhando os braços como se estivesse executando um tipo de dança *new age* em câmera lenta. Olho em volta e começo a reparar nos tiques nervosos, contorções e contrações musculares de outras pessoas da sala. Essa também deve ser a sala de espera da ala psiquiátrica. Um homem me pega olhando para ele, e disfarço imediatamente, fingindo estar entretida com a revista de pesca.

De repente, Andy tem um sobressalto ao meu lado, e olho para uma mulher bêbada que entra trôpega no ambiente, falando alto e com uma pronúncia atropelada. A recepcionista lhe oferece ajuda para sentar, e olho para Andy, pronta para fazer um comentário, dizendo que também gostaria de uma bebida forte daquelas, mas ele está completamente pálido.

— O que foi? — pergunto, seguindo seu olhar, que ainda está parado na mulher.

Ele engole em seco e balança a cabeça.

— Não é nada.

— O que foi? — insisto.

— É que ela... — Andy olha para baixo. — Ela me lembra um pouco... alguém.

— Ah, sim... — Sorrio. — Alguém que anda de bar em bar, certamente...

Ele olha para mim com os olhos cheios de... de quê? Pena? E depois desvia o olhar rapidamente, assim que eu percebo. *Trudie*. Ele conhecia Trudie. A mulher o faz lembrar-se dela.

Novamente percorro com os olhos o ambiente inteiro da sala de espera, e meu pulso se acelera.

Coreia, dificuldades de fala e de mobilidade... De repente as palavras tomam corpo e vida, e seu significado se torna muito mais horrendo visto assim, em carne e osso. Ela não está bêbada, e eles todos não estão loucos. São pessoas reais.

Isso é a doença de Huntington.

Rosie

Caminhamos pelo parque, passando pelos postes de luz e as áridas árvores, até chegarmos a um lago de patos.

— Perfeito! — anuncia Kitty, sentando-se em um banco meio encharcado.

Penso no seu sobretudo bege-claro.

— Tem certeza?

— Melhor mesa da casa, não acha? — Sorri, arrancando os saltos altos. — Olho para aquela mulher enfiada no vestido de alta-costura, com o cabelo cuidadosamente arrumado por profissionais embarçando-se ao vento e os sapatos Jimmy Choo jogados na lama, empoleirada com os joelhos para o alto num banco de praça, tomando sopa de uma cumbuca de pão, e abro um sorriso. Ela parece outra pessoa. Arremessa migalhas de pão para uma família escandalosa de patos que se amontoam, disputando cada pedacinho, e isso a faz rir e recostar-se ainda mais relaxada no banco molhado, dividindo comigo uma expressão de alegria ao me ver sentar.

— Meu Deus, não sei o que há em você, Rosie, mas de repente eu me sinto... — Inclina a cabeça para trás, procurando a palavra certa. — Jovem, acho! — Cai na gargalhada, abraçando os joelhos. — Estranho, não? Seria de pensar que ao encontrar a minha filha adulta eu iria me sentir uma anciã. E, de fato, por um lado isso realmente me passa pela cabeça — admite. — Mas estar com você me faz lembrar de como é ter a sua idade, ver tudo isso pela primeira vez... — Abre os braços, como se cercasse o parque inteiro, os prédios, os monumentos. — É uma coisa gloriosa! — suspira, feliz.

— É bonito mesmo — digo, tomando um gole do tal do *chowder* e olhando à volta, sentindo na boca o gostinho cremoso, morno e salgado. — Este lugar tem algo de... pacífico, é como se eu sempre tivesse andado por aqui.

— Tem mesmo, não tem? — Ela sorri, pensativa. — Esta cidade passa uma sensação de história. O *Mayflower* atracou aqui mesmo no fim desta rua, em Plymouth, e Boston foi o local de onde se dispararam os primeiros tiros da Revolução Americana, além de ser o berço do primeiro jornal, da primeira universidade...

Kitty olha para mim e cai na risada.

— Não se surpreenda, Rosie, eu não sou totalmente desmiolada. Adorava história quando estava na escola. Para mim era como se explicasse a linha do tempo: aquilo tudo eram contos e personagens maravilhosos, com a vantagem

de serem todos reais... Quer dizer, mais ou menos... — Dá uma risada marota. — Nunca vou me esquecer da minha velha professora de história: “Lembrem-se, crianças, quem escreve os livros de história são os vitoriosos!”. Ela era considerada meio suburbana. Por alguma razão, era louca pelas sufragistas, as mulheres que lutaram pelo voto feminino nas eleições, além da revolução feminista e tudo o mais. Essa professora uma vez nos mandou fazer uma escultura de cabides, argila e papel-machê, ou algo assim! Nossa, ficou horrível, pavoroso, mas ela amou, insistiu que aquilo tinha que ser “instalado” no parquinho para ficar ali como uma lembrança para todos nós. Uma lembrança de quê, eu nem sei dizer. Acho que era para ser algo em homenagem à fundadora do movimento, Emmeline Pankhurst, mas na verdade aquilo parecia mesmo era Yeti, o abominável homem das neves, vestido de tutu de bailarina...

— Betty Yeti! — exclamo, e ela olha para mim, atônita.

— Sim! Como você...?

— Era da minha escola. — Sorrio — Maybridge Grange.

— Não! — exclama. — Você... — Olha para mim, chocada: — Você não faz parte das Granjeiras, faz?

Confirmo com a cabeça, toda contente, e ela solta um gritinho alto, morrendo de rir.

— Está brincando! — ela se esgoela, agarrando minhas mãos. — Meu Deus, como anda aquele lugarzinho? Por favor, fala que a Belchers não está mais lá, por favor!

Balanço a cabeça, rindo também, lembrando-me da minúscula e enrugadinha srta. Bellchamber escondida atrás das pilhas de livros antigos de história.

— Eles vivem tentando substituí-la, mas ela se recusa a pedir aposentadoria!

— Meu Deus! — Kitty está às gargalhadas, com os olhos cheios d’água. — Ela é quase uma instituição. Ela já devia estar nos seus sessenta quando *eu* estudei lá! Não me diga que ela ainda rege o coro também?

— Ah, claro, com boina e tudo.

— As boinas! — Kitty ri. — Meu Deus, e eles ainda fazem as alunas vestirem aquela coisa laranja monstruosa? Eca! Horripilante!

— Não de acordo com a senhorita Bellchamber. — Limpo a garganta para impostar a voz esganiçada da velhota: — “Devemos ter orgulho de nossas boinas, pois a razão pela qual o príncipe de Gales falou com as Granjeiras

quando visitou Maybridge foi porque vocês pareciam muito mais inteligentes do que as meninas de qualquer outra escola”.

— Que nada! — Kitty não se contém de tanto rir, derramando até a sopa. — Eu estava lá! O coitado do príncipe quase fez xixi nas calças tentando não rir da gente!

— Eu sabia! — Rio com ela. — Sempre fiquei pensando por que será que ele tem uma expressão de choro naquelas fotos!

Kitty balança a cabeça, as lágrimas escorrendo de tanta risada.

— Ele precisou de cinco minutos para recuperar a compostura, coitadinho. Tinha que se encontrar com o prefeito, mas não conseguia ficar sério! No final, quando finalmente se recuperou, o assistente nos pediu para tirar a boina, para evitar que ele perdesse a compostura de novo!

Contorço-me, histérica de tanto riso misturado com a sopa cremosa que me aquece por dentro. Kitty está igualmente descontrolada.

— Meu Deus, Maybridge Grange! — Kitty seca os olhos, voltando-se para mim com alegria. — Ai, Rosie, me desculpa, eu nunca iria desejar aquele lugar para o meu pior inimigo, imagina então para minha filha! — Sorri. — Já é uma dádiva que você tenha aprendido algo. Não me diga que você também seguiu para a Maybridge Sixth Form College?

— Não — digo, ajeitando o guardanapo no colo. — Eu deveria ter ido, mas a mamãe... — Olho para ela rapidamente. — Quer dizer, Trudie...

Ela compreende e sorri.

— Ela precisava de mim — conto-lhe.

Kitty olha para mim, e seu sorriso se apaga.

— Porque ela tinha a doença de Huntington, não é? Por isso você não foi para a Sixth Form? — pergunta, olhando-me com carinho. — Você perdeu os exames de A-Level para poder cuidar dela?

Confirmo.

— Mas eu fiz isso por minha própria vontade. Eu queria.

— Mesmo assim, não deve ter sido nada fácil — diz com delicadeza.

Encolho os ombros, beliscando a ponta da cumbuca de pão e acompanhando os farelos que caem no chão.

Kitty olha para mim por um momento e, depois, baixa os olhos para a própria sopa.

— É terrível ver alguém que você ama se esvaír dessa forma — diz suavemente. — O meu avô morreu de câncer quando eu era pequena. — Sorri de leve. — Lembro-me de correr escada acima até a cama dele, sem

entender por que ele parecia tão diferente, por que tinha parado de brincar comigo e me pegar no colo. Era como se não fosse mais o meu avô.

Concordo.

— Essa é a pior parte. A maneira como ela mudou...

Ela me olha com compreensão.

— A doença afetou a mobilidade dela?

— Não só isso, era mais o comportamento. O humor, o temperamento.

Ela franze as sobrancelhas.

— Ela era violenta?

— Não exatamente. Ela não queria ser, mas ficava brava, frustrada. E eu sei que era a doença, não era ela.

— Ah, minha querida... — Kitty aperta minha mão. — Mal posso imaginar o que você passou nesses anos. As coisas de que você abriu mão...

— Não me importo... — insisto. — Ela era minha mãe.

— E durante todo esse tempo, você pensou que isso poderia acontecer com você também, que você iria herdar dela essa doença?

Balanço a cabeça, concentrada no meu *chowder*, com os olhos lacrimejantes.

Kitty coloca a cumbuca no banco e me puxa para perto.

— Ah, Rosie — sussurra, beijando-me os cabelos. — Imagine como sua vida teria sido diferente... Deveria ter sido...

Meu coração se retorce todo de saudade pela mãe que perdi, bem como de tristeza pelos anos que não tive com a mãe que encontrei.

— Eu sinto muito por você. — Ela suspira, alisando meus cabelos e me abraçando forte. — Sinto muito!

Holly

Fecho os olhos. Isso é surreal. Um pesadelo... Belisco-me, com a esperança de acordar.

— Holly? — Olho para cima e encontro uma mulher sorridente de vestido verde. — Pode me acompanhar?

Ela nos leva por um corredor comprido até um consultório pequeno com cheiro de laranja, e então fecha a porta atrás de nós.

— Olá. — A moça me cumprimenta com um aperto de mão. — Meu nome é Charlotte Atkins, sou orientadora genética. Pode parecer técnico demais, mas na verdade só significa que estou aqui para te orientar em tudo o que for preciso. — Ela se volta para Andy. — E você trouxe um amigo, excelente!

— Andy — diz ele, apertando-lhe as mãos com certa estranheza.

— Então — diz ela, sentando-se e olhando as anotações. — Você está pensando em fazer um teste para verificar a doença de Huntington?

Confirmo.

Ela continua, olhando para mim com delicadeza na voz.

— E, pelo que vejo, você está grávida?

Confirmo novamente.

— Umas oito semanas.

— Sim — continua, com os olhos um pouco mais turvos ao conferir as páginas preenchidas. — Bom, a gente volta a falar disso mais para a frente. Então, você sempre soube que tinha esse risco?

— Não. — Balanço a cabeça. — Não, acabei de descobrir. Minha mãe morreu. Ela tinha doença de Huntington.

— Isso deve ter sido difícil. — Charlotte franze a testa. — E você foi a cuidadora?

— Não, na verdade, eu... eu nem cheguei a conhecê-la... — hesito, buscando o apoio de Andy. — Eu fui criada por outra pessoa.

— Você foi adotada?

Olho para ela, e então confirmo. Não é hora de falar desse assunto, já é complicado o suficiente.

Charlotte explica tudo sobre a doença. A maioria das informações, eu já tinha escutado de Rosie, mas é bom ouvir de um profissional especializado, e sobretudo de alguém que eu não despreze.

Ela então confirma que, se eu tiver herdado a doença de Huntington de Trudie, meus sintomas provavelmente vão se desenvolver por volta da mesma idade em que ela desenvolveu os dela, que seria depois dos quarenta ou cinquenta anos, e que meu bebê tem um risco de vinte e cinco por cento de herdar, o que aumenta para cinquenta por cento caso meu diagnóstico seja positivo.

Ouçoo tudo com cuidado, girando no dedo um cachinho de cabelo.

— Agora, Holly... — Charlotte inclina-se para a frente. — A sua gravidez é a principal razão de você estar fazendo este teste?

Confirmo com tristeza.

— Quer dizer, se meu exame der positivo, terei que considerar... ou deverei... — Desvio o olhar.

— E Andy, é isso que você quer? — pergunta Charlotte.

— Ahn... eu... — ele gagueja.

— Não! Andy é só um amigo — digo, constrangida.

— Certo. — Charlotte sorri. — Compreendo. Na verdade, é até melhor. O que você menos precisa agora é de algum tipo de pressão, Holly. Não estou aqui para lhe dizer o que fazer, e tampouco qualquer pessoa poderia fazê-lo. A decisão é unicamente sua, ok?

Concordo com a cabeça, ainda torcendo o cabelo entre os dedos.

— Mas se a sua gravidez é a maior preocupação, podemos fazer um teste pré-natal e examinar diretamente o DNA do bebê.

— É possível testar antes de nascer? — pergunto, incrédula.

— Sim, podemos testar por biópsia do vilo coriônico por volta de dez a doze semanas, ou por amniocentese, um pouco mais adiante.

— Isso é o que eu quero, então — digo a ela. — Quero saber se o meu bebê terá a doença.

— Está bem — diz ela. — Mas o nosso conselho é que você faça antes o seu teste.

— Mas por quê? — pergunto. — Eu não vou precisar saber de mim a essa altura da vida, só precisaria saber mesmo é do bebê.

— Entendo — Charlotte prossegue com calma. — Mas o que você deve ter em mente é que, com esses procedimentos, há um pequeno risco de aborto, algo em torno de um por cento.

Fecho os olhos.

— E, obviamente, se o seu resultado vier negativo, não há motivos para arriscar a gravidez. E eu sei que você não deve pensar dessa forma agora, mas, mesmo se o seu resultado for positivo, pode ser que afinal você decida não realizar o teste pré-natal.

Suspiro longamente.

Charlotte se aproxima.

— E o mais importante de tudo: você precisa entender que, se o teste pré-natal der positivo, você não terá tido a chance de escolher saber ou não qual é o seu destino. Isso significa que ambos definitivamente vão desenvolver a doença de Huntington.

Mordo o lábio.

— Entendi.

— Holly — diz ela, com serenidade. — A única razão por que se deve fazer um exame pré-natal de DH é se você estiver considerando interromper a gestação no caso de o resultado ser positivo.

Ela me olha e eu baixo a cabeça, sentindo suas palavras preencher pesadamente o espaço entre nós.

— Você acha que está preparada para isso?

Rosie

A limusine dobra a esquina, e logo se enxerga a placa de “Peixe com Woody”, aquele pedaço de madeira pendurada rangendo ao vento, com luzes fortes piscando ao redor da janela.

— Seria tão bom se eu não precisasse ir embora! — Kitty suspira, puxando-me para perto. — Hoje foi um dia maravilhoso. Obrigada, do fundo do meu coração!

Abraço-a de volta, sentindo a garganta apertada num esforço para aspirar mais um pouquinho daquele perfume tão presente, como se pudesse trazê-la para mais perto, por mais tempo. *Não vá*, imploro internamente. *Não vá, eu acabei de te encontrar.*

— Promete que vai me visitar? — dispara ela, com a mesma intensidade que eu. — É só me ligar, e eu ajeito tudo. Promete?

Concordo, com os olhos ardentes.

— E, aconteça o que acontecer, ou o que já tenha acontecido, saiba que eu te amo. — Ela me abraça com força. — E que eu estou muito, muito, muito arrependida... — Sinto suas costelas estremecer quando ela me aperta mais forte, mantendo-nos ali por um longo momento, até que me dá um beijo na bochecha. — Agora, vai. Antes que a maquiagem comece a escorrer de novo — diz, sorrindo.

Olho para ela, sem certeza e sem vontade.

— Vai — sussurra, puxando da bolsa um lenço de papel e virando os olhos para limpar a lágrima que está prestes a escorrer. — Não liga pra mim, eu sou uma atriz, as minhas emoções estão sempre à flor da pele. Estou bem. — Sorri largamente. — Vai, vai.

Saio do carro e volto-me de novo para a sua janela, e então ela baixa o vidro.

— A gente se vê em breve — digo-lhe.

— É bom mesmo, viu? — Força uma expressão de alegria, abrindo bem os olhos reluzentes. — Tchau, Rosie — sussurra, agarrando a minha mão com desespero.

— Tchau — sussurro de volta, sentindo os olhos cheios d’água e a mão dela escapando da minha com o movimento do carro que segue adiante.

Fico vendo aquele carrão navegar até desaparecer na esquina, com o coração leve e pesado ao mesmo tempo.

Tchau, mamãe.

Parece um sonho. Parece impossível que nesta mesma manhã eu não a conhecia, ela não queria saber de mim, e agora... Sorrio. Que agora ela seja minha mãe. Quer dizer, Trudie será sempre a minha mãe, e Kitty nunca poderá substituí-la, mas agora eu tenho a chance de conhecer minha mãe verdadeira. Minha mãe biológica. Uma mulher completamente nova e maravilhosamente diferente. Corro escada acima até chegar em casa, exultante, escancarando a porta, a ponto de quase atropelar Megan.

— Me desculpe! — Sorrio. — Vocês viram Andy?

— Andy? Não. E você, viu...

— Holly? — Jack aparece correndo na cozinha. — Rosie! — Para no meio do caminho. — Como você...? Onde está Kitty?

— Ela tinha que ir embora, mas, Jack, nós passamos um dia espetacular!

— Jura? — Ele sorri, aliviado. — Eu estava tão preocupado!

— Ela é demais! — digo toda alegre. — Ela é incrível, ela é igualzinha...

— Ela é sua mãe. — Jack sorri.

— Sim. — Olho para ele, e a palavra “mãe” me faz arrepiar e cada partícula do meu corpo brilhar, reluzindo de um modo simplesmente incrível. — Ela é. Ela realmente é!

— Isso é muito bom, Rosie, depois de todo esse tempo... — Jack sorri, mas algo o preocupa.

— E ela disse que sente muito — completo, com seriedade. — Disse que sente muito por ter nos abandonado, por ter deixado você, e que se arrepende todos os dias de sua vida.

Sua expressão muda, e ele olha de volta para mim, com um tom surpreso e algo além disso: algo mais suave.

— Ela disse isso? — sussurra.

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Disse que estava assustada, que iria arruinar a nossa vida, depois ficou com medo de voltar, temendo que a rejeitássemos...

Ele comprime a testa.

— Mas eu nunca a rejeitaria — sussurra suavemente, buscando meus olhos. — Ela é... a sua mãe.

— Eu sei. — Sorrio de volta. — Também disse que nunca se preocupou comigo, nem por um minuto, porque sabia que eu estaria a salvo com você. Que você seria um pai maravilhoso.

Ele olha para mim, e não consigo desvendá-lo ao certo.

— E ela estava certa. — Sorrio, sentindo um nó na garganta.
Vejo a emoção tomar conta de sua expressão.
— Obrigado — sussurra em voz rouca. — Obrigado, Rosie.

Holly

O píer se eleva diante de nós antes mesmo que possamos perceber que já estamos de volta. Olho para aquele lugar, desorientada, sem muita lembrança de como cheguei até ali e nenhuma ideia de como prosseguir.

— Tudo bem com você? — Andy pergunta, e eu me viro, assustada. Tinha até me esquecido de que estava com ele.

— Sim, sim, me desculpe, eu estava... longe.

— Dá para entender. — Ele balança a cabeça, desembarcando. — Você passou a viagem toda numa espécie de transe, e nem viu as baleias.

Olho para ele, surpresa.

— Ah, sim — disse ele. — Dúzias, gigantescas.

Um sorriso desponta nos meus lábios.

— Mentiroso.

— Você jamais saberá, não é mesmo? — Ele pisca para mim, começando a caminhar em direção à subida para casa.

— Obrigada, Andy. — Sorrio com certo cansaço, seguindo-o. — Por tudo. Foi... foi...

— Terrível — Andy completa para mim.

Sorrio.

— Terrível — concordo, fuçando a bolsa para encontrar minhas chaves. — E obrigada por me emprestar o seu celular também.

— Pode ficar com ele por enquanto — ele me diz. — Caso a clínica lhe telefone sobre a sua consulta.

— Tem certeza? E se alguém te ligar?

— Ninguém tem esse número, exceto Rosie. Comprei esse chip só para fazer as ligações enquanto estivesse nos Estados Unidos. Pode ficar.

— Obrigada — digo sorrindo, mas a minha expressão logo se congela ao ver uma limusine virar a esquina em direção a nós dois.

— Holly? — Andy olha para mim. — Holly, o que foi? — Ele bate os olhos no carro.

Olho para aquilo, paralisada.

— É ela.

Ele franze a testa.

— Quem?

Engulo em seco.

— Kitty.

— Kitty?! — Andy tenta enxergar. — Mas que porcaria?! O que ela está fazendo aqui?

Meu coração dispara de maneira ensurdecadora. Sinto a pele toda se arrepiar à medida que o carro se aproxima mais, mais... e, de repente, passa.

Fecho os olhos.

Ela foi embora.

— Holly? — diz Andy calmamente. — Tudo bem com você?

Balanço a cabeça devagar, forçando-me a respirar fundo.

Ela já foi.

Andy me acolhe nos braços gentilmente.

— Tem certeza?

Concordo mais uma vez, engolindo com dificuldade.

— Eu só quero ir para casa.

Andy acena com a cabeça, apertando meus ombros com firmeza, e dobramos a esquina para chegar

à minha rua. Chegamos até a calçada, subimos a escada, e então eu paro, sentindo uma exaustão repentina. A ideia de dar mais um passo, abrir a porta, encarar meu pai e Megan e ter que lidar com tudo aquilo parece demais para mim.

— Acho que não consigo fazer isso. — Respiro fundo.

— Vai ficar tudo bem — Andy me consola. — Lembre-se, a decisão é só sua.

Mordo o lábio. *Minha decisão.* A mais difícil da minha vida.

— Vem aqui — diz ele de repente, me puxando para um abraço. Solto o corpo aproveitando o calor, fecho os olhos e tento fingir que tudo não passou de um sonho, um pesadelo, e que logo vou acordar.

— Ah, Rosie. — A voz de papai paira no ar através da janela aberta da cozinha, e eu fico paralisada.

— Eu nunca deixei de ter esperança, nunca parei de tentar... Tantas cartas... — Ele divaga um pouco, e eu prendo a respiração, virando-me para tentar enxergar pelo vidro, quando encontro papai abraçando Rosie com força.

— Holly? — Andy me lança um olhar, nervoso.

Não consigo respirar. Meus olhos estão grudados naqueles dois. Meu pai. Com sua filha. Sua filha de verdade. Sua filha saudável.

— Se ao menos ela tivesse nos dado uma chance, se ela tivesse tentado... Poderíamos ter sido uma família.

Meu peito se aperta ainda mais quando ele passa a mão nos cabelos dela.

— Ah, Rosie, tudo poderia ter sido... Deveria ter sido tão diferente...

Meu coração para de repente.

Ele disse mesmo isso? Eu escutei direito?

— Holly? — Andy me chama, mas parece que sua voz vem de muito longe. — Você está bem?

Mas e eu, Megan e Ben? Nós somos a sua família. Ou pelo menos eles são...

E eu não, percebo de repente, sentindo as pernas perder a firmeza. *Eu nunca fui realmente.*

Fixo os olhos em Rosie, tão seguramente encolhida nos seus braços, o mundo girando à sua volta, como sempre. No lugar onde eu deveria estar. No lugar em que eu costumava estar.

Ela me tirou tudo.

— Holly? — O rosto de Andy flutua diante de mim com seus olhos azul-claros, tentando encarar os meus, as mãos suavemente pousadas nas minhas bochechas.

Inclino-me de repente e dou-lhe um beijo sôfrego, puxando-o para mim como se a minha vida dependesse disso.

Ele se desvencilha rapidamente e me encara, deixando-me ali com o coração aos pulos e os lábios formigando, quase sem acreditar no que acabara de fazer.

— Andy? — A voz de Rosie soa baixinho, hesitante.

A expressão no seu rosto é impagável: o choque e a surpresa dão àquelas bochechas um lindo toque cinzento.

Talvez agora ela entenda como é fazer isso com os outros.

— Rosie... — Andy tenta começar. — Rosie, eu...

— Holly?!

Fico paralisada completamente ao som da voz familiar.

Devagar, olho para o pé da escada, de onde Josh me fita, com os olhos arregalados, segurando um maço de margaridas cheias de descabida alegria, as quais começam a pesar em seus braços, quase caindo das mãos.

Rosie

— O que está acontecendo? — pergunto com calma, sentindo o sangue correr gelado nas veias, enquanto, pela janela aberta, fito Andy, depois Holly, e volto a olhar para ele. Ele desvia o olhar. — Andy...?

Ele também intercala o olhar entre mim e Holly.

— Ah, vão se catar, vocês duas! — resmunga, cheio de rancor, passando por ela e depois por mim, desatinado, para dentro da cozinha.

— Andy! — exclamo, acompanhando seus passos tempestuosos. Olho para fora e vejo Holly assombrada, dando de cara com Josh, e então decido ir atrás dele. — Andy!

Encontro-o no quarto, enfiando as roupas na mochila.

— O que você está fazendo?

— Indo embora, não se lembra? Eu queria ir antes, mas você me implorou para ficar, disse que precisava de mim. E como um trouxa, burro até não poder mais, eu acreditei em você. — Ele luta com a mochila, os dedos atrapalhados de tanta raiva e pressa.

— Andy, o que está acontecendo? — pergunto calmamente. — O que aconteceu?

— *Você* aconteceu, Rosie. *Você aconteceu*. — Entoca as roupas dentro da mochila, empurrando e socando tudo ali dentro, brigando com o zíper. — Eu te avisei que você não sabia o que estava fazendo, que dor poderia causar, que baita confusão você poderia gerar, que puta bagunça iria fazer, mas, ah, não, Rosie sempre sabe o que é melhor. — Ele puxa finalmente o zíper, aperta a cordinha e suspira, ajeitando os cabelos que já lhe caem no rosto. — Uma puta bagunça, isso sim...

Chego mais perto, e a minha vontade é abraçá-lo, para suavizar sua raiva, mas algo me prende no lugar.

— Isso tudo é por causa da Holly? — pergunto, com a voz diminuta, as palavras me espetando a língua assim que surgem sem aviso da minha boca. — Vocês... aconteceu algo?

— Ah, pronto, lá vamos nós. — Andy ri, erguendo a mochila.

— Só estou perguntando — defendo-me, cruzando os braços. — Você passou o dia com ela?

— Por quê? — Ele me rodeia de repente. — Por quê? Onde você estava, Rosie?

Olho para ele.

— Eu...

— Você devia estar comigo, a gente ia ver baleias, você se lembra? Mas quando eu saio do chuveiro, surpresa! Nada de Rosie. De novo.

— Me desculpe! Mas é que Kitty apareceu, e eu tive que ir... Deixei um recado para você!

— É mesmo? Um recado? — Andy ri. — Onde? Onde, hein, Rose? Não estou vendo recado algum, você está? — Abre os braços, mostrando o quarto inteiro. — E, mesmo que tivesse deixado, você prometeu que iríamos passar o dia juntos, Rosie. Você prometeu. — Seus olhos me perfuram, e eu esmoreço. — Mas não. Você se mandou. De novo. E nem ao menos foi por causa de Holly! Você me largou aqui por causa de Kitty. De Kitty! Depois do jeito como ela te tratou em Nova York, da mensagem que ela deixou na secretária eletrônica, ela estala os dedos e lá vai você?! Você está ficando louca?

— Ela é minha mãe!

— Não, Rosie. Você teve uma mãe. Uma mãe espetacular. Ela te amava, cuidava de você, e ela faleceu, sim, mas escute o que estou te dizendo: se você pensa que Kitty vai ser uma substituta mágica, está pedindo para se decepcionar.

— Eu não estou fazendo isso!

— Bom, eu é que não sei mais o que você está fazendo, o que você quer ou para onde está indo. Você vem viajar comigo, depois não vem mais. Você está procurando sua mãe, depois não está mais. Você vai passar o dia comigo, depois não vai mais. Eu simplesmente não consigo te acompanhar!

Olho para ele, sem conseguir falar.

— Já cansei, Rosie! — Ele joga a mochila no chão. — Estou trabalhando em empregos horrorosos desde julho pra economizar para esta viagem. É o meu ano sabático! Era para eu estar vendo lugares novos, explorando vilazinhas charmosas ou me enfiando em luais. E não sendo babá de garotas complicadas, cheias de problemas, que fazem questão de me deixar preocupado e, assim que eu viro as costas, me ferram.

Meu rosto está fervendo.

— Você não está sendo justo.

— Bom, sabe de uma coisa? A vida é que não é justa. Não foi justo Trudie morrer, não foi justo de repente ela ter deixado de ser sua mãe. Mas você não pode tomar para si os pais de outra pessoa porque perdeu os seus, e ainda

ficar tripudiando com passeios, abraços e essa porcaria de limusine. Isso é que não é justo, Rosie!

— Eles são os meus pais! — protesto. Ela é a minha mãe, Andy! E ele é meu pai!

— Ele é o pai de Holly! — Andy caminha em volta de mim. — Ele cuidou dela por dezoito anos, e agora você acabou com a vida dela!

— Eu?! — Encaro-o estupefata, sentindo a raiva emergir contra a culpa e a vergonha. — Eu nem mesmo sabia da existência de Jack. Foi você que o encontrou e me trouxe aqui, Andy. Eu ia deixar tudo como estava e ir embora, deixar todo mundo quieto, mas você me fez contar para ela, disse que eu não tinha escolha!

— Bom...

— Não, Andy, você está tão envolvido nisso quanto eu, mas é muito mais fácil simplesmente me culpar, não é? Sair andando quando as coisas ficam complicadas, como você sempre faz? Quando a verdade é que a gente nem estaria tendo essa discussão se não fosse por você!

— Bom, então talvez você se vire melhor mesmo sem mim — ele conclui. — Você está certa, eu estou errado, que seja assim. — Ergue os ombros. — Eu estou é caindo fora daqui. — Pendura uma mochila em um dos ombros e enfia na cabeça o boné de beisebol dos Yankees.

Meu coração dói, sinto a pulsação frenética. Eu lhe comprei aquele boné em Nova York; tínhamos dado umas boas risadas por causa disso...

— Andy, espera! — Agarro-lhe pelo braço. — Por favor!

— Por quê? — Seus olhos me fitam.

— Eu...

— Você não precisa de mim, Rosie, você tem a sua família agora. A única razão de você ter vindo para cá, está lembrada? — Me fuzila com o olhar.

— Andy...

— Tchau, Rose. — Ele abre a porta com força. — Espero que tenha valido a pena.

Desesperada, observo-o partir, presa por suas palavras no ponto onde estou: presa pela verdade. Só consigo ver a porta bater atrás dele.

Holly

— Holly? — Josh olha para mim. — Holly, o que está acontecendo aqui?

Nem consigo olhar para ele. Não posso encará-lo. Meu rosto está queimando, e eu me sinto enjoada.

— Holly? Você pode vir aqui embaixo, por favor?

Fecho os olhos, depois desço vagorosamente cada degrau, segurando firme no corrimão, fitando o chão.

— E então? — pergunta ele, quando chego ao fim da escada. — Você vai me contar o que está acontecendo?

— Nada. — É o que sai da minha boca. — Não está acontecendo nada.

— Ah, tudo bem — diz ele, balançando a cabeça, pensativo. — Eu recebo uma dúzia de ligações perdidas, junto com infinitas mensagens de texto e gravações implorando para que eu ligasse, porque você tinha algo de urgente para me contar. E quando eu tento retornar as ligações hoje, seu celular não responde, e então eu venho até aqui pra te encontrar beijando outro cara!

Fecho os olhos.

— Me diz, Holly, o que pode ser tão urgente? O que você tinha pra me dizer?

Desvio o olhar quando ele tenta me encarar, respiro fundo, desejando que as palavras venham na ordem certa: a verdade terrível e capaz de mudar a nossa vida.

Ele então ri amargamente.

— Presumo que esta seja uma pergunta boba.

Franzo as sobrancelhas.

— O que você quer dizer com isso?

— Era isso que você estava tão desesperada para me contar? — pergunta. — Que está me dispensando por outra pessoa?

Olho para ele sem acreditar, sentindo o sangue pular intensamente nas veias e a grandeza das minhas informações de repente atropelada. Sinto-me agitada, ultrajada. De repente, rio, num tom estridente e cortante.

— Sim, Josh — digo a ele. — Sim, é exatamente isso. Conheci outra pessoa. Estou apaixonada por Andy.

— O quê?! — Ele olha para mim, com o branco dos olhos reluzindo contra a expressão do rosto. — Quem é Andy?!

— Me desculpe. — Fecho os olhos, forçando-me a falar, apesar da dor. — Chegamos ao fim.

— Holly...

Afasto-me dele.

— Holly, espere...

Mordo o lábio e não me volto.

— Holly! — Ele agarra meu braço. — O que está acontecendo? O que aconteceu?

— Está tudo acabado — digo a ele, empurrando-o bruscamente. — Você é burro, por acaso? Quer que eu solete? — Olho para ele, sentindo o sangue disparar, fora de controle. — Fim, Josh. Estou em outra. Você vai ter que entender. Você está livre. Agora vá pegar quantas garotas da faculdade você quiser.

— O quê?! — Josh fica me olhando. — Holly...

— Por que você não atendeu o telefone, Josh? — pergunto, cheia de tristeza. — Onde você estava?

— O quê?

— Você sabia que eu estava chateada, que precisava muito de você, e ainda assim não me deixou ir junto, depois não atendeu o telefone... — As lágrimas quentes escorrem do meu rosto. — Eu precisava de você, Josh. Precisava de você, e você não estava lá.

— Holly, amor, me desculpa, estou aqui agora...

— Agora é tarde demais. — Viro-me, desolada. — Você chegou tarde.

— Holly... — suspira. — Eu não recebi as suas ligações, não podia atender. Não estava com o meu telefone, eu tinha deixado... no quarto de um amigo e, quando fui pegar de volta, liguei imediatamente!

Mordo o lábio de novo.

— Pelo amor de Deus, Holly, foi só um dia!

Um dia? Só isso? Um dia, e a minha vida inteira se despedaçou.

Ele me olha por um momento, depois respira fundo.

— Escuta, Holly, eu não sei o que aconteceu, o que mudou, mas...

— Tudo — resmungo. — Tudo mudou. Eu... Você não vai entender.

— Então me ajude a entender. — Ele segura meu rosto com as mãos trêmulas. — Holly... Olhe para mim. Você o quê?

Olho para ele e vejo nosso futuro no seu rosto. O sacrifício que ele faria, o futuro que eu destruiria.

— Eu... — Respiro fundo, tremendo nas bases, como se estivesse à beira do precipício. — Eu não te amo. — Viro-me de costas, fechando os olhos para não ver nele a dor que o assola diante da minha mentira. Um silêncio terrível me segue, e estremeço só de pensar na enormidade do que acabo de fazer, no grande abismo que criei, no choque e na dor. O único som que se ouve é o dos meus passos no chão, partindo para longe dele e da nossa vida conjunta.

— Eu... não acredito em você — diz Josh. O pânico impregna suas palavras como veneno. — Holls, eu não acredito. Holly... sou eu! — Ele segura meu braço. — Você está falando de nós dois!

Seus olhos estão embaçados de sofrimento e dor.

— Holly... foi por causa daquele beijo? Por causa de você ter beijado esse outro cara?

Fecho os olhos.

— Está tudo bem, não foi nada, eu entendo...

Balanço a cabeça, desolada.

— Você não entende.

— Entendo, sim, Holly... — ele suspira, com a voz trêmula. — Eu entendo sim — continua, perturbado. — Os caras me falaram... me falaram que era loucura ficar noivo tão jovem, insistiram em me levar para sair ontem à noite, beber, dançar... Queriam me mostrar as coisas de que eu estou abrindo mão, o que eu estou perdendo, e eu... — Suspira, com o rosto tenso. — Por isso eu não liguei de volta. Meu telefone estava...

— No quarto de um amigo — repito a sua frase anterior, sentindo o sangue deixar meu corpo.

— Holly, não é o que você está pensando, nada aconteceu, eu não poderia! Eu te amo!

Desvio o olhar.

— Meu amor, me desculpe... — Ele balança a cabeça. — Não estou me sentindo bem. Eu vim direto para cá assim que peguei o telefone, estou sem comer, sem dormir...

— Ah, aposto que sim... — Mordo o lábio com tanta força que sangra.

— Holly... — Ele balança a cabeça, infeliz, com os olhos no ar. — Meu amor, não aconteceu nada, eu juro! Eu saí antes que acontecesse qualquer coisa, percebi que aquilo tudo era um erro. Como você e esse cara aí, não é?

Viro-me de novo, com as lágrimas me encharcando os olhos.

— É esse noivado, isso está bagunçando a nossa cabeça, é só isso! — insiste, desesperado. — Eu sabia que você estava assustada com o nosso futuro desde quando eu fui para a faculdade. Esse foi o motivo por que te levei para Nova York, para provar que nada tinha mudado, que eu serei seu por toda a vida...

Fecho os olhos.

— E Nova York... foi tão incrível, tão perfeito, e aí eu vi o vendedor dos anéis e de repente percebi que havia uma forma de realmente te convencer, de provar o meu compromisso com você de uma vez por todas. Mas a gente é tão jovem, Holls... Somos adolescentes, pelo amor de Deus! Foi um passo muito grande para nós, só estou entendendo isso agora... E por isso estamos ambos assustados. Foi uma reação reflexa, uma falha, não é? — Ele me olha com uma expressão de súplica, desesperado. —

Vamos apenas dar um passo atrás, tudo bem pra você? Sem anel, sem pressão, só você e eu. Nós somos ótimos juntos, vamos voltar a ficar como estávamos.

Do jeito que sempre fomos...

— Holly, por favor! — implora. — Só você e eu. Eu te amo.

Só você e eu.

— É tarde demais.

— Não — ele insiste, apertando minhas mãos com firmeza. — Não é tarde demais, Holly, por favor. Você ainda é a mesma garota, e eu sou o mesmo cara e te amo tanto... — diz ele com as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Por favor, me perdoe! — Sua voz falha, partindo o meu coração. — Eu te amo, Holly Woods.

Não consigo enxergar direito por causa das lágrimas ao me virar para ele, segurando os lábios com os dentes para parar de tremer. Pronto, aqui está: minha desculpa para abandoná-lo, para deixá-lo seguir livre, entregue de bandeja. O que não torna a tarefa mais fácil.

— Eu te perdoo — digo, fechando os olhos e deixando escorrer as lágrimas. — Mas é tarde demais. — Engulo em seco, empurrando-o. — Chegamos ao fim.

Viro de costas e corro até o topo da escada sem pensar, passando por Andy, que vem descendo. Entro em casa e corro para o quarto antes que possa mudar de ideia. Antes que eu volte e caia nos braços de Josh, arruinando a vida dele para sempre.

Essa é a melhor solução, digo para mim mesma. *É melhor assim. É a coisa certa. Para nós dois.*

Jogo-me na cama e me curvo, protegendo a barriga.

Para todos nós.

Então por que eu me sinto como se fosse o fim do mundo?

Rosie

Pela janela observo Andy fazer uma pausa diante de Holly, que sobe apressada para a cozinha. Ele olha para trás, acompanhando-a por um segundo, como se estivesse indeciso, e depois segue adiante. Aproxima-se de Josh e diz alguma coisa que o faz lhe dar um murro na boca. Os olhos de Josh estão cheios de lágrimas, e ele se vira para ir embora, arremessando no chão as margaridas.

Andy fica ali por um momento, acompanhando Josh enquanto segura o queixo, e parte de mim quer correr até ele, confortá-lo. Mas então ele olha para cima com uma expressão raivosa e desaparece, dobrando a esquina.

Fecho os olhos, e uma onda de solidão me invade. Agarro o lindo colar com a minha pedra da sorte que ele me deu e agora sinto pesar no pescoço, a pender perto do coração.

Ele foi embora. Dessa vez, realmente foi. E é tudo minha culpa.

Com a garganta seca e dolorida, entro na cozinha para buscar um copo d'água.

Andy está errado. Eu tenho o direito de estar aqui. Jack quer que eu fique. E Kitty... Eles são meus pais, eles me querem. Eu tenho que ficar.

Estou prestes a abrir a torneira quando ouço a voz de Megan, cheia de raiva.

— Tudo não passou disso então, Jack? Todos esses anos? Estávamos procurando Kitty? — grita ela.

Fico paralisada, com os olhos fixos na porta fechada da sala.

— Essa foi a razão de você ter vindo para os Estados Unidos? Pelo amor de Deus, Jack, foi por isso que você se casou comigo, para poder ficar por aqui?!

— Não seja ridícula! — diz Jack baixinho, na defensiva.

Apoio o copo vazio com cuidado.

— Você acha mesmo ridículo? — pergunta Megan com a voz esganiçada, completamente diferente daquela Megan toda alegrinha que eu conheci nos últimos dias. — Então por que você nunca a mencionou antes, hein, Jack? — provoca. — Por que você me contou a mesma história que para Holly sobre a mãe estar morta, quando, durante o tempo todo, você mandava cartas para ela? Durante todo o nosso casamento?

Apesar de saber que não devo, me enfio no corredor, como uma mariposa

em direção à chama que vai destruí-la.

— Não foi bem assim! Eu só estava mandando fotos da filha para ela. De Holly!

Megan dá uma risada amarga.

— A filha dela, não é? Não faz diferença nenhuma o fato de ela nunca ter posto os olhos nessa mãe até hoje de manhã. Não faz diferença que ela pensasse que essa mulher estava morta...? Não te importa que eu seja a sua esposa... Para todos os propósitos, eu fui a mãe de Holly também, mas você nunca pensou em mencionar para sua filha que a mãe verdadeira ainda estava por aí, não tão distante assim, mas na nossa televisão semanalmente, meu Deus... E recebendo relatórios regulares?! Que ela pudesse de repente aparecer na nossa porta e ficar lá na nossa cozinha, enquanto a trouxa aqui não se contém em tietar, elogiando aquela merda daquele programa?! — Sua respiração sai entrecortada. — Você faz alguma ideia de como estou me sentindo humilhada, Jack? Traída?

— Megan... — Jack suspira. — Sim, eu enviei cartas, ela é a mãe de Holly, e eu queria lhe dar a chance de conhecê-la, mas ela rejeitou. Ela não queria ter nenhum tipo de relação comigo ou com Holly. Eu nunca pensei que a veria novamente!

— Mas agora viu.

— Sim, agora vi.

Depois de uma longa pausa, a voz de Megan ressurgue, clara e controlada.

— Você ainda gosta dela, Jack?

Prendo a respiração, ouvindo um silêncio tão longo que estou certa de que perdi a resposta. Então ela finalmente surge, calma, quase como um fio de respiração.

— Não seja boba. Eu te amo, Megan.

Megan suspira.

— Sabe de uma coisa? — ela retruca com a voz bem clara, apesar das lágrimas. — Preciso tomar ar. Você pode buscar Ben? Sabe quem é, não? Seu segundo filho, nascido da sua segunda opção de esposa?

— Megan...

Encolho-me rapidamente entre os degraus ao ouvir a porta da sala abrir de supetão e vê-la despontar como um furacão, atravessando o corredor em direção à porta da cozinha. Jack surge logo atrás, mas ela é rápida demais para que ele a alcance. Escuto seus passos apressados escada abaixo, e Jack fica ali observando-a pela janela da cozinha, com a cabeça inclinada por cima

da pia. De repente, ele desfere um soco na bancada, o que faz a louça suja tilintar dentro da pia e o meu copo vazio espatifar-se no chão.

Subo sem fazer barulho até o meu quarto, andando pé ante pé no carpete macio, mas a trilha da destruição ainda continua.

Como pode?, penso. Como isso tudo pode ter acontecido? Meia hora atrás eu entrei correndo nesta casa, sentindo-me no topo do mundo, cantarolando de felicidade, desesperada para encontrar Andy e contar-lhe sobre Kitty, empolgada com a ideia de que tudo estava finalmente voltando a seu lugar...

Quando na verdade tudo estava mesmo era desmoronando. Giro meu colar, desolada. *Eu* causei tudo isso. *Eu* criei essa bagunça toda. E agora ele se foi. *Eu* o deixei ir. De novo.

Bom, não dessa vez. Puxo o celular e ligo para ele, pronta para disparar um milhão de pedidos de desculpas. Mas ele não atende. Suspiro. Não o culpo.

— Andy, me desculpe — digo na caixa postal. — Você estava certo, eu estraguei tudo. Sarah mudou tudo quando me trocou por Holly, e, estivesse ela certa ou errada, eu deveria ter sido razoável e simplesmente ter aceitado viver com isso. Seguir com a minha vida e aproveitar o que pudesse. Com você. Eu te amo, Andy, tenho saudades de você. — Suspiro, agarrando a pedrinha de granada do colar. — Por favor, me liga.

Desligo e ainda fico de olho no aparelho, esperando que toque. Mas não toca.

Deito-me enrolada na cama, a cabeça enfiada nos braços e a solidão a me envolver como uma neblina fria.

O que foi que eu fiz?

Holly

Mergulho na piscina, sentindo a corrente gelada praticamente me engolir, e nado com todas as minhas forças, cortando a água, quase sem deixar um segundo para respirar, impulsionando-me para a frente, braçada após braçada, batendo os pés rapidamente, puxando a água em golpes alternados e vigorosos. Exijo cada vez mais do meu corpo, até que de repente irrompo na superfície, arfando em busca de ar, exausta, com a adrenalina correndo loucamente pelas minhas veias.

A situação não parece nada boa, percebo, jogando a cabeça para trás e esfregando o cloro dos olhos. Eu costumava conseguir escapar de qualquer coisa nadando, perdendo-me na água. Mas não agora. Dessa vez não funcionou.

Respiro fundo e mergulho, tentando fazer o mundo se dissolver instantaneamente, deixando o barulho da piscina, das pessoas e da vida lá fora ser suprimido pela água. Meus cabelos me envolvem como se eu fosse uma sereia. Ali embaixo, tudo parece estar em câmera lenta, os sons são emudecidos, e o azul da piscina, brilhante como as luzes que a cobrem, faz o mundo parecer tão pacífico...

É assim que você vê tudo, bebezinho?, penso. Aí de dentro, flutuando, tão cheio de paz e tranquilidade? Tão a salvo?

Parece impossível que apenas uma semana atrás eu tenha ido à clínica. Foi a semana mais longa de toda a minha vida. Como eu posso nunca ter percebido como um segundo é longo, como as horas se estendem sem fim durante a manhã e a tarde, até chegar à eternidade das noites escuras? Dias intermináveis, um após o outro. Mas, finalmente, estou quase lá. Amanhã será a minha consulta. Só mais uma noite. Uma noite sem fim. Chegou a hora da decisão.

“Pense nisso”, disse Charlotte. E eu não fiz nada além de pensar.

E se... e se der negativo? Aí é fácil. Viva! Estamos salvos. E a vida pode voltar ao normal, ou quase ao normal. Posso começar a lidar com a minha gravidez como qualquer outra garota da minha idade.

Mas e se... se der positivo? Um arrepio percorre a minha coluna de cima a baixo. Agora eu já estudei o suficiente, assisti a uma quantidade enorme de vídeos on-line de cortar o coração. Sei exatamente o que vai acontecer comigo. E o que pode vir a acontecer com meu bebê.

Meus olhos ardem por causa do cloro, e os pulmões começam a queimar. Observo as bolhas de ar emergir silenciosamente até a superfície.

Será que eu trataria o meu filhinho de outro modo se soubesse? Se soubesse o seu futuro? Ou o meu? Será que eu serei tratada de outra maneira pelas pessoas se der positivo? Julgada, ou mal compreendida? Se eu lhes contar...

Charlotte disse que eu deveria considerar me inscrever em alguns benefícios, como seguro-saúde de longo prazo ou coisa assim antes de fazer o teste, porque, se der positivo, pode ser que tudo fique mais difícil, ou mesmo impossível. Poderia afetar meu emprego, minha vida, meu seguro de vida, o seguro do meu bebê... A menos que eu pudesse levantar quinhentos dólares para pagar pelo teste anonimamente.

Embora a resposta para essa questão tenha surgido por si própria, penso com amargura, lembrando-me da carta de Kitty — a primeira de uma vida inteira — que chegou ainda esta manhã. Depois de dezoito anos, ela de repente me escreve pedindo desculpas pela minha infância inteira e me oferecendo dinheiro: dez mil dólares como um reembolso por todos os aniversários e natais que ela deixou de honrar com a sua presença.

Ah, sim, como se isso pudesse mesmo compensar uma vida inteira de abandono.

Sinto o sangue ferver nas têmporas.

Não preciso dela, não preciso de nada que venha dela. Nunca. Ela pode ficar com seu dinheiro. Não vai me comprar perdão algum, não depois do que fez. Vou encontrar outra forma. De algum jeito.

Fecho os olhos.

Sempre pensei que gostaria de saber o futuro, que tipo de vida estava reservada para mim. O que

não sabia, no entanto, era que algumas coisas já estão escritas no nosso destino. Não é como a história de Ebenezer Scrooge, que podia ver a tristeza em seu futuro e mudá-lo. A história aqui é outra: trata-se de dna. Não há como mudar nada. Não há cura. Se você tem o gene mutante, você definitivamente desenvolverá a doença de Huntington. Se não tem, está livre. Cinquenta por cento. Tudo ou nada. Na virada da moeda.

Ah, se fosse fácil...

Charlotte me deu o pacote completo de informações, além de testemunhos de outras pessoas que também estavam dentro da zona de risco. A doença de Huntington não é o fim do mundo, ela disse. Diversas pessoas levam uma vida realizada e feliz, mesmo sabendo que são positivas. Cientistas e atletas, intelectuais, pessoas brilhantes que poderiam não ter realizado metade do que conseguiram na vida se os outros os tivessem tratado de maneira diferente; se seus horizontes tivessem sido limitados. Trinta ou quarenta anos é um longo período, é o que dizem. Você pode escolher entre viver tudo o que puder ou lidar com uma permanente sentença de morte, soterrado pelo medo do futuro.

Eu sei que esses testemunhos deveriam ser confortadores ou até inspiradores, mas estou grávida; há uma segunda vida aqui dependendo de mim. E sei que Charlotte me diz que eu posso abortar até a vigésima semana, mas, sinceramente, acho que isso eu não poderia suportar. Meu bebê já parece uma parte de mim, alguém por quem devo tomar essa decisão, que é a mais difícil da minha vida, antes de tudo. Antes que a gravidez esteja aparente. Antes que todos tenham que ficar sabendo. Enquanto eu ainda posso tentar fingir que nada disso aconteceu.

“Conte para as pessoas”, disse Charlotte. Mas como eu poderia? Melissa vive me telefonando e aparecendo por aqui, mas não consigo encará-la, não posso falar com ela. Como eu poderia lhe contar por que terminei com Josh sem falar da doença de Huntington? E como posso falar da doença sem falar do bebê? Um bebê que é do irmão dela, e que é, portanto, seu sobrinho ou sobrinha? Sendo que Josh nem ao menos sabe que estou grávida?

E ainda mais considerando o aborto uma das opções?

Não dá. Não posso contar a ninguém. Nem a meu pai. Por mais que eu tenha tentado, por mais que queira lhe contar... Há coisas que estão simplesmente além da minha capacidade. Não posso derramar uma gota desse soro da verdade sem deixar que todo o resto seja despejado, gerando um fluxo sem fim, e tenho medo de me afogar nessa correnteza. Aliás, tenho medo de afogar a todos nós. A pressão me aperta as têmporas, e começo a sentir a vertigem desse círculo sem fim, tentando desesperadamente encontrar uma saída. E não há saída, percebo. Há apenas duas chances: permanecer no escuro ou saber para onde serei levada.

Para onde *seremos* levados. Porque não se trata mais só de mim. Há o meu bebê. O bebê de Josh.

Josh. Ah, meu Deus, Josh. Ele ficou plantado do lado de fora da minha janela a noite inteira, implorando que eu falasse com ele, depois me deixou uma carta dizendo que compreendia a minha opção, que entendia que eu precisava de espaço e tempo para lidar com tudo aquilo e que estaria sempre ali, pronto, esperando-me para o momento em que eu precisasse dele. Que me amava.

Meus olhos ardem.

Tomei a decisão certa ao terminar com Josh, eu sei que tomei. Estou tentando poupá-lo, da mesma maneira que pouparei o bebê: vou protegê-los contra uma vida de dor e tristeza sem fim.

Foi uma decisão acertada, a mais difícil da minha vida.

Até agora.

Com uma urgência repentina, desponho na superfície da água, com os pulmões explodindo de necessidade de oxigênio e as lágrimas me queimando os olhos. Arrasto-me para a borda da piscina, tremendo de um frio repentino, sentindo as luzes fortes demais e ensandecida pelo barulho do mundo real.

Pego a toalha e me envolvo nela, buscando na bolsa o meu caderno, dentro do qual está a foto. Para minha surpresa, duas fotos caem no chão: o ultrassom e a foto que Rosie me deu de Trudie, com seus cabelos avermelhados reluzentes sob a luz do sol, assim como ficam os meus.

Sinto o coração partido. Como será que Trudie passou por isso? Como ela lidou com a ideia de

saber que sua filha, sua garotinha, estava assistindo à sua deterioração, à sua morte lenta, sabendo que ela também poderia desenvolver a doença, mais dia, menos dia? Passo os dedos com delicadeza sobre a foto, na dobrinha da orelha, percebendo pela primeira vez os dedos dela enroscados no cabelo. Desenrosco o meu dedo, sentindo um arrepio estranho: ela também fazia isso.

Há tantas coisas de que não faço ideia, tantas perguntas que gostaria de lhe fazer... Será que ela teria feito as coisas de outra maneira se soubesse? Será que teria feito o teste? *Teria abortado?*

Volto os olhos de repente para o ultrassom, com o coração acelerado e doído, tentando contornar aquela pequena forma de gente.

A única razão para fazer um exame pré-natal de doença de Huntington é se você estiver considerando interromper a gestação...

As lembranças da clínica voltam rapidamente à tona. “Sucção manual”... Estremeço.

E se eu não conseguir? Se eu não conseguir encarar tudo isso, se eu mudar de ideia? Sempre saberemos o que há dentro da bola de cristal. Eu terei sido aquela que roubou o direito de a criança tomar qualquer atitude preventiva antes de eu começar a apresentar os primeiros sintomas.

Mas se eu prosseguir com essa ideia do aborto... Sinto o peito apertado. Estarei poupando o meu filho de um futuro de tristeza, de predestinação ao sofrimento... Uma mulher que vi no noticiário até matou os filhos ao acompanhar o que a doença de Huntington vinha lhes causando. Julgava que seria melhor que eles morressem do que se continuassem a sofrer daquele jeito...

Mas eu estaria roubando do meu filho trinta ou quarenta anos de vida saudável...

Qual delas seria a melhor escolha? E quem sou eu para decidir qual das duas é melhor: uma vida destinada ao sofrimento ou vida nenhuma?

Talvez eu devesse mesmo levar adiante a ideia do aborto, esquecer essa história de teste e acabar com essa bagunça toda. Eu não teria que decidir quanto ao meu teste por mais dez ou vinte anos, sem pressão, sem correria. A minha decisão. Talvez seja isso que eu deva fazer para começar; evitaria toda essa tristeza e a dor no coração, além do imenso estresse. Eu nunca quis mesmo engravidar. Devia processar a empresa de preservativos. E agora, de repente, estou aqui, forçada a tomar essas decisões de vida ou morte.

E Kitty abandonou seu bebê, afinal de contas. Talvez seja isso mesmo: os adolescentes não foram feitos para ser pais.

Passo a mão sobre a barriga. Mas e se der negativo, se eu não tiver Huntington...?

Fecho os olhos, sentindo tudo girar em círculos sem fim. Visto as roupas e vou para casa.

Ainda seguro a respiração.

Ainda espero atingir de novo a superfície.

Rosie

Nem acredito que uma semana atrás eu estava em Boston com Kitty. Parece um sonho ela simplesmente ter surgido ali, do nada, e depois aquela tarde maravilhosa no parque. E agora ela desapareceu de novo, tão rápido como surgiu. Eu sei que ela é muito ocupada, mas fico ligando e mandando e-mails assim mesmo, pensando em novas coisas para dizer, para contar a ela. Há tantas coisas que ainda gostaria de compartilhar com ela...

Na verdade, nem é tão ruim que ela não tenha me ligado de volta, penso, ao ver Jack temperando uma lagosta. O clima entre Megan e ele parece ter melhorado, graças a Deus. Jack tem trazido buquês enormes de flores todos os dias, e a casa está toda cheirosa, embora Megan reclame que os vasos espalham pétalas para tudo quanto é canto. Porém, ela adora as flores. Sempre que Jack não está por perto, fica ali parada, namorando os buquês, sentindo seu perfume e constantemente rearrumando as hastes nos vasos. O que é, na realidade, o motivo de as pétalas se espalharem por tudo quanto é canto.

Pelo menos a vida amorosa de algumas pessoas vai bem. Vivo ligando para o celular de Andy, na vã esperança de que ele um dia me atenda, mas ele não deu sinal de vida. Fui algumas vezes à pousada, mas ele já saiu de lá. Partiu sem deixar rastro algum. Nem mesmo sei se ele foi para Washington, tal como havia planejado, ou até se ainda está no país! Provavelmente ele está a milhares de quilômetros daqui a essa altura, visitando o mundo, assim como planejou. Assim como planejamos.

Bom, em todo caso, enfio o colar por debaixo do casaco e me lembro de que temos que aprender com nossos erros, e é isso que estou tentando fazer neste momento. Não vou mais fugir dos meus problemas. Causei toda essa bagunça, e agora vou ficar por aqui até resolvê-la.

De alguma maneira.

Tenho então tentado ser o mais útil possível por aqui, cuidando do pequeno Ben sempre que posso e ajudando Jack no restaurante todos os dias, já que metade da sua brigada está afastada por causa de uma virose.

Isso, oficialmente, é o que também está errado com Holly, que está faltando na escola há uma semana e praticamente não saiu do quarto. Não atende ninguém, nem a melhor amiga, Melissa, nem mesmo Josh. Ele passou a noite inteirinha do lado de fora da sua janela, mas mesmo assim ela não

quer vê-lo. E, quando ela sai, não fala nada; apenas vai nadar ou dar longas pedaladas sozinha. Eu fico tentando encontrar maneiras de me aproximar para poder ajudá-la, mas, depois do episódio de Kitty, fico com medo de tornar as coisas ainda mais complicadas. Isso não é algo que eu possa forçar; tenho que ser paciente, esperar até que ela queira falar, até que esteja pronta. E, quando estiver, estarei ali, esperando. Leve o tempo que for.

— Opa, esqueceu de limpar ali. — Jack aponta para uma mancha de molho de tomate no chão, que pulou da frigideira que estou usando.

— Ah, obrigada! — digo, abaixando-me para limpar, e ele fica olhando, todo sorridente, arrumando uma bandeja de bolinhos de caranguejo que um *sous-chef* acabou de preparar.

— Se o trabalho não sair direito...

— É melhor que nem seja feito — resmungo, de bom humor, limpando os azulejos.

— Está certíssima, Holly! — exclama de repente, olhando para a porta.

Paro, fora de seu campo de visão, agachada junto ao piso.

— Olá, visitante! — brinca com ela, correndo ao seu encontro para abraçá-la. — Já estava começando a me esquecer de como você é bonita! Quer almoçar? Você está meio pálida. O especial de hoje é um arenque delicioso!

— Não... Não, obrigada — diz ela. — Já comi.

Olho através do balcão. Ela não parece pálida, parece um fantasma, com uma cara acinzentada e derrubada, olheiras gigantescas e bolsas sob os olhos.

— Pai... — Ela respira fundo, com o dedo enroscado no cabelo. — Pai, você acha que poderia me emprestar um dinheiro? É só um empréstimo...

— Claro — diz Jack. — Quanto?

Ela hesita um pouco.

— Quinhentos dólares?

Jack assobia.

— Uau, é um dinheirão, querida. Para que seria?

— É importante. — Holly morde o lábio. — É...

Enquanto ela demora para responder, um fornecedor entra pela porta da cozinha, carregado de verduras.

— Senhor Woods?

— O próprio — diz Jack, conferindo o pedido na prancheta do moço. — Para que seria, Holls?

— É que... eu decidi... — Holly vacila, os olhos inquietos percorrendo a cozinha inteira. — É que tem uma coisa que eu realmente precisava.

— Uma coisa de quinhentos dólares? — pergunta ele, olhando por cima da prancheta.

Ela confirma.

— Querida, se eu te der essa quantidade de dinheiro, vou querer saber para que será — diz Jack, finalmente assinando a nota do homem e devolvendo-lhe a prancheta.

Ela abraça o próprio corpo, acompanhando a saída do fornecedor.

— É que... — hesita. — É que eu quero fazer o teste.

Sinto o ar preso na garganta.

Jack olha para ela e engole em seco.

— O teste para a doença de Huntington?

Ela balança a cabeça, os olhos arregalados.

— Querida... — suspira ele. — Você não acha que deveríamos conversar sobre o assunto? Dar um tempo para a coisa toda? Não tem pressa...

— Eu preciso saber.

— Jack! — Uma garçonete invade a cozinha. — Os Prescott acabaram de chegar. Eles querem falar com você sobre um bufê para casamento.

— Já vou lá, em um minuto — Jack lhe diz, voltando-se para Holly, mas ela já está saindo.

— Holly-berry, essa é uma decisão muito importante, sabia? Precisamos sentar para conversar direito sobre o assunto, discutir tudo o que isso envolve. Eu realmente acho que você não precisa se apressar.

— Mas, pai, eu preciso...

— Você não precisa fazer nada, minha querida, está bem? — Jack passa a mão no cabelo dela, prendendo-o atrás da orelha. — Mas se mesmo assim você quiser seguir adiante com a ideia, depois que conversarmos direito sobre o assunto eu vou pagar, viu?

— Jack! — A garçonete aparece de novo, impaciente.

— Tudo bem, Holly-berry? — repete.

— Tudo — ela concorda, olhando para o chão.

Ele lhe beija a testa antes de seguir a garçonete para dentro do restaurante.

Holly fecha os olhos e suspira pesadamente.

Respiro fundo e me levanto.

— Holly?

Seus olhos se arregalam.

— Rosie! — Engasga. — Não te vi aí.

— Me desculpe, não queria te assustar, eu estava só... limpando o chão. —

Mostro-lhe o pano. — Seu pai é um carrasco. — Sorrio. *Seu pai*. Tomo cuidado para dizer “seu”.

— É — diz ela, abraçando o corpo novamente. — Eu que o diga. — Sorri fracamente, saindo pela porta dos fundos.

— Holly, espera! — Sigo-a até a porta de fora. — Escuta, você não deveria pagar. Pelo teste, eu quero dizer. Nenhum de vocês.

Ela se vira.

— A culpa de tudo isso é minha, é minha responsabilidade, e eu... te devo isso.

— Você não me deve nada, Rosie — diz ela com frieza. — Muito menos dinheiro.

Ah, meu Deus, saiu tudo errado, como se eu estivesse tentando comprá-la.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. — Engulo, escolhendo as palavras com bastante cuidado. — O que eu quis dizer é que... tem o dinheiro da herança de Trudie.

Ela olha para mim, surpresa.

— E ele é seu, Holly. Pertence a você, e não a mim. Você deveria ficar com ele.

Ela morde o lábio, hesitante.

— Não posso te entregar tudo de uma vez, é claro, mas olha, aqui tem cinquenta dólares — digo, pegando da bolsa. — E posso pegar mais do banco, mais tarde.

Entrego-lhe o dinheiro, mas ela não o aceita imediatamente.

— Obrigada — diz finalmente, pegando a nota. — Eu te pago de volta.

Balanço a cabeça.

— É seu.

Holly sorri.

— Obrigada.

Ela dobra as notas com cuidado e as enfia no bolso do jeans.

— Bom — digo, ansiosa para não estragar o momento dizendo ou fazendo algo desastrado. — Preciso continuar aqui. — E sigo em direção à porta.

— Espera! — ela diz de repente. — Rosie... você vai fazer alguma coisa amanhã?

Holly

Rosie fica me olhando e começa a demonstrar algum ânimo, mas eu hesito.

Será que isso não é muito louco? Será que estou ficando maluca? *O que estou fazendo?* De todas as pessoas que há neste mundo...

Mas ao mesmo tempo, penso, de todas as pessoas no mundo, qual a melhor para isso? Andy foi embora, e ela já passou por isso. Ela é a minha outra metade, o verso desta moeda. Ela pensou que estivesse na zona de risco e agora não está. Eu pensei que estivesse bem e não estou. Ela teve a doença da mãe com que se preocupar, e eu tenho a do meu bebê. Ela é a garota que espelha a minha vida.

— Estarei livre — diz ela com empolgação. — Amanhã, o dia inteiro.

Sorrio de leve.

— E... você tem os registros médicos de Trudie?

Ela olha para mim, surpresa.

— Eu... não, mas provavelmente posso pegá-los...

— Obrigada — digo, ainda tentando encontrar naturalidade naquilo tudo. — É que... seria bom vê-los. Descobrir se há qualquer outra surpresa genética, sabe?

O rosto de Rosie demonstra tristeza.

— Acho que é só mesmo a doença de Huntington — diz calmamente, olhando para o rodo.

— O que te levou a fazer o teste? — pergunto abruptamente.

Ela me olha, surpresa.

— Eu... — Respira fundo, pensativa. — Não podia mais viver com a sensação de não saber — diz simplesmente. — Eu assisti a todo o processo pelo qual minha mãe passou. Trudie, quero dizer — corrige rapidamente. — Vi o sofrimento dela, e depois a morte... tinha que saber se aquilo ia acontecer comigo também.

Balanço a cabeça.

— Mas muita gente escolhe não fazer o teste — ela diz rapidamente. — Jack está certo, você precisa de um tempo, precisa pensar direito no assunto...

— É só no que eu penso ultimamente — contraponho. — É a única coisa em que consigo pensar.

— Eu sei. — Rosie gesticula com tristeza. — Holly, eu sinto muito, eu nunca deveria ter te contado. Tudo o que eu fiz até agora foi arruinar a sua vida...

— Não — digo, embora as palavras teimem em admitir que sim. — Não, Rosie, você fez o que era certo. Eu precisava saber.

Preciso saber.

Ela fica olhando para o chão, e eu a observo: ela é o reflexo de mim.

— Rosie, não é sua culpa — digo-lhe, como se fosse um presente.

Ela então ergue os olhos em minha direção, cheios de lágrimas, e de repente se lança em um abraço, me apertando como se sua vida dependesse daquilo. Essa garota que roubou a minha vida e tripudiou sobre os meus sonhos. Eu deveria odiá-la, mas como poderia? Ela era eu, e agora eu sou ela. Esse erro que nos trocou de papel, que nos colocou uma no mundo da outra, também nos ligou para sempre. Ela é a única pessoa que pode compreender.

E, no fundo, ela não roubou minha vida. Ela não poderia ter pegado o que não lhe pertencesse de fato. Ela me trouxe a verdade e a dura realidade que veio com a carga toda. Mas não, ela não roubou a minha vida.

A verdade é que eu tenho vivido a vida dela até agora.

Rosie

Agarro-me firme a Holly, essa garota, essa incrível pessoa cuja vida eu destruí, mas que finalmente aceitou meu gesto de paz. Isto é apenas o começo, mas um começo já é importante. Eu posso apoiá-la, posso compreendê-la... Isso nunca vai compensar a dor que eu causei, mas posso fazer algo de bom por ela.

— Holly, se houver alguma coisa, qualquer coisa que eu possa fazer por você, se quiser conversar, se precisar de algo...

— Na verdade — diz ela, hesitante —, amanhã eu vou... Decidi que...

— Aí estão vocês! — exclama Jack, abrindo a porta da cozinha. — Chegou alguém para animar o ambiente.

Nós duas olhamos, surpresas. Sigo seu olhar e encontro Andy parado ali, meio sem jeito.

Andy. Meu coração vai ao céu. No momento, no exato momento em que estou fazendo as pazes com Holly, Andy também resolve voltar. Hoje é realmente o meu dia iluminado.

— Oi. — Alegro-me. — Você voltou.

— Oi — responde ele, desajeitado, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Ele olha para Holly.

— Vou... deixar vocês sozinhos — ela diz, dirigindo-se à porta.

— Na verdade — diz Andy, parando-a —, eu vim para ver Holly.

Holly

— Ainda estamos combinados para amanhã? — Andy me pergunta. — Deixei um milhão de recados na sua caixa postal...

Hesito ao ver o rosto de Rosie ficar branco de repente.

— Tudo bem — ela diz afinal, num esforço para fazer sair a voz. — Está certo. Vou... vou deixar vocês conversarem, então.

Baixa a cabeça ao passar por Andy, toda desconcertada, e tropeça pouco antes de sair de vista.

Olho para Andy, que também está de cabeça baixa, e ficamos em silêncio por um momento, com dificuldade de encontrar as palavras adequadas.

— Pensei que você tinha ido embora — digo, afinal. — Aliás, acho que todo mundo aqui pensou.

— Eu pensei mesmo em ir — admite. — Mas queria ficar por aqui caso você decidisse... caso você precisasse de alguém para te acompanhar. Amanhã. — Troca os pés, acomodando-se melhor. — E, além disso, meu telefone está com você.

— Ah — digo, procurando-o na bolsa. — Verdade! Tinha me esquecido completamente.

— Você esqueceu? — diz, surpreso. — Como você pode esquecer se ele vive tocando?

— Não tocou — digo-lhe, tirando o aparelho da bolsa. — Não fez sequer um som desde que...

— Me empresta — diz ele. — Está desligado. — Ele sorri, apertando um botão que faz a tela se iluminar. — É melhor verificar a caixa postal. Está cheia — mostra-me, devolvendo o aparelho para mim. — Pensei que você estivesse me ignorando.

— Mas por que eu faria isso? Fui eu que... — interrompo, constrangida, lembrando nosso beijo. — Me desculpe, Andy, eu não sei o que aconteceu na semana passada, não deveria nunca ter...

Ele encolhe os ombros.

— Acontece. Eu sou mesmo adorável — diz, todo alegre.

— Ah, vai... — Sorrio, olhando para o lado. — Mas e Rosie...

— Rosie e eu temos os nossos problemas — ele me diz. — Não se preocupe conosco. E você já tem o suficiente com que se preocupar. — Ele me olha suavemente. — Então, você ainda vai? Amanhã?

Respiro fundo e confirmo com um gesto de cabeça.

— Decidi que vou fazer o meu teste primeiro.

— Tem certeza?

— Não vou fazer o bebê passar por um risco desnecessário. Se o meu teste der negativo, então não tem por que... — Mordo o lábio.

— E se for positivo? — ele pergunta, com uma voz macia como algodão.

Fecho os olhos, estremeando com o vento que entra pela porta.

— Ainda não sei.

Rosie

Aquela cena de Andy beijando Holly não sai da minha memória, e eu me sinto enjoada.

Todo esse tempo... todo esse tempo eu fiquei telefonando, deixando mensagens, implorando a ele que falasse comigo, e ele estava na verdade ligando para ela?

Descendo a rua e enxergando através das lágrimas que me lavam o rosto, lembro-me da máxima: “Cuidado com o que deseja”.

Esta semana inteira rezei para encontrar uma forma de compensar as coisas para Holly, jurando a mim mesma que abriria mão de qualquer coisa, qualquer que fosse, para confortá-la... Mas nunca sonhei que estivesse abrindo mão de Andy. Ele é o meu futuro. Pelo menos eu pensava que fosse.

Talvez seja o destino...

Sinto um nó na garganta.

Talvez eles fossem mesmo predestinados a ficar juntos...

Se Holly e eu nunca tivéssemos sido trocadas, eu teria sido criada aqui, afinal, e nunca conheceria Andy. Em vez disso, Holly e Andy estariam juntos em Bramberley.

E fui eu que os coloquei juntos. Porque Andy nunca teria vindo aqui se não fosse por mim, se eu não o tivesse arrastado nessa montanha-russa maluca.

E, mais uma vez, a culpa é toda minha.

Holly

Fico olhando da janela do meu quarto em direção à calçada já escura.

Ainda não há sinal de Rosie.

Espero que ela esteja bem. Espero que não esteja se escondendo em algum lugar, chateada.

Espero que mantenha sua promessa...

Dou um suspiro. *Ah, sim, claro.* Claro que ela ainda vai querer me dar quinhentos dólares depois que o namorado aparece do nada... para me ver.

Jogo-me na cama.

Mas a minha consulta é amanhã...

Mordo a boca, pensando: poderia pedir para meu pai depois que ele terminar o trabalho, mas...

Mas ele quer sentar para conversar mais detalhadamente, lembro-me com tristeza: “Você não acha que deveríamos conversar sobre o assunto? Dar um tempo para a coisa toda? Não há pressa...”.

E como eu poderia convencê-lo de que há pressa, sim, sem contar que estou grávida?

Fecho os olhos, imaginando a caixa de Pandora que eu iria abrir com essa informação, algo que nem consigo imaginar neste momento. Já está tudo tão difícil como está...

Deito-me no travesseiro e puxo a carta de Kitty de dentro da gaveta.

Querida Holly

Eu sei que nada do que eu disser pode compensar o que fiz a você, ou os anos que perdi...

Ah, jura?

E agora você provavelmente não vai acreditar em mim, mas eu estou arrependida de todos os dias que se passaram nesses anos.

Oh, meu coração se desfaz.

Você é adulta agora, Holly, e, da mesma forma com que me dou conta de que perdi a chance de ser uma mãe para você, qualquer tipo de mãe, espero que aceite meu presente de dez mil dólares.

Tradução: eu sou rica, e posso me tirar de qualquer encrenca ou situação com dinheiro, como sempre faço.

Foram tantos aniversários perdidos, tantos natais, e assim como eu sei que o dinheiro nunca vai compensar o tempo que perdemos, espero que possa ser útil para você e pelo menos tornar a sua vida mais fácil de alguma maneira nessa sua empreitada para a vida adulta, para a faculdade, ou qualquer que seja o caminho que você for escolher.

Engulo em seco. “Qualquer caminho que eu escolher...”

A última coisa que eu quero nesta vida é tornar a sua vida ainda mais difícil, mas tenho medo de que, agora que nossos caminhos se cruzaram mais uma vez, a mídia possa tentar se intrometer na sua vida, como faz com quase todos os aspectos da minha.

Estremeço só de pensar em repórteres invadindo a nossa casa, escavando em busca de nossos segredos, meus segredos, publicando-os para o mundo inteiro compartilhar...

Consequentemente, acho que seria muito melhor para todos nós se a mídia pudesse não ser envolvida, e imagino se você poderia fazer a gentileza de assinar o formulário anexo, preenchendo com os seus dados bancários, e me enviar de volta para que eu possa transferir o dinheiro diretamente.

Dez mil dólares... Bato os olhos no formulário: um espaço para a minha conta bancária, o parágrafo prometendo que não vou falar com a imprensa e um quadradinho para a minha assinatura.

Dez mil dólares...

Minha querida Holly, você pode não ser minha filha biológica, mas você é o bebê que eu segurei nos braços, a criança a quem dei o nome, a filha de quem eu tive saudades todos esses anos.

Sinto um nó na garganta.

Por favor, acredite em mim quando digo que nunca vou me perdoar por tê-la abandonado. A única desculpa que eu tenho é que eu tinha dezessete anos, ninguém sabia que eu estava grávida e eu estava assustada demais.

Mordo o lábio. Ela era exatamente como eu — percebo de repente. Com o agravante de que era ainda mais nova...

Tenho muita vergonha do que fiz, e compreendo se você achar que nunca vai me perdoar, se nunca quiser me ver ou falar comigo. Mas eu seria eternamente grata se você aceitasse o meu gesto de paz e permitisse ao menos te ajudar de uma forma simbólica, minha Holly.

**Sinceramente,
Kitty Clare**

Olho para a carta.

De algum modo, ela já não me desperta a raiva que despertou da primeira vez. O que ela fez já não me parece tão terrível, afinal. E, apesar de não entender o motivo, sinto até uma pontada de compaixão por ela, por essa mulher que me largou e cujos passos eu venho seguindo inadvertidamente.

Sim, Kitty abandonou seu bebê. Mas ela era uma adolescente, mais jovem até do que sou hoje. E eu não estou fazendo algo parecido, ou ainda pior, considerando a ideia do aborto? Fecho os olhos.

Pelo menos Kitty está tentando compensar o erro do passado. Verdade, o dinheiro não é um método muito digno de se fazer isso, mas, do jeito que as coisas estão configuradas neste momento, é exatamente o que eu preciso. Kitty pode não ter sido minha mãe por todos esses anos, mas agora, ironicamente, ela é a única pessoa que pode me ajudar, me dar o dinheiro de que preciso, sem perguntar nada.

E ela o ofereceu de bom grado, sem que eu pedisse.

Em troca de... de quê? Perdão? Desfecho? Uma garantia de que eu não vou disparar atrás de um tabloide e vender minha história? Como se eu quisesse... Por que eu iria gostar que minha vida fosse invadida, que meus segredos fossem espalhados em tudo quanto é revista, jornal, site?

Além do mais, se não puder perdoá-la, certamente posso engolir meu orgulho em prol do meu bebê. Em prol dos dez mil dólares que vão viabilizar esse teste anônimo, de maneira a proteger meu futuro. Ou o nosso futuro.

E por que motivo eu não teria direito a receber algo de Kitty depois de todos esses anos? Ela realmente tem uma dívida comigo. E está certa, vai facilitar a minha vida, sim... as minhas decisões. Vai facilitar muito...

Analiso o formulário por bastante tempo, depois pego uma caneta e preencho tudo, assino e envio o fax.

Talvez eu possa tirar algo de bom dessa situação horrorosa, afinal de contas.

Rosie

O vento congelante sussurra por cima dos meus ombros enquanto estou parada em frente à gigantesca árvore de Natal montada com gaiolas de pesca de lagosta. Suas luzes coloridas piscam programadas, em contraposição à noite escura e gelada, e ao fato de que não há mais quase ninguém para contemplá-la. Afinal, o Natal já passou há quase um mês.

As fitas vermelhas tremulam, movidas pela brisa, e tento me proteger, enfiando-me cada vez mais no capuz do moletom. Não me protejo do frio, mas da ideia de voltar para aquela casa. Não me sinto pronta para encarar aquilo tudo, principalmente se Andy ainda estiver lá. Já inventei uma quantidade enorme de cenas imaginárias dele com Holly, e adicionar possíveis cenas reais a esse roteiro pavoroso seria arriscado demais para mim.

Encolho-me ainda mais dentro do casaco, onde ainda guardo em segurança o dinheiro de Holly. Aquilo ainda é dela, é um dinheiro que lhe pertence e que ela merece, seja o que for que esteja se passando com Andy. Pelo que entendi, ela não tem atendido as ligações dele, os “milhões de recados” que ele deixou na caixa postal, recordo com amargura.

Percebo que ainda estou brincando com o colar que ele me deu, e bruscamente arranco a mão dali, voltando a me absorver com as luzes até elas perderem o foco, como os reflexos da cidade nas ondas do mar. E, de repente, não as enxergo mais.

— E aí? — Andy se aproxima e fala baixo.

Não olho para ele.

— Ué, como você sabia que eu estaria aqui?

— Eu não sabia.

— Ah. — Titubeio, brava comigo mesma por não ter contido o pulo do meu coração ao notar sua chegada, e por estar tão arrasada. Ele não veio me ver, é só uma coincidência, porque afinal a cidade é pequena demais.

— Eu procurei em todo canto — explica Andy, jogando-se cansado no banco ao meu lado. — E, além disso, não há tantos lugares assim nesta cidade onde procurar. Ainda mais na baixa estação.

Ele sorri, tentando ser engraçado, mas eu não o encaro.

— E então eu me lembrei de como você tinha gostado dessa árvore quando a encontramos. — Ele olha para a árvore, e eu me entretenho com a lagosta de plástico da decoração, toda feliz, coroada ali no topo sobre as caixas

embaladas em fita vermelha, e tento ignorar o calor que sinto emanar do corpo de Andy, tão perto de mim.

— Rosie — ele suspira. — Me desculpe pelo que eu disse. Eu estava errado. — Ele olha para mim. — Você fez a coisa certa ao vir aqui e contar para eles... — Respira fundo. — Holly tinha mesmo que saber. O que ela está passando, tudo o que aconteceu... Nada disso é culpa sua. Nada disso. E é um gesto muito corajoso da sua parte encarar as consequências, assumir a responsabilidade. Eu não seria tão bom nisso... — Ele sorri, arrependido. — Então vim aqui dar a mão à palmatória.

Ele põe a mão suavemente sobre a minha, e eu não me movo.

— Tenho muito orgulho de você, Rose. Você é muito forte. Quando eu penso em tudo por que você acabou de passar... Acho que você é a garota mais valente que já conheci.

Andy aperta minha mão com firmeza, juntando nossas palmas.

Aperto de volta.

— Obrigada, Andy.

— E Holly precisa da sua força. Precisa de você, mesmo que não pareça estar pronta para admitir isso.

Desvio o olhar, sentindo de novo um frio repentino, apesar de sua mão quente envolver a minha.

— Holly — confirmo. — Você voltou por ela.

— Não seja boba, Rose — diz baixinho, desembaraçando meus cabelos que voam soltos no vento. — Eu só estou... ajudando a menina com umas questões, tentando seguir o seu exemplo. — Ele segura meu rosto com as mãos, mantendo os olhos profundamente fitos nos meus. — Não há nada entre mim e Holly. Nesta história, só tem eu e você. — Passa a mão no meu rosto com carinho. — Sempre houve só nós dois.

Olho para aqueles olhos ilegíveis no escuro, brilhando ao reflexo das luzinhas que piscam na árvore de Natal.

— Pensei que você tivesse ido embora para sempre.

— Mas eu prometi que ia voltar — lembra-me, apertando minha mão. — Não dava pra deixar as coisas como estavam. Eu tinha que vir pedir desculpas, dizer que você estava certa. — Sorri. — E você parece estar construindo uma coisa bem legal com Jack... com Holly...

— Espero que sim.

— E, pode acreditar, você não perdeu nada em Washington. Nem mesmo fui aos museus do Smithsonian. Tia Patty me veio com uma agenda cheia, me

levou para conhecer todos os amigos e vizinhos dela; mal dava para escapar.
— Sorri.

Devolvo-lhe um sorriso enfraquecido.

— E você também estava certa ao dizer que a sua presença era necessária aqui.

— Mas e você...? — pergunto, insegura.

— Eu fico se você quiser — promete. — Mas você não precisa de mim, Rose, veja como você avançou por conta própria. Você está construindo algo sólido aqui, e eu realmente não quero te atrapalhar nisso. — Acaricia o meu rosto. — Eles são a sua família, Rose, e não há nada mais importante do que isso. É a sua prioridade. Eles precisam de você integralmente, por quanto tempo você quiser.

Concordo com dificuldade, olhando para as nossas mãos entrelaçadas e tentando detectar de quem é cada um daqueles dedos juntos.

— E onde ficamos nós dois nessa história?

— Não sei — diz, suspirando. — Eu te amo, Rosie Kenning. — Ele agarra a minha mão tão forte que chega a me doer o coração. — E fico muito feliz que as coisas estejam se resolvendo para você, com Kitty, Jack e Holly... Fico mesmo feliz por você — continua, com os olhos brilhantes. — Mas, neste momento... parece que estamos trilhando caminhos diferentes.

Andy levanta meu queixo e eu engulo em seco, sentindo tudo dentro de mim se revirar.

— Quando tudo se acalmar, quando chegar a hora certa e nós dois estivermos prontos... Aí sim, nossos caminhos vão voltar a convergir. Será o nosso momento... — Vejo seus olhos se perder por um instante. — E o nosso momento vai chegar, eu sei disso. — Sorri com força de vontade, o que me deixa ainda mais engasgada. — E então vamos finalmente viajar juntos. Só você, eu, a praia, o mar... sem estresse sem preocupações. E vai ser incrível — anima-se. — Se a nossa pequena semana em Nova York for uma amostra do que podemos viver, então eu mal posso esperar!

Diante daqueles olhos iluminados, consigo relaxar e soltar uma risadinha.

— Eu te amo, Rosie — diz ele, com a voz rouca, completando com um beijinho na bochecha. — Mas por enquanto... pelo menos por enquanto... Eles precisam mais de você.

Concordo, com dor no coração, e de repente seu rosto fica turvo na escuridão.

Ele então me puxa para perto e fecho os olhos, tentando guardar para mim

esse momento, a sensação do seu corpo quente contra o meu, cada centímetro em que ele encosta em mim... até que nos separamos.

— *Au revoir*. — Ele sorri, beijando-me suavemente, e depois caminha para longe a passos lentos.

E, embora eu sinta frio sem ele, tremendo violentamente em plena praça vazia, a observá-lo desaparecer noite adentro... embora o futuro seja também uma escuridão, pois não sei quando conseguirei vê-lo novamente... uma chama se acende.

Holly

O sol escaldante começa a se alastrar sobre as casas da vizinhança, primeiro escorregando pelos telhados e depois ganhando cada ponto antes sombrio. Bato a sujeira dos joelhos e me retorço até o cantinho empoeirado. Aqui em cima é ainda menor do que eu me lembrava, mais escuro e úmido. Mas é claro que seria, eu não subo aqui na minha casa da árvore há uns oito anos.

Fecho melhor o casaco, protegendo-me do frio da manhã, olhando em volta para as fotos já descascadas e os brinquedos em desuso. Um tabuleiro de xadrez esquecido há anos está ali no canto, jogado, apodrecendo com os anos. O fundo claro quase desapareceu, assim como o pedaço de tapete, encharcado, que tenho sob os pés. Sim, já faz muito tempo, praticamente uma vida inteira, mas este ainda é o meu lugar. A sala de brinquedos que o papai construiu para mim; o clubinho onde Melissa e eu compartilhamos nossos segredos, espionamos os garotos vizinhos, que ficavam horas tomando sol, e nós ali, imaginando como seria o primeiro beijo de cada uma.

Encosto-me num canto, passando a mão sobre uma coisa macia. Recolho-a do chão, tiro a poeira e me surpreendo: seu pelo está todo encaroçado, endurecido pelos anos de exposição ao tempo e pelas aventuras que compartilhamos, mas os olhos cor de chocolate do meu ursinho de pelúcia sorriem para mim de um jeito maravilhosamente familiar e íntimo, assim como seu cheirinho me traz lembranças: Sr. Brown. Meu brinquedo predileto desde que eu era bebê.

Bebê. Abraço a barriga, começando a transpirar por debaixo da cinta elástica.

Você vai subir aqui para brincar um dia, bebezinho? Vai cuidar do Sr. Brown, ler esses livros, escalar pela corda?

De repente, a escada se estica e eu dou um pulo para trás, dando de cara com a cabeça de papai, que aparece no vão das tábuas.

— Olá. — Ele sorri, cambaleando nos degraus. — Me desculpe, não queria te assustar, é que seu telefone estava tocando. — Ele me joga o celular de Andy, e eu dou uma olhada rápida para conferir se é da clínica. Esqueci de verificar a caixa postal.

— Permissão para entrar?

Encolho os ombros, limpando os olhos, e abro espaço rapidamente para que ele entre, engatinhando, todo desajeitado no ambiente apertado, batendo os joelhos no queixo.

— Gostei da decoração — debocha, notando as camadas de poeira e as teias de aranha.

Apesar do clima em que estou, sorrio. Ele parece ridículo ali, um gigante enfiado numa conchinha.

— Meu Deus, eu nunca mais... — Ele engasga, fitando o ursinho de pelúcia. — Senhor Brown! Como está você, amiguinho? — Afaga as orelhas do bicho com nostalgia. — Pensei que o tivéssemos perdido anos atrás e nunca quis falar no assunto, porque lembrava de uma vez em que você ficou sem ele por um único dia e ficou inconsolável. Nem o sorvete que eu deixei você tomar de café, almoço e jantar foi capaz de animá-la! Você chorava tanto que ficou com dor de cabeça. Fui buscar uma aspirina e, por sorte, o encontrei enfiado na bolsa de remédios.

Jack ri com a lembrança.

— E nunca vou me esquecer da sua expressão quando eu levei o urso para o seu quarto, montado nas minhas costas. Você me olhava como se eu fosse um herói, como se eu pudesse resolver qualquer problema. — Sorri, saudoso. — Eu adorava essa sensação: você vindo para mim com os machucados, os pesadelos, e eu dava um beijinho para melhorar, um beijo que resolvia tudo como o toque de uma varinha de condão. Era a melhor sensação do mundo.

Ele se alegra por um momento, e em seguida seu rosto ganha um tom mais sério.

— Desculpa, Holly-berry, por não poder resolver isso pra você dessa vez. — Suspira pesadamente. — Eu daria tudo, e você sabe disso, tudo o que eu pudesse para mudar as coisas, para trocar de lugar com você...

Pela primeira vez, olho para ele e o vejo envelhecido.

— Perdeu a varinha de condão? — brinco com ele, com a voz forçada.

Ele então sorri, melancólico.

— Parece que sim.

Olho para o piso de madeira irregular, cheia de nós que desenham curvas e arabescos aos nossos pés, aquele chão que nem sei como ainda consegue nos manter ali em cima.

— Mas eu ainda tenho alguns poderes mágicos.

— Ah, é mesmo? — Ergo a sobrancelha.

— A-hã. Meus ombros ainda são ultrarresistentes para suportar megapesos, e, além disso, tenho habilidades supersensíveis nestes ouvidos altamente treinados para compartilhar.

— Vem de brinde! — Abro-lhe um sorriso que o alegra.

— Então... você e Josh...

Encolho os ombros.

— Não deu certo.

— Ah, sinto muito — papai responde, com sinceridade. — Mas o que aconteceu?

— Apenas... Não deu certo — repito com sobriedade.

— Entendo. Só espero que não tenha sido a doença de Hunt...

— Foi melhor assim — interrompo rapidamente.

— Entendi. — Ele balança a cabeça, e ficamos ambos olhando para o chão. — E, sabe, também tenho poderes supersônicos de calar a boca... — diz ele com delicadeza. — De vez em quando...

Sorrio, apesar da situação toda.

— Utilizado com moderação.

— Sim, utilizado com moderação — confirma, sorrindo de volta.

— E tem também poderes sobre-humanos de abraço?

— Ah, esses — diz ele, envolvendo-me completamente nos braços longos e puxando-me para perto — são a minha especialidade.

Fecho os olhos e recosto-me nos seus ombros, sentindo o cheiro familiar do seu casaco, azedinho de mofo.

— Ah, Holly-berry — suspira, ninando-me como a uma criança. — Sabe, parece que não faz mais do que dois minutos que eu te dei Senhor Brown para te ajudar a dormir quando você era bebê. — Olha para mim. — Sabia que ele era meu quando eu era molequinho?

Olho para ele.

— Jura?

— Eu gostava tanto desse bicho que nunca ia a lugar nenhum sem ele, e nunca pensei que pudéssemos nos separar. Mas então aconteceu de eu encontrar algo que amasse infinitamente mais: a minha primeira filha.

Sinto o coração disparado e cheio de ternura.

— Então o ursinho nem era para ser meu, não é? Era para Rosie. Assim como todas as outras coisas.

— Não, Holly-berry — continua, delicado. — Ele sempre foi seu. Era você que precisava dele, que não conseguia dormir sem ele. Que o amava. — Ajeita meu cabelo. — Algumas coisas são nossas porque nascemos com elas: o dna, a cor dos olhos... E outras são nossas porque são parte de nós, são aquilo que escolhemos ser. E isso é infinitamente mais importante. — Suspira. — A doença de Huntington, por exemplo... Seja você positiva ou negativa, nunca será o que você é de fato, não vai te definir, Holly.

Desvio o olhar.

— O que te define são as decisões que você toma. As coisas que você faz, as pessoas que ama e que te amam de volta. Isso, sim, são as coisas que realmente fazem você ser o que é. — Sorri. — E é por isso que o Senhor Brown será sempre seu, assim como a casa da árvore e a cicatriz do seu joelho, causada pelo tombo de triciclo. — Entrelaça os nossos dedinhos. — Ele é uma parte de você. Interligado, inseparável. E ninguém pode te tirar isso. Jamais. — Alonga-se em um olhar profundo e carregado. — Ele será sempre seu.

Meu coração vem à boca.

— Até que você decida dar para o seu filho, um dia. — Jack sorri, entregando-me o Sr. Brown e trazendo-me para mais perto. — Ser pai é uma coisa louca — sussurra entre os meus cabelos. — A gente não tem ideia de que é possível amar tanto outra pessoa. E como essa outra vida pode ser tão mais importante do que a sua... até ser pai.

Olho para o Sr. Brown e engulo em seco. Agora é a hora, este é o momento.

— Papai...

— Eu sei, eu sei... vou ficar quieto. Mas você vai entender um dia, quando chegar a sua hora.

— Pai...

— E isso será daqui a muito tempo, no futuro, estou sabendo! — Começa a rir. — Agora, poder supersônico de calar a boca ativado!

— Não, pai — hesito. Tenho que fazer isso. — Pai, sabe os ouvidos supersensíveis?

— Supersensíveis e altamente treinados para compartilhar — corrige.

— Pai.

— Desculpa. Calado, ativar!

Olho para ele, com o coração me rasgando o peito. E de repente sorrio, certa de que tudo vai ficar bem.

— Pai, eu... eu estou...

— Jack! — grita Megan do quintal.

Papai dá uma olhada para baixo e depois se volta para mim.

— Continue.

— É que eu... — recomeço.

— Jack!

Seus olhos ainda permanecem firmes nos meus.

Respiro fundo.

— Jack! — Megan grita novamente. — Jack, onde você está?!

Olho para ela lá embaixo, de um lado para outro, agitada, e meu pulso se acelera. Não posso fazer isso de um jeito atabalhado.

— Melhor ver o que ela precisa — digo-lhe, frustrada.

Ele enfia a cabeça para fora da porta.

— Megan! — exclama. — Estou na casa da árvore com Holly. Será que isso pode esperar?

Megan se aproxima, apressada, com um envelope gigantesco nas mãos.

— Me desculpe, não pode — diz, tirando os cachos de cabelo dos olhos. — Jack, você tem que ver isto — continua, com uma expressão completamente pálida. — E, Holly, você também.

Rosie

Bebo água direto da torneira da pia, fria e refrescante depois da caminhada pelo píer, sentindo o rosto quente, apesar do frio da manhã.

— Caramba, afinal, o que a gente pode fazer a respeito disso? — A voz de Jack vem da sala e me faz pular. Fecho a torneira com cuidado e corro para o andar de cima, para evitar ficar no meio de mais uma briga.

— Rosie — Megan chama do corredor, e seu cabelo me chama a atenção, pois parece um ninho de cachinhos. — Você voltou.

— Mas vou lhes dar licença — digo rapidamente.

— Não, Rosie — suspira. — Querida, é melhor você vir aqui para ver isto.

Volto lentamente para baixo, prevendo que terei que enfrentar alguma coisa.

Jack está sentado no braço de uma poltrona, com as costas arqueadas, observando o conteúdo de um envelope todo espalhado na mesa de centro.

— Preciso respirar — resmunga Holly, passando bruscamente por mim.

— O que está acontecendo? — pergunto com calma, embora já sinta o corpo formigar de medo da resposta, pois a tensão no ambiente parece pender do teto como pingentes de gelo prestes a rachar.

— Isto aqui chegou há pouco — diz Megan sobriamente, entregando-me uma pilha de fotos.

Olho para elas, surpresa. São minhas. Kitty e eu no centro de Boston. Experimentando roupas, fazendo as unhas, nossos abraços chorosos...

— Não... não estou entendendo — digo com a testa franzida. — Quando foi... Como?

— Foram enviadas por uma tal de Janine Lithgow — Jack suspira. — A relações-públicas de Kitty.

— Janine... — Paro para pensar. Janine, a assistente? Ela é a relações-públicas de Kitty? — Não estou entendendo — repito, buscando ajuda de Megan para compreender. — Não sei como essas fotos foram tiradas, só estávamos Kitty e eu.

Então me lembro de repente: Janine e sua gigantesca bolsa Gucci... agarrada a ela no carro, espiando no provador na Chanel... arremessando desesperadamente a bolsa para Kitty quando saímos da limusine...

— Não entendo... — Jogo-me numa cadeira. — Por que ela...? — Olho para Jack, mas ele está concentrado no chão, com a cabeça entre as mãos. —

Me desculpe — digo, desesperada. — Não queria te aborrecer com isso.

— Você não aborreceu — diz Megan, com um sorriso fraco e a mão calorosa sobre a minha. — Não foi você que o aborreceu.

— Então de que se trata?

— Isto aqui veio com as fotos — interrompe Jack. — É o rascunho de uma matéria de imprensa: “*Mamma mia* — finalmente reunidas! Como encontrei minha filha perdida”.

— O quê? — Mal posso acreditar naquela página, cujas frases ficam pulando na minha cara: “Bebês trocados! Reencontro cheio de lágrimas! Uma vida de tristeza e dor...”. Meu estômago se revira ao ler minhas próprias palavras: “Não era intenção dela ser violenta, era a doença. E durante todo esse tempo, eu passei o medo de ter herdado também”. — O que é isso?

Jack suspira.

— Acho que é uma estratégia publicitária. Kitty está se reinventando no papel de madre Teresa, aparentemente. Ou de *Mamma mia*, que seja. Aqui diz que ela é a indicada para o novo título da Broadway depois de... Veja só: “Há fortes rumores de que a sua filha verdadeira vai contracenar como sua rival!”. — Atira o envelope de volta à mesinha. — Eu não devia ter deixado você ir com ela — resmunga. — Que sujeirada...

Fico olhando para aquele artigo, as fotos, o rosto sorridente de Kitty. *Tudo não passou de uma estratégia publicitária?* Uma jogada carreirista? Lembro-me das suas lágrimas ao me deixar aqui, do amor nos seus olhos, do arrependimento. Parecia tão real... E foi real, tenho certeza.

Mas então me dou conta: ela é uma atriz, é o que ela faz na vida. Enganar as pessoas, decepcioná-las ao fazê-las pensar que ela é alguém que no fundo não é. Esse é o trabalho dela. No palco, sob as câmeras, inclusive o relacionamento... Ah, meu Deus, ela até me disse isso... É tudo armação, um golpe de carreira. “A minha vida inteira é uma grande farsa, Rosie, nada é de verdade...”

Menos quando não há luzes, câmeras escondidas ou visíveis. Aí surge a Kitty de verdade; aquela que eu vi em Nova York. Aquela que não queria nada comigo, até que eu pude lhe ser útil.

Como pude ser tão burra? Passo os olhos na folha de papel de novo, e as palavras daquele dia no hotel ecoam nos meus ouvidos: “Eu precisava mesmo era de um gancho, sabe, instigar a imaginação do público, atrair o interesse da mídia, para renovar o meu perfil constantemente...”. Bom, que gancho melhor do que uma filha perdida? Uma trocada na maternidade, ainda por

cima? Um escândalo? Seguido de fotos desse reencontro feliz?

Fecho os olhos, enjoada com toda essa história, com a traição e com a minha burrice.

Foi tudo encenação. Ela nunca me amou, nunca me quis... Andy estava certo, eu devia ter percebido, devia ter desconfiado quando ela apareceu do nada, toda cheia de abraços e sorrisos. Mas não: em vez disso, eu engoli a farsa toda. Mordi a isca sem questionar.

Mas também... Eu queria tanto...

— Me pediram para comentar a saga toda antes de mandarem para a imprensa na segunda-feira. — Jack suspira. — Arrisco até dizer que ela vai mandar para um desses tabloides sensacionalistas, ou uma revista de celebridades, talvez on-line...

— Não! — protesto, sentindo o sangue correr gelado. — Ela não pode fazer isso!

— Ah, acho que pode, sim — Jack contesta sem energia. — Eles publicam qualquer coisa que envolva uma celebridade.

— Não! — continuo exclamando, de olhos fortemente fechados. — Ah, meu Deus! Nana! Minha vó! Ela não sabe...

— Não sabe o quê, Rosie? — pergunta Megan lentamente.

— Não sabe absolutamente nada! Não sabe da troca, da confusão, de nada. — De repente, o rosto frágil de Nana paira sobre a minha visão. — Isso é capaz de destruí-la!

Megan olha para Jack e eu para o artigo, inundada pela tristeza que aquilo está prestes a causar, desejando poder voltar no tempo, desejando nunca ter ouvido falar de Kitty Clare...

— Talvez eles não publiquem no Reino Unido, não é? — pergunto, desesperada. — Lá onde eu moro ela nem é famosa. Essas revistas, jornais, essas histórias... São só para o público americano, não são?

— Acho que sim... — Megan me conforta. — Mas, querida, e o tribunal?

— O quê? Que tribunal?

— Rosie — diz Jack. — Kitty pretende processar.

— Como assim? — pergunto, paralisada.

— Ela vai processar o hospital onde você nasceu — explica. — Isso faz parte da campanha “mãe do ano”. Ela quer registrar tudo, quer retificar a sua certidão de nascimento, quer ser oficialmente reconhecida como a mãe, apesar do detalhe de, durante dezoito anos, nunca ter demonstrado nenhum interesse em...

— Não! — Olho para ele sentindo o horror tomar conta de mim como lava incandescente. — Sarah...

— Pelo menos isso mostra que ela te quer... — Megan tenta remediar. — Depois de todos esses anos.

— Não mostra nada disso! — Jack rebate. — É tudo publicidade. Ela não faz ideia da caixa de surpresas que está abrindo. Você faz alguma ideia do que isso pode significar para todos nós? Além de nos tornar vítimas de jornalistas dia e noite plantados aqui, escarafunchando a nossa vida? Rosie e Holly terão a vida inteira bagunçada!

Olho para ele, atônita, sentindo o mundo cair à minha volta.

— Vocês duas moram em países diferentes, pelo amor de Deus, não se pode simplesmente virar uma chave e voltar dezoito anos no tempo. Vocês têm passaportes diferentes, documentos diferentes, e a lista é enorme. E tudo isso vai ser investigado, “retificado”, só para que Kitty possa levar o prêmio “história do ano”!

— Ai, Deus... — Sinto-me tonta. Compreendo de repente o alcance dessa história. — Kitty não pode processar... não pode... Vou negar tudo! — protesto. — Vou dizer que ela inventou tudo!

— Ela fez um teste de DNA, querida — diz Megan, toda cuidadosa.

— DNA? Que DNA? Como?

— Aqui diz que foi das suas unhas.

— Minhas unhas? — Lembro que Janine insistiu para que fôssemos à manicure juntas, assim que chegamos. “Um passeio perfeito para meninas.” E era só para coletar as minhas unhas? — Não! — exclamo. — Temos que impedir tudo isso!

— Não vejo como poderíamos, Rosie — Jack suspira. — Afinal de contas, Kitty tem a história toda nas mãos, e tem razão: trocar bebês é um erro brutal.

Fecho os olhos com força. Mas não foi... Ah, meu Deus, se eles investigarem... Sarah...Meu Deus, Sarah... Fico até enjoada com a perspectiva.

Esse é o pior cenário que eu poderia imaginar. Se Nana descobre, ela pode ter um ataque cardíaco; Sarah pode ser presa, ir para a cadeia. E tudo por minha causa, por causa da *minha burrice*!

— A culpa é minha... — soluço, com a voz entrecortada. — É tudo culpa minha...

— Não — Megan responde firme. — Não, Rosie, não é culpa sua, você é a vítima aqui. Você e Holly. Foi tudo um acidente, um terrível acidente.

— Só que não foi. — As palavras de Holly me cortam as lágrimas como gelo, interrompendo até a minha respiração.

— Holly, sente-se, querida, você está chateada — diz Jack.

— Não, pai — ela continua, calmamente. — Eu sei do que estou falando. Não foi acidente. Foi intencional.

Ergo os olhos para vê-la por entre as lágrimas, ali parada sob o batente da porta, segurando um objeto pequeno e brilhante, que levo um instante para reconhecer.

— Fomos trocadas intencionalmente — diz ela de novo, com os olhos frios e claros, e o celular de Andy reluzindo na mão. — Não fomos, Rosie?

Holly

A verdade cai como uma bomba diante de Rosie. Eu vejo isso transtorná-la, e a Megan também e a papai.

Ela tem calafrios sob os nossos olhares. A senhorinha do bem está exposta sob as luzes arrebatadoras de sua mentira.

— Não estou entendendo — começa Megan. — Do que você está falando? Como...?

— Acho que Rosie é que deveria explicar — sugiro, puxando uma cadeira. — Afinal de contas — olho para ela com frieza —, Sarah é sua amiga, não é?

Vejo-a contorcer-se diante das minhas palavras, de olhos fechados e com o corpo visivelmente contraído na poltrona.

— Rosie? — Megan pergunta calmamente. — Quem é Sarah?

Rosie então baixa a cabeça, apoiando-a nas mãos.

— Rosie?

Respira fundo.

— Sarah — diz lentamente, a voz rouca e irreconhecível. — Sarah é... a minha vizinha, uma amiga da família. — Ela diz isso e logo se interrompe com um suspiro trêmulo, concentrada no pensamento, de olhos fechados. — E também é parteira.

Papai a encara, e eu também, lembrando-me da mensagem de Rosie na caixa postal de Andy: “Certa ou errada, Sarah mudou tudo para mim e para Holly quando nos trocou na maternidade...”.

— Mas... como? Quer dizer, por quê? — Megan tenta entender. — Por que ela iria trocá-las?

— Ela pensou... — Vejo Rosie lutar para encontrar as palavras certas, se é que alguma palavra se aplica a esse momento. — Ela pensou que estivesse fazendo a coisa certa...

— Mas como? — papai pergunta impaciente. — Como ela poderia pensar... — Esfrega as mãos no rosto, e sua expressão fica ainda mais dura. — Meu Deus!

— Sarah disse que... que Kitty não queria o bebê — explica Rosie, com a voz falha e uma sensível agonia marcando cada palavra. — Que ia abandonar a criança...

Papai olha para ela, fortemente concentrado. Desvio o olhar, assim como Rosie, que tem os lábios trêmulos.

— Ela achou que o bebê de Trudie ia morrer — continua, ainda se esforçando para manter a voz. — Meu pai teve um acidente de carro a caminho do hospital... e morreu. E Sarah achou que a mamãe... que Trudie não ia aguentar mais um sofrimento.

Ela não contém o choro, e as palavras começam a se misturar com as lágrimas. Cruzo os braços com firmeza, determinada a suprimir qualquer simpatia àquela história.

Tal mãe, tal filha. A matéria estava certa: ela é exatamente como Kitty, trazendo à tona a história horrorosa, para me fazer ter pena, me fazer pensar que ela é como eu, que ela realmente quer consertar os erros... Quando na verdade ambas só queriam mesmo era me comprar: Kitty com seus dez mil dólares, e Rosie com os quinhentos dólares que passou por baixo da porta na noite passada. Só estavam ambas querendo esconder a amarga verdade.

Rosie sempre soube que a troca foi intencional, e Kitty... — meu sangue ferve — ...Kitty me usou. A primeira carta, o primeiro contato que tive dela em toda a vida, foi uma mentira! Ela não queria se desculpar, não queria me compensar por tudo o que me causou, não tinha intenção de consertar nada ou aliviar a pressão de ter se intrometido na nossa vida. Queria simplesmente me comprar, comprar meu silêncio, para que pudesse lançar sua própria versão distorcida dos fatos, pintar-se como vítima, a mãe perfeita, sem se preocupar com a possibilidade de alguém a desmascarar com a terrível e sórdida verdade sobre a queridinha da televisão e seu precioso reencontro familiar.

E eu caí direitinho.

Bom, não caio mais.

— Então Sarah trocou vocês — diz papai, com palavras frias, isentas de emoção. Cerra os dentes.
— Ela fez isso por sua mãe. Por Trudie.

Rosie confirma tristemente.

— Ela estava desesperada. Pensava que o bebê de Trudie estava para morrer...

— E então roubou o meu? — intima. — A criança da amiga de Sarah vai morrer, e ela rouba a *minha*?! — Papai esmurra o braço da cadeira, fazendo-me pular. Olho para outro lado, sentindo o rosto quente. Nunca o vi tão bravo.

— Jack — Megan diz com suavidade.

— O que é isso? — diz, esfregando as mãos no cabelo. — Mas o que é isso? Então, quando eu cheguei... o fato já estava consumado. — Fecha os olhos. — Meu Deus!

— Sarah... realmente pensou que estivesse fazendo a coisa certa — diz Rosie, nervosa.

Papai arregala os olhos.

— Não acredito que você... Rosie, ela fez isso intencionalmente, e você ainda quer protegê-la? — Olha para ela, incrédulo. — Depois de tudo o que ela te fez passar, você sinceramente quer protegê-la?!

— Ele se levanta da cadeira, com as mãos na cabeça. — Meu Deus, Rosie!

— Desculpe... me desculpe. — Rosie se contorce.

— A minha filha foi roubada, você foi roubada, Holly nunca vai conhecer a própria mãe, e tudo por causa dessa mulher: sua *amiga*! E você não achou que tínhamos o direito de saber?! — Seus olhos a perfuram, e ela se encolhe. — Ela causou tudo isso, Rosie, essa porcaria dessa confusão toda, e agora... — Balança a cabeça, sem continuar, as palavras sufocadas pela raiva e choque.

— Jack — Megan toca-o no braço com gentileza. — Venha, Jack, sente-se.

— Não posso. — Ele engole em seco, com o rosto pálido. — Me desculpem, mas não posso mais ficar aqui. — Abre a porta e desaparece, batendo-a com força, chacoalhando os enfeites da lareira. Ouvimos ainda seus passos como marteladas do lado de fora.

O silêncio começa a pulsar.

Olho para o colo, onde seguro o celular de Andy, e ainda guardo as palavras de papai repercutindo na cabeça: *trocada, abandonada, intencionalmente, roubada*.

Rosie ainda chora ao meu lado.

— Holly — sussurra ela, com a voz estraçalhada. — Holly, eu sinto muito... — Ela se aproxima.

— Nem pense nisso! — Recuo. Cruzo os braços e sigo rapidamente em direção à porta. — Nem mesmo ouse falar comigo outra vez.

Entro na cozinha, andando em piloto automático. Eu sei o que tenho que fazer agora. Apanho o casaco e a bolsa e vou em direção à porta, desço a escada e passo por Andy no caminho. Ele sorri.

— Nem comece — digo, jogando-lhe o celular. Não preciso de mais mentirosos, de mais decepção. Confiei em Andy e estava começando a confiar em Rosie, pensando que ela era como eu e que esse terrível engano tinha acontecido para nós duas, conectando-nos para sempre. Mas não foi um erro, e ela sabia disso o tempo todo.

Assim como ele.

Corro para as docas, deixando as lágrimas escorrer no rosto quente. Preciso saber agora: a verdade, qualquer que seja. A verdade pode até ferir, porém as mentiras são um círculo vicioso. Elas se escondem aninhadas dentro de nós, para de repente nos atacarem sem aviso prévio, antes mesmo que percebamos que estão lá.

Preciso saber antes que seja tarde.

Rosie

Megan e eu permanecemos ali depois do furacão, diante do silêncio inquebrável.

Sinto-me como uma esponja vazia, de onde se esvaiu toda a energia e cada gota da verdade, sobrando apenas um trapo frágil, oco e exposto. Então foi isso. Tudo por nada. Perdi Jack e Megan, perdi Holly e Ben, e agora perderei Nana e Sarah, que também serão sugadas por esse buraco negro.

Devia ligar para Sarah, avisá-la. Devia ligar para Nana... mas de alguma forma não consigo me mover, não consigo falar ...

— Rosie... — Megan tenta começar e então suspira. Não há palavras. Ou há palavras demais. — Rosie, eu... Ah, meu Deus, já está na hora? — Ela dá um salto do sofá, depois para na porta e volta-se para mim, gentil. — Olha, Rosie, eu tenho que buscar Ben, mas quando eu voltar...

— Tudo bem — concordo, compreendendo perfeitamente. *Quando eu voltar, não esteja aqui.*

— Tudo bem. — Ela sorri, desajeitada, parando por um momento antes de sair pela porta.

Fecho os olhos.

Acabou.

Holly

Acabou.

Baixo a manga da camisa, de olho na amostra de sangue vermelho-escuro dentro do tubo. Está feito. Tudo agora está nas mãos dos médicos, dos geneticistas e dos técnicos do laboratório. É a vez deles, bebê. Cabe a eles descobrir se meu teste será positivo para DH ou não. Se vou viver ou morrer. E tudo o que podemos fazer agora é esperar.

Fácil, não é?

Foi surpreendentemente rápido... nada além de uma picadinha no lugar certo. Toda aquela conversa, o estresse, a abstração, a preocupação, tudo resumido a uma espetada de agulha.

Antes, uma sequência de perguntas, depois seguir a caneta com os olhos, andar firmando calcanhar e ponta dos pés, depois uma série de variações sobre o jogo de pedra, papel, tesoura, imitar as ações do neurologista na ordem em que ele ia fazendo... Me senti como no jardim de infância, concentrando-me com a maior dedicação a coisas tão simples. Posso dizer, na verdade, que foi bem apavorante pensar que no futuro talvez eu possa ter dificuldade para desempenhar essas simples tarefas.

Depois Charlotte me aguardava. Ela ficou surpresa ao me ver aparecer ali sozinha, mas eu disse que Andy teve um imprevisto. Está ficando assustadoramente fácil mentir. Ela então se ofereceu para remarcar, mas eu disse que não, que já estava com nove semanas de gravidez e dependia do resultado para decidir se faria a biópsia do vilo coriônico antes da décima segunda semana. Dei a ela os quinhentos dólares para me classificar como anônima, e o sangue foi coletado. Fácil. E fim. Não está mais nas minhas mãos.

Saio da clínica um tanto entorpecida. Pensava que me sentiria aliviada, e na realidade até estou, de certa forma. Agora não preciso mais ficar me preocupando ou ponderando qual será a coisa certa a fazer. O exame foi feito, e agora não há mais nada que eu possa fazer além de esperar. Duas semanas, foi o que disse Charlotte, embora eles fossem tentar agilizar por causa do meu estado. Em apenas duas semanas, meu destino será decidido. O nosso destino.

Com um esforço enorme, abro a porta para a rua e o brilho do sol me ofusca, me aquece e me cega um pouco, até que eu percebo algo se movendo na minha frente.

— Holly... — Andy está plantado na minha frente, alto e sombrio.

Olho para ele com as últimas forças que me restam, para finalmente despencar em seus braços, na escuridão que me toma de repente, perdendo a firmeza para o mundo que desmorona à minha volta.

Rosie

Não demoro quase nada para fazer as malas. Dou uma última olhada em volta do quarto: tudo em ordem. Quase como se eu nunca tivesse aparecido por aqui. Dou um suspiro. Se eu pudesse, também enfiava na mala as últimas semanas, deixando todos do jeito que estavam antes. Felizes, intactos, na sua vidinha familiar.

Olho pela janela, e o táxi ainda não chegou. Nem sei para onde vou. Para casa, suponho, se é que ainda posso chamar aquilo de casa. Se o lugar não tiver sido totalmente devastado quando eu chegar lá. Fecho a porta do quarto e desço a escada.

— Jack? — Megan irrompe porta adentro, pelos fundos, carregando Ben no colo. Olha para mim, surpresa. — Rosie...

— Me desculpe, eu pensei que o táxi já teria passado quando você chegasse — digo apressada, com o rosto vermelho. — Vou esperar lá fora.

— Rosie, espere! — diz ela. — Você não precisa ir. Podemos resolver essas questões todas como uma família...

Olho para ela, com seu cabelo escapando da faixa elástica e Ben, no seu colo, chupando o dedo.

— Eu destruí essa família.

— Não, não destruiu — rebate. — Nada disso é culpa sua.

— Obrigada, Megan. — Sorrio levemente. — Por tudo.

— Rosie... — Ela tenta pensar em algo desesperadamente, enquanto passo por ela na cozinha. — Olha, vamos pelo menos esperar até Jack voltar, está bem? Você não pode sair sem se despedir dele.

Gesticulo com a cabeça.

— Rosie, por favor, não é culpa sua. Nada disso é culpa sua. Quem aprontou tudo isso foi Sarah, e também Kitty — diz, com uma entonação especial de desprezo sobre o nome de Kitty. — Foi quem começou tudo isso. Ela causou a confusão toda, e agora está nos arrastando para o meio disso. — Atravessa até o balcão e aperta o botão da secretária eletrônica.

“Primeira mensagem: Sexta-feira, cinco de janeiro... Alô?” A voz irritada de Kitty corta o silêncio. “Alô? Jack? Você está aí? Jack?”

Encolho-me toda. Como se eu precisasse agora dessa lembrança de quando tudo isso começou, do momento que eu deveria ter deixado para trás, há duas semanas. Penduro a mochila nos ombros e abro a porta.

— Rosie, espere!

Algo na voz de Megan me faz voltar, apesar de o gesto ser tão doloroso para mim.

Seus olhos se acendem.

— Tenho uma ideia.

Holly

O mesmo sol que vi nascer esta manhã agora sangra lentamente sobre as águas do mar. Desembarco da balsa, mas o chão continua se movendo.

— Tem certeza de que está bem? — pergunta Andy.

Aceno com a cabeça.

— Nada mudou, não é? Vai ser simplesmente sim ou não. Eu só não sei ainda qual dos dois será, e estou a apenas um passo de chegar à verdade, não passa disso. E é sempre melhor saber a verdade. — Suspiro pesadamente. — Por mais que doa.

Ele então olha para mim com compaixão.

— Holly, eu sinto muito...

— Não sinta. — Desdenho, cruzando os braços. — Não faz diferença. Nada mais faz diferença agora.

Ele fica olhando para o chão.

— Sabe, eu posso ficar um pouco mais... Posso estar aqui quando você pegar o resultado.

— Não. — Sorrio. — Obrigada, mas acho que é hora de contar para eles. É hora de saberem a verdade...

— Ok. Bom, você tem o meu telefone, caso mude de ideia. Não vou sair dos Estados Unidos por alguns dias ainda.

— Obrigada. — Sorrio de leve. — Obrigada por tudo.

— De nada. Boa sorte, Holly.

Andy me dá um abraço de despedida, e eu aceno enquanto ele se afasta, a única pessoa que sabe tudo sobre mim, e mal nos conhecemos. Respiro fundo e caminho lentamente para casa. Minha casa: a mesma em que morei a vida inteira, com a placa de madeira sempre rangendo ao vento, os degraus em que pisei um milhão de vezes.

Tudo está como sempre estive.

Menos eu.

Rosie

Espero sentada na sala, olhos postos na mochila já arrumada e encostada na porta. Quero estar pronta, caso a conversa não progrida, caso Jack não mude de ideia e o mundo vá realmente desmoronar como estou prevenido.

Na cozinha, Megan está repassando com Jack as mensagens da secretária eletrônica, explicando-lhe a sua ideia. Fico vendo Ben dirigir os caminhõezinhos pelo carpete ali na minha frente, e minha vontade é de chorar. Vou ter tanta saudade dele... Deles todos... Vagueio os olhos sem parar em torno da sala, lembrando-me do dia em que cheguei aqui, menos de duas semanas atrás, refazendo na memória a ideia que tive do ambiente: as esculturas de madeira da correnteza, a paisagem marítima sobre a lareira, a colagem de fotos...

As fotos parecem gritar comigo em tom de acusação. *Veja! Dê só uma olhada no que você acaba de destruir!* E, assim como em um acidente de carro, não posso simplesmente virar as costas e sair.

Ali se vê Holly pequena e sorridente, suspensa nos ombros de Jack; Holly segurando Ben quando bebê, nervosa e ao mesmo tempo animada e orgulhosa; Holly com Melissa, espiando da casa da árvore; Holly feliz da vida sob uma faixa de “Feliz aniversário de 16 anos”, com Jack logo atrás segurando um bolo cheio de velas prontas para o pedido...

Fecho os olhos com força. Desejando. Esperando. Rezando. Quem sabe se bater os saltos três vezes estarei em casa? Será que tudo isso não passou de um sonho? Um pesadelo em Technicolor?

Algo rígido cai sobre a minha mão, e abro os olhos. Um livro. *Os três porquinhos*.

Ben olha para mim, cheio de expectativa.

— Histolinha?

Ele realmente quebra o clima, e eu sorrio.

— Claro — respondo-lhe, e então ele monta no sofá ao meu lado, num esforço de uma expedição de escaladas. Abro o livro, e, num piscar de olhos, ele já está no meu colo. Olho para aquele pezinho quente nas minhas pernas, para aqueles olhões azul-claros que me encaram: meu irmãozinho. Sinto o coração na boca. Vou sentir tanta saudade...

— Ela uma vez... — ele já se adianta.

Sorrio, voltando-me para o livro e buscando a primeira página.

— Era uma vez... — repito — ...três porquinhos.

Então leio para esse garotinho que, de uma forma inesperada, tornou-se parte de mim. Ele vira página por página, e, sob o seu comando, faço todas as vozes diferentes de cada porquinho que foge loucamente do terrível Lobo Mau, a fera que quer destruir seu lar e sua vida.

Até que finalmente ele tem o que merece.

Holly

Respiro fundo e abro a porta da frente. Ouço Megan ler para Ben na sala e fecho os olhos, imaginando-me ainda criança, permitindo-me o luxo de sonhar...

Suspiro. *A verdade*, penso, reabrindo os olhos. Preciso contar a verdade para eles. E vai ser agora. Vamos superar essa história. Então, de alguma forma poderemos começar a juntar os pedacinhos que sobraram, tentar colocá-los de volta no lugar. E tentaremos enxergar o que nos terá restado como nova perspectiva.

Engulo em seco e abro a porta.

— E viveram felizes pa...

Rosie olha para cima, no meio da frase. Encaro-a de volta, e a imagem de Ben sentado no seu colo me deixa sem fôlego.

— O que está acontecendo aqui? — consigo falar.

— Estamos só lendo uma história. — Rosie sorri com nervosismo. — *Os três porquinhos*.

— A minha favolita! — Ben completa, todo alegre.

— Eu pensei que a sua favorita fosse *Os três bodes da montanha*. Sabe? Aquela que tem um duende feioso e malvado? — digo, de olho em Rosie.

Ele balança a cabeça, todo confiante.

— Não, eu gosto do lobo mau feioso. E a Rosie faz umas vozes legais.

Sinto que vou enjoar.

— Onde está o papai? — pergunto, com uma voz firme.

— Ele está na... — Rosie começa a responder.

— Rosie! — Papai aparece todo alegre, e Megan logo atrás. — Rosie, funcionou.

Acho que deixei de existir.

— Jura? — Rosie olha para ele, aliviada, como numa questão de vida ou morte.

— A-hã. Liguei para ela... essa Janet... Janice sei lá quem. E disse que, se eles publicassem a história, eu iria a público com a gravação de Kitty, e então toquei para ela escutar.

— E o que ela disse? — Rosie pergunta, ansiosa.

— Bom, não disse nada, por uns bons trinta segundos. Depois me xingou e desligou. Só pode ser um bom sinal, não é?

— Mas o que está acontecendo? — pergunto.

— Holly! — papai me chama, todo feliz, e vira-se para mim pela primeira vez. — Querida, vai ficar tudo bem, eles vão desistir da matéria, do processo, de tudo! — Alegra-se, apertando-me num abraço. — Acabou, acabou tudo. Podemos voltar ao normal.

Normal.

— Tem certeza? — pergunta Rosie. — Janine realmente chegou a dizer isso?

— Bom, dificilmente Kitty poderá seguir com essa campanha de “Mãe do Ano” se vier a público a verdadeira história do abandono do próprio bebê, você não acha? E ainda por cima com a gravação, será o fim da carreira dela — alegre-se. — Aparentemente, não existe nada pior do que má publicidade!

Ele então se vira para abraçá-la, a garota para quem não conseguia nem olhar havia apenas duas horas.

— E agora, o que me dizem de sairmos todos para comer uma pizza e comemorar? Como uma família de verdade?

— Ótima ideia. — Megan aplaude.

— *Peppeloni, peppeloni!* — entoia Ben, fazendo Rosie cair na risada.

— Holly? — papai me chama. — E se eu dividir com você uma mexicana especial com borda recheada? — Sorri. — Com pimentas *jalapeñas* extra...?

— Podem ir — digo-lhe. — Não estou me sentindo muito bem. Talvez eu vá só me deitar mesmo.

— Jura? — Papai estranha, pressionando a mão na minha testa. — Tudo bem com você? Quer que a gente também fique?

— Não! *Peppeloni*! — protesta Ben.

— Não, vão vocês. Podem ir. — Forço um sorriso. — Vou ficar bem.

— Tudo bem, então... A gente te traz uma pizza, tá? — Sorri. — Eu sei que você prefere pizza de café da manhã mesmo.

Fecho os olhos, e só o pensamento de pizza fria já me causa náuseas.

— Sapato, Ben! — instrui Megan.

— Não... mais história! — protesta o garotinho, balançando o livro em direção a Rosie.

— Desculpa! — Ela ri, recolhendo-o do chão e fazendo-lhe cócegas. — Nem terminamos, não é? Faltava o que mesmo?

E viveram felizes para sempre, penso amargamente, virando-me de costas para ir embora e fechando a porta com firmeza atrás de mim.

Inacreditável. Cerro os dentes, tentando me controlar.

Toda vez. Absolutamente toda vez ela dá um jeito de ficar por cima. Uma gata sorrateira que consegue uma coisinha aqui, outra ali, e de repente já se apoderou de todos. *Insuportavelmente inacreditável!*

Pobre Rosie... a garota que mentiu até não poder mais desde que chegou aqui e que teve tudo na vida e conseguiu tudo o que queria. E agora está ganhando a simpatia de todos porque não quer que sua amiga se meta em encrenca! Que Deus proteja essa mulher que aprontou tudo isso — e que arruinou a minha vida — de pagar por sua atitude! E eles a estão ajudando! Ela merece mesmo é ir para a cadeia, para o inferno, por tudo o que fez. Seguro a barriga com ternura. E nem mesmo consigo contar a eles que estou grávida porque estão muito ocupados, comemorando com a maldita Rosie!

Ela teve mãe, não tem a doença, mentiu para todos nós e ainda por cima vai conseguir um final feliz? Além de tudo, fica brincando de família feliz?

Arremesso o casaco para o cabideiro, mas erro a mira. Típico. Recolho-o e encontro o resto da correspondência que chegou de manhã, ali, abandonado pela marola causada pelo furacão Rosie, assim como tudo parece estar nessa casa. Um logotipo verde me chama a atenção.

“DNA a qualquer hora.”

Ótimo. Perfeito. Tudo o que eu preciso. Uma faca enfiada no meu peito, os resultados do teste de dna que me arruinaram a vida. Apanho o envelope e subo a escada de mau humor. Isso realmente vai coroar o dia perfeito de Rosie. Um teste de dna: seu ingresso mágico para o final feliz dentro da minha família, da minha vida. Posso imaginá-los todos agora, amontoando-se no quiosque do Pisa Pizza, a mãe, o pai, o filho e a perfeita e saudável filha. O retrato da família feliz. Meus olhos ardem, e eu me jogo na cama, tomada pela tristeza.

E eles não são meus, nunca foram — a verdade é essa. Foi tudo calculado, uma troca intencional feita por uma parteira desequilibrada para dar Rosie à sua amiga e me deixar ali para morrer. Porque eu sou a doente, a condenada. Não era para eu sobreviver.

Agarro o travesseiro e encontro uma coisa dura por debaixo. Puxo-a para fora e encontro meu anel de noivado. Que também já se acabou; até isso teve fim. Está tudo arruinado por causa de Rosie e seu ridículo dna!

Olho para o envelope, rasgando o lacre e puxando o papel dobrado. Já foi tudo para o inferno mesmo, por que não me afundar mais um pouquinho? Pronto, pode vir!

Olho para a carta, para aqueles números e jargões científicos diante de mim. Depois leio de novo, convencida de que estou me confundindo com a linguagem, a terminologia. Mas, na terceira vez que verifico, ainda diz a mesma coisa, que me faz prender a respiração.

Negativo.

Meus olhos não se movem.

Não há combinação genética semelhante entre os dois indivíduos.

Rosie não é filha de papai...

Rosie

— Vocês não acham que seria melhor esperar a resposta de Kitty? — pergunto, meio nervosa, ajudando Ben a arrumar os caminhões. — Por enquanto só estamos presumindo, não temos certeza...

— É impossível que ela queira seguir adiante com essa história agora, Rosie. — Jack ri. — Ou com o processo. Seria um suicídio profissional.

Sim, penso, mas algo no fundo me diz para ficar atenta. Mas se ela realmente me amasse, ou me quisesse...

Interrompo o pensamento com culpa: o que estou querendo? Que ela processe Sarah como prova de amor por mim, afinal de contas?

— Rosie está certa — diz Megan. — Sabemos como essa mulher consegue ser determinada, e ela pode encontrar uma maneira de contornar a questão da secretária eletrônica...

Megan é interrompida pelo toque do telefone. Todos nós olhamos para o aparelho.

— Bom, foi rápido — diz Jack.

— Devemos deixar cair na secretária eletrônica? — brinca Megan. — Juntar mais uma prova para o nosso caso?

Jack atende o telefone com cuidado.

— Alô?

Olho para ele. *Será que é ela?*

— Ah, oi, Pete.

Afundo-me na cadeira e só agora me dou conta de que prendi a respiração até quase ficar sem ar.

— Não, não, tudo bem — diz Jack ao telefone. — Sim, sexta está ótimo. Ok. Que bom que está se sentindo melhor. Tchau.

Ele então recoloca o aparelho no gancho, quando, quase imediatamente, o telefone toca de novo. Jack olha para ele, assustado.

— Façam suas apostas — brinca.

— Jack, atende, pelo amor de Deus! — Megan o apressa.

— Alô? Ah, oi. — Olho para ele, que faz um sinal de silêncio com o dedo nos lábios, removendo do rosto qualquer expressão de humor e levando o aparelho para a cozinha.

Agora é Kitty.

Prendo a respiração, conscientemente dessa vez, com os dedos cruzados

com tanta força que chegam a doer.

Por favor, imploro, por favor, faça com que ela desista do processo. Por favor, permita que isso chegue ao fim! Fecho os olhos e peço com todo o coração, tentando bloquear aquela vozinha lá no fundo da minha cabeça, que pede justamente o contrário.

Holly

Ela não é filha dele.

Olho fixamente para aquele papel, quase incapaz de acreditar no que leio.

Todo esse pesadelo... essa quinzena terrível, pavorosa, foi um grande engano, aliás um engano monumental! Rosie não é filha dele.

O que significa que eu sou!

Solto uma gargalhada, incrédula. Sinto-me como o personagem Scrooge, acordando na manhã de Natal e descobrindo que o Pequeno Tim está vivo, que os fantasmas o trouxeram de volta à vida como uma segunda chance e que tudo tinha sido um sonho... *Não era verdade!* A troca de bebês, a doença de Huntington... Eu não tenho a doença e jamais terei. Nem poderia, porque Rosie entendeu tudo errado! De algum modo, ela se confundiu toda, errou de mãe, de pai... Foi tudo um grande, nebuloso e terrível pesadelo.

E agora é hora de acordar.

Sinto-me tonta como se delirasse, sem conseguir conter as risadas que brotam de dentro de mim. Papai ainda é meu pai *de verdade*, eu não estou doente, meu bebê tampouco, e Josh... Olho para o anel de plástico na minha mão, com o coração flutuando no ar junto com a lembrança de suas palavras: “Holly Marie Woods, eu vou te amar até o dia da minha morte...”. E agora não há mais nada para atrapalhar, doença, segredo... Chegou a hora. Tenho que ligar para Josh agora e contar que ele vai ser pai!

Tremendo de excitação, agarro o telefone, pronta para discar, e sou interrompida por uma voz do outro lado.

— Jack, por favor — Kitty implora. — Me deixa falar com Rosie. Ela tem que saber que eu nunca quis... Não percebi... Não foi minha ideia, foi Janine que...

— Que fez o quê? — papai pergunta. — Te forçou?

Sorrio, saboreando o momento. Ela é a minha mãe agora, e eu posso lhe dizer exatamente o que fazer com esse processo, contar a ela que estará fazendo papel de boba se for à imprensa com uma mentira desse tamanho, tão boba quanto eu acho que ela é no papel de mãe.

— Não, ela... Eu só queria encontrar Rosie, ter uma nova chance... — suspira. — A matéria foi uma ideia de Janine...

Respiro fundo, segurando a adrenalina que borbulha dentro de mim.

— E o processo? O teste de DNA?

Fico paralisada.

O teste de DNA.

Kitty também fez um teste...

E deu positivo.

— Pelo menos... diga a Rosie que estou arrependida. Você pode fazer isso? Eu tive que desistir do processo.

Positivo...

— E a matéria? — papai pergunta.

— A matéria já era, Jack, você sabe disso. Não posso me arriscar a expor a minha imagem dessa maneira...

Fecho os olhos com força, tentando buscar de volta a razão e compreender tudo de novo.

— Obrigado, Kitty — diz papai.

— Não precisa me agradecer. — Kitty demonstra nervosismo. — Você sabe que eu não tive escolha. Rosie é minha filha, afinal de contas, e eu tenho direito. E não gosto de ser chantageada, Jack.

Rosie é filha de Kitty...

— Entendi — diz ele. — Mas tenho que cuidar da minha filha, e isso não foi correto, Kitty.

Mas não é filha dele...?

— Ah, jura? Meu Deus, você é tão presunçoso... Pensa que sabe tudo, não pensa, Jack? Mas você não sabe.

— Ah é? — diz papai, pacientemente.

Mas se Rosie é filha de Kitty mas não é de papai e nascemos na mesma noite, então como...?

— A-hã. Porque tenho uma notícia ótima para você, Jack Woods. Sabe a sua preciosa filha? Essa que você está protegendo? Rosie? Ela não é sua filha, Jack. Quando te conheci, eu já estava grávida.

Arregalo os olhos e encaro o telefone, atônita. De repente os resultados voltam a fazer sentido.

Ele não era o pai...

— Ah, Kitty... — papai responde finalmente, com a voz fria e calma. — Você realmente acha que eu não sabia? Eu sempre soube.

Sinto faltar o ar e sem querer solto um ruído assustado.

— Kitty? — papai diz, de repente.

Desligo rapidamente, os pensamentos disparados. Fecho os olhos, e as palavras deles ecoam em círculos embaralhados na minha mente...

Rosie é o bebê de Kitty, o que significa que ela foi trocada no nascimento. Comigo. E então eu fui entregue a Kitty, e papai me levou porque pensava que eu era filha dela. Mas ele nunca foi o pai, nunca foi o pai do bebê de Kitty. Nunca foi pai de Rosie... Abro os olhos de repente.

O que significa que ele também nunca foi meu pai...

E sempre soube disso.

Rosie

— E então? — Megan pergunta, ansiosa, ao ver Jack desligar o telefone sem pressa alguma. — O que ela disse?

O coração me vem à boca, ao vê-lo virar em nossa direção com o rosto pálido.

— Ela desistiu de processar. — Sorri levemente. — E também do artigo. Eu estava certo, era um suicídio profissional.

— Que bom! — exclama Megan, abraçando-me de alívio.

Abraço-a com força e finalmente elimino a vozinha do inconsciente, substituída pelo alívio da decisão. Não preciso de Kitty. Nunca precisei. E agora eu sei que vivo melhor sem ela. Nem acredito que arrisquei tanto assim para encontrá-la e fiquei tão perto de perder absolutamente tudo o que tinha... Fecho os olhos, com dificuldade de respirar só de pensar na possibilidade. É um milagre: ela vai desistir do processo. Não vai publicar a matéria. Não vai processar.

Sarah está a salvo, e Nana nunca vai precisar saber. *Graças a Deus!*

— Precisamos contar para Holly! — diz Megan de repente. — Ela deve estar ansiosa para saber...

— Eu vou! — diz Jack rapidamente. — Na verdade, vão indo vocês três para o restaurante e peçam para mim a pizza mais apimentada que houver no cardápio. Vamos ver se as boas novas conseguem empolgá-la a ir conosco — diz, subindo a escada.

— A gente espera — diz Megan, sorrindo.

— Não precisa, eu já chego. Vocês sempre vão mais devagar do que eu, de qualquer jeito. — Sorri para Ben. — E a gente vai apostar corrida com vocês. O último não ganha sorvete!

— Vem, vem, vem! — grita Ben, agarrando minha mão em disparada para a porta, enquanto Jack desaparece na escada.

Holly

Ele nunca foi meu pai...

Continuo parada diante do telefone. O que significa...

Fecho os olhos, e o céu cai sobre a minha cabeça mais uma vez.

Não foi um sonho, nem um erro... É tudo verdade: a troca, a doença de Huntington...

Encolho-me no chão, e o mundo despenca à minha volta, de novo, mas dessa vez ainda mais cruelmente, um milhão de vezes mais excruciante, depois de ter encontrado uma breve ponta de esperança...

E ele sabia?

Todo esse tempo, a minha vida inteira? Ele me criou, me educou... *sabendo que não era meu pai?*

Respirar fica cada vez mais difícil.

E então, quando Rosie chegou, dizendo que era eu, que era a filha de Kitty e ele era seu pai, ele a deixou levar isso adiante. Deixou que ela levasse minha família, minha vida, meu pai. *E ela nem mesmo é filha dele!*

E ele sabia!

A porta se abre, e papai entra afobado.

— Holly! Holly, você estava ao telefone agora há pouco? Na extensão?

Mordo o lábio.

— Holly! — Ele arregala os olhos, ansioso.

Confirmo, desviando o olhar e já derramando as primeiras lágrimas.

— Querida! — Ele me abraça com desespero, esse homem que não é e nunca foi meu pai.

— Você sabia? — sussurro, sem acreditar ainda. — Você sempre soube?

— Não! — Segura meu rosto com as mãos, os olhos profundamente concentrados nos meus. — Ah, minha querida, não. E só disse isso porque Kitty... — hesita e engole em seco. — Eu *não* sabia — repete, com uma expressão de sofrimento. — Mas houve vezes em que... eu suspeitei — gagueja. — Foi tudo tão rápido quando nós nos conhecemos, e não ficamos juntos por muito tempo... — Olha para mim, implorando compreensão. — Mas Kitty dizia que você era minha filha, e eu acreditei. Eu queria que fosse! Eu te amo muito, e você vai sempre ser a minha filha, você sabe disso. O sangue não importa para nós, já provamos isso, não é? — Olha para mim com certo receio da resposta. — Não é?

— O sangue não importa? — digo, com a voz rouca.

— Não — garante, puxando-me para perto. — Nunca importou. O sangue não é nada quando se trata de nós dois.

— Tudo bem. — Gesticulo com a cabeça, que não para de misturar os pensamentos. — Tudo bem, então, se isso é verdade...

— Claro que é, e você sabe disso.

— Tudo bem, então você conta para Rosie.

Ele fica sério de repente.

— O quê?

— Se o sangue não importa... se não faz diferença... — Olho para ele, com o coração saltando dentro do peito. — Então você tem que contar a ela.

— Holly... — Ele se afasta um pouco para me encarar. — Por quê?

— Você não é o pai dela — digo, olhando nos seus olhos. — Assim como não é o meu. E, se isso não importa, você deve contar para ela. E se isso realmente importar... Ela tem o direito de saber.

Papai fecha os olhos e esfrega as mãos no rosto.

— Holl, eu...

— Ela tem o direito de saber a verdade, pai.

— Holly, nós nem mesmo... Nem mesmo sabemos se é verdade. Kitty pode estar mentindo agora.

De fato, é bem possível que esteja! Ela está brava e rancorosa, e provavelmente só queria nos machucar, meu amor. Ela quer ferir a mim, e por isso respondi que já sabia, só por isso. Não há prova alguma de que ela esteja dizendo a verdade, e, no fundo, também não temos razão para acreditar nela.

— Temos, sim.

— O quê? — estranha, confuso, e eu dirijo o olhar para a carta jogada no chão. Lentamente, recolho-a e entrego-a para ele.

— O que é isso? — Ele passa os olhos pela folha de papel, e posso ver seu rosto perder a cor de repente.

— Você tem que contar para ela — digo, calmamente. — E, se você não contar... — Respiro fundo. — Eu conto.

— Holly, não! — Ele me agarra as mãos. — Por favor, você não pode!

— E por que não? — questiono, com raiva. — Por que não posso?

— Você faz alguma ideia de como ela vai se sentir ao descobrir uma coisa dessas?!

— Na verdade eu faço, sim — digo com amargura, engasgando com as palavras. — Ninguém mais do que eu sabe como ela vai se sentir.

— Holly... — Ele olha para mim, arrasado. — Holly, me desculpe, mas é diferente.

— E como pode ser diferente?!

— Ela só te contou porque não teve escolha. Você precisava saber por causa da doença!

— Oh, como sou sortuda! — Rio amargamente.

— Holly, se você contar a verdade para ela... — Ele se perde nos próprios pensamentos e depois continua: — Meu amor, por favor, pense nisso. Seus pais biológicos te amaram. *Eu* te amei. Imagine como Rosie se sentiria ao saber que nem o pai nem a mãe de verdade quiseram saber dela e que ambos a abandonaram. Veja as coisas por que ela passou com Kitty!

— Não estou nem aí! — grito. — Essa é a verdade!

— Holly! — Ele se levanta e caminha pelo quarto, passando as mãos nos cabelos. — O que está acontecendo? Você quer feri-la de propósito? Faria você se sentir melhor se Rosie soubesse que eu também não sou pai dela?

— Sim! — grito, deixando a verdade escapar de mim como um pavoroso boneco de mola. — Sim! Por que ela pode ter você como pai, se eu não posso? E principalmente se ela nem mesmo é sua filha? Não é justo!

— A vida não é nada justa, Holly! — papai grita de repente, com o rosto pálido. — Você acha que foi justo que a mulher que eu amei já estivesse grávida de outro homem quando a conheci? Você acha justo eu ter amado uma mulher tanto assim que não me importei, não a questionei e assumi mãe e filha? E que depois ela tenha me abandonado para no fim cair de paraquedas na minha sala, querendo atenção? Que eu a tenha seguido, caramba, cuidando da criança, amando-a, quando ela não fazia a mínima questão?

Olho para ele.

— Você acha tudo isso justo, Holly? — pergunta, cansado. — É justo com todos nós?

Mordo o lábio com força.

— Mas a brincadeira tem que acabar aqui. Agora. Chega de revelações que machuquem esta família. Eu não faço mais questão da verdade. Estamos saturados, já deu, não é?

Olho para outro lado, as lágrimas correndo soltas enquanto desço a mão instintivamente para a barriga.

Chega de revelações...

— Não vou contar para Rosie, Holly. — Suspira. — E você também não vai.

Olho para o chão, e meu pulso acelera.

— Então não posso mais ficar aqui.

— Holly-berry.

— Não, pai, me desculpe. Não posso ficar enquanto ela estiver. — Olho para ele. — Pelo menos enquanto você não contar para ela.

— Holly! — Ele me fita, sem palavras. — Holly, por favor, contar para ela vai ser só uma atitude rancorosa e vingativa... E isso não condiz com você, não foi assim que eu te criei...

— Na verdade, você nem deveria ter me criado... — retruco cruelmente. — Você nem mesmo é meu pai!

— Holly...

— Assim como não é pai dela — digo. — Mas faz questão que ela fique. Você prefere que ela seja a sua filha. Será porque ela é parecida com Kitty?

— Holly, não seja ridícula!

— Ou então porque é saudável? Normal?

— Holly! — Ele me encara, indignado. — Eu nunca escolheria ficar com ela em vez de você.

— Então prove! — exijo. — Conte a ela.

Ele para diante de mim por um longo tempo, e depois esfrega as mãos no rosto.

— Não — diz, finalmente, suspirando e com a voz falha. — Holly, minha querida, eu não posso fazer isso.

— Então essa é a sua escolha — respondo, abrindo a porta e sentindo o sangue pulsar no ouvido. — Pode ir.

— Holly!

— Vai, pai, pode ir. Vai encontrar com ela!

— Holly-berry, por favor, vamos conversar.

— Você vai contar para ela?

— Holly...

— Vai?

Ele continua ali, e suas sobrancelhas formam um vinco que eu nunca vi antes, numa expressão de tortura, quase chorando, mas eu não me importo. Ele está realmente escolhendo Rosie, a filha saudável em troca da doente; a filha nova em folha, que até se parece com seu primeiro amor, em troca daquela que o amou a vida inteira.

— Vai! — ordeno.

— A gente vai... falar disso mais tarde. — Ele se volta para mim ao sair, mas eu já não olho para ele. — Holly, eu juro, a gente precisa...

— Eu não estarei mais aqui. — Bato a porta atrás dele, como se pudesse eliminá-lo daquela cena, e tudo fica turvo à minha volta.

Rosie... Não acredito que ele escolheu Rosie...

O sangue pulsa nas minhas têmporas, e fico ali olhando para aquele quarto coberto com o papel de parede que papai colou para mim, o teclado que eu tanto lhe implorei aos doze anos de idade, Sr. Brown... Para todo canto que olho, há presentes, fotos, memórias...

Um grito rasga a minha garganta, e eu voou para os objetos de maneira selvagem, arranhando, rasgando o papel de parede, as fotos, os pôsteres. Arrancando as mentiras, dilacerando as lembranças de uma vida que eu não deveria ter tido. Derrubo os livros e rasgo as fotos, chuto uma pilha de roupas, até que uma coisa pequena e rosada cai de um dos bolsos.

Apanho o objeto, pronta para rasgar também, mas de repente percebo do que se trata.

O caderninho de endereços de Rosie.

Tinha me esquecido disso. Abro aquele livreto cor-de-rosa, quadradinho, todo ajeitado, e folheio as páginas. Todas aquelas pessoas que nunca conheci e que deveriam ter sido os meus amigos, a minha família... Paro o polegar de repente, com a visão de um dos nomes que pula de dentro das páginas.

Nana Fisher.

Olho para aquilo, passando o dedo com cuidado sobre a tinta preta, como se eu pudesse tocá-la, vê-la. Essa mulher que teria sido a minha avó, minha família, mas que, por conta desse erro, vive separada de mim.

Minha vida inteira é um enorme e terrível erro.

Ou melhor, não foi um erro, afinal...

De repente, passo os dedos pelas páginas até chegar à letra “S”. Procuro entre as linhas impetuosamente, mas são só sobrenomes. Respiro fundo e volto ao começo, forçando-me a ir devagar, passando nome por nome, com o coração disparado, quase perfurando as páginas de tanta concentração, procurando, procurando...

Até que a encontro.

Rosie

Já estamos tomando nossos sundaes quando Jack chega ao Pisa Pizza.

— Oi, onde você estava? — Megan se levanta para lhe dar um beijo, e ele passa a mão no cabelo de Ben.

O garoto cobre sua taça como que a protegendo.

— Você não vai poder tomar sorvete, porque foi o último a chegar!

— Malvadinho. — Jack sorri, com o coração partido.

— Mas nós guardamos pizza para vocês mesmo assim. — Megan sorri. — Onde está Holly?

— Ela não vem — suspira, jogando-se na cadeira e passando a mão nos cabelos. — Ela decidiu se mudar.

— O quê? — Megan derruba a colher.

Olho para ele.

— Por quê? — ela pergunta. — Pensei que agora tudo estivesse bem, agora que Kitty desistiu da coisa toda!

— Eu sei. — Respira fundo. — Acho que ela só precisa... de um tempo sozinha.

— Cadê a Holly? — pergunta Ben baixinho.

Jack e Megan trocam olhares.

— Ela foi passear de férias. — A mãe sorri.

— Foi para a praia? — pergunta, esperançoso. — A gente também pode ir?

— Dessa vez, não — responde Megan. — O lugar para onde ela foi é frio e chato.

— O polo Norte? — Ben continua. — Foi com os pinguins?

Megan cai na risada.

— É, um lugar parecido. Brr! — Ela lhe faz cócegas, e ele ri.

— Eu gosto de pinguins — diz ele.

— Bom, e estou vendo que você não gosta de sorvete — diz Megan, pegando de volta sua colher. — Então acho que vou tomar o seu!

— Não! — Ben solta um gritinho, concentrando-se de volta na taça.

— Isso mesmo. — Ela sorri, afagando-lhe a cabeça, e depois se volta para Jack, ansiosa.

Fico observando o meu sorvete derreter e escorrer pela lateral da taça. Coloco de volta com a colher, mas, por mais que eu tente, ele não cabe mais ali, e a meleca fica cada vez maior.

Holly

— Uau!

Melissa está arfante depois que termino de lhe contar tudo. Bom, quase tudo. Ela pode ser a minha melhor amiga, mas não deixa de ser a irmã de Josh, então ainda não posso lhe contar que estou grávida. Pelo menos não antes de contar para Josh e de saber se o bebê corre risco.

Se é que vai haver bebê.

— Meu Deus do céu! — Ela balança a cabeça. — Caraca, Holly!

Concordo. Isso basicamente resume a situação toda.

— Não acredito... seu pai... a doença de Huntington... Kitty Clare!

Ergo os olhos rapidamente.

— Melissa, você não pode contar para ninguém, você tem que jurar.

— Eu juro — garante, séria. — Meu Deus, Holls, por que você não me ligou de volta? Eu devo ter tentado ligar para o seu celular um milhão de vezes.

— Desculpa, meu celular está quebrado.

— Pensei que você estivesse me evitando por causa do que aconteceu com Josh, e eu estava prestes a esganá-lo por ter estragado a nossa amizade!

Aperto sua mão.

— Jamais!

— E então, seu pai disse que você estava doente quando passei lá, e você já tinha faltado tanto na escola que eu pensei que pudesse ser mononucleose, ou algo pior.

Confirmo. *Pior. Muito, muito pior.*

— Mas não se preocupe, você pode copiar todas as minhas anotações — diz Melissa, sorrindo. — Não que tenha perdido muita coisa. Só perdeu mesmo a chance de ver Natalie van Pelt de volta das férias com a pior plástica de nariz que eu já vi na vida, que ela jura que foi só um acidente de esqui, mas... até parece! — Melissa ergue os olhos de repente, culpada. — Não que isso faça diferença para você, agora que a sua vida está toda arruinada, não é? Ai, desculpa! — diz ela, apertando o meu joelho.

— Não, tudo bem. — Sorrio. Na verdade, é até bom ter algo diferente para pensar. — Que outra fofoca eu perdi?

Melissa abre um sorriso, seus olhos se enchem de brilho, e ela passa a próxima hora me atualizando dos escândalos da escola, desde as gafes de moda até os namoros desastrosos, passando por uma história hilária da menina que cortou o rabo de cavalo da diva da escola porque ela tinha paquerado seu namorado, o que me fez cair na gargalhada, imaginando o horror estampado no rosto perfeito de Kimberley ao ver suas madeixas douradas no chão. Não tem preço!

— O que vem a demonstrar a teoria. — Melissa dá uma piscadela. — Não se irrite, se vingue.

Ainda estou rindo e enxugando as lágrimas do rosto quando percebo como faz tempo que não dou uma boa risada, pensando só na doença de Huntington, em Rosie e na gravidez.

Graças a Deus, eu tenho Melissa.

Bem nessa hora, sua mãe bate à porta e entra no quarto.

— Meninas! — Sorri, desajeitada. — Olha, eu sei que te disse que podia dormir aqui, Holly, e você é sempre bem-vinda... — Aperta minha mão, e eu sinto o coração na boca. — Mas é que eu acabo de receber uma ligação do seu pai, e ele está realmente preocupado com você. Acho que seria melhor você ir para casa.

— Mãe! — Melissa exclama. — Você não pode expulsar Holly de casa, ela é a minha melhor amiga!

— E o pai dela está muito preocupado. Me desculpe, Holly, eu não posso deixar você dormir aqui. Da última vez, seu pai não ficou muito contente quando você ficou sem permissão...

— Mãe, ela tem dezoito anos.

— Ainda assim, ele é o pai dela.

Não, não é, penso comigo. E nunca foi.

— Você só precisa falar com ele, querida, e resolver seus assuntos. — A mãe de Melissa sorri para mim com delicadeza. — Você precisa ir para casa.

— Foi mal — Melissa suspira, assim que a mãe fecha a porta. — Que saco, isso!

Mais uma vez, sua análise da situação é perfeita.

Droga.

Se eu não posso ficar aqui, só há um lugar para onde ir...

Rosie

“Não há lugar como a nossa casa”, entoava Dorothy na TV, batendo o salto dos sapatinhos carmim de olhos fechados.

Em seguida, Ben repete sua fala.

— A nossa casa, a nossa casa...

Também fecho os olhos. *Não há lugar como a nossa casa...*

Durante a semana, desde que Holly saiu de casa, isto aqui não parece exatamente um lar. Tem sido como viver em uma concha, todos para lá e para cá como zumbis, esperando o telefone tocar, esperando que ela retorne. Jack ainda está se culpando por ter pedido à mãe de Melissa que mandasse Holly para casa... Pelo menos, ficando lá, ele sabia que ela estava por perto. E, na verdade, mesmo não estando tão contente com a filha em Harvard, pelo menos sabe que ela está bem, e, além disso, não quer assustá-la de novo, então não tem outra escolha senão esperar até que ela se sinta pronta para voltar.

O toque estridente do meu celular me faz pular. Jack e eu olhamos para o aparelho, e Megan vem correndo da cozinha.

Atendo rapidamente.

— Alô?

— Rosie? — A voz de Sarah me soa estranha, tensa.

— Ah, oi! — respondo, surpresa. — Só um segundo.

Jack me aguarda ansioso, esperançoso, mas balanço a cabeça.

— É só uma amiga do meu bairro — sussurro, e imediatamente ele deixa cair os ombros.

Deixo-o ali com uma expressão de desapontamento e subo a escada. Todas as ligações telefônicas são iguais desde a saída de Holly: um pulo a cada batida na porta, um susto a cada telefonema. O fato de ela ter saído de casa está realmente acabando com ele. E mencionar Sarah agora também não lhe fará bem.

— Oi — recomeço, fechando a porta do quarto. — Está tudo bem? Vocês devem estar no meio da noite aí, não é?

— Estamos — ela diz em voz baixa. — Acabei de chegar.

— Sarah? — Algo na sua voz me faz sentar. — O que aconteceu? Está tudo bem com Nana?

— Nana está bem — suspira. — Pelo menos até agora...

— O que você quer dizer? — pergunto, sentindo o corpo todo se arrepiar.
— O que está acontecendo?

— Rosie... — ela hesita. — Olha, não é culpa sua. Você realmente não teve intenção, é que eu queria... queria que você tivesse me avisado. Queria ter ouvido da sua boca. — Ela suspira pesadamente, e eu imagino a cena, seu desespero, passando a mão pelos cabelos frisados. — Rosie, alguém descobriu sobre a troca, e eu estou sendo processada.

— O quê? Não! — digo-lhe, aliviada. — Não, está tudo certo. Na verdade, houve um... houve um problema, mas já acabou, a pessoa vai desistir do processo... — E eu nem mesmo sabia que Kitty havia aberto um processo.

— Jura? — Sua voz ainda está hesitante, mas mostra uma ponta de esperança. — Então não preciso me preocupar com este e-mail que recebi?

— Não, está tudo resolvido, garanto a você. Kitty cancelou tudo.

— Quem é Kitty?

— A minha... minha mãe verdadeira. — Absorvo-me nos meus pensamentos. — Sarah, me desculpe, eu vim aqui para procurá-la, porque tinha que... Mas ela me ligou uma semana atrás. Não se preocupe, ela desistiu da acusação.

Uma breve pausa.

— Rosie... — diz ela, lentamente. — O e-mail foi enviado hoje.

— O quê? Olho atônita para o telefone. — Não é possível.

Não é possível que ela tenha mudado de ideia, ela não pode...

— Eu verifico os e-mails todos os dias. Acabou de chegar.

— Foi enviado para você diretamente? — pergunto, arfando, com dificuldade de respirar.

— Sim.

— Sarah... — continuo, cuidadosamente, apavorada. — Quem assina o e-mail?

Holly

Olho sorridente pela centésima vez para o caderninho cor-de-rosa.

Não sei por que não pensei nisso antes. Afinal de contas, por que Rosie pode ficar com tudo, e para mim não sobra nada?

E Sarah... Bem, ela vai ter o que merece, vou fazer questão. Kitty teve a ideia certa. Fazê-la pagar por ter causado toda essa confusão. Mas Kitty não se importava o suficiente: sua preciosa carreira era mais importante do que a verdade. Bom, agora eu vou contar a verdade, assim como Rosie fez ao bater à minha porta, comer meu bolo de aniversário e roubar minha vida.

Como se diz mesmo? A verdade os libertará? Vamos ver se Sarah concorda.

Afinal, Melissa estava certa: “Não se irrite, se vingue”.

Rosie

Não pode ser, digo a mim mesma, enquanto Jack manobra o carro na rua e enfia o pé no acelerador.

Ela não pode fazer isso, não pode processar Sarah. Pelo menos não agora... depois de tudo o que passamos com Kitty... Mas é claro que pode. E por que não o faria? É o seu direito, afinal... e ela tem esse direito acima de tudo e de todos...

Mas eu não posso permitir, tenho que impedir tudo isso, e tem que ser agora. Mas como?

Desligo, arrasada. Ela não atende o celular.

— Continua tentando! — Jack insiste, com as sobrancelhas franzidas realçadas pelas luzes que vão passando por nós. Temos que encontrá-la, fazê-la perceber que denunciar não vai ajudar em nada, ou ninguém...

Ele soca o painel do carro, e eu continuo tentando, mas o telefone sempre cai direto na caixa postal, durante o caminho inteiro até Boston: Holly e Josh recusam-se a atender.

Finalmente, Jack estaciona na calçada em frente a um prédio gigantesco de tijolos vermelhos e salta do carro. Corro atrás dele, seguindo o caminho bem desenhado, impecável e acompanhado por plantas cuidadosamente podadas, alinhado às árvores desfolhadas que trepidam com o vento.

Jack esmurra a porta trancada até que alguém finalmente atende.

— Onde eu posso encontrar Josh Samuels? — pergunta, impaciente.

A garota ergue os ombros.

— Desculpe, eu não...

— Qual é o quarto dele? — Jack se enfia porta adentro e passa por ela. — Onde está minha filha?

— Ei! — Um cara fortão se põe na frente. — Você não pode simplesmente invadir aqui.

— Estou procurando a minha filha! — Jack argumenta com firmeza. — Ela está com Josh Samuels, e preciso vê-la agora!

— Desculpe, mas o senhor vai ter que sair daqui. — O rapaz caminha em direção a Jack, com os punhos cerrados ao lado do corpo. — Agora.

Droga.

— Jack... — Puxo-o pela manga da camisa.

— Não vou sair! — ele vocifera, encarando o sujeito. — Não saio até

encontrar Josh Samuels.

— Ah, é? — O homem-muralha arqueia uma das sobrancelhas.

— Jack, talvez fosse melhor...

— Eu vi Josh.

Jack se vira ansioso para o segundo cara.

— Quando? Onde?

— Ah, acho que uma meia hora atrás...

— Onde?!

— Ele estava entrando no carro com uma garota ruiva.

— Indo para onde? — insiste.

— Não faço ideia — diz o rapaz, erguendo os ombros.

— Merda! — Jack suspira.

— Mas ele estava carregando uma mala.

Jack ergue os olhos rapidamente.

— Uma mala? — Sua expressão relaxa. — Ela vai voltar para casa...

— Agora o senhor vai sair? — O homem-músculos grunhe.

— Calma, garoto. Estamos indo — resmunga Jack, aliviado, caminhando em direção ao carro. — Minha filhinha vai voltar para casa.

Sigo-o silenciosamente, com uma sensação nada boa.

Holly

Nossa casa. Não há lugar como a nossa casa.

Observo as luzes da cidade pela janela do carro e tenho certeza de que estou fazendo a coisa certa.

Seja o que for, o que quer que seja... ainda é a minha casa.

Onde está o coração.

Onde está a família.

O lugar a que pertenço.

Sorrio.

Mal posso esperar.

Rosie

Ouço o toque familiar do meu telefone antes mesmo de chegar ao carro e corro para abrir a porta.

— Rosie, finalmente! — Andy exclama assim que atendo o telefone. — Estou ligando há mais ou menos uma hora!

— Desculpa, eu estava tentando ligar para Holly, ela...

— Ela comprou outro celular?

— O quê?

— O dela está quebrado. Ela está com outro? Preciso falar com ela.

— Não sei, também estamos tentando, ela está no dormitório de Josh...

— Não está, não.

Pisco os olhos.

— Não está?

Jack imediatamente olha para mim, ligando o carro.

— Não, mas... Se algum de vocês conseguir falar com ela, por favor, peçam para me ligar, tá?

— Espera... Andy, como você sabe?

— Desculpa, não posso te contar, eu prometi a ela.

— Andy, Jack está superpreocupado. Se você sabe onde ela está...

— Eu não sei. — Hesita. — Mas sei para onde está indo.

— Para onde?

Andy suspira.

— Rosie, ela está indo para a Inglaterra.

— Inglaterra?!

Jack olha para mim.

— Droga! Aeroporto.

Jack manobra tão rápido no pequeno retorno que bato a cabeça contra o vidro do carro e derrubo o celular no chão, tomada pelo pânico.

Inglaterra... Sarah...

Nana...

Holly

— Oi! — Josh aparece por trás de mim na fila para o balcão de *check-in*, trazendo um saco de balas e chicletes. — Pensei que você pudesse precisar disso para o avião, para quando o ouvido entupir. — Sorri, mastigando. — E também umas para agora, talvez?

Ele me oferece o saquinho já aberto, e abro-lhe um sorriso. Passar essa última semana com ele me fez perceber como havia sentido sua falta: de seu calor, de sua risada, da presença reconfortante ao meu lado. Foi estranho morar em um dormitório estudantil, no entanto. Foi como se eu percebesse que ele tem uma vida paralela, cheia de amigos que não conheço e de experiências que não compartilho. Ele faz parte da equipe de debates, do jornal da escola e até do coral! Meu Josh, que eu nunca tinha ouvido cantar na vida. Ele está crescendo, mudando e se desenvolvendo diante dos meus olhos, agarrando cada desafio e aventura, ganhando cada vez mais autoconfiança. Ele combina com o lugar. Pertence a esse mundo, a essa nova vida.

Mas nada disso o impediu de me apoiar quando eu mais precisei. Sorrio. Talvez encontremos uma forma de resolver todos esses problemas. Talvez não tenhamos que apostar no tudo ou nada, escolher entre a faculdade ou a nossa história, entre noivado ou rompimento. Podemos passar por essa fase e até sair dela vitoriosos, se realmente nos dedicarmos. Conheci todos esses novos amigos agora, afinal, e ele foi incrível essa semana, me emprestando o celular para ligar para Charlotte, que vai entrar em contato com a clínica da Inglaterra quando sair o meu resultado; e também foi especial por me escutar sem julgar, quando finalmente lhe contei tudo.

Bom, quase tudo.

Mordo o lábio. Sinto-me terrível por não contar do bebê, mas as coisas ainda estão tão indefinidas entre nós depois do fiasco do noivado que não quero me comprometer de novo só porque estou grávida. E principalmente agora, que eu e o bebê carregamos a probabilidade de ter herdado uma doença debilitante. E que eu nem mesmo sei se vou seguir adiante com a gestação...

É só mais um segredo. E só por enquanto.

Até que eu finalmente saiba.

— Tudo bem com você? — Josh aperta meu braço. — Quer que eu vá junto? Que compre uma passagem?

Olho para ele. Será que ele faria isso? Por mim? A garota que o prendeu? Será que ele abandonaria os estudos e iria comigo percorrer meio mundo para encontrar a minha família?

Sorrio e aperto a mão dele. Claro que iria. E é exatamente por isso que não posso lhe contar do bebê. Não posso deixar que ele sacrifique tudo por mim.

— Obrigada. Mas isso é uma coisa que eu preciso fazer sozinha.

— Tudo bem — concorda, franzindo um pouco o rosto. — Mas se você precisar de qualquer coisa, qualquer coisa mesmo... estou aqui, está bem? Sempre. O telefone não vai sair de vista. Tá?

Ele levanta o celular, e tenho vontade de chorar.

Como uma prova do que acabou de dizer, o celular apita, indicando uma nova mensagem na caixa postal.

— Meu pai de novo? — suspiro.

Ele confirma, escutando a mensagem, estremecendo com a voz exaltada, que quase consigo ouvi-lo de onde estou.

— Ai, caramba!

— O que foi agora? — pergunto, franzindo as sobrancelhas.

Josh me olha.

— Ele está vindo para cá.

Rosie

— Vai, vai, vai...! — Jack chia, batendo de novo no painel do carro ao pararmos em mais um sinal vermelho. — Que terminal está escrito aí no site?

Verifico no telefone dele.

— Terminal E — respondo-lhe, impaciente no banco do passageiro, com todos os dedos das mãos e dos pés cruzados, olhando para o farol e desejando que mude de cor imediatamente.

Temos que impedir Holly, temos... Isso é ainda pior do que a história de Kitty, porque ela estava só em busca de publicidade. Mas Holly está indo por vingança. Contra mim, contra Sarah... Fecho os olhos com força. Tenho que impedi-la.

Antes que seja tarde demais.

Finalmente o aeroporto aparece diante de nós, e eu já solto o cinto de segurança.

— Rosie, eu não posso deixar o carro aqui...

— Vai estacionando — instruo, abrindo a porta. — Eu vou procurar Holly.

Bato a porta atrás de mim e disparo para dentro do terminal. *Tenho que encontrá-la*. Irrompo cada porta por que passo, com a respiração apertada no peito, correndo, procurando, vasculhando cada ala, como se a minha vida dependesse disso.

Porque na verdade depende.

Holly

Vai, vai, vai...! Bato o pé de nervoso enquanto o funcionário que faz o *check-in* verifica meu passaporte.

— Primeira viagem para fora, não é? — Sorri. — Espero que não enjoje!

Sorrio forçadamente, olhando ansiosa para a entrada. Ainda não há sinal de papai, graças a Deus. Isso será muito mais fácil sem uma cena.

— Corredor ou janela? — pergunta o rapaz.

— Tanto faz! — Encolho os ombros, de olhos grudados nas portas, atenta a cada pessoa que entra. Josh aperta minha mão, e só então eu me lembro de respirar.

O rapaz finalmente me entrega o cartão de embarque, e acompanho a mala que passa pela esteira até desaparecer no galpão do fundo. Não tem mais volta...

Uma ponta de dúvida me atinge, mas eu a ignoro. Sei que estou fazendo a coisa certa. Ela é a *minha* vó, a *minha* família. E eu também mereço algumas respostas.

E quanto a Sarah... Gelo de repente. Ela merece o que quer que lhe seja justo. Chegou a hora de encarar as consequências do que fez e, sobretudo, de *me* encarar.

— Ei... — Josh me abraça forte, e eu começo a relaxar. — Toma cuidado, tá bom?

— E você também — sussurro, aproveitando o momento em que ainda estou envolta em seus braços, como se nunca fôssemos nos soltar.

— E me traz um gnomo.

Rio, esquecendo a tensão.

— Um gnomo?

— É, eu sempre quis um gnomo. Quero um que se chame Yoda.

— Eu prometo que te trago um. — Beijo seu rosto com carinho.

E então, meu sorriso se esvai.

Rosie

— Holly! — grito com toda a força dos pulmões.

Ela se vira e foge imediatamente, mas corro mais rápido e consigo segurá-la pelo braço.

— Holly, espera!

— Ei! — Josh tenta me impedir, enquanto ela se desvencilha.

— Holly, por favor, só me escuta. Por favor, não faça isso.

— Por que não? — desafia, com um olhar frio. — Por que eu não deveria?!

— Holly, por favor! — imploro. — Sarah vai para a cadeia. Ela nunca quis fazer mal algum a você, foi um erro. Você vai acabar com a vida dela!

— Ela é que acabou com a minha vida! — Holly me cerca. — E por que não deveria ser punida? Por que eu não deveria buscar minha família, Rosie? Você foi. Ela é a minha avó, afinal de contas!

— Porque... — Olho para ela em desespero, com um milhão de motivos prontos para sair pela boca. — Porque ela é velhinha. Porque iria destruir o mundo dela. Porque ela é minha ... Porque ela não sabe — digo-lhe finalmente, num argumento fraco, mesmo aos meus ouvidos.

— E tampouco eu sabia. — Ela se vira de novo, arrastando Josh pelo corredor.

— Holly, por favor. — Eu a sigo, tomada pelo desespero. — Você tem todo o direito de ficar brava, aliás, nós duas temos. Mas isso não vai resolver nada, a gente não consegue voltar no tempo.

— Bem que você tentou — Holly argumenta.

— Sim, e veja só onde eu fui parar em relação a Kitty! — rebato. — Você sempre esteve melhor sem ela!

— Fácil para você falar isso, não? — Ela se volta para mim. — Pois eu não saberia dizer. Porque minha mãe está morta.

— Eu sei, Holly, fui eu que tive que assistir à morte dela!

Ela titubeia.

— Você realmente pensa que a minha vida foi muito fácil? Que eu sou a sortuda dessa história toda?

Olho para ela, incrédula, sentindo o sangue me cortar as veias.

— Ela era a minha mãe, o meu mundo inteiro, e eu a vi morrer. Não pude fazer nada, só assistir...

Holly desvia o olhar.

— Você teve dezoito anos, Holly. Dezoito anos felizes com um pai que te ama mais do que tudo neste mundo e uma madrasta maravilhosa, além de um irmãozinho lindo. E você acha que eu sou a sortuda da situação? — As lágrimas escorrem dos meus olhos, e ela morde o lábio. — Você não vê, Holly, que não tem ganhador aqui? Estamos na mesma: eu nunca tive pai, você nunca teve mãe. Esse acidente, esse erro, aconteceu para nós duas igualmente.

— Nós não somos iguais! — grita. — Meus pais estão mortos! E eu nunca vou conhecê-los! — Ela olha fixamente para mim, com a voz trêmula. — E eles nunca vão poder me conhecer. Por causa de Sarah, eu nunca tive essa chance!

— Holly... — Baixo a voz ao notar que as pessoas param para assistir. — Eu sei disso. E eu sinto muito. Eu não quis dizer...

— E não, não foi um acidente! — dispara, com um olhar cortante. — Não foi um erro. A sua mãe não te quis. Ela te abandonou, fugiu. Foi isso que aconteceu! Se Kitty não tivesse te abandonado, não estaríamos metidos nessa bagunça toda!

Fico paralisada sob seu olhar trepidante.

— A minha mãe estava desesperada para me pegar nos braços, você mesma disse. Me queria mais que tudo neste mundo, mas eu fui roubada dela. Sua amiga me roubou. Essa é a diferença!

Olho para ela, atônita, enquanto Josh a abraça, tentando acalmá-la.

— Não foi acidente — repete, quase me fritando com os olhos límpidos como cristal. — Você foi abandonada — esclarece friamente. — Eu fui roubada.

Continuo olhando, mas o ambiente começa a girar e me enjoar. Ela está certa. Kitty não me quis. Nunca me quis. Pelo contrário, me abandonou. Duas vezes...

— Ninguém foi abandonado — Jack interfere com calma, caminhando por trás de mim.

Holly ergue os olhos em direção a ele, cerrando os dentes.

— Holly — diz, com gentileza. — Rosie. Ambas foram amadas. *São* amadas. Nada disso faz diferença, o DNA não importa.

— Ah! — Holly ri friamente. — Bom, isso é providencial, vindo de você, não?

Jack a fita, e seu rosto perde a cor.

— Você não é meu pai, não é? — ela diz friamente. — E nunca foi. — Para minha surpresa, ela olha para mim. — E você também não é...

— Holly, não! — interrompe Jack, agarrando-a pelos ombros, de costas para mim. — Por favor...

Ela o enfrenta, tomada pela dor. Depois balança a cabeça, descrente.

— Mesmo agora... — sussurra. — Mesmo agora?

— Holly...

— Me larga! — ela grita, empurrando-o. — Nem ouse! — Sua voz está entrecortada pelas lágrimas. — Nem ouse me dizer o que fazer. Você não é meu pai, e nunca foi.

— Holly... — Jack tenta de novo.

— Não encoste em mim! — Ela retrai todo o corpo, colocando-se atrás de Josh, que olha para Jack de um jeito estranho.

Agora as pessoas já nos olham abertamente, e um segurança vem em nossa direção, mas Holly está absorta, com uma expressão desprovida de emoções, encarando Jack.

Vira-se para mim, abre a boca para falar, depois fecha de novo, endurecendo sua feição. Recolhe a mochila do chão, endireita as costas e, sem dizer uma palavra, apanha Josh pelo braço e vai embora.

Holly

— Holly! — papai grita, e me segue por um tempo, mas eu continuo andando, concentrada em cada passo, em direção à fila para o controle de passaportes e o raio X. As lágrimas brotam sem parar, e eu as afasto do rosto cheia de raiva, segurando firme a mão de Josh.

— Holly! — Papai me segura pelo braço.

— Jack — Josh diz com educação. — Você não vai conseguir impedi-la.

Papai balança a cabeça e diz calmamente:

— Não estou tentando.

Jack me lança um olhar triste.

— Holly, se é isso que você quer de verdade...

— É isso, sim — respondo, com a mandíbula trincando de tão cerrada.

— Então vou com você.

Olho para ele, estupefata.

— Você é a minha filhinha, Holly-berry — sussurra. — Não me importa o que você diga, você sempre será a minha garotinha — diz, com os olhos marejados. — E tudo o que eu quero é que você seja feliz.

Ele iria comigo? Encontrar minha família? A minha família de verdade?

— Não. — Balanço a cabeça, com a voz falha. — Eu te agradeço, mas não. Tenho que... fazer isso sozinha.

Ele olha para mim pesaroso, como se estivéssemos dizendo adeus pela última vez.

— Compreendo. — Baixa a cabeça e pisca rapidamente. Depois abre a carteira e coloca uma pilha de notas nas minhas mãos. — Boa sorte, filhinha — sussurra, inclinando-se em minha direção e dando um beijo na minha testa, que me faz lembrar seu cheiro tão familiar. — Eu te amo, viu?

Olho para ele, sentindo o coração se contorcer dentro do peito.

Como chegamos a este ponto?

Lanço-lhe um olhar que parece durar uma eternidade, até que seu rosto vira um retrato diante de mim e não consigo mais respirar... Então fecho os olhos com força, recobro o ar e me obrigo a virar as costas para partir. Na direção contrária de tudo aquilo que conheço na vida, de tudo o que já amei, seguindo para um futuro que ainda é obscuro para mim...

Rosie

— Eu não acredito! — grito com a atendente da companhia aérea. — Tem que haver um voo, uma reserva de segurança, um assento extra, qualquer coisa!

— Para hoje, não. Me desculpe, senhorita — diz ela, calmamente. — Gostaria de agendar um voo para o dia trinta? É a primeira data que tenho disponível no momento.

— Tudo bem, então! — digo, puxando os cabelos para trás. — Pode ser. Sim, por favor.

Assisto ao procedimento da reserva, inconsolável.

Dia trinta. Daqui a quatro longos dias. Tenho que esperar quatro dias inteiros antes de ir para casa. Os mesmos quatro dias que Holly terá para destruir meu mundo, minha vida, minha Nana... e eu não posso fazer absolutamente nada para evitar isso.

— Vem, Rosie — Jack me chama, cuidadoso. — Vamos para casa.

Casa. Se é que esse lugar existe para mim hoje em dia...

Ando atrás dele, carregando a melancolia daquela situação toda até o carro.

Não acredito que ele a deixou partir, simplesmente deixou...

Mas, também, como ele poderia impedir? Ela está fazendo exatamente o que eu fiz... Fecho os olhos, pensando em Nana, tão pequena, tão frágil. Em Sarah, tão querida e amorosa. Nenhuma delas merece isso.

E é tudo culpa minha. Eu abri essa caixa de Pandora, e agora as serpentes estão soltas por tudo quanto é canto, rastejando barbaramente, destruindo tudo o que amo, totalmente descontroladas. Suspiro pesadamente.

Pelo menos ainda não... Holly ainda não chegou — reconsidero. Ainda tenho tempo. Faltam pelo menos seis horas para que ela aterrisse. E talvez ela ainda mude de ideia...

Ah, claro... E talvez a lua seja mesmo feita de queijo.

Holly

Acordo sobressaltada ao som do aviso de apertar os cintos. Retiro a máscara dos olhos e espio à minha volta. Os raios de luz da manhã entram pelas janelas pequenas, e logo abaixo está Londres. Esfrego os olhos, atraída pelos marcos famosos da cidade, que se desdobram aos meus pés: London Eye, Big Ben, o Palácio de Buckingham. Parece um sonho.

Este é o meu sonho, penso, ansiosa. Aqui estou eu, finalmente viajando. Pouso a mão sobre a barriga. Não exatamente da forma como planejei...

Quando me registro no hotel, sinto-me exausta. *Jet lag*, talvez. Cheguei até Maybridge, a maior cidade próxima a Bramberley, mas acho que é melhor primeiro cuidar um pouco da aparência, antes de sair conhecendo as pessoas. Uma olhada no espelho, e vejo que foi realmente uma boa ideia: estou péssima.

Mergulho na cama e fico olhando aquele caderninho rosa de endereços.

Nana. A palavra até me faz cócegas na língua. Ela está tão perto agora... Logo ali na cidade ao lado, na outra ponta daquele telefone...

Posso ligar para ela, penso, entre outras coisas que passam na minha mente. Para conferir se o endereço está certo... Apanho o telefone, tateando os botões como se fosse um código para destravar a minha própria história. E então prendo a respiração ao escutar tocar.

— Alô? — uma voz agradável atende. — Residência de Laura Fisher.

Mal posso respirar, paralisada ao som da sua voz.

— Alô? — repete a voz. — Tem alguém aí?

Desligo rapidamente, com o coração disparado. É ela. De verdade. *A minha* avó... E eu vou encontrá-la. Amanhã vou encontrá-la.

Mordo o lábio, numa mistura de medo e empolgação.

Talvez depois de amanhã.

Rosie

Olho para meu celular quando a luz do sol começa a se espalhar pelo teto.

Cinco e cinco.

Holly deve estar na Inglaterra neste momento. Está cinco horas na minha frente. E pode ser que já esteja em Bramberley.

Meu corpo todo formiga.

Olho de novo o celular, tentando imaginar o que está se passando do outro lado do Atlântico.

Eu poderia telefonar para Andy pela quinquagésima vez, verificar mais uma vez se ele já conseguiu falar com Holly, tentando convencê-la a não procurar Nana...

Ah, claro... Como se alguém neste mundo fosse capaz de convencê-la. Nunca vi ninguém mais determinado. E ele teria me ligado se tivesse conseguido. Suspiro.

Eu mesma poderia ligar para Nana... Seria melhor que isso viesse de mim, melhor do que chegar por Holly, uma estranha... Mesmo que essa estranha seja a sua neta...

Apanho o telefone com as mãos trêmulas e digito o número tão familiar, prendendo a respiração enquanto o telefone toca.

Talvez ela tenha saído. Talvez ela tenha saído quando Holly...

— Alô? — diz ela, com a voz dolorosamente acolhedora e familiar. — Alô, residência de Laura Fisher.

Eu consigo. Fecho os olhos, e o telefone trepida na minha mão. *Tenho que fazer isso.*

Abro a boca para falar, mas não me sai nada.

— Alô? — ela repete, impaciente. — Alô, quem é?

Sinto a garganta comprimida e tento desesperadamente falar, mas as palavras simplesmente não vêm. Como eu começo? Por onde eu poderia começar a explicar essa bagunça toda?!

— Alô?

Largo o telefone, como carvão quente, enterrando a cabeça entre os travesseiros.

Não dá... Não tenho como fazer isso... Como eu poderia lhe contar uma coisa dessas?

Holly

A placa me chama a atenção:

“Bem-vindos a Bramberley, o charme à beira-mar”.

Sinto um arrepio. Cheguei à minha cidade natal. Ou melhor, ao meu vilarejo. Olho pela janela do táxi, e as montanhas verdes se abrem, mostrando fileiras de casas, um lago de patos e... Não acredito! Um castelo de verdade e ao vivo! Sorrio. Melissa teria adorado isto aqui; é como viajar no tempo para outro mundo: campos de ovelhas, chalés com telhado de palha, *pubs* rústicos, uma enorme igreja de pedra...

— Espere! — exclamo de repente para o motorista. — O senhor pode parar aqui?

Desço do carro e olho para a enorme construção de pedra cinzenta decorada com vitrais e com um relógio preto na fachada. Sigo o caminho do cemitério, passando pelo imenso portão de ferro que se abre diante do gramado salpicado de lápides.

Respiro com ansiedade a cada nova inscrição, passando uma a uma, nervosa.

E, de repente, lá está ela.

Paro, hipnotizada diante da lápide com letras frescas e claríssimas:

“Gertrude Kenning, amada filha, esposa e mãe”.

Mãe...

— Mamãe...? — Meu coração se contrai todo. Assusto-me com a percepção de que, por mais que eu tome atitudes ou ande por aí, isto aqui, uma pedra, um caminho lamacento, é o mais próximo que vou conseguir chegar dela.

Passo os dedos no chão gelado, e minhas lágrimas caem sobre a grama recente.

Ela era minha mãe, e nunca nos conhecemos. Ela nunca me conheceu... e tampouco conhecerá...

— Estou aqui, mamãe — sussurro. — Eu voltei.

Tarde demais.

A imagem da lápide diante dos meus olhos é de repente a única coisa existente no mundo, e me aproximo dela para tocá-la. Tão delicada e ao mesmo tempo dura, fria...

Não faz mais do que algumas semanas, percebo, desolada. Eu perdi a chance, por não mais do que algumas miseráveis semanas.

— Eu senti a sua falta, mamãe — digo-lhe, com a voz estremecida ecoando no cemitério vazio. — Senti muito a sua falta...

As palavras se embaralham enquanto tento ler aquilo, correndo os dedos sobre a inscrição.

“D-a-v...”

Pisco os olhos e recupero o foco.

“David Kenning, amado filho, marido e pai.”

Pai...

A lápide também é de meu pai, meu pai biológico.

Cinco de janeiro...

Meu aniversário. Do ano em que nasci.

De repente a culpa me assola. Rosie nunca conheceu o pai. Nunca teve pai...

A cena de papai no aeroporto me vem incandescente à lembrança, fazendo retorcer meus pensamentos e o coração. Eu tive pai durante todo esse tempo, a vida inteira. Um pai verdadeiro e maravilhoso, tanto quanto um pai pode ser. E eu nunca teria mesmo conhecido o meu pai biológico. Porque ele morreu na noite em que nasci...

Na noite em que nascemos.

Estremeço ao imaginar como deve ter sido a situação. Como deve ser a sensação de dar à luz um bebê e descobrir que Josh morreu no mesmo momento, principalmente se meu bebê estivesse doente... ou se morresse também...

Uma onda de tristeza esmagadora me invade diante daquela inscrição.

Isso. Foi isso que começou tudo. Não a dor, não o egoísmo, não a negligência. Essa tragédia. Esse foi o motivo por que Sarah nos trocou. Esse homem, meu pai, morreu... E se não tivesse morrido, se não tivesse havido a tal tempestade... Fecho os olhos, imaginando como minha mãe devia estar se sentindo — desolada, sem esperança... preocupada com o bebê doente, em luto pelo marido...

E agora ela também se foi. Ambos morreram. E aqui estamos, brigando por eles, quando já estão mortos, já partiram.

Nós duas os perdemos. Para sempre.

E nada os fará voltar.

Rosie

Chega a ser ridículo. Verifico meu telefone pela centésima vez no fim de semana. Bom, notícia ruim chega rápido, não? Se Nana soubesse, neste momento já teria me ligado, não é mesmo?

Ou não... Ou ela simplesmente nunca mais vai querer falar comigo...

Pertubo-me com a possibilidade, ainda de olho no celular silencioso.

Isso é tortura! Tentei não pensar no assunto, tentei continuar fazendo outras coisas, mas não consigo me concentrar, não consigo dormir. Está difícil viver assim, sem saber, com medo, esperando pelo telefone que não toca e, ao mesmo tempo, apavorada que toque em algum momento. Isso está me deixando atordoada!

Respiro fundo e apanho o aparelho com determinação.

Dessa vez eu vou fazer isso, digo a mim mesma. *Vou contar para ela.* Tenho que contar. Ela precisa saber.

Se é que ainda não sabe.

Hesito um pouco, mas finalmente aperto o botão de rediscagem, rígida como aço ao ouvir tocar do outro lado.

Não vou desligar, não vou desligar, não vou...

— Alô?

— Nana! — exclamo rapidamente, antes que tenha o ímpeto de amarelar de novo. — Nana, eu...

— Você ligou para Laura Fisher. Não estou em casa no momento. Por favor, deixe a sua mensagem após o sinal.

Droga! Não dá para lhe contar pela secretária eletrônica.

Desligo o telefone e o arremesso na cama. Caminho de um lado para outro dentro do quarto como um animal enjaulado, os cabelos presos às mãos. Não tem jeito! Não posso ficar aqui só esperando, imaginando, preocupada... Baixo os olhos para a mochila.

Começo a juntar as minhas coisas e enfio-as rapidamente ali dentro.

Pelo menos posso esperar em um lugar mais útil.

Holly

O silêncio é quebrado por um repique de sinos estridentes, e me assusto com o barulho repentino, que faz uma revoada de pardais se espalhar no céu como confete. Um grupo de garotas animadas sai pela porta da igreja, seguido por um comboio de jovens mães com seus carrinhos de bebê e crianças correndo umas atrás das outras por entre as lápides.

Mais pessoas vão saindo da igreja, seguindo o caminho logo atrás de mim, conversando alto, fazendo ruído com suas passadas sobre o cascalho solto. Baixo a cabeça enquanto passam, escapando da multidão e do barulho, com os olhos grudados no chão até atravessar a rua.

— Senhora Fisher! Laura!

Viro-me com o coração palpitante, buscando rapidamente na multidão, ansiosa, varrendo com os olhos cada pessoa ali diante da igreja, com medo de não a encontrar, pois nem mesmo sei como ela é...

Até que a vejo.

E sei que é ela; apenas sei. Seu cabelinho branco como uma nuvem macia, o rosto em forma de coração, um conjunto lilás de casaco e saia que lhe favorece a silhueta miúda, um sorriso brilhante e acolhedor. Ela se vira para receber do garoto a echarpe que esqueceu lá dentro.

Minha avó. Olho para ela, tentando absorver cada detalhe. Ela tem o nariz como o meu, penso de repente, toda realizada. Ou melhor, eu tenho o nariz como o dela. Caminho pela rua, tentando acompanhar seus movimentos, esticando o pescoço para ver por entre os fiéis da igreja, que andam no mesmo sentido. Frustrada, atravesso de volta para me posicionar melhor.

Então, de repente, ela se vira em minha direção, e eu congelo ali, com o coração na boca.

Encaro-a sem conseguir tirar os olhos dela, e muito menos respirar.

Nem mesmo vejo o carro breicar para não me pegar.

Até que de repente me dou conta.

Rosie

Respiro fundo, penduro a mochila nas costas e caminho até a sala.

Megan está lendo, Jack monta um quebra-cabeça com Ben, e, por isso, eles demoram um instante para notar minha presença. Observo-os silenciosamente, tentando gravar aquela cena na memória, com pesar no coração.

Finalmente Jack ergue os olhos, reparando no casaco, na mochila. Coloca a peça do quebra-cabeça de volta na mesa.

— Pensei que o seu voo fosse só daqui a alguns dias.

— E é — admito. — Mas eu quero ir para o aeroporto. Pode ser que tenha vagado algum assento, e se eu estiver por lá...

— Você sabe que não precisa ir — diz ele baixinho.

— Preciso, sim — suspiro. — Realmente preciso estar lá. Para contar pra Nana. — Fecho os olhos com força. — Se é que já não é tarde demais.

Jack me puxa para perto de si, passa a mão nos meus cabelos, e eu fecho os olhos com força, tentando guardar esse momento para lembrar sempre: seu carinho, seu amor, tão acolhedores quanto capazes de partir o coração.

Meu pai.

Com um grande esforço, separo-me dele e engulo em seco.

— Posso usar seu telefone para chamar um táxi?

Ele balança a cabeça.

— Eu te levo.

— Acho que é melhor pegar um táxi — digo gentilmente. — Pode demorar muitas horas até eu encontrar um voo disponível e... — Desvio o olhar. — Eu não sou boa em despedidas.

Jack engole em seco, esfrega as sobrancelhas e concorda.

E se você estiver lá comigo, penso, passando por ele em direção ao telefone, pode ser que eu nem tenha coragem de entrar no avião.

Holly

Ao abrir os olhos, não faço ideia de onde estou. Pisco algumas vezes, tentando acertar o foco para enxergar. As pessoas passam por mim, vestidas de branco, e estou ali deitada, com o corpo pesado e uma sensação estranha de ter sido abduzida por *aliens*.

Tento me mexer, mas dói muito, e logo desisto. Fecho os olhos com bastante força e, num fragmento de memória, lembro-me do carro.

O bebê.

De repente, respirar fica impossível.

Tento me sentar, as mãos na barriga.

Perdi, tenho certeza ...

— Holly? — Uma enfermeira aparece diante de mim e segura a minha mão. — Holly, que bom que acordou!

Olho para ela, desesperada, e então ela sorri.

— Está tudo bem, o médico logo vai te examinar. Você consegue dizer onde dói?

— Meu bebê — digo-lhe. — Ah, Deus, meu bebê...

— Você está grávida? — ela pergunta, franzindo a testa. E sorri rapidamente de novo. — Não se preocupe, faremos também um exame completo em você e no bebê. — Ela aperta a minha mão. — Você está no melhor lugar agora.

Concordo fracamente, sentindo um medo tão profundo e verdadeiro que me tira o fôlego. Meu bebê, meu precioso bebê... É culpa minha, eu não merecia esta criança, porque estava considerando o aborto. Um aborto! Sinto um gosto ruim na boca e fecho os olhos. *Me desculpe*, digo a ele silenciosamente, agora não dá mais tempo. *Me desculpe...*

— Você gostaria de telefonar para alguém? — pergunta a enfermeira. — Para avisar que está bem?

Balanço a cabeça, e ela se vira para sair, enquanto fico olhando, sentindo-me incapaz e desesperada.

— Papai — digo, de repente, sentindo-me novamente uma garotinha. — Meu pai...

Rosie

O telefone toca quando estou prestes a ligar para o táxi. Assusto-me com o toque e tiro o aparelho do gancho.

— Alô?

— Alô — diz uma voz distante. — Eu poderia falar com o senhor Jack Woods?

— Só um segundo. — Entrego-lhe o telefone. — Jack, é para você.

— Alô? — Jack atende, e eu me sento, com a mochila entre os joelhos. Megan me abraça forte, e Ben pula no meu colo.

— Vou sentir saudades — ela sussurra, beijando-me o cabelo.

— Eu também. — Abraço-os com carinho. Vou sentir muita saudade de todos eles, de Megan, do pequeno Ben, e principalmente de Jack. Olho para ele enquanto fala ao telefone e sinto uma dor no coração. *Meu pai...*

Mas isso é uma coisa que preciso fazer.

Jack desliga, e eu me dirijo ao telefone para usá-lo, mas ele me interrompe:

— Você não vai precisar do táxi — diz, esfregando o rosto. — Vou com você.

— Jack...

— Para a Inglaterra.

Megan olha para ele, atônita.

— O quê?

— Era do hospital de lá — ele diz, pálido. — Holly sofreu um acidente.

Ergo a cabeça imediatamente.

— O quê?! — Megan engasga. — O que aconteceu? Ela está bem?

— Ela está bem — diz ele, absorto em pensamentos, ainda olhando para o telefone. — O médico disse que ela está bem...

— Ah, graças a Deus! — Megan suspira, transbordando de alívio.

Graças a Deus!

Jack ergue os olhos, pálido.

— E disse que o bebê também está bem.

Holly

— Está tudo bem? — Olho para a enfermeira, descrente. — Tem certeza de que o bebê está bem?

— O bebê está ótimo. — Ela sorri, limpando o gel do ultrassom. — Perfeito. Você tem sorte de ter escapado dessa só com alguns arranhões e machucados. Se aquele carro estivesse andando um pouquinho mais rápido, a história seria completamente diferente.

— Graças a Deus! — Recosto-me no travesseiro, colocando a mão quente sobre a barriga. *Graças a Deus!* Nem consigo acreditar. Não dá para acreditar em como eu tive sorte.

— Agora você precisa descansar. — Ela sorri. — Isso foi uma coisa muito desgastante para você, mocinha, e descansar também fará bem ao bebê.

Concordo, sentindo-me repentinamente exausta.

— Está bem.

— E, se você se comportar, vou ver se consigo uma musse de chocolate para o almoço. Só tem às segundas-feiras, e há uma certa euforia aqui quando tem musse, mas eu sou amiga da equipe da cozinha, então vou tentar conseguir uma pra você. — Pisca para mim. — É divina.

— Obrigada — digo-lhe, realmente grata e com a garganta inchada. — Obrigada mesmo.

— De nada. Agora descanse, está bem? Eles vão te expulsar daqui de manhã, então aproveite a estada! — Sorri para mim, e eu também lhe sorrio.

— Sarah! — outra enfermeira a chama. — Sarah, você tem um minuto?

O sorriso então congela no meu rosto.

— Viu? Não dá pra ficar parada! — Pisca novamente. — Fique aqui quietinha, ok? Já volto com a sua musse.

Olho atônita enquanto ela se afasta, e me sinto mais incrédula do que nunca.

Sarah?

Rosie

Ela está grávida? Holly está grávida?

Ah, meu Deus, todo esse estresse, e ela está grávida?

Acompanho a subida através da janela do avião, durante a decolagem ruidosa, com dificuldade de me lembrar das últimas horas, ainda apagadas pelo choque da notícia, e tento resgatar na memória as coisas que aconteceram e eu não percebi. Suas alterações de humor, suas atitudes e palavras...

O teste, me dou conta, de repente. Ela estava me perguntando sobre o teste...

Fecho os olhos. Mal posso imaginar o que faria na situação dela, as coisas por que ela deve ter passado durante esse tempo todo. Meu Deus, se já é difícil ter que lidar com a sombra da doença de Huntington, saber que você pode passar isso para o seu filho deve ser muito pior. E ela não contou a ninguém. Olho para Jack, com o pensamento distante, também de olho na janela. Ele está em choque desde que recebeu a notícia. Pelo menos conseguimos arranjar os assentos. E pelo menos estamos a caminho. Mas ele não sabia. Ela não lhe contou. Não contou para ninguém. A menos que...

Andy. Andy deu a ela o seu telefone, ele a visitava toda hora, passava o dia com ela... Ele sabia! Holly deve ter confiado a ele o seu segredo. Sorrio. Queria ter feito o mesmo.

Confiro o relógio. Seis horas e meia. Mais seis horas e meia e estaremos lá. Jack estará junto de Holly, e eu estarei em casa. Sinto o estômago revirar.

Só Deus sabe o que nos espera.

Holly

Ponho o pé para fora do hospital, e o sol me ofusca. É um lindo e novo dia, fresco e claro. *Uma página em branco*, penso, respirando fundo o ar gelado que faz meus pulmões se renovar. Uma segunda chance. Para nós dois.

Paro em frente ao orelhão e procuro algumas moedas na bolsa, cruzando os dedos ao ligar para meu pai. Atende, por favor...

— Olá, este é o telefone de Jack...

Sinto uma dor no coração ao ouvir sua voz, mesmo que seja da mensagem da caixa postal, e mais uma vez não acredito que saí de casa.

— Papai, eu... sou eu. Estou indo para casa. — Meu coração vem à boca. — Eu te amo.

Sorrio ao desligar, e corro para pegar um táxi que está deixando uma família por ali.

— Para onde, querida?

— Só um segundo. — Procuro na mochila o endereço do hotel. Preciso buscar as minhas coisas antes de ir para o aeroporto. Mal posso esperar para chegar em casa, sentir o abraço de papai, ouvir dele que vai ficar tudo bem e que ele está feliz porque vai ser avô. E voltarmos a ser uma família.

Então dou de cara com o caderninho cor-de-rosa enfiado em um canto da bolsa, reluzindo sob a luz do sol.

Minha família...

Rosie

— Sejam bem-vindos a Londres. A partir deste momento, é permitido desatar os cintos de segurança e religar os aparelhos celulares — anuncia a aeromoça.

Jack e eu nos misturamos às pessoas que lentamente retiram suas malas do compartimento de bagagem.

— Vamos, vamos! — resmunga Jack, enquanto a fila anda centímetro por centímetro até o desembarque.

Disparamos no aeroporto, parando apenas nas filas regulares da imigração, da retirada de bagagem, da alfândega... Acompanho Jack, que tem os olhos fechados de exasperação e a expressão do rosto contraída.

Estou quase deixando a mala ali mesmo...

Finalmente, estamos do lado de fora, em busca de um táxi, rumando para longe do aeroporto, em direção ao sul. Jack olha pela janela, absorto, tamborilando os dedos impacientemente na maçaneta da porta. O percurso parece durar uma eternidade. Fico olhando para os campos verdes, a paisagem em recortes, o caminho de casa.

É estranho andar assim, no tão conhecido caminho de casa, tendo Jack ao meu lado. É como se estivéssemos deslocados aqui, como se ele tivesse sido inserido aqui, vindo de outro mundo. O dele. Embora, é claro, este também seja o seu país de origem e ele já tenha estado por aqui antes...

— Ah, meu Deus! — diz ele de repente.

Jack está branco como papel.

— O que foi? — pergunto, ansiosa. — O que aconteceu?

Então me dou conta. Do lado de fora agiganta-se à nossa frente o branco do hospital, alto e cheio de maus presságios.

— Ah, meu Deus! — digo, baixinho, acompanhando a manobra do táxi, que nos deixa na porta. — É neste hospital que ela está? — Olho para ele, incrédula. — Aqui?

Ele confirma, com a expressão ainda mais tensa.

— Eu devia ter imaginado. — Jack balança a cabeça ao passar pela placa que conheço tão bem.

“Hospital St. Anne’s, Maybridge.”

Onde tudo começou.

Holly

Diante da casa, confirmo novamente o endereço. É aqui mesmo.

O táxi se afasta e desaparece na esquina. Não tem mais volta.

Olho para a rua, com seus chalés amontoados como sardinha em lata e os jardins cercados, idênticos, na frente de cada um deles. Um gnomo de plástico enfeita a pequena fonte congelada de Laura, como se pescasse ali. Seu sorriso largo ignora o frio que faz no local. Sorrio também, ao me lembrar de Josh. *Yoda*.

Respiro fundo e caminho cautelosamente até a entrada, enterrando os pés nas pedras de brita. Ao chegar à porta, mordo o lábio e levanto a mão para bater.

Mas e se isso for um erro? Hesito, enfiando a mão de volta no bolso, ainda de olho na porta. Há uma ferradura pendurada logo acima do batente, com uma placa escrita à mão, por dentro do vidro, com os dizeres: “Por favor, não coloque propagandas na correspondência” e uma carinha feliz. Isso é real. É a casa da minha vó.

Fecho os olhos, toco na ferradura para atrair sorte e, antes mesmo que dê por mim, já toquei a campainha. Espero diante da porta, com o coração martelando por dentro.

Nada.

Espero um minuto, sem respirar. Ligeiramente esperançosa de que não haja ninguém em casa, toco novamente a campainha, como uma criança fazendo arte, espiando pela janela e escutando o som no vazio da casa. Fecho os olhos, engolindo a decepção e um pouco tonta, embora aliviada.

É um sinal. Não era mesmo para eu encontrá-la. Não é para ela saber.

Olho demoradamente para a casa com carinho e me viro para ir embora. Bem na hora em que um carro estaciona na entrada.

Totalmente exposta, fico paralisada. A porta se abre, e a pequena senhora de cabelos brancos desembarca, pendurando a bolsa no ombro. A senhora da igreja. Minha vó.

— Olá. — Ela sorri, trancando a porta do carro e caminhando na minha direção. — Posso ajudá-la?

— Oi — consigo falar, tão imóvel quanto o gnomo de plástico do jardim.

Eu sou o quê? *Ah, sim, olá, senhora, surpresa!, sou sua neta perdida!?* Se eu fizer isso, ela provavelmente vai ter um ataque do coração e cair durinha aqui mesmo!

— Me desculpe, a senhora mora aqui? — verifico. — Seu nome é Laura Fisher? — Também não quero causar um ataque na mulher errada.

— Sim, sou eu. — Ela sorri. — Me perdoe, você me parece familiar, mas... eu te conheço?

— Eu... — Olho para ela, sem encontrar palavra alguma, um pouco inebriada por seus brilhantes olhos azuis, por seu sorriso fácil. Ela é velhinha, bem velhinha, mas tem algo juvenil no olhar.

— Eu sou Holly — digo, finalmente.

Ela me olha mais uma vez, e então me reconhece.

— É mesmo! — alegre-se, com o rosto iluminado. — Olá, Holly. — Sorri. Estava esperando por você.

Rosie

A porta automática do hospital se abre, e de dentro chega um sopro de ar quente. Ao vislumbrar tudo aquilo, a expressão de Jack se torna ilegível.

— Jack? — digo com delicadeza. — Jack, você está se sentindo bem?

Toco seu braço, e ele levanta os olhos, assustado.

— Sim — responde. — Sim, estou bem. É só que... — hesita, varrendo o ambiente com os olhos, porta a porta, desde a entrada até a recepção e os corredores. — Meu Deus, da última vez que estive aqui...

— Eu sei — digo, tentando confortá-lo.

À medida que vamos caminhando, as lembranças lhe vêm à tona, tão claras que se estampam no rosto, como reflexo no vidro. A ventilação me aquece os cabelos, e nossos passos ressoam no linóleo brilhante. Meu olfato é bombardeado com os diferentes odores de produtos de limpeza, desinfetante e purê de batata... Um milhão de memórias estalam de repente na minha cabeça: braço e tornozelo quebrados na infância, a noite horrorosa do baile de formatura, as visitas a mamãe... Meu encontro com Jamila algumas semanas atrás... Olho para Jack, incapaz de imaginar o que deve estar passando pela sua cabeça.

E de alguma forma chegamos finalmente à recepção.

— Estou aqui para ver a minha filha — Jack informa à recepcionista. — Holly Woods. Ela sofreu um acidente.

A atendente verifica a tela do computador.

— Woods? — confirma. — Sinto muito, ela teve alta esta manhã.

Jack olha para a moça.

— Ela não está aqui?

— Sinto muito.

— Bom, então você sabe para onde ela foi?

Ela levanta a cabeça e olha primeiro para Jack e depois para mim.

— Não, sinto muito, eu não sei.

Jack parece estar prestes a explodir.

— Espere só um momento. Enfermeira Willows! — Meu coração salta de repente ao escutá-la gritar em direção à porta de entrada. — A senhorita Woods era sua paciente, não era? Sabe para onde ela foi quando saiu?

Nós dois nos viramos ao mesmo tempo para a figura loira que olha em volta, vestindo um casaco sobre o uniforme.

Ela começa a responder, mas de repente olha para mim.

— Rosie! O que você...

— Oi, Sarah — cumprimento-a, as bochechas fervendo, ao mesmo tempo que olho ansiosamente para Jack, que empalidece.

— Sarah?

Holly

Fico olhando para Laura, estupefata. *Ela estava me esperando?*

— Andrew me telefonou alguns dias atrás. — Ela destranca a porta, sorrindo, e me põe para dentro.
— Disse que você talvez aparecesse por aqui. Você conhece a Rosie, não é?
— Sim... sim, eu conheço. — Observo-a sem muita certeza. *O que será que Andy disse a ela?*
— Venha, venha! — diz ela alegremente. — Está muito frio.

Sigo-a com algum nervosismo. A casa está quentinha e tem uma sensação de lar, além de cheiro de torrada.

— Agora, fique à vontade na sala, vou acender a chaleira.

Entro na sala com cuidado, afundando os pés no carpete fofo, vermelho-escuro. Ao deparar com as dúzias de fotos que cobrem a parede, fico boquiaberta: esses devem ser todos os meus familiares. Meu bisavô, meu avô, meu pai... Então meu coração para de repente.

Ali está ela.

Dirijo-me lentamente até a parede, com a respiração presa, passando de uma foto a outra, acompanhando os mesmos olhos cor de avelã que brilham em cada uma delas.

Trudie.

Eu só tinha visto a sua imagem na foto que Rosie me deu, e a tinha imaginado com uma única idade, de um jeito singular. Mas aqui está ela, criança, adolescente, jovem... Sorrindo, posando, feliz da vida na formatura, cheia de alegria no casamento. E aqui está ela sentada no balanço do parquinho, reluzindo de orgulho por segurar no colo a criança de cachos escuros.

Essa criança deveria ter sido eu.

Enrolo um cachinho no cabelo que sempre odiei, até agora. E que agora é o nosso vínculo; temos exatamente a mesma tonalidade. É o nosso laço, é a minha herança. Castanho-gengibre.

— Gengibre?

— O quê? — Viro-me, assustada.

Laura segura uma lata de biscoitos, toda sorridente.

— Na verdade, acho que você não tem muita escolha: tenho biscoito de gengibre ou barrinhas achocolatadas.

— Ah... obrigada. — Escolho uma barrinha de chocolate.

— Telefonei para Andrew, mas caiu em uma daquelas mensagens gravadas — diz, seguindo meu olhar, ainda grudado ao mural de fotos.

— É uma linda foto, não é? — Sorri, passando-me uma xícara fumegante com pires. — Rosie não tinha nem dois anos nessa foto, mas já era uma pestinha. Não dava para tirar o olho dela por um segundo! Mas aí ela fazia uma carinha sorridente, com aqueles olhões verdes, e a gente perdoava tudo. Com a maior carinha de inocente.

Sorrio sem muita convicção.

— E aquela é a mãe, Trudie. A minha garotinha — diz com carinho.

— Ela é linda.

— Sim. — Laura sorri. — Ela era.

— Como ela era? — pergunto calmamente, quase sem respirar.

— Era linda. Por dentro e por fora. E tinha um coração enorme, a garota mais amável que se podia encontrar. Foi uma mãe incrível para Rosie.

Sinto uma dor no coração.

— Rosie me disse que ela morreu recentemente...

— Sim. — A expressão de Laura se torna mais grave. — Ela estava muito doente. Tinha a doença de Huntington. — Volta a me olhar. — Rosie te contou? — pergunta lentamente.

Confirmo.

— Eu sinto muito. Deve ter sido terrível.

— E foi — diz ela. — É uma doença pavorosa. Foi horrível vê-la sofrer, vê-la escapar de mim. E a pior coisa foi que jamais soubemos que ela corria o risco; eu nunca tinha ouvido falar na doença de Huntington antes, e Charles... — Aponta para a foto de um policial bonito. — Meu marido, Charles, morreu antes do tempo, então nunca soubemos que a família carregava a doença. — Suspira. — Ninguém deveria ter que sofrer daquele jeito, sobretudo um filho da gente.

Não, penso, levando a mão automaticamente à barriga. Não deveria mesmo.

— E ainda assim, ela conseguiu passar por isso da melhor maneira. Típico de Trudie. “Não vejo razão para reclamar ou choramingar”, era o que ela dizia sempre, e então transformava todos os sinais e sintomas em piadas. — Sorri. — Chegou a dizer que a doença era o melhor regime para emagrecer, e se enchia de chocolates e bolos, gabando-se do fato de que tinha que comer alimentos de alta caloria para combater a perda de peso. Rosie e eu ficamos aliviadas quando a proibiram oficialmente de entrar na cozinha. — Ela ri. — Pelo menos agora ela tinha uma desculpa por ser a péssima cozinheira de sempre, assim como por ser bagunceira! “Não tenho culpa!”, ela dizia, cantarolando, feliz da vida. “É tudo culpa da doença de Huntington!” Sempre tirando o melhor de cada coisa... Bem, tanto quanto podia, não é? — Ela recupera a expressão mais séria. — Mas a pior maldição mesmo é que a doença não afetou somente a ela. Trudie estava muito preocupada com a possibilidade de tê-la passado para a filha... Se ela soubesse...

Nana suspira, e então prendo a respiração.

— Mas não dá para mudar o passado, assim como não se pode mexer no futuro, não é? E, conhecendo Trudie, eu sei que ela teria seguido adiante de qualquer forma. Ela queria desesperadamente ser mãe. E tenho que admitir que ela teria tomado a decisão certa. Acho que não se pode viver em uma redoma, cercando-se de proteções. A preocupação é como uma cadeira de balanço: ela te mantém ocupada, mas não leva a lugar nenhum. Eu nunca a trocaria por nada neste mundo. Ela era a minha Trudie, e, mesmo tendo-a tido por perto por poucos anos, agradeço aos céus por sua existência.

Observo-a, absorvendo suas palavras como uma esponja.

— E ela sentia o mesmo: estava sempre dizendo que era uma sortuda, mesmo quando foi diagnosticada. Isso era a cara dela. Qualquer outra pessoa amaldiçoaria o destino que determinou que, agora que finalmente conseguira a filha que queria, seu tempo tinha sido encurtado. Mas não ela: mesmo tendo lhe restado só alguns anos, sempre comentava como fora abençoada por ganhar essa criança com quem pôde compartilhar seus dias.

Ela olha nostálgica para as fotos.

— As crianças são a coisa mais importante do mundo — diz com doçura. — Você não acha?

Mordo o lábio.

Ela se volta para mim, com os olhos brilhantes.

— Para quando é o seu?

Olho para ela, apalpando a barriga.

— Ah, não se preocupe, não dá para ver. É só uma intuição feminina. — Sorri, e de repente me pego sorrindo também. — Quando ele ou ela chegar a este mundo e você segurar esse bebê nos braços pela primeira vez, vai entender. Você vai saber. Esse ser pequenino, pronto para te conhecer, vai virar a sua vida do avesso e de ponta-cabeça, e você nem vai conseguir se lembrar de como tudo era antes. Mas também não vai fazer questão de se lembrar. — Sorri. — Você vai amá-lo e cuidar dele da melhor forma que conseguir, e isso é tudo o que poderá fazer por ele. O resto é o que é. *Que sera, sera.*

— Doris Day?

— Sim. — Sorri. — Ah, adoro os filmes dela!

— Eu também. — Sorrio.

— Verdade? — pergunta ela, surpresa. — Não sabia que os jovens de hoje gostavam de filmes sem litros e litros de sangue e pancadaria. Rosie vê Cary Grant comigo, tão boazinha, mas não acho que é o seu preferido, não. Não dá para imaginá-lo por aí nas baladinhas, não é?

Caio na risada.

— Não, não dá mesmo.

— E o seu namorado? — pergunta, piscando os olhos. — Ele é um Cary Grant?

— Ele é... — Sinto o rosto arder e o coração apertado, pensando em Josh, no nosso futuro incerto, no nosso bebê...

Ela então pega minha mão e a aperta com delicadeza.

— Minha querida, os homens vêm e vão. — Sorri. — Mas você me parece uma jovem maravilhosa.

— Ajeita meus cabelos por trás da orelha, com um brilho no olhar. — E tenho certeza de que você será uma ótima mãe. A minha Trudie se virou muito bem sozinha.

Olho de novo para a foto e para o amor contido em seus olhos.

— O amor verdadeiro é uma coisa maravilhosa. — Laura se enche de felicidade. — Mas o amor entre um pai e um filho... Essa é a coisa mais mágica do mundo.

Não posso acreditar. Minha avó. Tão amável, tão inteligente...

Aperto de volta a sua mão, que me aquece.

De repente o toque estridente do telefone quebra o silêncio, fazendo-nos saltar.

— Ah, meu Deus, que susto! — Ela ri, levantando-se para buscar o telefone. — Alô? Residência de Laura Fisher. — Olha para mim. — É claro. — Cobre o bocal com a mão. — É para você.

Rosie

— Ainda não acredito nisso! — Jack caminha para cima e para baixo no estacionamento, e Sarah abraça o casaco, nervosa. — Você é a Sarah? — Os olhos de Jack parecem perfurá-la. — Você é... foi você que causou isso tudo?!

Ela só consegue olhar para o chão. Está arrasada, parece que não dorme há dias.

— Não acredito! — Jack balança a cabeça, passando a mão no cabelo. — Como você pode ainda trabalhar em um... como as pessoas ainda confiam seus bebês a você, depois de... — Olha para ela, feroz. — Quantas vezes? Quantos bebês você já roubou? Quantas vidas já destruiu?!

— Eu... eu sinto muito! — Sarah se encolhe diante dele. — Aconteceu só uma vez... Somente Rosie... — Ela me lança um olhar.

— Bom, então nós somos os sortudos? — explode ele. — E como você ousa chegar perto da minha filha de novo? Como você ousou?!

— Eu... não sabia que era ela — Sarah responde, desesperada. — Não sabia....

— E o que você fez com ela dessa vez? Infectou-a de bactérias? Roubou-lhe um rim?

— Jack! — intervenho.

— Holly está bem — Sarah lhe garante. — Está totalmente recuperada.

— Mas não graças a você. Você a condenou à morte.

Sarah recua. Depois respira fundo e retoma, com a voz trêmula.

— Senhor Woods, o senhor tem todo o direito de ficar bravo...

— É, tenho mesmo!

— Mas o senhor tem que entender, eu não... Não fazia ideia de que Holly ia sobreviver...

— O que é ainda pior!

— Ou que alguém ia voltar para resgatá-la — Sarah insiste. — Me disseram que ela ia ser encaminhada para adoção, que a mãe a havia abandonado. Eu não achei que estivesse fazendo mal para ninguém.

— Bom, mas estava. Você tem noção do que fez com a minha família? Com a minha filha?!

— Sim — concorda, desolada. — Sim, eu tenho, e só venho pensando nisso desde que recebi o e-mail de Holly... — Sarah fecha os olhos com

força, numa expressão torturada. — E ela tem todo o direito de me processar, de contar à polícia e fazer tudo o que desejar... Eu sinto muito, muito mesmo.

— É bom mesmo! — Jack a encara, e logo depois desvia o olhar, agitado, esfregando a testa.

— Olhem — continua ela, com tristeza. — Podemos continuar aqui o dia inteiro concordando que o que eu fiz foi errado e terrível e que mereço uma multiplicidade de penas pela dor que causei a todos. — Sarah passa os olhos de mim para Jack, que a encara, com as mandíbulas cerradas. — Ou podemos fazer isso mais tarde e tentar encontrar Holly, ver se ela está bem.

Jack desvia o olhar, concentrado no parquímetro. Minha atenção está focada em Sarah, vendo-a tão preocupada, exaurida, enquanto Jack não para de esfregar o rosto. Finalmente ele se prontifica.

— Você tem carro?

Holly

Fico surpresa.

— Para mim?

— É Andrew. — Ela sorri, e meu coração dispara. — Vou passar um café — sussurra, fechando a porta da cozinha.

Andy. Que ótimo! Não tenho dúvida de que Rosie o colocou atrás de mim.

Suspiro antes de colocar o telefone no ouvido.

— Oi, Andy.

— Holly, graças a Deus! Eu não sabia mais onde te procurar.

— Olha, Andy, você não precisa se preocupar — digo-lhe, irritada. — Eu não contei nada para ninguém, e além disso não é da sua con...

— Holly — interrompe. — Não é nada disso.

Minha voz falha.

— Não?

— Holly, a clínica ligou, porque eles ainda têm o meu número no seu cadastro.

Fico paralisada. *A clínica? Já?*

— Você precisa ligar para a clínica em Westhampton — Andy me instrui. — Eles querem que você vá lá. Hoje.

— Por quê? — pergunto, com a mão trêmula, quase derrubando o telefone. — Houve algum problema?

— Não... — responde, cuidadoso. — Pelo menos não que eu saiba.

— Então... — Mal posso ouvir, atrapalhada com o pulso descontrolado do meu coração. — Então, o que aconteceu?

— Holly — diz ele delicadamente. — Os seus resultados chegaram.

Rosie

Assim que Sarah reduz a velocidade, pulo do carro e corro até a entrada de Nana, pulando as pedrinhas em direção à porta da frente. Toco a campainha e bato loucamente no vidro.

Por favor, imploro. Por favor, diz que não cheguei tarde demais...

— Rosie! — Os olhinhos de Nana se arregalam ao abrir a porta. Leva as mãos à boca, e eu fico ali olhando para ela, paralisada. *Será que ela sabe?* — Ah, Rosie! — exclama, abraçando-me com força. — Nem acredito! O que você está fazendo aqui? Holly não me contou que você iria voltar tão cedo!

Continuo paralisada. *Holly*. Então cheguei tarde demais. Fecho os olhos e esmoreço nos braços dela.

— Nana — começo. — Ah, Nana, me desculpe, eu vou te explicar...

— Ora! — Nana ralha comigo, afagando-me os cabelos. — Você não tem nada para explicar, é uma surpresa maravilhosa.

— O quê? — Afasto-me um pouco para vê-la, tomada de confusão e medo.

— Conversamos agradavelmente, Holly e eu. Ela é uma garota simpática, não é?

Ainda fico buscando seus olhos, torturada.

— Ah, é tão bom ter você de volta! — Ela sorri e me abraça de novo, e eu me sinto relaxar lentamente. Ela não sabe. Holly não contou. Ela esteve aqui, mas não contou.

— Desculpe. O senhor é...? — Nana sorri, voltando-se para Jack.

— Jack Woods — diz Jack, estendendo a mão. — O pai de Holly. Quer dizer...

— Ah, que adorável! — diz Nana. — Vocês quase a pegaram aqui, mas ela acabou de sair. Andrew ligou, e ela saiu correndo de táxi.

Andy? Andy telefonou para a casa de Nana? Ele impediu Holly de contar...?

— E a senhora sabe para onde ela foi? — pergunta Jack.

Ela franze a testa.

— Sim! Westhampton, eu acho que foi isso que ela disse.

Westhampton... a clínica de genética!

— Obrigada, Nana, eu já volto, está bem? A gente só precisa encontrar Holly.

— Tudo bem, querida. Ela não sabe que você viria visitá-la? — Nana sorri

para Jack. — Que dia cheio de surpresas!

Dou-lhe um beijo e corro para o carro de Sarah, que nos aguarda.

Ela tem toda a razão.

Holly

Pago ao taxista e fico ali por um momento, analisando aquele prédio de tijolos vermelhos, incapaz de me mover. Do outro lado da rua, um parquinho infantil. Que ironia... Olho para outro lado, mas o som das risadas das crianças toca como música, torturando meus ouvidos, então concentro-me em respirar. *Inspira, expira, inspira, expira...* Assim, meu fôlego aumenta e consigo finalmente esvaziar a mente.

Desejei tanto este momento, amarguei essa espera infindável até que tudo acabasse... E acabou. Finalmente.

“Você não precisa saber”, Charlotte dissera. “Você não precisa vir buscar o resultado, muitas pessoas desistem.” Olho para a clínica. “Você tem que estar preparada para conviver com o resultado, seja ele qual for. Positivo ou negativo.”

Eu achava que estava pronta. Imaginei este momento tantas vezes, tanto as boas quanto as más notícias! Pensei que estivesse preparada...

Mas aqui estou eu. Agora. Hoje. Olho para a clínica de novo, sentindo o coração martelar o peito loucamente, e todas as minhas esperanças misturadas aos medos, dúvidas, ansiedades, tudo ali prestes a receber a notícia da minha vida. Literalmente.

Fecho os olhos, tentando preservar este momento, prever o que está por vir. Para nós dois. Para o nosso futuro. Ou não. *Cinquenta por cento*. Cara ou coroa. Façam suas apostas.

Respiro fundo e obrigo as minhas pernas a se movimentar, lentamente, uma após a outra, lembrando ainda: *inspira, expira, inspira, expira...* E de repente estou diante da porta, tão perto que minha respiração embaça o vidro. Minha última visita a uma clínica dessas? Ou o início de um relacionamento para sempre?

Com o último fio de energia, empurro a porta, e o sopro de ar quente me deixa tonta.

— Holly Woods — informo à recepcionista. — Vim buscar meus resultados.

Rosie

— Vamos, vamos, vamos! — Jack apressa, enquanto Sarah corre pelas ruas de Bramberley, por Maybridge, e então segue em direção a Westhampton, para a clínica.

Através da janela, enxergo a rodovia, desejando que tudo saia da nossa frente e que todos os faróis estejam abertos.

Temos que chegar a tempo. Ela não pode passar por isso sozinha, é difícil demais.

— Vai ficar tudo bem — diz Sarah, baixinho, ao deparar com os olhos de Jack pelo retrovisor. — Seja qual for o resultado, vai ficar tudo bem.

Ele não a olha.

Finalmente chegamos à clínica, e corro para a sala de espera, assombrada pela terrível sensação de *déjà-vu*, olhando ansiosa para cada um dos pacientes, que leem as mesmas revistas que eu folhee havia poucas semanas. Não me sinto bem.

— Holly? — Jack chama, escancarando a porta.

— Aqui ela não está — digo-lhe, inconsolável. — Deve ter ido embora.

E sozinha.

— Posso ajudar? — pergunta a recepcionista.

— Estou procurando a minha filha — Jack lhe diz, sem fôlego. — Holly Woods. Ela está aqui? Já foi embora?

A recepcionista olha para mim, e depois para Jack.

— Infelizmente não posso lhe dar essa informação, senhor — responde, desajeitada. — São regras de confidencialidade dos pacientes.

— Que se dane a confidencialidade dos pacientes! — Jack esmurra o balcão, e os folhetos se espalham no chão. — Ela é a minha filha, minha garotinha.

A recepcionista recua, assustada.

— O senhor me desculpe.

— Eu sou a enfermeira dela.

Viro-me, surpresa, e encontro Sarah entrando com segurança, dirigindo-se até o balcão e mostrando a identificação.

— Preciso ver a minha paciente com urgência. Pode dizer a ela que eu estou aqui, por favor? — Sarah encara com firmeza a recepcionista, que hesita por um instante.

— Olhe — responde lentamente. — Eu vou dizer aos orientadores que você está aqui, certo? E então, caso Holly esteja aqui, ela será informada. Tudo bem para vocês?

Jack baixa a cabeça, exausto.

— Obrigado — suspira, enquanto a moça apanha o interfone. Ele então olha para Sarah e repete: — Obrigado.

— De nada. — Ela sorri.

— Por favor, sente-se — diz a recepcionista, e Jack arranja uma cadeira. Sigo-o silenciosamente. Não há palavras, não há conforto. Ali a questão é unicamente esperar. Sempre a espera. E o pesar.

Suspiro, varrendo o local com os olhos sem me concentrar em nada, pouco à vontade, inquieta, neste ambiente que me era tão familiar. Isto era eu. Eu vivi tudo isso. Foi aqui que me sentei com mamãe para que ela fizesse os testes e recebesse o resultado, foi aqui que me sentei para buscar o meu. O papel de parede é conhecido, o odorizador de ambiente adocicado é conhecido. Mas dessa vez é pior. Dessa vez há muito mais em jogo.

Dirijo a atenção à janela, por onde vejo a luz do sol de inverno tentar atravessar as nuvens persistentes. Do outro lado da rua, as crianças brincam de pega-pega, correm umas atrás das outras, sobem e escorregam nos brinquedos. Acompanho uma garotinha que dispara para o balanço, onde seu pai a empurra cada vez mais alto, fazendo-a morrer de rir, deleitada. Então ela salta do balanço e passa para outro brinquedo, depois para o escorregador, e de lá para a próxima aventura. O balanço fica ali chacoalhando, vazio, na inércia do movimento, para a frente e para trás, como que impregnado de uma alegria contida, apesar da ausência da menina.

No balanço ao lado, uma pessoa se movimenta sem prestar muita atenção, quase sem se mover.

Holly

Chuto as folhas do chão em movimentos lentos, juntando-as e separando-as, para que vivam um momento sob a brisa antes de caírem na lama.

Uma folha logo acima de mim ainda está presa na árvore, agitada pelo vento, pairando pela força do impulso dos repetidos sopros de ar. Mas, teimosa, ainda continua ali agarrada, destacada sob a luz do sol.

Todas as probabilidades apontam para que também caia, que logo se torne imunda e seja pisoteada no solo encharcado. Mas talvez uma brisa piedosa a carregue em segurança para um telhado ou um ninho. Talvez, quem sabe, ela se agarre ao galho para sempre. Neste momento, no entanto, ali está ela: ainda reluzindo sob o brilho do sol. Intocada. Seu destino ainda está indefinido.

Acompanho as crianças que correm à minha volta, rindo e gritando, as bochechas fofas e rosadas ilustrando as aventuras intermináveis, os olhos espelhando suas mil possibilidades. Então fecho os meus, sentindo as lágrimas me esquentar o rosto. Agarro-me ao casaco, como se pudesse proteger meu bebê numa concha contra o frio e o perigo, presa apenas ao meu coração ardente, à minha esperança dolorida.

— Holly! — O nome me é sussurrado pelo vento aos ouvidos, fazendo cócegas. — Holly!

Abro os olhos.

— Holly! — chama-me a voz, agora mais alta. — Holly!

Papai? Olho para cima lentamente, com o rosto entorpecido pelas lágrimas.

— Ah, Holly! — Papai vem correndo sobre o gramado em minha direção. — Holly, graças a Deus!

— Papai? — Minha voz soa estraçalhada ao vê-lo ajoelhar-se aos meus pés, abraçando-me desesperadamente.

— Pai... — é tudo o que consigo falar, aninhada a ele, quase sem acreditar que aquilo seja verdade.

— Pai, o que você está fazendo aqui?

Ele se afasta e segura meu rosto com as mãos, os olhos cheios d'água.

— Você está aqui — diz ele simplesmente, arrumando meu cabelo e beijando meu rosto para afastar as lágrimas, que se misturam com as dele. — Você está aqui, Holly-berry. Então onde mais eu poderia estar?

Jogo-me nos seus braços, sentindo agora o peso da dor excruciante.

— Ah, minha querida! — ele me consola, abraçando firme. — Não posso imaginar tudo o que você tem passado todo esse tempo... E sozinha! — Ergue os olhos brilhantes. — Mas agora estou aqui, viu? Estou aqui, e está tudo bem.

— Não está tudo bem... — Choro, infeliz, com a voz afundada em lágrimas. — Papai, eu estou grávida, e o bebê...

— Shhh... — Ele me puxa para perto, e eu desmorono cada vez mais. — Vai ficar tudo bem, aconteça o que acontecer. Seja qual for a sua decisão.

Sinto todos os órgãos doer.

Seja qual for a minha decisão...

— Vou te apoiar — ele diz suavemente. — Vou à clínica com você, vou segurar a sua mão... se essa for a sua vontade.

Encaro-o como posso, e os soluços se acumulam, fechando a minha garganta e me enchendo os olhos. Quero ser forte e corajosa para encarar a realidade e as consequências, mas... Agarro a barriga, desesperada para deter as lágrimas que caem sem parar, queimando-me o rosto. Mas não consigo...

Papai passa a mão no meu cabelo.

— E se não... Se você tiver mudado de ideia e não quiser mais saber, por enquanto... Tudo bem também — garante, beijando-me a testa. — Ainda dá tempo...

Fecho os olhos com força, e uma onda descontrolada de lágrimas me toma todo o corpo. Tudo em

mim está martelando e meu coração parece que vai se incendiar.

— É o seu bebê, Holly — diz ele, reconfortando-me. — A escolha é sua. E vou te apoiar de qualquer maneira, você sabe disso. — Ele passa o polegar de leve no contorno do meu rosto, e eu mordo o lábio. — Porque você é a minha filhinha.

Vejo nele a expressão brilhante do amor. As palavras não saem da minha garganta, então continuo ali, abraçada a ele, sentindo seu calor e sua força.

Meu pai. Penso nisso, aninhada a ele. Não importa qual seja a verdade, o sangue, o dna. Ele sempre foi meu pai. Mesmo que soubesse que poderia não ser. Mas eu não sabia, e sempre fui feliz. Enterro a cabeça em seu casaco, aspirando aquele cheiro familiar que sempre conheci, desde pequena.

Algumas vezes, não são as mentiras que nos ferem, percebo. Muitas vezes, é a verdade.

Fecho os olhos.

— Papai... — sussurro, sentindo a cabeça latejar. — Eu quero ter o bebê.

— Tudo bem — ele suspira, abraçando-me com mais força. — Ah, querida, tudo bem. — Curva-se sobre mim como se pudesse me proteger do vento gelado, do mundo, da verdade. — Você decidiu um monte de coisas difíceis ultimamente, não foi? — Ele olha para o estacionamento, onde Rosie está parada junto a Sarah, e então passa a mão no meu cabelo. — E estou muito orgulhoso de você, Hollyberry. — Sua voz falha, e ele me segura com firmeza. — Você vai ser uma mãe maravilhosa.

Rosie

Finalmente, o sol consegue aparecer através das nuvens, bem quando dobramos a esquina, na saída da clínica. Ele vai sumindo no retrovisor do carro, por trás das árvores, dos postes, das casas, e então me recosto no banco do carro, com os olhos fechados, aliviada por sair dali pela última vez.

Então é assim que acaba, eu penso, olhando para Jack, que envolve Holly com os braços no banco de trás. Meu pai. Sorrio. Encontrei-o, e ele é incrível. Estamos reunidos. Uma família. E agora... agora vamos todos para casa.

Meu olhar recai sobre Holly, que tem os olhos fechados, exausta — o verso da minha moeda em tantos sentidos. Ela escolheu não saber. Escolheu algo que eu não pude escolher. Preferiu viver com a esperança a correr o risco de descobrir uma nuvem negra sobre o seu futuro. Talvez ela tenha sorte, talvez o exame tenha dado negativo, e talvez ela jamais desenvolva os sintomas. E, mesmo que desenvolva, ainda terá muitos anos até que isso aconteça. E talvez até haja uma cura se chegar esse momento. Talvez ela viva por um longo período, esbanjando saúde com seu filho, e eu seja atropelada por um ônibus na semana que vem. Quem sabe?

Então vejo Sarah no banco do motorista, uns dez anos mais velha desde que a vi pela última vez, assombrada pela repercussão de uma decisão que tomou em um segundo, dezoito anos atrás... Mais uma vez, seu olhar encontra o de Jack pelo retrovisor. Dessa vez, ela recebe um sorriso de trégua, enquanto ele alisa os cabelos de Holly.

O que passou passou, afinal de contas. É hora de seguirmos em frente, de olharmos para o futuro.

Hora de dizer adeus.

Desço do carro e suspiro ao vislumbrar a casa de Nana. A porta da frente se abre, e fico imóvel ao reconhecer o rosto familiar.

Andy.

— E aí, moça? — cumprimenta ele, caminhando em minha direção. — Que surpresa encontrá-la por aqui!

Olho para ele, com o coração disparado. O que ele estará fazendo aqui? Ele deveria estar do outro lado do mundo, não deveria?

Ele então olha em direção ao carro.

— Eu vim para dar uma carona para Holly até o... — hesita. — Ela já... Ela está...

Balanço a cabeça.

— Não. — Balanço a cabeça. — Ela escolheu não saber.

Ele então me olha com alívio.

— E como você sabia que ela estava aqui? Você não deveria estar no Camboja ou algo assim? — pergunto, franzindo a testa.

— Vietnã — corrige. — Sim, eu deveria.

— Então você veio de volta para casa por... por causa da Holly? — pergunto.

— Bom, não... — confessa timidamente, com as mãos nos bolsos. — Não exatamente...

— Mas então...?

— Bom... — Andy suspira, chutando as folhas no chão e chegando mais perto. — É que eu percebi que esqueci uma coisa...

— Ah... — O cheiro de sua loção pós-barba me vem num sopro de brisa da tarde assim que ele se aproxima.

— A mesma coisa que eu tenho esquecido em tudo quanto é canto... a coisa mais importante de todas.

— Seu passaporte? — sussurro, sentindo no rosto o calor da sua respiração.

— Não, bobinha. Muito mais importante do que isso. — Ele sorri, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Eu vivo esquecendo você por aí.

Sinto o coração pular de alegria, e me arrepio toda ao sentir o toque dele.

— Pensei que estava perdendo alguma coisa, ali, preso na pequena Provincetown, que estava te atrapalhando ao mesmo tempo em que perdia a minha oportunidade de viajar, perdia a aventura por que tinha esperado a vida inteira, pela qual trabalhei e que planejei por tanto tempo... — Suspira. — Eu não entendi nada. Você é a aventura, Rose. Você é a minha viagem! Você é uma montanha-russa! — Sorri. — Foi você que tornou Nova York tão incrível e me incentivou a viajar. Esse é um sonho nosso: o Vietnã, o Camboja, a Tailândia... não têm significado algum sem você.

Ele me olha profundamente nos olhos, e meu coração dispara.

— Não posso ir sem você, Rose. — Balança a cabeça. — Deixou de fazer sentido. Prefiro então não ir a lugar algum. Eu te espero, vamos viajar juntos. — Ele segura meu rosto com carinho e abre um sorriso. — Quando você estiver pronta... Não vou a lugar algum, vou ficar aqui te esperando — promete, puxando-me para perto em busca dos meus olhos. — Demore o

tempo que for.

Olho para ele, praticamente sem conseguir respirar, e o abraço até não distinguirmos o batimento dos dois corações, pressionando o colar com a pedra da sorte.

— Eu te amo, Rosie Kenning, e quero ficar com você. Ponto final.

— Também te amo — digo-lhe, e então ele me beija, profunda e longamente, um beijo que me percorre as veias, arrepiando-me o corpo inteiro, fazendo-me perder a noção do espaço, de um jeito que só Andy sabe fazer. Abraço-o com toda a minha força, como se soubesse que nunca mais vou deixá-lo partir de novo.

— Opa, pode parar com essa pouca-vergonha no jardim, mocinha! — grita Jack.

Morro de rir, com o rosto pegando fogo ao olhar para ele ali parado na porta da casa com Nana, Holly e Sarah.

— A gente ganha uma carona para o aeroporto, rapaz?

— Com certeza, senhor! — Andy bate continência, beijando-me mais uma vez antes de abrir o carro.

Respiro fundo para me refazer daquele momento tão intenso para mim. Detesto despedidas.

Caminho até a calçada, lançando um olhar carinhoso para o chalezinho de Nana e para ela também, que está ali parada na porta. Meu coração fica apertado. Sei que estou fazendo a coisa certa.

Engulo com dificuldade e viro-me para Jack e Holly para dizer adeus. É hora de ir para casa. Para todos nós. Eles, para a Nova Inglaterra. Eu, para minha velha Inglaterra.

Ou quase.

É tão estranho... Passaram-se apenas algumas semanas, pouco mais de um mês, na verdade, desde que eu fui embora. Mas parece que foi uma vida. Aconteceu tanta coisa, e tudo mudou tanto! Ainda assim, por aqui as coisas estão iguais. O gnomo do jardim de Nana continua pescando, cheio de determinação, no laguinho congelado; o relógio da entrada ainda está dois minutos adiantado; e o velho mural de fotos da família ainda está pendurado num ângulo mais baixo do que deveria. E aposto que Cary Grant ainda está dentro do aparelho de dvd. Tudo igualzinho a como estava e como sempre esteve. Desde que mamãe era pequena.

Mamãe. Meu coração se inunda de amor por ela. Minha mãe, mamãe. Que sempre foi minha e sempre será. Ela me sorri de cada uma daquelas múltiplas

fotos penduradas na parede, o cabelo brilhante reluzindo na luz do sol da tarde. *Trudie*.

— Ah, Rosie, estou tão feliz que você tenha voltado para casa! — Nana sorri, e de repente vejo nela a mamãe também. Nos olhos espertos de Nana, no sorriso claro, no calor de seu abraço forte, no cabelo macio que me conforta o rosto, no amor que ela emana em minha direção como chocolate derretido.

— Eu também, Nana. — Abraço-a com força, aquela figura miudinha tomada pelo meu corpo, o cheiro familiar de chá com torradas que me envolve como um cobertor quente, trazendo várias memórias à tona. Fecho os olhos, imaginando como as coisas poderiam ter sido terríveis, e sinto o corpo formigar.

— Ui, você teve um calafrio! — Ela ri, esfregando-me os braços. — Está tudo bem?

— Sim — respondo-lhe. *É só mais um segredo, mais uma mentira...* — É que está meio frio.

— Você precisa de um bom chocolate quente! — conforta-me Nana. — Aquece de dentro para fora, sabia? — Nana pisca para mim.

Olho para ela ali, tão feliz, tão frágil, tão preciosa...

— Eu adoraria. — Sorrio de viés, trancando a verdade dentro de mim para sempre, e pela primeira vez tenho plena noção de como Sarah se sentiu e do motivo por que guardou o segredo por tanto tempo.

Há coisas mais preciosas do que a verdade...

Holly

— Adeus, Holly — Sarah diz com ternura, ainda com medo de me olhar nos olhos agora que sabe quem eu sou. — Se cuida.

— Adeus, Sarah — suspiro, olhando para a mulher que mudou a minha vida, a mulher que eu pensei que iria odiar, essa senhora cansada, com uma expressão de arrependimento e vincos de preocupação no rosto. Essa mulher que me trouxe musse de chocolate e que se preocupou com meu bebê, que me arrancou de minha mãe verdadeira para me dar um pai maravilhoso.

Por isso, nunca poderia odiá-la de fato.

— Cuide-se também.

Laura me abraça, e eu sorrio. Ela estava certa. *Que sera, sera*. Aperto-a com força, tentando sorver seu perfume enfraquecido. Não se sabe que rumo tomará a vida... Para o bem ou para o mal. A lembrança de Josh me esperando em casa me faz feliz. *Na riqueza ou na pobreza*. Penso em Kitty...

Na verdade, a vida é um pouco de tudo. E é o que você faz das oportunidades que realmente faz diferença. E eu pretendo absorver o máximo de cada momento dessa vida.

Finalmente me desvencilho de Laura, digo adeus e respiro fundo, deixando Rosie me levar até o carro.

— Bom — digo. — Acho que é isso, então.

Ela concorda. Olhamos uma para a outra por um momento estranho, então estendo a mão.

— Bom, adeus.

— Adeus — diz ela baixinho, apertando minha mão. — Eu sei que isso não é suficiente e nunca será — sussurra, e respira fundo para continuar. — Mas, Holly, eu realmente sinto muito — diz ela, com os olhos mergulhados nos meus. — Sinto muito por tudo mesmo.

Sinto o rosto quente apesar do ar que congela, e olho com sinceridade para Rosie, balançando a cabeça.

— Não foi sua culpa — digo-lhe num suspiro. — De ninguém. De verdade.

— Mesmo assim, me desculpe por tudo — diz ela com carinho.

— Eu também — admito. — Eu fui uma bruxa com você ultimamente.

Ela ri e gesticula com a cabeça.

— São os hormônios — brinco.

— E parabéns! — Rosie sorri. — Você vai ser uma ótima mãe! — Abraça-me intensamente, e eu retribuo, sentindo-me finalmente livre do ressentimento e das feridas.

— E, se ainda valer alguma coisa a minha opinião, acho que você tomou a decisão certa. Acho que há algumas coisas que é melhor mesmo não saber.

Balanço a cabeça lentamente e dirijo o olhar para Laura, parada diante da porta. Aperto a mão de Rosie, sentindo um nó na garganta.

— Você tem razão. — Sorrio.

Ela segue meu olhar e então me abraça novamente, contendo o choro.

— Obrigada — sussurra. — Obrigada mesmo. Agora, vê se não some, viu? — ordena. — Venha nos visitar quando quiser, você sabe onde nos encontrar.

— Ah, por falar nisso... — Puxo da bolsa o caderninho cor-de-rosa, entregando-o com um olhar de culpa. — Acho que isto é seu... Eu... É que... Eu me confundi um pouco nas nossas coisas, o que era de quem...

Rosie sorri e arranca uma das páginas.

— Fica com esta — diz, entregando-me todos os seus contatos. — Assim você vai saber onde nos encontrar. *Mi casa es tu casa* — diz, rindo da ironia. — Literalmente.

— A minha também — respondo-lhe. — Você vai ter que vir nos visitar quando este pequeno chegar.

— Ah, e tente me impedir para ver! — Ela abre um sorriso, apertando as minhas mãos. — Obrigada, Holly.

Sim, eu penso, ainda mantendo o sorriso enquanto ela se afasta... *Ela tem razão.*

Observo papai abraçando-a na despedida. *Pai e filha.*

Vejo também como o rosto de Laura se ilumina ao ver a neta voltar em direção à casa. *Voltar para sua vó.*

Sorrio para meu pai, que se acomoda no carro de Andy, ao meu lado, segurando minha mão ao sairmos dali para tomar o rumo de casa. Ele me puxa para perto e me beija a testa.

Sua filhota.

Fecho os olhos, sentindo o sangue quente a me percorrer as veias. *Sem diagnóstico.*

Sim, eu penso, sentindo a palma da mão de papai sobre a minha barriga: aquela mão enorme, leve como pena, descansada sobre o leito do meu bebê, que dorme enquanto aguarda seu destino, seu futuro desconhecido, como uma folha brotando nesta árvore genealógica tão bizarra...

Sim, há algumas coisas que é melhor não saber...

Epílogo

Os raios de sol dançam sobre os cachos ruivos da menininha, e seus olhos castanhos se arregalam de curiosidade enquanto ela aponta os dedinhos sujos de chocolate em direção à tela.

A imagem gira aos solavancos e continua num ângulo distorcido, mostrando a moça de cabelos castanhos tentando separar aquelas garrinhas firmes da câmera.

— Ela é tão linda! — digo a Holly, rindo da sua tentativa de reajustar a câmera.

— Igual à mãe. — Josh sorri, deitando a cabeça no ombro de Holly, que também lhe sorri. — Ela é a luz da minha vida. As duas são.

— Bom, pelo menos no cabelo ela puxou a mim — admite Holly. — Um cabelão, coitadinha! — diverte-se. — E então, Rosie, quando você vem nos visitar? Tru está ansiosa para conhecer a madrinha.

Alegro-me só de escutar o nome, a homenagem. Nem acredito que eles me escolheram para madrinha.

— Atenção! Cuidado! Ela está tentando te atrair para dividir umas tarefas de babá! — Jack aparece por trás de Holly, fazendo graça. — Holly é meio avessa a trocar fraldas!

— Aquilo fede mais do que a gente! — replica ela.

— Ei, vovô — brinco.

— Olha! — Jack cai na gargalhada. — Já estou me sentindo velho. E então, você vem ou não?

— Eu queria, mas as aulas da Sixth Form voltam em duas semanas, e tenho um monte de matérias atrasadas pra recuperar.

— Argh! Nem me fale! — Holly revira os olhos. — Tenho uma pilha de leitura atrasada para dar conta antes mesmo de a faculdade começar.

— No Natal então, talvez? Ou na Páscoa. Claro que eu tenho que ir para um certo casamento... — Sorrio para Holly e Josh. — Algum sinal de diamante por aí, Holls?

— Ainda não. — Ela sorri para Josh, com a mão entrelaçada na dele ainda exibindo o anelzinho de doce. — Mas nunca se sabe o que o futuro nos reserva...

Olho para os dois, tão contentes. *Nunca se sabe...*

E ela está certa. Um ano atrás eu nunca imaginaria que era isso que o

futuro guardava para mim. Que a mamãe não era de fato minha mãe, e que sua filha verdadeira estava do outro lado do Atlântico; que eu iria descobrir que minha mãe verdadeira era uma estrela de TV, que iria me reaproximar de meu pai maravilhoso, de meu lindo irmãozinho, e que, para todos os efeitos, ganharia também uma irmã. Percorremos um longo caminho. E Holly está certíssima. Quem sabe o que nos aguarda na próxima curva do rio? Um casamento, um *tsunami*, uma cura... Tudo o que qualquer um de nós pode realmente fazer é aproveitar a vida ao máximo com o que tem, sorver o que o dia lhe oferece, cuidar de cada pequeno momento que tem ao lado daqueles que ama.

Uma mensagem aparece na tela diante de mim.

— Ah, desculpem, outra chamada — digo-lhes. — É de Nana.

— Manda um beijo para ela — diz Holly com alegria. — Nos falamos em breve.

Despeço-me de todos e conecto Nana. Ainda estou impressionada com a destreza que ela ganhou com a tecnologia. Ela é uma sábia no Skype hoje em dia, comprou uma câmera, atualiza ela mesma o Facebook e está sempre acompanhando as minhas fotos!

— Olá, querida, é rapidinho, é só porque eu vi que você estava on-line. — Sorri. — Queria ver se você ainda está planejando vir para cá na semana que vem.

— Sábado que vem, às duas e quinze.

— Que maravilha! Mal posso esperar.

— Nem eu — digo sorrindo.

Não há lugar como a nossa casa, e principalmente quando ela quase nos escapou por entre os dedos. Ainda sinto arrepios só de pensar como as coisas teriam sido se Nana tivesse descoberto a verdade, e tenho que me controlar toda vez que menciono Holly ou Jack. Acho que é uma coisa com a qual vou ter que conviver; é o último segredo que devo guardar para sempre.

— Holly te mandou um beijo — digo com cuidado.

— Que gracinha, e ela está bem? Eu recebo todas as atualizações dela no Facebook. A filhinha dela é linda, não é?

— É linda. — Sorrio com certa tristeza. *Sua bisnetinha*. Meu coração até dói de vontade de lhe contar, mas nunca poderei. — Ela é mesmo perfeita.

— Ah, e aquele cabelo lindo, quase da mesma cor do de Trudie...

Mordo a língua e concordo, quase sem conseguir suportar a ironia da sua comparação.

— Ela já nasceu cabeludinha, foi o que disse Holly.

— Sim, foi assim com Trudie também. Um cabelo fofo, lindo, avermelhado, com aquela dobrinha divertida na orelha, como um pequeno gnomo. Igualzinha à mãe.

Franzo a testa, de repente.

— Nana, você não tem a orelha...

— E olha agora para ela.

Não consigo respirar, vendo-a piscar de alegria. Sinto calafrios nos braços.

— Nana...

— Ah, Rosie, me desculpe, eu tenho que desligar, as meninas chegaram. Hoje tem boliche!

— O quê? Nana, espere...

— Eu sou grandinha, Rosie, não precisa se preocupar comigo. Quer dizer, no boliche ou fora dele. — Ela pisca. — Não sou boba.

Olho atônita para ela.

— Querida, eu tenho que ir, mas a gente conversa mais tarde, quando você voltar aqui, está bem? Seria muito melhor falarmos pessoalmente, não é? — diz, sorridente. — E você pode me contar tudo o que eu perdi. Mas agora não se preocupe, vá se divertir.

— Tudo bem, mas...

— Eu te amo, querida, tchaaaaau!

— Também te amo. — A chamada termina, e seu nome fica cinzento na tela. Fico olhando entorpecida para aquelas letras durante um tempo.

Ela sabe...

Meu coração martela o peito.

Será que sempre soube...?

Percorro a memória rapidamente, lembrando que Nana também estava lá na noite em que nasci, e que estava com Sarah quando descobriram que Kitty tinha fugido, e que sempre se referia a mim como um milagre, dizendo que Trudie não teria aguentado passar por tudo o que passou sem mim ... E como ela tinha insistido que eu fizesse o teste da doença o mais rápido possível, mesmo sabendo que não havia cura...

Saio de casa sob o sol ofuscante, sentindo o ar denso e difícil de respirar.

Ela sabia que Holly tinha nascido com o cabelo avermelhado e a dobrinha na orelha...

A areia se move sob meus pés..

Será que ela sempre soube que eu não era o bebê de Trudie?

Ou deduziu depois...?

Andy ergue os olhos do livro pousado na toalha.

— Tudo bem?

Olho para ele, sentindo a cabeça girar.

— Sim. — Um sorriso me brota nos lábios. — Tudo bem. Finalmente.

Mesmo que ela sempre tenha sabido, ou que simplesmente tenha deduzido, ela sabe. Nana sabe. E está tudo bem... Tudo está bem...

Ela já pode finalmente conhecer Holly, e Jack, e a pequena Tru... Podemos finalmente ser uma família de verdade.

Sem mentiras, sem segredos...

Sorrio para Andy. Meu Andy, relaxado e bronzeado, e mais feliz do que nunca, deitado numa praia dourada da Tailândia, esperando por mim. O sol me aquece o rosto, e meu coração paira no ar, assim como os pássaros que giram livremente lá no alto. Sinto que estou ao mesmo tempo sonhando e acordando para a vida.

— Tudo perfeito.

— Que bom! — ele responde, contente, deitando o livro sobre a toalha. — Está pronta para dar um mergulho?

As ondas parecem me chamar, acenando com promessas até onde alcanço o horizonte — tão ilimitado quanto o belo e insondável futuro.

— Mais do que nunca. — Sorrio, disparando sobre a areia, sentindo o vento dançar entre os cabelos, fazendo a areia voar para tudo quanto é lado e me deleitando de rir com Andy, que vem logo atrás de mim em direção às ondas explosivas, em direção ao horizonte. Para trás ficam apenas as nossas pegadas, misturadas na areia.

Nota da autora

A doença de Huntington

A doença de Huntington (DH) é uma disfunção genética e fatal do sistema nervoso central, causada por um defeito (um aumento) no gene do cromossomo 4. Foi batizada com o nome do dr. George Huntington, que a descreveu em 1872, e afeta tantas pessoas quanto a hemofilia, a fibrose cística ou a distrofia muscular.

Cada filho de um paciente que possui a doença de Huntington nasce com 50% de chance de herdar o gene. Caso a criança não possua a disfunção, ela não é capaz de passá-la adiante, pois não existem casos em que a doença “pula” uma geração. Se a criança recebe o gene, em algum estágio da vida desenvolverá a doença, caso viva até a fase de manifestação. Em 1993, o gene da DH foi isolado em um teste preditivo. Ele pode determinar com precisão se o indivíduo carrega o gene, embora não seja capaz de determinar a idade em que vai manifestar a doença.

Os sintomas da DH normalmente se desenvolvem por volta dos 30 a 50 anos, embora possam começar bem mais cedo (existe uma manifestação rara da doença na forma juvenil) ou mais tarde. Isso varia de acordo com a pessoa ou com a família. Os sintomas também podem variar no modo como atingem as pessoas, nos aspectos físicos e emocionais ou nas alterações cognitivas.

Entre as *alterações físicas*, geralmente se incluem movimentos involuntários (coreia), tropeções e gestos desastrados, dificuldade na fala e na deglutição e perda de peso.

Entre as *alterações emocionais*, registram-se teimosia, frustração, perda da inibição, alterações de humor, paranoia, agressividade e depressão.

As *alterações cognitivas* incluem lapsos de memória recente, perda de capacidade organizacional, dificuldade de exercer tarefas múltiplas, além de perda de ímpeto e de iniciativa — o que pode ser interpretado erroneamente como preguiça.

Os sintomas progridem lentamente por dez a vinte anos, e a morte ocorre normalmente por complicações ligadas a asfixia, infecções, pneumonia (causada pela dificuldade de deglutição) ou insuficiência cardíaca.

Embora haja atualmente cerca de 6.700 casos registrados na Inglaterra e no

País de Gales, e mais 30 mil nos Estados Unidos, esse número é provavelmente a metade da quantidade real de pessoas afetadas. Isso acontece porque os portadores da DH geralmente escondem a sua condição, devido à estigmatização, ou por causa do seguro de saúde, de questões familiares, ou então porque decidem não realizar o teste, já que não existe a cura. As pessoas que não possuem registro algum de histórico familiar de DH também são frequentemente diagnosticadas de maneira errada, como se tivessem algum tipo de demência ou depressão.

Apesar de a cura ainda não ter sido encontrada, desde que se descobriu o gene que causa a doença de Huntington as pesquisas científicas foram aceleradas, e já se adicionou muito conhecimento à compreensão dessa disfunção e de seus efeitos sobre os diferentes indivíduos.

Há diversos meios de lidar efetivamente com os sintomas. Há remédios utilizados para tratar de cada um deles, tais como os movimentos involuntários, a depressão e as alterações de humor. A fonoaudiologia também é muito eficiente para se obter melhora na fala e na deglutição, e uma dieta rica em calorias pode evitar a perda de peso, assim como os movimentos involuntários e as questões ligadas ao comportamento.

Agradecimentos

São tantos agradecimentos...

A todas as pessoas que tiveram sua vida marcada pela doença de Huntington, tanto pessoal quanto profissionalmente, que me ajudaram dividindo seus conhecimentos, conselhos e histórias pessoais, em particular Matt Bower MS, CGC, Susan Walther, MS, CGC, Phillip Hardt, Stacey Barton MSW, LCSW, Professor Joseph Boyd Martin, M.D., Ph.D, Andrea Gainey MS CGC, Bonnie L. Hennig, MSW, LCSW, Dave Stickles, Christina Barnes, David Harbourne, Gloria Medina — esposa de Frank Medina —, Bill Crowder, Karen Crowder e todos na HDA, Jean E. Miller, Dave Hodgson, Hugh Marriott, Peter Webb e todos do escritório da HDA em Sussex, Tracie Tuhill, Jean Morack, Fred Taubman, Jennifer Williamson, MS, Adam Coovadia, MLT (CSMLS), MB, CG (ASCP), Kristin Kitzmiller, Shelby Duffer MS CGC, Kendell Aitchison, e especialmente aos excepcionais e inspiradores Pat Leslie-Penny e Matt Ellison.

Para Colleen Begg por seus conselhos sobre maternidade.

À srta. Higgins, por me encorajar a escrever depois de ler o meu poema “Owl”.

A Ruth Moose, por sua maravilhosa aula de escrita na UNC, onde minha história nasceu, e por me introduzir à maravilhosa SCBWI (Society of Children’s Book Writers and Illustrators).

À SCBWI, particularmente às fabulosas Sara Grant e Sara O’Connor, pela incrível iniciativa Undiscovered Voices, que deu a autores não publicados e sem agentes a chance de sair da pilha de originais e realizar seus sonhos.

Aos meus adoráveis editores Michele Poploff, Venetia Gosling, Jane Griffiths, Amy Black e Rebecca Short, por fazerem esses sonhos tornar-se realidade.

À minha brilhante e adorável agente Jenny Savil, da Andrew Nurnbery Associates Ltda., por acreditar no *Vidas trocadas* desde que o leu pela primeira vez — e por me ajudar a cortar quarenta mil palavras.

A Chris, por seu amor e apoio constantes em minha busca por esse sonho, não importando quão pobre eu estive ou quão desesperada parecia, e por me aturar rabiscando ao lado dele nas horas mais ridículas e nos lugares mais loucos.

Ao meu avô, Charles, um verdadeiro cavalheiro, por seu amor altruísta e

por estar sempre tão orgulhoso de nós.

À minha querida irmã, Caroline, por me mostrar que a alegria e o riso podem ter espaço todos os dias.

À minha igualmente encantadora irmã, Jenny, por seu incrível humor e coragem, provando que a vida pode não seguir o caminho que você planejou e que o que conta é o que você faz com ele — por vezes a maior felicidade está nos caminhos inesperados.

À minha linda sobrinha Summer, minha palhacinha, que faz do meu mundo um lugar mágico, hilário e maravilhoso.

Ao meu maravilhoso pai, por seu amor infinito, suporte, sabedoria e humor, e por suas engenhosas histórias “Moley”.

E, finalmente, à minha maravilhosa mãe, que sempre acreditou em mim, me apoiou e me inspirou em todos os dias da minha vida.

Obrigada a todos, do fundo do meu coração.

Copyright © Katie Dale 2012
Título original: *Someone Else's Life*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Fátima Couto
Revisão: Tomoe Moroizumi e Laila Guilherme
Diagramação: Balão Editorial
Capa adaptada do projeto original: Nick Stearn
Imagem da capa: Paul Young

1ª edição, 2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
D141v
Dale, Katie
Vidas Trocadas [recurso eletrônico] / Katie Dale ; tradução Cleci Leão. - 1. ed. - São Paulo : Saraiva, 2013.
416 p., recurso digital
Tradução de: Someone else's life
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8240-049-4 (recurso eletrônico)
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Leão, Cleci. II. Título.
13-00892 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

09/05/2013 09/05/2013 Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva.
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

Table of Contents

[Front](#)

[Prólogo](#)

[Parte I](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Parte II](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)